

"Uma terna e divertida história sobre amadurecimento,
que é também a história de uma escritora encontrando sua voz."

- Publishers Weekly



RAINBOW ROWELL

Autora do bestseller Eleanor & Park

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



RAINBOW ROWELL

fangirl



São Paulo, 2014

Fangirl
Copyright © 2013 by Rainbow Rowell
Copyright © 2014 by Novo Século Editora Ltda.
All rights reserved.
Published by agreement with the Author c/o The Lotts Agency, Ltd.

EDITOR-ASSISTENTE Mateus Duque Erthal
COORDENAÇÃO EDITORIAL Renata de Mello do Vale
TRADUÇÃO Caio Pereira
PREPARAÇÃO Mariana Roilier
DIAGRAMAÇÃO Project Nine
REVISÃO Rhennan Santos
MONTAGEM DE CAPA Monalisa Morato

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rowell, Rainbow
Fangirl
Rainbow Rowell; [tradução Caio Pereira].
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2014.

Título original: Fangirl.

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-06437

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

Edição Digital: 2014

Todos os direitos reservados à:
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190, 11º andar – Barueri – SP

E-ISBN: 978-85-428-0395-2



Outono de 2011

A série Simon Snow

Fonte: Wikipedia

(Este artigo fala sobre a série de livros infantis. Para demais usos, ver Simon Snow [desambiguação]).

Simon Snow é uma série de sete livros de ficção escrita pela filóloga inglesa Gemma T. Leslie. Os livros contam a história de Simon Snow, um órfão de onze anos de idade de Lancashire que é recrutado para frequentar a Escola de Magia de Watford, para tornar-se um mago. À medida que cresce, Simon adere a um grupo de mágicos – os Magos – que luta contra Humdrum, o Traíçoeiro, um ser do mal cujo desejo é deixar o mundo sem magia.

Desde a publicação de *Simon Snow e o Herdeiro do Mago*, em 2001, os livros foram traduzidos para 53 idiomas e, até agosto de 2011, venderam mais de 380 milhões de cópias.

Leslie foi criticada pela violência contida na série e por criar um herói que é por vezes egoísta e mal-humorado. Uma cena de exorcismo do quarto livro, *Simon Snow e os Quatro Selkies*, disparou uma onda de boicotes entre grupos de norte-americanos cristãos em 2009. No entanto, os livros são amplamente considerados clássicos modernos, e em 2010 a revista *Time* afirmou que Simon é “o melhor personagem de literatura infantil desde Huckleberry Finn”.

Um oitavo livro, o último da série, tem lançamento previsto para 1º de maio de 2012.

Publicações:

Simon Snow e o Herdeiro do Mago, 2001

Simon Snow e a Segunda Serpente, 2003

Simon Snow e o Terceiro Portal, 2004

Simon Snow e os Quatro Selkies, 2007

Simon Snow e as Cinco Lâminas, 2008

Simon Snow e as Seis Lebres Brancas, 2009

Simon Snow e o Sétimo Carvalho, 2010

Simon Snow e a Oitava Dança, a ser lançado em maio de 2012

Um

Havia um garoto no quarto dela.

Cath olhou para o número escrito na porta, depois para o bilhete em sua mão, com a indicação do quarto.

Pound Hall, 913.

Aquele era, sem sombra de dúvidas, o quarto 913, mas talvez ela não estivesse no Pound Hall – todos os quartos eram parecidos, como aqueles prédios de programas de moradia para velhinhos. Talvez Cath devesse correr atrás do pai antes que ele trouxesse o restante das caixas.

– Você deve ser a Cather – disse o garoto, estendendo-lhe a mão com um sorriso.

– Cath – ela respondeu, sentindo uma pontada de pânico no estômago. Ignorou o cumprimento do menino. (Estava segurando uma caixa, de todo modo, o que ele esperava que ela fizesse?)

Era um engano – tinha de ser um engano. Ela sabia que Pound era um dormitório misto. Mas será que em algum lugar no mundo havia *quartos* mistos?

O garoto tomou a caixa das mãos dela e a depositou sobre uma das camas. A outra, do outro lado do quarto, já estava abarrotada de roupas e caixas.

– Tem mais coisas pra buscar lá embaixo? – ele perguntou. – Nós já acabamos. Acho que vamos comer um hambúrguer agora; quer ir com a gente? Você já foi ao Pear’s? O hambúrguer é do tamanho da sua mão fechada. – Ele a pegou pelo braço. Ela ficou pasma. – Fecha a mão – ele pediu.

Cath obedeceu.

– Maior que sua mão cerrada em punho – concluiu o menino, soltando o braço dela e buscando a mochila que ela largara do lado de fora do quarto. – Tem mais caixas pra trazer? Não é possível que não tenha mais nada. Você tá com fome?

Ele era alto, magro e bronzeado, e parecia ter acabado de usar um gorro, o cabelo louro-escuro estava todo bagunçado. Cath fitou novamente o pedacinho de papel que tinha na mão. Será que ele era o *Reagan*?

– Reagan! – o garoto disse, todo feliz. – Olha, sua colega de quarto chegou.

Uma garota deu a volta por Cath no corredor e olhou para ela com certa frieza. Tinha cabelos castanhos macios e um cigarro apagado na boca. O garoto o pegou e meteu na própria boca.

– Reagan, Cather. Cather, Reagan – disse.

– Cath – Cath entreviu.

Reagan acenou e procurou outro cigarro na bolsa.

– Eu escolhi esse lado – disse ela, apontando com a cabeça para a pilha de caixas do lado direito do quarto. – Mas pra mim tanto faz. Se você se preocupa com *feng shui*, pode mudar minhas tralhas de lugar. – Ela se voltou para o menino. – Pronto?

Ele olhou para Cath.

– Você vem com a gente?

Ela fez que não.

Quando fecharam a porta, Cath sentou-se no colchão pelado que, pelo visto, lhe pertencia – *feng shui* era a última das suas preocupações – e deitou a cabeça contra a parede de cimento.

Só precisava esfriar um pouco a cabeça.

Pegar a ansiedade que a incomodava, feito estática no fundo dos olhos, e o coração a mais que batia em sua garganta e meter tudo de volta no estômago, de onde não devia ter saído – onde poderia trancar tudo, dar um nó e passar por cima.

O pai e Wren apareceriam a qualquer minuto, e Cath não queria que notassem que ela estava prestes a ter uma crise. Se Cath tivesse uma crise, seu pai teria uma crise. E se *qualquer* um deles tivesse uma crise, Wren agiria como se eles estivessem fazendo de propósito, só para arruinar seu primeiro dia perfeito no campus. Sua bela nova aventura.

Vai me agradecer por isso, era o que Wren ficava dizendo.

A primeira vez que disse foi em junho.

Cath já havia mandado os formulários para o setor de moradia da universidade, e claro que colocara Wren como sua colega de quarto – nem pensara duas vezes. As duas dividiam o quarto fazia dezoito anos, por que parar?

– Dividimos o quarto há *dezoito anos*! – Wren argumentou. Estava sentada na ponta da cama de Cath, usando aquela cara de eu-sou-a-madura-por-aqui.

– E deu muito certo. – Cath disse, com um aceno que cobriu todo o recinto – as pilhas de livros e pôsteres de Simon Snow; o armário onde enfiavam todas as roupas sem nem se preocupar, na maior parte do tempo, quais pertenciam a quem.

Cath sentava-se aos pés da cama, tentando não fazer cara de eu-sou-a-patética-que-sempre-cai-no-choro.

– Mas agora a gente tá na faculdade – Wren insistiu. – A ideia é conhecer gente nova.

– A ideia de ter uma irmã gêmea – Cath argumentou – é não ter que se preocupar com esse tipo de coisa. Gente esquisita roubando seu absorvente, gente que tem cheiro de molho de salada e pode inventar de tirar fotos enquanto você dorme...

Wren suspirou.

– Nem sei do que você tá falando. Como é que alguém pode ter cheiro de molho de salada?

– Tipo vinagre – Cath disse. – Lembra quando fizemos aquele passeio pelo campus e

entramos no quarto daquela menina que tinha cheiro de molho italiano?

– Não.

– Enfim, foi nojento.

– A gente tá na faculdade – disse Wren, exasperada, cobrindo o rosto com as mãos. – Tem que ser uma *aventura*!

– Já tá sendo uma aventura. – Cath engatinhou até a irmã e tirou as mãos de Wren do rosto dela. – Só de pensar nisso, já acho aterrorizante.

– A ideia é conhecer gente nova – Wren repetiu.

– Não preciso de gente nova.

– Isso mostra exatamente que você precisa de gente nova... – Wren segurou as mãos de Cath. – Cath, pensa só. Se ficarmos juntas, as pessoas vão nos tratar como se fôssemos uma só. Precisaremos de uns quatro anos até que alguém saiba diferenciar uma da outra.

– É só eles prestarem atenção. – Cath tocou a cicatriz no queixo de Wren, logo abaixo do lábio. (Acidente de trenó. Tinham nove anos, e Wren estava na frente, no trenó, quando bateram na árvore. Cath caiu para trás, sobre a neve.)

– Você sabe que eu tenho razão – Wren disse.

Cath fez que não.

– Não sei, não.

– Cath...

– Não me faça ficar sozinha.

– Não vai ficar sozinha – disse Wren, suspirando novamente. – Essa é a ideia de ter uma irmã gêmea, cacete.

– Aqui é bem legal – disse seu pai, olhando ao redor do quarto, pousando uma cesta cheia de sapatos e livros no colchão de Cath.

– Não é legal, pai – disse Cath, parada, imóvel, ao lado da porta. – É tipo um quarto de hospital, mas menor. E sem TV.

– Olha que visão legal do campus – ele comentou.

Wren foi até a janela.

– Meu quarto dá pra um estacionamento.

– Como é que você sabe? – Cath perguntou.

– *Google Earth*.

Wren mal podia esperar para começar a faculdade. Ela e sua colega de quarto – Courtney – já se falavam havia semanas. Courtney também era de Omaha. As duas já haviam se encontrado e foram fazer compras para o quarto juntas. Cath deu um jeito de ir junto e tentou não fazer cara feia vendo-as escolhendo pôsteres e abajures combinando.

O pai de Cath voltou da janela e pôs o braço em seus ombros.

– Vai dar tudo certo – disse.

Ela assentiu.

– Eu sei.

– Tá bom – disse ele, juntando as mãos. – Próxima parada: Schramm Hall. Segunda parada: pizzeria. Terceira parada: meu ninho triste e vazio.

– Nada de pizza – disse Wren. – Desculpe, pai. Vou com a Courtney ao churrasco do primeiro ano hoje à noite. – Ela lançou um olhar para a irmã. – Cath deveria vir com a gente.

– Vou de pizza – disse Cath, desafiadora.

O pai sorriu.

– Sua irmã tem razão, Cath. Você deveria ir. Conhecer gente nova.

– Conhecer gente nova é o que mais vou fazer ao longo dos próximos nove meses. Hoje, escolho a pizza.

Wren revirou os olhos.

– Tá bom – disse o pai, dando um tapinha no ombro de Cath. – Próxima parada, Schramm Hall. Senhoritas? – Ele abriu a porta.

Cath não se mexeu.

– Espero você voltar depois que levar a Wren – disse, fitando a irmã. – Quero desfazer as malas.

Wren não a questionou, apenas saiu para o corredor.

– A gente conversa amanhã – disse ela, sem nem olhar para Cath.

– Claro – Cath respondeu.

Foi legal desfazer as malas. Colocar lençóis na cama e arrumar os livros novos e megacaros nas prateleiras acima da nova escrivaninha.

Quando o pai voltou, eles caminharam juntos até a Valentino's. Todas as pessoas que eles viram no caminho deviam ter a mesma idade que Cath. Foi assustador.

– Por que todo mundo é loiro? – Cath perguntou. – E por que são todos brancos?

O pai riu.

– É que você se acostumou a morar no bairro em que tem menos gente branca em Nebraska.

A casa deles, no sul de Omaha, localizava-se num bairro mexicano. A família de Cath era a única branca em todo o bairro.

– Ai, Deus – ela disse –, será que tem comida mexicana nessa cidade?

– Acho que vi um Chipotle...

Ela resmungou.

– Deixa disso – ele disse –, você gosta de Chipotle.

– Mas não é a mesma coisa.

Quando chegaram à Valentino's, o local estava apinhado de alunos. Alguns, como Cath,

estavam com familiares, mas não muitos.

– Parece até história de ficção científica – ela disse. – Não tem crianças... nem gente mais velha... Onde estão as pessoas mais velhas?

O pai ergueu seu pedaço de pizza.

– Em Soylent Green.

Cath riu.

– Não sou velho, sabia? – Ele tamborilava os dedos da mão esquerda sobre a mesa. – Quarenta e um. Os caras da minha idade da empresa estão começando a ter filhos só agora.

– Foi uma boa ideia – disse Cath – ter tirado a gente do caminho mais cedo. Agora você pode levar mulheres pra casa. A barra tá limpa.

– Quantas mulheres... – disse ele, olhando o prato de comida. – Vocês são as únicas mulheres com que me preocupo.

– Eca, pai. Que esquisito.

– Você entendeu o que eu quis dizer. O que tá acontecendo entre você e a sua irmã? Nunca brigaram assim, desse jeito...

– Não estamos brigando – disse Cath, dando uma mordida na pizza de bacon e queijo. – Ai, credo. – Ela cuspiu tudo.

– O que foi, achou alguma coisa estranha?

– Não. Pickles. Tudo bem. Só não tava esperando.

– Parece que vocês estão brigando, sim – ele disse.

Cath fez que não. Ela e Wren quase não andavam conversando, quanto mais brigando.

– Wren quer mais... independência.

– Faz sentido pra mim – ele disse.

É claro que faz, Cath pensou, *isso é a especialidade da Wren*. Mas não disse nada. Não queria que o pai se preocupasse com isso naquele momento. Ela notava, pela forma com a qual ele tamborilava os dedos, que já estava ficando angustiado. Muito tempo bancando o pai normal, sem parar.

– Cansado? – ela perguntou.

Ele sorriu, como se pedisse desculpas, e pôs a mão sobre o colo.

– Grande dia. Grande dia difícil. Quero dizer, eu sabia que seria assim. – Ele fez uma careta. – Vocês duas, no mesmo dia. Uau! Ainda não caiu a ficha de que vocês não vão voltar comigo...

– Não vá se acostumando. Não sei se vou aguentar isso o semestre todo. – Ela estava mais brincando do que falando sério, e o pai sabia disso.

– Vai dar tudo certo, Cath. – Ele pousou a mão direita sobre a dela, e a apertou. – E pra mim também. Viu?

Cath fitou o pai bem nos olhos por um instante. Parecia cansado e, sim, angustiado, mas estava dando conta.

- Ainda acho que você podia arranjar um cachorro – ela disse.
- Não ia lembrar de dar comida.
- A gente podia treiná-lo pra dar comida pra você.

Quando Cath voltou ao quarto, sua colega, Reagan, ainda não havia voltado. Ou talvez tivesse saído de novo; suas caixas pareciam intocadas. Cath terminou de arrumar suas roupas, depois abriu a caixa com os pertences que trouxera de casa.

Pegou uma foto dela com Wren e prendeu-a no quadro de cortiça, atrás da escrivaninha. A foto fora tirada no dia da formatura. Usavam beca vermelha e sorriam. Foi pouco antes de Wren cortar o cabelo...

Ela nem dissera a Cath que ia fazer isso. Chegou um dia em casa, do trabalho, no fim das férias de verão, com um corte bem curtinho. Ficou linda – o que significava que Cath ficaria linda também. Mas jamais poderia imitar o corte, ainda que tivesse coragem de cortar tanto. Não dava pra bancar a *Mulher solteira procura* com a própria irmã.

Em seguida, Cath pegou o porta-retrato com a foto do pai, o qual ficava em seu criado-mudo, em casa. Estava muito bonito no dia do casamento. Jovem, sorridente; usava um girassol na lapela. Cath pousou o enfeite na estante acima da escrivaninha.

Depois, ajeitou uma foto dela com Abel no baile de formatura. Cath usava um vestido verde reluzente, e Abel usava um acessório combinando. Cath saíra bem nessa foto, ainda que o rosto parecesse achatado e nu sem os óculos. Abel também estava ótimo, embora parecesse entediado.

Ele sempre parecia entediado.

Cath já devia ter enviado uma mensagem para ele, só para dizer que chegara bem – mas queria esperar até ficar mais tranquila e indiferente. Não dá para voltar atrás depois que enviamos mensagens. Se você age toda mal-humorada e melancólica numa mensagem, ela fica ali, gravada no seu celular, lembrando o tempo todo a bruxa que você é.

No fundo da caixa estavam os pôsteres de Simon e Baz. Ela os deitou na cama com cuidado – alguns eram originais, desenhados ou pintados exclusivamente para ela. Teve que escolher os favoritos; não havia espaço para todos no quadro de cortiça, e estava decidida a não pendurar nenhum nas paredes, onde Deus e o mundo poderiam vê-los.

Escolheu três...

Simon erguendo a Espada dos Magos. Baz sentado num trono negro. Os dois andando juntos por entre um turbilhão de folhas douradas, os cachecóis esvoaçando ao sabor dos ventos.

Havia mais algumas coisas na caixa – um arranjo de flor, um laço que Wren lhe dera com os dizeres *Clube do Prato Limpo*, edições comemorativas dos bustos de Simon e Baz que ela comprara na *Noble Collection*...

Cath encontrou lugar para tudo, depois sentou na cadeira de madeira surrada. Sentada ali, de

costas para as paredes vazias e as caixas de Reagan, quase se sentia em casa.

Havia um garoto no quarto de Simon.

Um garoto de cabelo preto e liso, e olhos verdes muito frios. Ele girava, segurando um gato no alto, enquanto uma menina pulava, tentando agarrar o bichinho.

– Me devolve – dizia a menina. – Você vai machucá-lo.

O garoto riu e ergueu o gato ainda mais ao alto – então notou Simon em pé, ao lado da porta, e parou, fechando a cara.

– Oi – disse o menino de cabelos negros, soltando o gato. O animal pousou sobre as quatro patas e correu porta afora. A menina saiu correndo atrás dele.

O menino os ignorou, ajeitando a jaqueta do uniforme, sorrindo com o canto esquerdo da boca.

– Eu conheço você. É o Simon Snow... o Herdeiro do Mago. – Ele estendeu a mão, todo pomposo. – Sou Tyrannus Basilton Pitch. Pode me chamar de Baz; seremos colegas de quarto.

Simon franziu o cenho e ignorou a mão pálida do outro menino.

– O que estava fazendo com o gato da menina?

Capítulo 5, *Simon Snow e o Herdeiro do Mago*, copyright Gemma T. Leslie, 2001

Dois

Nos livros, quando as pessoas acordam num local estranho, sempre passam por aquele momento de desorientação, sem saber onde se encontram.

Isso nunca havia acontecido a Cath; ela sempre se lembrava de onde tinha ido dormir.

Mas, mesmo assim, foi esquisito ouvir o alarme de sempre soar num local inteiramente novo. A iluminação era estranha, amarela demais para a manhã, e o ar do quarto tinha um *quê* de detergente com o qual ela não sabia se poderia se acostumar. Cath pegou o telefone e desligou o alarme, lembrando-se de que ainda não enviara a mensagem para Abel. Nem checara sua caixa de e-mails ou a conta no FanFixx antes de se deitar.

– *primeiro dia* – mensagem para Abel. – *mais depois. beijos etc.*

A cama do outro lado do quarto continuava vazia.

Cath poderia se acostumar com tudo aquilo. Talvez Reagan fosse passar o tempo todo no quarto do namorado. Ou apartamento. Ele parecia ser mais velho – devia morar fora do campus, com mais vinte caras, numa casa decrépita com um sofá no jardim da frente.

Mesmo com o quarto só para si, Cath não se sentia segura de morar ali. Reagan poderia entrar a qualquer minuto, o namorado de Reagan poderia entrar a qualquer minuto... E qualquer um deles poderia ser um fotógrafo de celular pervertido.

Cath levou suas roupas ao banheiro e trocou-se num dos boxes. Havia uma garota na pia tentando desesperadamente fazer contato visual amigável. Cath fingiu não notá-la.

Terminou de se arrumar e teve tempo de sobra para o café da manhã, mas não quis encarar o refeitório; não sabia onde ficava, nem como funcionava...

Em situações novas, todas as regras mais complicadas são justamente aquelas que ninguém se dispõe a explicar. (E justamente as que você não acha no *Google*.) Tipo, onde começa a fila? Que comida você pode pegar? Onde você para, e depois, onde você se senta? Aonde vai depois que terminou de comer, por que todo mundo fica te encarando... *Enfim*.

Cath abriu uma caixa de barrinhas de proteína. Havia outras quatro caixas e três potes gigantes de manteiga de amendoim sob a cama. Ficou mais tranquila; talvez não tivesse que adentrar o refeitório até outubro.

Abriu o notebook enquanto mastigava uma barrinha de alfarroba com aveia e clicou até entrar em sua conta no FanFixx. Havia comentários novos em sua página; todo mundo reclamando porque Cath não postara um capítulo novo de *Vá em frente* no dia anterior.

Oi, galera, ela digitou. Desculpem por ontem. Primeiro dia na faculdade, questões de família etc. Talvez não consiga hoje também. Mas prometo que volto na terça; tenho algo

muito legal planejado. Falou, Magicath.

Caminhando para a sala de aula, Cath não conseguia se livrar da sensação de ser uma aluna de faculdade num daqueles filmes sobre a passagem para a idade adulta. O cenário era perfeito – gramados verdejantes, prédios de tijolo aparente, jovens por todo canto com mochilas. Cath ajeitou a sua nas costas, desconfortável. *Vejam só, sou praticamente uma estudante numa foto de calendário.*

Chegou à aula de História da América do Norte dez minutos mais cedo – mas não o bastante para conseguir uma carteira no fundo da sala. Todo mundo parecia desconfortável e ansioso, como se tivesse passado tempo demais decidindo que roupa vestir.

(Vista-se do jeito que pretende ser daqui em diante, Cath pensara quando escolhera as roupas na noite anterior. Jeans. Camiseta do Simon. Cardigã verde.)

O garoto sentado na carteira ao lado dela tinha fones nos ouvidos e balançava a cabeça, muito preocupado consigo mesmo. A menina do outro lado de Cath ficava jogando o cabelo de um ombro para o outro.

Cath fechou os olhos. Dava para ouvir as carteiras soltando estalos. Dava para sentir o cheiro de desodorante. Só de saber que eles estavam ali, ela já se sentia presa, encurralada.

Se Cath tivesse um pouco menos de orgulho próprio, teria escolhido assistir a essa aula com a irmã – as duas precisavam de créditos em História. Talvez fosse legal assistir algumas aulas com Wren enquanto ainda tinham alguma coisa em comum; quase não se interessavam pelas mesmas matérias. Wren queria estudar Marketing – e quem sabe arranjar um trabalho na área, como o pai.

Cath mal podia imaginar-se tendo um emprego ou uma *carreira*. Graduara-se em Inglês, esperando que isso significasse que ela poderia passar os quatro anos seguintes lendo e escrevendo. E talvez mais quatro.

Enfim, ela já passara pela aula de Literatura, e quando se encontrou com o consultor, na primavera anterior, convencera o homem de que daria conta de Escrita de ficção, matéria mais básica. Era a única aula – talvez a única coisa em toda essa história de faculdade – que Cath mal podia esperar para conhecer. A professora que dava a aula era uma escritora de verdade. Cath lera todos os livros dela (sobre declínio e desolação na América do Norte rural) durante o verão.

– Por que está lendo isso? – Wren perguntara, quando reparou.

– O quê?

– Não tem nenhum dragão nem elfo na capa.

– Tô procurando novos horizontes.

– Shiiu – disse Wren, cobrindo os ouvidos, fitando o pôster acima da cama da irmã. – O Baz vai escutar!

– Baz não tem dúvidas sobre nosso relacionamento – disse Cath, deixando escapar um sorriso.

Pensando na irmã, Cath correu para o celular.

Wren devia ter saído na noite anterior.

Parecia que o campus inteiro estava em alguma festa. Cath sentiu-se em estado de sítio, em seu quarto vazio. Gritos. Risos. Música. Vinham de todas as direções. Wren não teria resistido ao ouvir tudo isso.

Cath tirou o celular da mochila.

– *tá acordada?* – Enviar.

Alguns segundos depois, o telefone vibrou.

– *não sou eu quem sempre diz isso?*

– *cansada demais pra escrever ontem à noite* – Cath digitou –, *fui pra cama às 10.*

Vibra.

– *já tá se esquecendo dos fãs...*

– *tenha um bom dia.*

– *tá. você também.*

Um indiano de meia-idade metido num elegante terno de *tweed* entrou na sala de leitura. Cath baixou o celular e guardou-o na mochila.

Quando voltou ao quarto, estava faminta. Desse jeito, as barrinhas de proteína não durariam nem uma semana...

Havia um menino sentado do lado de fora do quarto. O mesmo. Namorado da Reagan? Amigo de fumada da Reagan?

– Cather! – disse ele, sorrindo. Começou a levantar-se assim que a viu – o que era mais complicado do que deveria ser; suas pernas e braços eram compridos demais para o restante do corpo.

– É Cath – ela disse.

– Tem certeza? – Ele passou a mão nos cabelos. Como se quisesse saber se continuavam bagunçados. – Porque eu gosto muito de Cather.

– Tenho certeza – ela disse, seca. – Tive anos pra confirmar isso.

Ele ficou ali, esperando que ela abrisse a porta.

– A Reagan tá aí? – Cath perguntou.

– Se a Reagan estivesse aqui – ele sorriu –, eu já teria entrado.

Cath encontrou sua chave, mas não abriu a porta. Não estava a fim de lidar com aquilo. Já tivera uma overdose de *novos* e *outros*. Naquele momento, tudo o que queria era deitar feito um caracol em sua cama barulhenta e ingerir três barrinhas de proteína. Ela olhou por cima do ombro do rapaz.

– Quando ela vai chegar?
Ele deu de ombros.
Cath sentiu um troço na barriga.
– Bom, não posso deixar você entrar assim – ela soltou.
– Por que não?
– Nem te conheço ainda.
– Tá brincando – ele riu. – A gente se conheceu ontem. Eu tava *dentro do quarto* quando você chegou.
– É, mas eu não te conheço bem. Nem conheço a Reagan.
– Vai deixar ela ficar esperando aqui fora também?
– Olha... – Cath balançava a cabeça sem parar. – Não posso deixar estranhos entrarem no meu quarto. Nem sei seu nome. Essa situação toda cheira muito a violação.
– Violação?
– Você entendeu – ela disse –, não entendeu?
Ele fez uma cara esquisita e fez que não, ainda sorrindo.
– Não muito. Mas agora não quero mais entrar com você. A palavra “violação” me deixou incomodado.
– Também não quero – ela disse, satisfeita.
Ele se encostou na parede e deslizou até o chão, olhando para ela. Depois, estendeu a mão.
– Meu nome é Levi, a propósito.
Cath franziu o cenho e aceitou o cumprimento, ainda com a chave na mão.
– Legal – disse, depois abriu a porta e a fechou o mais rápido que pôde.
Pegou o notebook, as barrinhas de proteína, e encaracolou-se no canto da cama.

Cath tentava andar pelo seu lado do quarto, mas não tinha muito espaço. O lugar já parecia uma prisão normalmente; pior ainda com o namorado de Reagan, Levi, montando guarda – ou sentando guarda, que seja – no corredor. Cath se sentiria melhor se pudesse conversar com alguém. Pensou se era cedo demais para ligar para Wren...

Ligou, então, para o pai. E deixou um recado de voz.

Mandou mensagem para Abel.

– *ei. desisto. tudo bem?*

Abriu o livro de Sociologia. Depois, o notebook. E então se levantou para abrir a janela. Fazia calor. Pessoas perseguiam umas as outras com armas de brinquedo no jardim da casa de uma fraternidade do outro lado da rua. Pi-Kappa-Esquisito-O.

Cath sacou o celular e discou.

– Oi – Wren atendeu –, como foi seu primeiro dia?

– Bem. E o seu?

– Bem – disse Wren. Ela sempre conseguia soar tranquila e indiferente. – Quer dizer, de pirar a cabeça, eu acho. Fui parar no prédio errado na aula de Estatística.

– Que droga.

A porta se abriu, e Reagan e Levi entraram. Reagan olhou estranho para Cath, mas Levi apenas sorriu.

– É – disse Wren. – Atrasei só alguns minutos, mas mesmo assim me senti idiota... Olha, eu e a Courtney estamos indo jantar, posso te ligar mais tarde? Ou prefere encontrar com a gente pra almoçar amanhã? Acho que vamos começar a nos encontrar no Selleck Hall sempre ao meio-dia. Sabe onde fica?

– Vou encontrar – disse Cath.

– Tá, legal. Te vejo depois, então.

– Legal – disse Cath, desligando o celular para guardá-lo no bolso.

Levi já estava todo esticado na cama de Reagan.

– Faça algo de útil – Reagan disse, jogando um lençol emaranhado em cima dele. – Oi – disse ela a Cath.

– Oi – Cath respondeu. Ficou ali parada por um instante, pensando que ela ia puxar assunto, mas a menina não parecia interessada. Fuçava em todas as caixas, como se procurasse alguma coisa.

– Como foi seu primeiro dia? – Levi perguntou.

Cath levou um segundo para perceber que ele se dirigia a ela.

– Bem – respondeu.

– Você tá no primeiro ano, né? – O menino arrumava a cama de Reagan. Cath imaginou que ele pretendia passar a noite ali. O que não ia acontecer. De jeito nenhum.

Ele continuava olhando para ela, sorrindo, então ela fez que sim.

– Conseguiu encontrar todas as salas?

– Consegui...

– Conheceu gente nova?

Conheci, pensou ela, *conheci você*.

– Não intencionalmente – ela disse.

Reagan resmungou alguma coisa.

– Onde você guarda a fronha? – Levi perguntou, para o armário.

– Nas caixas – Reagan respondeu.

O rapaz passou a esvaziar uma caixa, colocando as coisas na mesa de Reagan, como se soubesse o lugar de cada uma. A cabeça ficava pendurada para a frente, como se estivesse prestes a soltar do pescoço. Como um daqueles bonequinhos cujos membros são presos por fios de borracha envelhecidos. Levi era descolado. Reagan também. *As pessoas tendem a se juntar com gente parecida mesmo*, pensou Cath, *que combina*.

– E aí, o que você vai estudar? – ele perguntou a Cath.

– Inglês – ela respondeu. Um pouco depois, talvez meio tarde demais, perguntou: – O que você vai estudar?

Ele pareceu encantado com a pergunta. Com qualquer pergunta.

– Manejo de solo.

Cath não sabia o que era aquilo, mas não quis perguntar.

– Por favor, não comece a falar sobre manejo do solo – Reagan reclamou. – Vamos estipular essa regra até o fim do ano. Não se fala em manejo do solo no meu quarto.

– O quarto é da Cather também – Levi argumentou.

– Cath – Reagan corrigiu.

– E quando você não estiver aqui? – perguntou o rapaz. – Podemos falar sobre manejo do solo quando você não estiver pessoalmente no quarto?

– Quando eu não estiver pessoalmente no quarto – ela disse –, acho que você vai ficar esperando no corredor.

Cath sorriu para Reagan, sem que a colega a visse. Então, viu que Levi a observava e fechou a cara.

Todo mundo na sala parecia ter passado a semana toda esperando por aquilo. Era como se esperassem o início de um concerto. Ou a estreia de um filme à meia-noite.

Quando a professora Piper entrou, alguns minutos atrasada, na sala, a primeira coisa que Cath reparou foi que a mulher era mais baixa do que parecia ser nas fotos que apareciam nas orelhas de seus livros.

Talvez fosse bobagem dela. Eram fotos de rosto, afinal. Mas Piper realmente as preenchia – com maçãs do rosto proeminentes, olhos azuis amplos e brilhantes e um monte espetacular de cabelos castanhos.

Pessoalmente, o cabelo da professora era apenas espetacular, manchado de cinza e mais frisado do que nas fotos. Era tão pequena que precisou dar um pulinho para sentar em cima da mesa.

– Então – disse ela, em vez de *olá*. – Bem-vindos à aula de Escrita de ficção. Reconheço alguns de vocês... – Ela sorriu, olhando para todos, menos para Cath.

A menina era, obviamente, a única primeiranista da sala. Ela começava a entender o que destacava os primeiranistas: as mochilas novas demais. Maquiagem nas meninas. Camiseta com muita estampa nos meninos.

E *tudo* em Cath, dos tênis vermelhos novos aos óculos de sol púrpura que ela comprara na Target. Todos os mais requintados usavam armadura preta pesada. Os professores todos, também. Se Cath usasse o mesmo tipo de óculos, provavelmente conseguiria pedir um gim tônica sem ser repreendida.

– Bom – disse a professora Piper. – Fico feliz por estarem aqui. – A voz dela era cálida e

aveludada; dava pra dizer até que ela “ronronava”, sem exageros. E falava com tanta suavidade que as pessoas precisavam ficar imóveis para escutá-la. – Temos muito a fazer neste semestre, então não vamos perder mais nem um minuto. Vamos mergulhar de cabeça. – Ela se inclinou para a frente, segurando-se na beirada. – Estão prontos? Vão mergulhar comigo?

Quase todos assentiram. Cath olhou para o notebook.

– Certo. Vamos começar com uma pergunta que não tem muito uma resposta... Por que escrevemos ficção?

Um dos alunos mais velhos resolveu arriscar-se.

– Para nos expressar – sugeriu.

– Claro – disse a professora. – É por isso que você escreve?

O cara fez que sim.

– Certo... por que mais?

– Porque gostamos do som das nossas vozes – disse uma garota. O cabelo dela lembrava o de Wren, mas era ainda mais radical. Ela se parecia com a Mia Farrow em *O bebê de Rosemary* (mas de óculos escuros).

– Isso – riu a professora Piper. Ria feito uma fada, pensou Cath. – É por isso que eu escrevo, sem dúvida. E por isso que dou aulas. – Todos riram junto dela. – Por que mais?

Por que eu escrevo? Cath tentou descolar uma resposta profunda – sabendo que não a diria em voz alta, ainda que a encontrasse.

– Para explorar novos mundos – alguém disse.

– Para explorar os antigos – outra pessoa acrescentou. A professora concordava.

Para poder ser outra pessoa, Cath pensou.

– Então... – ronronou Piper. – Talvez para que as coisas façam sentido para nós?

– Pra nos libertarmos – disse uma menina.

Pra nos libertarmos de nós mesmos.

– Pra mostrar para as pessoas como é dentro das nossas mentes – disse um menino de jeans vermelho apertado.

– Supondo que elas queiram saber – Piper acrescentou. Todo mundo riu.

– Pra fazer as pessoas rirem.

– Chamar a atenção.

– Porque é a única coisa que sabemos fazer.

– Fale por você mesmo – disse a professora. – Eu toco piano. Mas continuem; adoro isso. Adoro.

– Pra *parar* de ouvir as vozes dentro da nossa cabeça – disse o menino sentado na frente de Cath. O cabelo era preto e curto, e tinha um pedacinho ouriçado na nuca.

Pra parar, pensou Cath.

Parar de ser qualquer coisa em qualquer lugar.

– Pra deixar nossa marca – disse a Mia Farrow. – Criar algo que viva além de nós.

O menino na frente de Cath falou de novo:

– Reprodução assexuada.

Cath imaginou-se sentada em frente ao notebook. Tentou colocar em palavras como se sentia, o que acontecia quando dava certo, quando saía alguma coisa, quando as palavras jorravam de dentro dela antes mesmo dela saber que existiam, borbulhando peito acima, como rima, como rap, *como pular corda*, ela pensou, pular antes que a corda lhe atinja o tornozelo.

– Compartilhar algo de verdadeiro – disse outra menina. Também usava óculos *de armação preta*.

Cath balançou a cabeça.

– Por que escrevemos ficção? – perguntou a professora.

Cath fitou novamente o notebook.

Pra desaparecer.

Estava tão concentrado – e frustrado – que nem viu a menina ruiva sentar-se à mesa dele. Usava tranças e óculos pontudos antiquados, do tipo que alguém usaria com um vestido requintado caso fosse a uma festa fantasiado de bruxa.

– Vai se cansar – disse a menina.

– É que eu quero fazer isso direito – Simon resmungou, cutucando de novo a moeda com sua varinha e franzindo o cenho dolorosamente. Não aconteceu nada.

– Assim – ela disse, brandindo sem cuidado a mão por cima da moeda.

Ela não tinha varinha, mas sim um grande anel púrpura. A pedra era presa ao dedo dela por um pedaço de fio.

– Voe para casa.

Com um tremor, a moeda criou seis pernas e um tórax, e saiu andando. A menina varreu o bichinho de sobre a mesa para dentro de uma jarra.

– Como é que você fez isso? – Simon perguntou. Ela estava no primeiro ano também, assim como ele; dava para saber devido ao brasão verde na frente da blusa que ela vestia.

– Não fazemos magia – disse ela, tentando sorrir modestamente, e conseguindo muito bem. – Nós somos a magia.

Simon fitou a joaninha.

– Meu nome é Penélope Bunce – disse a garota, estendendo a mão.

– Simon Snow – ele disse, cumprimentando-a.

– Eu sei – Penélope disse, e sorriu.

Capítulo 8, *Simon Snow e o Herdeiro do Mago*, copyright Gemma T. Leslie, 2001

Três

Era impossível escrever daquele jeito.

Para começar, o quarto era pequeno demais. Um retângulo minúsculo, amplo o bastante apenas para caber as duas camas além da porta – quando esta era aberta, batia na ponta da cama de Cath – e profundo o bastante apenas para espremer duas escrivaninhas entre as camas e janelas. Se alguma delas trouxesse um sofá, este tomaria todo o espaço restante no meio do quarto.

Nenhuma delas trouxera um sofá. Nem uma TV. Nem luminárias fofas da Target.

Reagan parecia não ter trazido nada de pessoal, além das roupas e de uma torradeira totalmente ilegal – além de Levi, que estava deitado na cama dela, com os olhos fechados, ouvindo música, enquanto ela travava uma batalha com o computador. (Um tão porcaria quanto o de Cath.)

Cath estava acostumada a dividir o quarto; sempre dividira o seu com Wren. Mas o quarto delas em casa era quase três vezes maior do que aquele. E Wren não ocupava nem metade do espaço de Reagan. Figurativamente. Mentalmente. Com Wren, a pessoa não se sentia acompanhada.

Cath ainda não tinha certeza do que achava de Reagan...

Por um lado, a menina não parecia interessada em ficar acordada até tarde fazendo tranças para serem melhores amigas. O que era um alívio.

Por outro, ela não parecia interessada em Cath de todo.

Na verdade, isso também gerava certo alívio: Reagan metia medo.

Fazia tudo de modo tão brusco. Abria a porta com tudo, fechava com um baque. Era maior do que Cath, mais alta e bem mais roliça (roliça *mesmo*). Parecia maior. Por dentro, também.

Quando Reagan estava no quarto, Cath tentava ficar fora do caminho; tentava não fazer contato visual. Reagan fingia que Cath não estava lá, então Cath fazia o mesmo. Normalmente, o costume parecia funcionar para ambas.

Mas naquele momento, fingir que a outra não existia tornava a escrita difícil demais para Cath.

Ela trabalhava numa cena complicada – Simon e Baz discutiam se vampiros poderiam ser considerados bons e também se os dois deveriam ir juntos ao baile de formatura. A coisa toda deveria ser engraçada, romântica e reflexiva, que eram, de fato, especialidades de Cath. (Ela mandava muito bem também com traição. E dragões falantes.)

Mas não conseguia passar de *Simon afastou os cabelos castanhos feito mel de cima dos*

olhos e suspirou. Não conseguia parar de pensar em Reagan e Levi sentados atrás dela. Seu cérebro não se livrara do “ALERTA DE ESTRANHOS!”.

Além disso, estava faminta. Assim que Reagan e Levi saíssem para jantar, Cath pretendia comer uma jarra inteira de manteiga de amendoim. Isso se eles saíssem para jantar – Reagan continuava açoitando o teclado, como se quisesse digitar através dele sobre o tampo da mesa, e Levi continuava *não saindo*, e o estômago de Cath começava a resmungar.

A garota pegou uma barrinha e saiu do quarto, pensando em dar uma voltinha rápida pelo corredor para esfriar a cabeça.

Mas o corredor era praticamente um acontecimento social. Todas as portas ficavam abertas, exceto a delas. As meninas zanzavam por todo canto, conversando e rindo. O andar inteiro cheirava a pipoca de micro-ondas queimada. Cath entrou no banheiro e sentou-se num dos boxes. Enquanto abria o embrulho de sua barrinha, derramava lágrimas de nervosismo sobre as bochechas.

Meu Deus, pensou ela. Meu Deus. Tá. Não é tão ruim assim. Não tem nada de errado, na verdade. O que há de errado, Cath? Nada.

Sentia seu corpo todo tenso. Surtando. E o estômago estava em chamas.

Ela procurou o celular, pensando no que Wren poderia estar fazendo. Devia estar inventando coreografias para canções da Lady Gaga. Devia estar provando blusas da colega de quarto. Devia estar fazendo qualquer coisa exceto ficar sentada numa privada, comendo barrinha de linhaça e amêndoas.

Cath poderia ligar para Abel... mas ela sabia que ele iria para a faculdade do Missouri na manhã seguinte. A família organizara uma grande festa para ele com tamale caseiro e os biscoitos yoyo de coco da avó – que eram tão especiais que eles nem vendiam na confeitaria. Abel trabalhava na padaria, e a família morava no andar de cima. O cabelo dele sempre cheirava a canela e fermento... Gente, Cath estava com tanta fome!

A menina largou a embalagem da barrinha no cesto de lixo e enxaguou o rosto antes de voltar ao quarto.

Reagan e Levi estavam saindo, felizmente. E *finalmente*.

– Te vejo depois – Reagan disse.

– Isso aí – Levi sorriu.

Cath teve a sensação de desabar quando a porta se fechou.

Pegou outra barrinha de proteína, largou-se sobre a antiga cadeira de madeira – da qual estava começando a gostar – e abriu uma gaveta para ancorar o pé.

Simon afastou os cabelos castanhos feito mel de cima dos olhos e suspirou.

– Só porque não consigo me lembrar agora de nenhum vampiro heroico, não significa que não existe nenhum.

Baz parou de tentar fazer seu baú levitar e mostrou os dentes brilhantes para Simon.

– Bons meninos usam branco – disse. – Você já tentou limpar sangue de uma capa branca?

Selleck Hall era um dormitório que ficava bem no meio do campus. Dava para almoçar lá mesmo se você não fosse morador do local. Cath costumava esperar por Wren e Courtney no saguão, para que não tivesse que caminhar sozinha até a cafeteria.

– Então, como é a sua colega de quarto? – Courtney perguntou, conforme elas passavam pelo bufê de saladas. Perguntou como se ela e Cath fossem grandes amigas; como se Cath fizesse alguma ideia de como Courtney era, além de que a menina gostava de queijo cottage com pêssego.

O bufê de salada do Selleck era um porcaria. Queijo cottage com pêssego, pera enlatada com lascas de cheddar.

– Mas o que é isso? – Cath perguntou, erguendo uma colher de salada verde com feijões.

– Talvez seja mais um costume de Nebraska – disse Wren. – No nosso dormitório tem uns caras que usam chapéu de caubói, tipo, o tempo todo, até mesmo quando saem pro corredor.

– Vou pegar uma mesa – disse Courtney.

– Ei – Cath notou que Wren fazia uma pilha de vegetais no prato –, alguma vez a gente escreveu uma história do Simon dançando com o Baz?

– Não me lembro – disse Wren –, por quê? Tá escrevendo uma cena de dança?

– Valsa. Numa varanda.

– Romântico. – Wren olhou ao redor, procurando por Courtney.

– Tô com medo de estar fazendo o Simon fofo demais.

– O Simon *é* fofo.

– Queria que você estivesse lendo – disse Cath, seguindo a irmã até a mesa.

– Pensei que todo aluno da nona série deste país já estivesse lendo – disse Wren, sentando-se ao lado de Courtney.

– E do Japão – Cath acrescentou, sentando-se. – Faço muito sucesso no Japão, por mais estranho que pareça.

Courtney inclinou-se para Cath, do nada, como se fosse contar um supersegredo.

– Cath, Wren me disse que você escreve histórias da série Simon Snow. Achei tão legal! Sou mega fã do Simon Snow. Li todos os livros quando era mais nova.

Cath desembulhou seu sanduíche, toda cética.

– A série ainda não acabou – disse.

Courtney deu uma mordida em seu queijo cottage, sem notar a correção.

– Quer dizer – disse Cath –, os livros não acabaram. O livro oito só sai ano que vem...

– Fale pra gente sobre a sua colega de quarto – disse Wren, com um vago sorriso, para Cath.

– Não tem o que contar.

– Então inventa alguma coisa.

Wren estava irritada. O que irritava Cath. Mas então Cath pensou em como estava feliz por comer comida que requisitava talheres e conversar com alguém que não era um estranho – e decidiu esforçar-se para se entrosar com a colega de quarto da irmã.

– O nome dela é Reagan. E ela tem cabelo castanho-avermelhado... E fuma.

Courtney torceu o nariz.

– Dentro do quarto?

– Ela não tem passado muito tempo no quarto.

Wren fez cara de suspeita.

– Vocês não conversaram ainda?

– A gente se cumprimenta – disse Cath. – Conversei um pouco com o namorado dela.

– Como é o namorado? – Wren perguntou.

– Sei lá. Alto.

– Bom, foram poucos dias. Com certeza, vocês vão se conhecer melhor.

Então Wren mudou de assunto, para algo que acontecera em alguma festa à qual ela fora com Courtney. Fazia apenas duas semanas que moravam juntas e já tinham uma enxurrada de piadas internas que deram nos nervos de Cath.

A garota comeu seu sanduíche de peru e duas porções de batata frita, depois meteu o segundo sanduíche na bolsa quando Wren se distraiu.

Reagan finalmente ficou no quarto naquela noite. (Levi não, felizmente.) Ela foi para a cama enquanto Cath ainda digitava.

– A luz tá te incomodando? – Cath perguntou, apontando para a luminária sobre sua mesa. – Posso desligar.

– Não precisa – a outra respondeu.

Cath colocou fones no ouvido para não escutar os barulhos de Reagan na cama. Respirando. Roçando-se nos lençóis. Rangendo a cama.

Como ela pode adormecer assim tão fácil com um estranho no quarto?, Cath pensou. Ela nem tirou os fones de ouvido quando finalmente deitou na cama e se cobriu, com o edredom, até o topo da cabeça.

– Ainda não conversou com ela? – Wren perguntou durante um almoço na semana seguinte.

– A gente conversa – Cath respondeu. – “Você pode fechar a janela?” Daí eu digo, “Tá bom”. E também, “Oi”. A gente diz oi uma pra outra todo dia. Às vezes duas vezes por dia.

– Tá ficando esquisito – Wren ponderou.

Cath cutucou o purê de batata.

– Tô me acostumando.

– Mesmo assim, é esquisito.

– Ah, é? – Cath disse. – Você vai mesmo ficar me enchendo só porque eu fui parar num quarto com uma esquisitona?

Wren suspirou.

– E o namorado dela?

– Faz alguns dias que não vejo.

– O que vai fazer nesse fim de semana?

– Trabalho de casa, acho. Escrever Simon.

– Vou numa festa hoje à noite com a Courtney.

– Onde?

– Na Casa Triangular! – Courtney disse, do mesmo jeito que alguém diria “a Mansão Playboy!” caso esse alguém fosse um completo imbecil.

– O que é a Casa Triangular? – Cath perguntou.

– É uma fraternidade da Engenharia – disse Wren.

– Então eles, tipo, ficam chapados e vão construir pontes?

– Eles ficam chapados e *desenham* pontes. Quer ir também?

– Nem. – Cath deu uma mordida em seu rosbife com batata; era sempre esse o prato do jantar no refeitório do Selleck. – Nerds bêbados. Não é minha praia.

– Você gosta de nerd.

– Não de nerds que entram em fraternidades – disse Cath. – Existe toda uma subclasse de nerds que não me interessa.

– Você fez o Abel assinar uma promessa de sobriedade antes de ir pro Missouri?

– Abel é seu namorado? – Courtney perguntou. – Ele é bonito?

Cath ignorou a menina.

– Abel não vai virar um bêbado. Ele não aguenta nem cafeína.

– Não vi muita lógica nesse argumento.

– Você sabe que eu não curto muito festas, Wren.

– E você sabe o que o pai fala: você precisa provar alguma coisa antes de dizer que não gosta.

– Fala sério. Vai usar o pai pra me convencer a ir numa festa de fraternidade? Já *tentei* ir a festas. Teve aquela na casa do Jesse, com tequila...

– Você provou tequila?

– Não, mas você sim, e eu ajudei a limpar tudo quando você gorfou.

Wren sorriu, melancólica, e alisou a longa franja sobre a testa.

– Beber tequila vale muito mais pelo trajeto do que pela chegada...

– Vai me ligar? – Cath perguntou.

– Se eu gorfar?

– Se precisar de ajuda.

– Não vou precisar.

– Mas vai me ligar?

– Nossa, Cath. Tá bom. Fica tranquila, tá?

– Mas, senhor – Simon insistiu –, vou ter que ser colega de quarto dele todo ano, todo ano até sairmos de

Watford?

O Mago sorriu, indulgente, e afagou os cabelos cor de caramelo de Simon.

– Combinar com o colega de quarto é uma tradição sagrada em Watford. – Seu tom de voz era gentil, porém firme. – O Cadinho colocou-os juntos. Devem tomar conta um do outro, conhecer um ao outro, como irmãos.

– Sim, mas senhor... – Simon ajeitou-se na cadeira. – O Cadinho deve ter cometido um erro. Meu colega de quarto é um completo imbecil. Deve até ser maldoso. Semana passada, alguém fechou meu notebook com um feitiço, e eu sei que foi ele. Ele quase rolou de tanto rir.

O Mago acariciou solenemente sua própria barba. Era curta e pontuda, apenas cobria o queixo.

– O Cadinho os colocou juntos, Simon. Você deve tomar conta dele.

Capítulo 3, *Simon Snow e a Segunda Serpente*, copyright Gemma T. Leslie, 2003

Quatro

Os esquilos do campus eram para lá de domésticos; chegavam a ser abusados. Não importa o que você estivesse comendo, eles subiam na mesa e vinham *chit-chit-chit* para cima.

– Toma – Cath disse, jogando um naco de barrinha de morango e soja para o esquilo vermelho gordo aos seus pés. Tirou uma foto com o celular para mandar para Abel.

– *esquilo #bullying* – ela digitou.

Abel mandara fotos do quarto dele – sua *suíte* – em MoTech, a faculdade, e dele com os cinco colegas de quarto, todos nerds estilo *The Big Bang Theory*. Cath tentou imaginar-se pedindo a Reagan para tirar fotos com ela e deu uma gargalhada. O esquilo ficou imóvel, mas não fugiu.

Nas quartas e sextas-feiras, Cath tinha 45 minutos entre Biologia e Escrita de ficção, e, nos últimos dias, ela vinha matando o tempo sentada ali, na grama, à sombra, aos fundos do prédio da aula de Inglês. Não havia com quem se preocupar. Ninguém além dos esquilos.

Ela checkou as mensagens de texto, ainda que o celular não tivesse vibrado.

Ela não havia conversado de fato com Abel desde que viera para a faculdade, três semanas antes, mas ele mandava mensagens de texto. E mandava um *e-mail* de vez em quando. Ele dizia que estava bem, e que a competição no Missouri já estava acirrada.

– *Todo mundo aqui era o aluno mais inteligente no Colegial.*

Cath resistiu ao impulso de dizer:

– *Exceto você, né?*

Só porque Abel tirou nota máxima em Matemática nas provas pré-vestibulares não significava que fosse o menino mais inteligente da sala. Era péssimo em História da América do Norte e se virava em Espanhol. Em *Espanhol*, gente.

Ele já dissera a Cath que não voltaria a Omaha até o Dia de Ação de Graças, e ela não tentara convencê-lo a vir mais cedo.

Ainda não sentia falta dele, nem um pouco.

Wren diria que isso era porque Abel não era namorado mesmo de Cath. Esta era uma das conversas recorrentes:

– Ele é o namorado perfeito – Cath diria.

– Ele é uma mesa de centro – Wren responderia.

– Está sempre por perto quando preciso.

– ... de um lugar pra guardar suas revistas.

– Você preferiria que eu namorasse alguém como o Jesse? Pra que eu te faça companhia,

acordada até tarde, chorando, todo fim de semana?

- Eu preferiria que você namorasse alguém que gostasse, de fato, de beijar.
- Já beijei o Abel.
- Ah, Cath, para com isso. Vou vomitar pelo cérebro.
- A gente namora faz três anos. Ele é meu namorado, *sim*.
- Você sente mais coisas pelo Baz e pelo Simon.
- Dã, eles são o Baz e o Simon, não tem comparação. Eu gosto do Abel. Ele é constante.
- Você continua descrevendo uma mesa de centro...

Wren começara a sair com meninos na oitava série (dois anos antes de Cath começar a pensar no assunto). E até Jesse Sandoz, Wren não passara mais do que alguns meses com o mesmo menino. Ela manteve Jesse por perto por tanto tempo porque nunca teve muita certeza se ele gostava dela – pelo menos, essa era a teoria de Cath.

Wren geralmente perdia o interesse pelo menino assim que percebia que o conquistara. A conversa era sua parte favorita.

– Aquele momento – ela dizia a Cath – em que você percebe que o cara tá te olhando diferente; que você toma mais espaço no campo de visão dele. Aquele momento em que você sabe que ele não vai mais deixar de te notar.

Cath gostara tanto dessa última frase que a dera a Baz algumas semanas mais tarde. Wren ficou irritada quando leu.

Enfim, Jesse nunca foi totalmente convertido. Nunca tivera olhos *somente* para Wren, nem mesmo quando fizeram sexo, no outono anterior. E isso embaralhou todas as cartas do jogo de Wren.

Cath ficou aliviada quando Jesse conseguiu uma bolsa para jogar futebol americano na Universidade de Iowa. Ele não sabia dar atenção suficiente para manter um relacionamento à distância, e havia pelo menos dez mil caras novos na Universidade de Nebraska para Wren converter.

Cath jogou outro naco da barrinha de proteína para o esquilo, mas alguém aproximou seus sapatos finos perto demais, e o esquilo levou um susto e saiu arrastando-se.

Esquilos gordos do campus, Cath pensou. *Eles se arrastam*.

Os sapatos finos deram outro passo em direção a ela, depois pararam. Cath olhou para cima. Havia um rapaz à sua frente. Dada a posição dela, sentada, e a dele, com o sol atrás da nuca, ele parecia ter mais de dois metros de altura. Ela apertou os olhos, mas não o reconheceu.

– Cath – disse ele –, né?

Ela reconheceu a voz; era o garoto de cabelo preto que se sentava à frente dela na aula de Ficção, Nick.

– Isso – ela respondeu.

– Você terminou o trabalho da aula de escrita?

A professora Piper pedira aos alunos que escrevessem cem palavras da perspectiva de um

objeto inanimado. Cath fez que sim, ainda tentando enxergar o rapaz.

– Ah, desculpa – disse Nick, afastando-se do sol, sentando-se na grama, ao lado dela. Pousou a mochila entre os joelhos. – Então, sobre o que escreveu?

– Sobre uma fechadura – ela disse. – E você?

– Caneta tinteiro – ele sorriu. – Estou com receio de que todo mundo tenha tido a mesma ideia.

– Não fique assim – ela disse. – Caneta é uma péssima ideia.

Nick riu, e Cath fitou a grama.

– Então – ele perguntou –, acha que ela vai nos fazer ler em voz alta?

Ela ergueu a cabeça com tudo.

– *Não*. Por que acha isso?

– Eles sempre fazem isso – disse ele, como se fosse algo de que Cath já deveria saber. Ela não estava acostumada a ver Nick de frente; ele tinha um rosto de menino, com olhos azuis-escuros e sobrancelhas pretas grossas que quase se encontravam acima do nariz. Ele parecia um personagem da terceira classe de *Titanic*. Alguém que entraria numa fila para visitar Ellis Island. Forte e antiquado. Gatinho, também.

– Mas não haveria tempo para que todos nós lêssemos na aula – ela ponderou.

– Provavelmente, vamos nos separar em grupos primeiro – disse ele, novamente falando como se ela já devesse saber disso.

– Ah... sou meio nova por aqui.

– Você é do primeiro ano?

Ela fez que sim, revirando os olhos.

– Como foi que uma aluna do primeiro ano conseguiu entrar na aula alto nível da professora Piper?

– Pedindo.

Nick ergueu as sobrancelhas grossas e fez um biquinho, impressionado.

– Acha mesmo que caneta é uma péssima ideia?

– Não sei bem o que espera que eu responda.

Ele tinha razão. A primeira coisa que a professora Piper fez foi pedir a todos que se reunissem em grupos de quatro. Nick virou para trás e sorriu para Cath, e duas outras meninas arrastaram suas carteiras para perto deles.

Os outros três alunos do grupo não pareceram nervosos ao ler seus textos em voz alta. Estavam, a bem da verdade, ansiosos por fazê-lo. Orgulhosos, Cath achou. Principalmente o Nick. Ele leu suas cem palavras como se as comesse, uma por uma. Foi quase irritante. Cath pensou se teria sido totalmente irritante caso ele não fosse tão bonitinho.

E então ela se perguntou se ele era mesmo bonitinho ou se ela só achava isso porque,

obviamente, ele também achava.

A história da caneta tinteiro foi engraçada. As outras meninas também gostaram.

Cath deixou que os demais lessem primeiro, esperando que o tempo acabasse antes de chegar sua vez... mas ninguém leva tanto tempo assim para ler cem palavras.

– Sua vez – disse Nick, arremessando um sorriso à garota como quem arremessa uma bola de tênis.

– Tá – Cath respondeu, recebendo-a. Ela fitou o papel e não ergueu os olhos enquanto não terminou.

Acho que eu preferiria ser suja.

Porque, então, haveria alguma coisa, não? Haveria rastro, vida. Ainda que fosse apenas uma mancha e um caroço recentes.

Muito melhor do que o grande bocejo solitário que é a limpeza; muito melhor do que ficar sentada dentro do armário da cozinha, no escuro, com todos os outros objetos vazios, sem emoção, comparando riquezas e glórias do passado.

Mas o melhor...

O melhor é estar quente e cheia. O melhor é estar na mão direita dela.

O melhor é o creme e o açúcar.

E os dias em que cheiro a bergamota e hálito.

O rapaz sorriu para ela educadamente.

– É sobre uma xícara – disse Cath. – Tipo, de chá.

– Entendi logo de cara – disse uma das garotas. A que escrevera sobre um garfo. – Está ótimo.

– É um poema? – Nick perguntou.

– Não importa – disse a menina do garfo. Cath resolveu pensar nela como a menina gente fina do garfo.

Falaram sobre o texto de Cath por mais alguns minutos. Nick disse que o texto era bastante promissor, ainda que fosse um pouco “concreto” e sincero. Ele sorriu calorosamente ao dizer isso, e Cath demorou um pouco para sacar que não fora de todo um elogio.

– Você tem transtorno alimentar? – Reagan perguntou.

Cath estava sentada na cama, estudando.

Reagan estava apoiada na porta do armário, saltitando, tentando vestir botas pretas de salto alto. Devia estar se arrumando para o trabalho – Reagan estava sempre a caminho de algum lugar. Tratava o quarto como uma estação intermediária, um local no qual parava entre uma aula e uma ida à biblioteca, entre o emprego no Grêmio Estudantil e o trabalho no Jardim Olive. Um local para trocar de roupa, largar livros e dar um trato em Levi.

Às vezes apareciam outros meninos. No mês anterior, vieram Nathan e Kyle. Mas nenhum deles parecia parte permanente do Sistema Solar de Reagan tanto quanto Levi.

O que fazia Levi pertencer também ao Sistema Solar de Cath. Ele a vira no campus naquele dia e acompanhara-a durante todo o trajeto até o Oldfather Hall, falando sobre luvas que comprara do lado de fora do Grêmio Estudantil.

– Feito à mão. No Equador. Já viu uma alpaca, Cather? São tipo as lhamas mais fofas do mundo. Tipo, imagine a lhama mais fofa que você puder, e continue. E a lã dela, não é bem lã, é uma fibra, é hipoalergênica...

Reagan fitava Cath com o cenho franzido. Usava jeans preto bem justo e uma blusinha preta. Talvez fosse passear, e não trabalhar.

– Sua lata de lixo tá lotada de papel de barrinha energética – disse.

– Você fuçou no meu lixo? – Cath sentiu uma pontada de ódio.

– Levi queria um lugar pra jogar o chiclete... Mas então, você tem transtorno alimentar?

– Não – Cath respondeu, certa de que seria essa a resposta caso ela tivesse *mesmo* um transtorno alimentar.

– Então por que não come comida de verdade?

– Eu como. – Cath cerrou os punhos. Sentiu a pele esticada e tensa. – Só que... não aqui.

– Você é tipo aquelas pessoas que têm problema pra comer?

– Não. Eu... – Cath olhou para o teto, decidindo que esse era um momento daqueles em que falar a verdade é mais simples do que mentir. – Não sei onde fica o refeitório.

– Já faz mais de um mês que você mora aqui.

– Eu sei.

– E não encontrou o refeitório?

– Não fui procurar, na verdade.

– Por que não perguntou pra alguém? Podia ter me perguntado.

Cath revirou os olhos e fitou Reagan.

– Quer mesmo que eu fique fazendo perguntas idiotas?

– Se for sobre comida, água, ar ou abrigo... sim. Poxa, Cath, sou sua colega de quarto.

– Tá bom – disse Cath, voltando para a leitura –, saquei.

– Então, quer que eu mostre onde fica o refeitório?

– Não, não precisa.

– Não pode viver só de barrinha. Já tão acabando.

– Não tão acabando...

Reagan suspirou.

– *Acho* que Levi comeu algumas.

– Você deixou seu namorado roubar minhas barrinhas de proteína? – Cath inclinou sobre a cama para checar seu estoque; todas as caixas estavam abertas.

– Ele disse que tava te fazendo um favor. Forçando a questão. E ele não é meu namorado.

Não exatamente.

– Isso é violação – Cath disse, irritada, esquecendo-se por um instante de que Reagan era possivelmente a pessoa mais intimidante que vira na vida.

– Ponha seus sapatos – disse Reagan. – Vou te mostrar onde fica o refeitório.

– Não – Cath já podia sentir a ansiedade começando a rasgar seu estômago em pedacinhos nervosos. – Não é só isso... Não gosto de lugares novos. Situações novas. Vai ter um monte de gente, e não vou saber onde sentar... Não quero ir.

Reagan sentou-se na ponta de sua cama, cruzando os braços.

– Você tem ido às aulas?

– É claro.

– Então!

– Aula é diferente – disse Cath. – Você tem algo em que focar. É ruim também, mas tolerável.

– Você usa drogas?

– Não!

– Talvez devesse começar...

Cath meteu os punhos no colchão.

– Isso não é da sua conta. Você nem me conhece.

– *Isso* – disse Reagan. – É por isso que eu não queria colega de quarto do primeiro ano.

– Por que se importa? Tô te incomodando?

– A gente vai jantar. E é pra já.

– Não. Não vamos.

– Pegue sua carteirinha.

– Não vou jantar com você. Você nem gosta de mim.

– Gosto sim – Reagan disse.

– Isso é ridículo.

– Deus do céu, você tá com fome?

Cath apertava tanto os punhos que os nós dos dedos ficaram pálidos.

Imaginou um delicioso peito de frango grelhado. E escalope com batata. E torta de morango e ruibarbo. E se perguntou se o refeitório do Pound teria uma máquina de sorvete, como tinha o Selleck.

E pensou em vencer. Em como estava deixando que *isso* ganhasse, o que quer que isso fosse – seu lado maluco. Cath, zero. Lado maluco, um milhão.

Inclinou-se à frente, pressionando o nó em seu estômago.

Então levantou-se com o máximo de dignidade que pôde reunir e calçou os tênis.

– Eu *tenho* comido comida de verdade... – murmurou. – Almoço no Selleck com a minha irmã.

Reagan abriu a porta.

- Então, por que não come aqui?
- Porque esperei por muito tempo. Criei um bloqueio. É difícil explicar...
- Fala sério, por que você não usa drogas?

Cath passou por ela, saindo do quarto.

- Você é psiquiatra, por acaso? Ou só banca uma na TV?
- Eu uso drogas – Reagan disse. – É uma delícia.

Não ocorreu nenhum momento estranho no refeitório, nada de ficar parada no canto, bandeja em mãos, tentando escolher o lugar mais inócuo para se sentar.

Reagan sentou-se na primeira mesa semivazia que encontrou. Nem cumprimentou as pessoas que já estavam lá.

- Não vai se atrasar pro trabalho? – Cath perguntou.
- Vou sair. Mas eu ia jantar aqui de qualquer modo. A gente paga por todas essas refeições; melhor aproveitar.

Na bandeja de Cath havia um prato de macarrão e duas porções de couve-de-bruxelas. Estava faminta.

Reagan deu uma garfada na salada de macarrão. O cabelo comprido cobria os ombros. Era uma dúzia de tons de ruivo e dourado, nenhum deles muito natural.

- Acha mesmo que eu não gosto de você? – ela perguntou, de boca cheia.

Cath engoliu. Ela e Reagan nunca haviam conversado antes desse dia, ainda mais sobre coisa séria.

- Hm... tenho a impressão de que você não queria ter que dividir o quarto.
- Eu não queria *mesmo* ter que dividir o quarto – Reagan franziu o cenho. Fazia isso tanto quanto Levi sorria. – Mas isso não tem nada a ver com você.
- Por que você mora no dormitório, então? Não tá no primeiro ano, né? Não sabia que tinha veterano morando no campus.
- Eu tenho que morar – disse Reagan. – Por causa da bolsa. Era pra eu ter conseguido um quarto só pra mim esse ano... Eu tava na lista, mas todos os residenciais estão superlotados.
- Que pena.
- Ah, acontece.
- Eu também não queria ter que dividir o quarto – disse Cath. – Quer dizer... pensei que fosse morar com a minha irmã.
- Tem uma irmã sua estudando aqui também?
- Irmã gêmea.
- Eca. Que estranho.
- Por que estranho? – Cath perguntou.
- Sei lá. É esquisito. É igual ter um sócio. Vocês são idênticas?

- Tecnicamente.
- Eca. – Reagan estremeceu, toda dramática.
- Não é *esquisito* – disse Cath. – Qual é o seu problema?

Reagan sorriu e estremeceu de novo.

- Então por que não mora com a sua irmã?
- Ela quer conhecer gente nova.
- Fala como se ela tivesse terminado com você.

Cath deu de ombros e comeu outra couve-de-bruxelas.

– Ela mora no Schramm – disse, fitando a bandeja. Quando olhou para a frente, Reagan fazia careta para ela.

- Está me fazendo ter pena de você de novo.

Cath apontou o garfo para a colega.

- Não tenha pena de mim. Não quero que tenha pena de mim.
- Não tem como evitar. Você é mesmo muito patética.
- Não sou, não.

– É sim. Não tem amigo nenhum, sua irmã te deu um fora, você tem problema pra comer... E tem alguma coisa esquisita com relação a Simon Snow.

- Eu protesto contra tudo que você acabou de dizer.

Reagan mastigava. E franzia o cenho. Usava batom vermelho escuro.

- Tenho vários amigos – Cath disse.

– Nunca vi nenhum.

– Acabei de chegar aqui. A maioria dos meus amigos estuda em outras faculdades. Ou são virtuais.

- Amigo virtual não conta. – Por que não?

Reagan deu de ombros, com desdém.

– E não tenho nada de esquisito com relação a Simon Snow – Cath disse. – Sou só uma fã bem comprometida com o fandom.

- Que droga é essa de “fandom”?

– Você não entenderia – Cath suspirou, desejando não ter usado essa palavra, sabendo que, se tentasse se explicar ainda mais, complicaria tudo mais ainda. Reagan não acreditaria – ou compreenderia – que Cath não era apenas fã de Simon. Era uma das maiores fãs. Uma fã de primeira que tinha seus próprios fãs.

Se contasse a Reagan que suas histórias sobre o Simon eram clicadas 1500 vezes regularmente... a menina ia dar risada.

Além do mais, falar tudo aquilo em voz alta faria Cath se sentir uma completa idiota.

- Tem bonequinhos do Simon Snow na sua mesa – disse Reagan.
- São bustos comemorativos.
- Tenho pena de você e, por isso, vou ser sua amiga.

– Não quero ser sua amiga – Cath disse o mais severamente possível. – Gosto de não ser sua amiga.

– Eu também – disse Reagan. – Pena que você estragou tudo, sendo tão patética.

Bem-vindo ao FanFixx.net – onde a história nunca termina.

Oferecemos fórum e arquivo voluntariamente, e aceitamos ficção de qualidade de todos os fandoms. Seja um voluntário ou faça uma doação clicando aqui. Crie um perfil no FanFixx.net clicando aqui. Você precisa ter 13 anos ou mais para enviar textos ou comentar no FanFixx.net.

Mensagem de boas-vindas do site da FanFixx.net, 1º de julho de 2011.

Cinco

– Por favor, não me faça ficar sentado no corredor – disse Levi.

Cath passou por cima das pernas do garoto para chegar até a porta.

– Eu tenho que estudar.

– A Reagan tá atrasada, e já faz meia hora que tô sentado aqui. – O menino baixou o tom de voz para quase um sussurro: – Sua vizinha, aquela que usava bota cor de rosa, fica vindo aqui conversar comigo. Tenha dó, vai.

Cath fez uma careta.

– Não vou incomodar – disse ele. – Vou esperar pela Reagan quietinho.

Ela revirou os olhos e entrou, deixando a porta aberta para ele.

– Já entendi por que você e Reagan tão se dando bem. – Ele se levantou para segui-la. – As duas sabem ser extremamente bruscas às vezes.

– A gente não tá se dando bem.

– Não foi isso que eu ouvi... Olha, agora que você passou a comer no refeitório, posso comer suas barrinhas de proteína?

– Você já tava comendo minhas barrinhas de proteína – disse Cath, indignada, sentando-se em sua escrivaninha e abrindo o notebook.

– Me senti mal de fazer isso sem você saber.

– Que bom.

– Mas você não ficou mais contente? – Ele se sentou na beirada da cama dela e se encostou na parede, cruzando as longas pernas. – Já tá com uma aparência de mais bem nutrida.

– Hm... obrigada.

– E aí?

– E aí o quê?

Ele sorriu.

– Posso comer uma barrinha?

– Você é inacreditável.

Levi inclinou-se e procurou embaixo da cama.

– Essas de mirtilo são as minhas favoritas...

Cath estava mesmo mais contente. (Não que fosse admiti-lo para Levi.) Até ali, ser tratada com piedade por Reagan não havia requerido muita coisa – apenas caminhar até o refeitório junto dela e ajudá-la a ridicularizar todo mundo que passava pela mesa.

Reagan gostava de se sentar perto da porta da cozinha, bem onde a fila do bufê

desembocava no refeitório. Ela chamava de parada da cadeira, e ninguém era poupado.

– Olha – disse ela, na noite anterior –, é o Gimpy. Como acha que ele quebrou a perna?

Cath olhou para o rapaz, um hipongo mal-encarado com cabelo desgrenhado e óculos extragrandes.

– Deve ter tropeçado na própria barba.

– Há! – disse Reagan. – A namorada tá levando a bandeja pra ele. Olha só pra ela... que coisinha mais brilhante. Não parece que eles se conheceram num comercial de grife?

– Tenho certeza de que se conheceram em Nova York, mas levaram cinco anos pra chegar aqui.

– Xiii... Loba a nordeste – Reagan disse, toda empolgada.

– Ela tá usando o rabinho?

– Não sei, espera... Não. Saco.

– Eu gosto um pouco do rabinho. – Cath sorriu com carinho para a gordinha de cabelo preto tingido.

– Se Deus me colocou na sua vida pra te impedir de usar um maldito rabinho desses – disse Reagan –, eu aceito a tarefa.

No conceito de Reagan, Cath já era esquisita demais.

– Já é ruim demais você ter pôsteres do Simon Snow feitos a mão – ela dissera na noite anterior, enquanto se preparava para se deitar. – Você precisa mesmo ter pôsteres gays feitos a mão do Simon Snow?

Cath olhou para o desenho pendurado acima da escrivaninha, em que Simon e Baz estavam de mãos dadas.

– Deixe os dois em paz. Estão apaixonados.

– Tenho certeza de que não li isso nos livros.

– Nas minhas histórias – disse Cath – eles se amam.

– Como assim, nas *suas* histórias? – Reagan estancou, puxando a camiseta cabeça abaixo. – Não, quer saber? Deixa pra lá. Não quero saber. Ter que fazer contato visual com você já é demais.

Levi tinha razão, elas deviam estar se dando bem, porque sempre que Reagan dizia algo assim, Cath tinha vontade de rir. Se Reagan não ia jantar, Cath ia até o refeitório mesmo assim e se sentava na mesa de sempre. Então, quando Reagan voltava para o quarto, mais tarde – se é que ela voltava –, Cath contava tudo o que a outra não vira.

– O Jogador de Futebol finalmente puxou papo com a Lindsay Lohan venezuelana – Cath diria.

– Finalmente – seria a resposta de Reagan, desabando na cama. – Aquela tensão sexual tava de matar.

Cath não sabia ao certo para onde Reagan ia nas noites em que não voltava para o quarto. Talvez ficar com Levi. Cath fitou o rapaz.

Continuava sentado na cama dela, comendo o que devia ser a segunda barrinha de mirtilo. Usava jeans e camiseta pretos. Devia trabalhar no Olive Garden também.

– Você é garçom? – ela perguntou.

– Atualmente? Não.

– Trabalha numa loja da Lancôme?

Ele riu.

– Como?

– Tô tentando entender por que você se veste todo de preto às vezes.

– Vai ver eu sou bem gótico e obscuro – ele sorriu –, mas só em alguns dias.

Cath não conseguia imaginá-lo sendo gótico e obscuro; tinha a expressão mais sorridente que ela já vira. Sorria de orelha a orelha. A testa vincava, os olhos fechavam. Até as orelhas participavam do movimento: entortavam feito as de um cachorro.

– Ou talvez eu trabalhe na Starbucks.

Ela resmungou.

– *Jura?*

– Juro – ele respondeu, ainda sorrindo. – Um dia você vai precisar de plano de saúde e não vai mais tirar sarro de quem trabalha na Starbucks.

Levi e Reagan viviam fazendo isso – lembrando-a de quão nova e inocente ela era. Reagan era apenas dois anos mais velha. Nem tinha idade para beber. Não legalmente. (Não que isso importasse no campus, onde havia bebida em todo lugar. Wren já tinha identidade falsa. “Você pode pegar emprestada”, dissera a Cath. “Diga que usa megahair”.)

Cath não sabia quantos anos Levi tinha. Parecia ter idade suficiente para beber, mas talvez fosse só o cabelo...

Não que ele fosse careca. Nem chegava perto de ser calvo. (Ainda.)

Mas os fios de cabelo uniam-se num pico no meio da testa, depois se retraíam, dramaticamente, acima das têmporas. E em vez de deixar o cabelo para frente para minimizar o efeito – ou em vez de desistir e cortar bem curto, como faz a maioria dos rapazes –, Levi puxava tudo para trás, numa onda loira lambuzada. E vivia bagunçando tudo, chamando ainda mais atenção para sua testa ampla e marcada. Era o que fazia naquele momento.

– No que está trabalhando? – ele perguntou, passando os dedos pelo cabelo e coçando a nuca.

– Em como estudar em silêncio.

Cath postara apenas um capítulo de *Vá em frente, Simon* naquela semana, e isso era apenas a metade do que costumava publicar.

Ela sempre publicava alguma coisa em sua página no FanFixx à noite – se não um capítulo inteiro, pelo menos um parágrafo no blog.

Os comentários foram amigáveis a semana toda... “Como você tá?”, “Vim só dar uma olhada.”, “Mal posso esperar pelo próximo post!”, “Ah! Cadê meu Baz diário?”. Mas, para Cath, pareciam pedidos.

Ela costumava ler e responder a todo comentário feito para suas histórias – comentários eram como estrelinhas douradas, como buquês em 1º de Maio –, mas desde que *Vá em frente*, Simon deslanchara no ano anterior, a coisa toda ficou grandiosa demais para Cath controlar. Ela passara a ter de cinquenta a mil cliques por capítulo. Regularmente.

Então o principal dos maiores fansites, o Fic-sation, elegeu *Vá em frente* como “a história do oitavo livro” – e a página de Cath no FanFixx foi clicada trinta e cinco mil vezes em apenas um dia.

Ela continuava tentando responder a tudo, comentários e perguntas, o máximo que podia. Mas não era mais a mesma coisa.

Não escrevia mais apenas para Wren e os amigos que conheceu no antigo fórum do Snowflakes. Não se tratava mais apenas de um grupo de meninas trocando histórias de aniversário, superação e bobagens do tipo escrevi-para-todo-mundo-morrer-de-rir...

Cath adquirira um público, uma seita. Todas aquelas pessoas que não conhecia, que esperavam coisas dela e questionavam suas decisões. Às vezes chegavam a se virar contra ela. Criticavam-na em outros fansites, dizendo que Cath era legal, mas perdera a mágica – que seu Baz era beato demais ou beato de menos, que seu Simon era um puritano, que ela pegava muito pesado com Penélope...

– Você não deve nada a ninguém – Wren diria, subindo na cama da irmã às três da manhã, fechando seu notebook. – Vai dormir.

– Já vou. É que... quero terminar essa cena. Acho que Baz vai finalmente contar ao Simon que gosta dele.

– Ele vai continuar gostando amanhã.

– É um capítulo importante.

– Você diz que todos são importantes.

– Dessa vez é diferente. – Cath disse isso o ano anterior inteiro. – É o final.

Wren tinha razão: Cath já havia escrito essa história, de Baz e Simon apaixonados, dezenas de vezes. Escrevera a cena, a fala... “Snow... Simon, eu te amo”... de cinquenta jeitos diferentes.

Mas *Vá em frente* era outra coisa.

Era a história mais longa que ela já havia escrito; já estava mais longa do que os próprios livros de Gemma T. Leslie, e Cath estava ainda no segundo terço do caminho.

Vá em frente foi escrito como se fosse o oitavo livro da série Simon Snow, como se fosse tarefa de Cath juntar todas as pontas do enredo, garantir que Simon se tornasse um Mago, redimir Baz (algo que a autora jamais faria), fazer com que os dois garotos esquecessem Agatha... Escrever todas as cenas de despedida e graduação e revelações de última hora... E

encenar a batalha final entre Simon e Humdrum, o Traíçoeiro.

Todos do fandom já estavam escrevendo histórias do oitavo livro. Todo mundo queria tirar uma casquinha do grande final antes que o último livro do Simon Snow fosse lançado, em maio.

Mas para milhares de pessoas, *Vá em frente* já era esse livro.

As pessoas ficavam dizendo para Cath que não podiam mais ver a série do mesmo jeito depois de ler o trabalho dela. (“Por que Gemma odeia Baz?”)

Alguém começara a vender camisetas no Etsy com os dizeres “Fique calmo e vá em frente”, com uma foto de Baz e Simon olhando um para o outro. Wren comprou uma dessas para Cath por seu aniversário de dezoito anos.

Cath tentara não deixar essa história toda lhe subir à cabeça. Esses personagens pertencem a Gemma T. Leslie, ela escrevia no início de cada capítulo.

– Você pertence a Gemma – dizia ela para o pôster de Baz que tinha sobre a cama. – Só estou pegando emprestado.

Se Cath ficava até tarde escrevendo, muitas noites em seguida – se ficava obcecada com os comentários ou críticas –, Wren ia até a cama dela e lhe roubava o notebook, ficando abraçada com ele até cair no sono, como se fosse um ursinho de pelúcia.

Em noites como essa, Cath podia ir ao andar de baixo e continuar escrevendo no computador do pai, se quisesse muito escrever – mas não gostava de contrariar Wren. As irmãs davam ouvidos uma à outra acima de qualquer outra pessoa.

– *Oi, gente, Cath começou a digitar no diário do FanFixx. Queria que Wren estivesse ali, para ler antes que ela postasse. – Acho que é hora de eu admitir que a faculdade é puxada. A faculdade é puxada! Ou, pelo menos, consome muito tempo! E vou acabar não atualizando tanto Vá em frente quanto costumava fazer, quanto gostaria de fazer... Mas não vou desaparecer. Prometo. E não vou desistir. Já sei como tudo isso termina, e não vou descansar até chegar lá.*

Nick virou-se em sua carteira assim que a turma foi dispensada.

– Você vai ser meu par, né?

– Vou – disse Cath, notando uma menina na fileira ao lado fitando-os desapontada. Provavelmente porque queria fazer dupla com Nick.

Os alunos precisavam formar duplas e escrever uma história juntos fora da aula, trocando parágrafos entre si. A ideia do exercício, disse a professora, era torná-los mais do que cientes de enredo e voz – e emprestar suas mentes a caminhos que não encontrariam sozinhos.

Nick queria encontrá-la no campus, na biblioteca Love. (Era esse mesmo o nome; obrigado pela doação, prefeito Don Lathrop Love.) Nick trabalhava lá algumas noites, organizando livros nas prateleiras.

Reagan ficou toda desconfiada quando viu Cath empacotando o notebook depois do jantar.

– Vai sair do quarto à noite? Você tem um *encontro*? – Ela disse isso como se fosse piada. A ideia de Cath ter um encontro.

– Vou encontrar uma pessoa pra estudar junto.

– Não volte sozinha se ficar muito tarde – Levi disse. Ele e Reagan haviam espalhado memorandos por todo o lado de Reagan no quarto.

– *Eu* volto pro quarto sozinha quase todo dia – Reagan ralhou.

– É diferente. – Levi sorriu para ela, caloroso. – Você não tem aquela pegada Chapeuzinho Vermelho. Você mete medo.

Reagan abriu um sorriso de Lobo Mau.

– Não acredito que estupradores receiam autoconfiança – disse Cath.

– Não? – Levi olhou sério para a garota. – Eu acho que eles procuram presas fáceis. As mais jovens e bobinhas.

Reagan resmungou. Cath envolveu o pescoço com um lenço.

– Não sou bobinha... – murmurou.

Levi levantou da cama de Reagan e meteu-se numa jaqueta verde pesada.

– Vamos – disse.

– Por quê?

– Vou te levar até a biblioteca.

– Não precisa – Cath protestou.

– Faz duas horas que tô aqui parado. Não ligo.

– Não, sério...

– Vai logo, Cath – disse Reagan. – Vai levar cinco minutos, e se você fosse estuprada, a culpa seria nossa. Não tenho tempo pra sofrer por isso.

– Você vem também? – Levi perguntou a Reagan.

– De jeito nenhum. Tá muito frio lá fora.

Estava *muito* frio mesmo. Cath andava o mais rápido que podia. Levi, por sua vez, por ter pernas tão longas, mal apertava o passo.

O garoto tentava conduzir uma conversa sobre búfalos. Até onde Cath sabia, Levi tinha uma aula inteira só sobre búfalos. Ele parecia capaz de formar-se exclusivamente em búfalos se houvesse tal opção. Talvez fosse *mesmo* uma opção...

A faculdade lembrava Cath constantemente de quão rural era Nebraska – algo em que ela jamais pensou antes, crescendo em Omaha, a única cidade de verdade do estado. Cath passara de carro por Nebraska algumas vezes a caminho de Colorado – vira a grama e as plantações de milho –, mas nunca pensara em nada, apenas observara. Jamais pensara nas pessoas que viviam lá.

Levi e Reagan vinham de uma mesma cidade chamada Arnold, que Reagan dizia que “fediu e lembrava esterco”.

– Terra dos deuses – Levi dizia. – De todos os deuses. Brahma e Odin iam amar o lugar.

Levi ainda falava sobre búfalos, mesmo depois que chegaram à biblioteca. Cath subiu no primeiro degrau de pedra, dando pulinhos para manter-se aquecida. Em cima do degrau, ficava quase da mesma altura que ele.

– Entende o que quero dizer? – ele perguntou.

Ela fez que sim.

– Vaca é ruim. Búfalo é legal.

– Vaca é legal – disse ele. – Bisão é *melhor*. – Então ele abriu um sorriso torto preguiçoso.

– Tudo isso é muito importante, sabia? Por isso tô te contando.

– Crucial – ela disse. – Ecossistemas. Lençóis freáticos. Víboras em extinção.

– Me ligue quando terminar, Chapeuzinho.

Não, pensou Cath, *nem tenho seu telefone*.

Levi já se afastava.

– Vou estar no seu quarto – disse ele, olhando para trás. – Liga pra lá.

A biblioteca tinha seis andares para cima e dois abaixo do solo.

Os subterrâneos, onde ficavam as prateleiras, tinham formato curioso e eram acessíveis apenas por certas escadarias; parecia até que havia estantes esmagadas embaixo de outros prédios ao redor do campus.

Nick trabalhava nas estantes do norte, numa comprida sala branca – praticamente um silo de mísseis com prateleiras. Havia um zumbido constante independente de onde a pessoa ficava, e ainda que não desse para ver entradas de ventilação, partes diferentes do cômodo tinham sua própria corrente de ar. Na mesa em que se sentaram, Nick teve que deitar uma caneta sobre o caderno para impedir que as páginas virassem.

Nick escrevia a mão.

Cath tentou convencê-lo de que seria melhor se revezassem o uso do notebook.

– Mas desse jeito não vamos diferenciar um do outro – ele disse. – Não veremos as duas mãos trabalhando.

– Não consigo pensar no papel.

– Perfeito – Nick disse. – Esse exercício tem tudo a ver com sair de si mesmo.

– Tá bom – ela suspirou. Não adiantava discutir mais; ele já tinha até afastado o notebook dela.

– Tá bom. – Nick pegou a caneta e tirou a tampa com os dentes. – Vou começar.

– Espera – Cath pediu. – Vamos falar sobre que tipo de história vamos escrever.

– Você vai ver.

– Isso não é justo. – Ela inclinou para a frente, fitando a folha de papel em branco. – Não quero escrever sobre, sei lá, cadáveres ou... gente nua.

– Então você não quer corpos em geral.

Nick escrevia numa letra cursiva rabiscada. Era canhoto, então borrava o papel com a tinta azul conforme escrevia. *Você precisava usar canetinha*, pensou Cath, tentando ler o que ele escrevia de cabeça para baixo, de frente para ele na mesa. Quando ele entregou o caderno, ela mal podia ler, mesmo na posição certa.

– Que palavra é essa? – ela perguntou, apontando.

– Retinas.

Ela está num estacionamento. Parada, sob um poste de iluminação. E seu cabelo é tão loiro que brilha nos seus olhos. Queima suas retinas um cone por vez. Ela inclina para a frente e agarra sua camiseta. E fica na ponta dos pés. Ela te procura. Tem cheiro de chá preto e cigarro de cravo – e quando a boca dela toca sua orelha, você se pergunta se ela lembra o seu nome.

– Então... – disse Cath –, vamos escrever no presente?

– Segunda pessoa – disse Nick.

Cath fez careta.

– Qual o problema? – ele perguntou. – Não gosta de histórias de amor?

Cath sentiu que ruborizava e tentou se conter. *Fique calma, Chapeuzinho*. Ela fuçou na bolsa, procurando uma caneta.

Era difícil para ela escrever sem digitar – e difícil escrever com Nick observando-a como se acabasse de entregar-lhe uma bomba relógio.

– Por favor, não conte pra mãe – ela riu.

– Que parte devo deixar de fora? – você pergunta. – O cabelo? Ou os cigarros de hipster?

Ela puxa sua camiseta com tudo, e você a empurra para trás, como se ela tivesse doze anos. E ela tem, praticamente – é tão novinha. E você está tão cansado. E o que Dave vai pensar se você for embora no primeiro encontro para tomar conta da sua irmãzinha loirinha bobinha.

– Você é um saco, Nick – ela diz. E ela balança. Balança outra vez sob a luz da rua.

Cath virou o caderno e empurrou-o para Nick.

Ele fez uma cara marota e sorriu.

– Então, seu narrador é gay... – disse ele. – E tem o meu nome...

– Adoro histórias de amor – disse Cath.

Nick ficou refletindo por alguns instantes.

E então os dois caíram na gargalhada.

Era quase como escrever com Wren – quando as duas se sentavam à frente do computador, revezando no teclado, lendo em voz alta o que a outra escrevera.

Cath sempre escrevia boa parte do diálogo. Wren era melhor no enredo e atmosfera. Às vezes, Cath escrevia todas as conversas, e Wren escrevia o contexto, decidindo onde Baz e Simon estavam e aonde iam. Certa vez, Cath escrevera o que imaginava ser uma cena de amor,

e Wren a transformara numa luta de espadas.

Mesmo depois que pararam de escrever juntas, Cath ainda seguia Wren pela casa, implorando por ajuda, sempre que não conseguia que Baz e Simon fizessem qualquer outra coisa além de conversar.

Nick não era Wren.

Era mandão e gostava de se mostrar. E também, claro, era um menino. De perto, seus olhos eram ainda mais azuis, e as sobrancelhas, quase sencientes. Ele lambia os lábios enquanto escrevia, passando a língua nos dentes da frente.

Para crédito próprio, ele aceitou a história gay quase imediatamente. Mesmo quando Cath deu ao Nick gay da ficção sobrancelhas pretas grossas e sapatos azuis.

O Nick da realidade tinha dificuldade de revezar; começara a tomar o caderno das mãos de Cath antes mesmo dela ter terminado de escrever, fazendo a caneta verde dela deslizar pelo papel.

– Espera – dizia ela.

– Não, tive uma ideia, e você vai arruiná-la.

Ela fazia de tudo para que seus parágrafos soassem como os de Nick, mas seu estilo próprio ficava vazando para o enredo. Era legal perceber que ele também tentava imitá-la.

Após algumas horas, Cath bocejava, e a história estava duas vezes mais longa do que precisava ser.

– Vamos levar um século pra digitar – ela disse.

– Então, não digite. Vamos entregar assim mesmo.

Cath fitou as páginas borradas de verde e azul.

– É nossa única cópia.

– Melhor não deixar o cachorro comer, então. – Ele fechou o zíper de seu moletom cinza e pegou a jaqueta de couro surrada. – Já é meia-noite, preciso registrar o ponto.

O carrinho de livros ao lado da mesa ainda estava lotado de volumes.

– E esses aí? – Cath perguntou.

– A menina da manhã pode guardar. Vai lembrá-la de que está viva.

Cath rasgou cuidadosamente a história do caderno de Nick e enfiou na mochila, depois o seguiu por uma escada em caracol. Não viram ninguém enquanto caminharam até o primeiro andar.

A sensação de estar com ele ficou diferente. Diferente mesmo de horas antes. *Divertido*. Cath não sentia que seu verdadeiro eu estava encoberto por oito camadas de medo e ansiedade diagnosticada. Nick andava bem ao lado dela ao subir as escadas, e conversavam como se ainda estivessem revezando o caderno.

Quando chegaram lá fora, pararam na calçada.

Cath sentiu um pouco do nervosismo vindo à tona. Ficou mexendo nos botões do casaco.

– Isso aí – disse Nick, colocando a mochila nas costas. – Vejo você na aula?

– Ahã – disse Cath. – Vou tentar não perder nossa história.

– Nossa *primeira* história – disse ele, seguindo para o caminho que levava para a saída do campus. – Boa noite!

Então Cath ficou ali ao relento. Cath mais umas cem árvores que ela nunca notara à luz do dia. As luzes da biblioteca se apagaram atrás dela; sua sombra desapareceu.

Cath suspirou e pegou o celular – havia duas mensagens de Abel, que ela ignorou –, depois ligou para o quarto, torcendo para que Reagan não estivesse dormindo.

– Alô? – atendeu a garota, após o terceiro toque. Havia música ao fundo.

– É a Cath.

– Ora, oi, Cath. Como foi seu encontro?

– Não foi... Olha, vou andando pro quarto. Vou rápido. Já tô a caminho.

– Levi saiu assim que o telefone tocou. Melhor esperar por ele aí.

– Ele não precisa vir...

– Vai ser pior se ele não te encontrar.

– Tá bom – disse Cath, desistindo. – Obrigado, então.

Reagan desligou.

Cath ficou parada embaixo do poste de iluminação, para que ele a visse, e tentou fazer cara de caçador, e não de garotinha com a cesta de bolo. Levi apareceu bem mais rápido do que ela esperava, correndo pelo calçamento. Até correndo ele parecia tranquilo.

Ela começou a andar na direção dele, pensando em economizar-lhe alguns passos.

– Catherine – disse ele, parando quando se encontraram, virando-se para andar ao lado dela. – Sã e salva.

– Esse nem é o meu nome.

– Só Cather, mesmo?

– Só Cath.

– Você se perdeu na biblioteca?

– Não.

– Sempre me perco na biblioteca – disse ele –, não importa quantas vezes eu vá. Na verdade, acho que me perco lá *mais* quanto mais eu vou. Como se ela fosse me conhecendo e revelando mais passagens.

– Você passa muito tempo na biblioteca?

– Passo, sim.

– Como isso é possível, já que você vive no meu quarto?

– Onde você acha que eu durmo? – perguntou ele. Quando ela o fitou, ele estava rindo.

Simon encaracolou-se na cama feito um filhote de unicórnio ferido, segurando o pedaço de veludo verde junto ao rosto coberto de lágrimas.

– Você tá bem? – Basil perguntou. Dava para notar que ele não queria mesmo saber. Dava para notar quão grande era o desprazer em conversar com seu inimigo de longa data.

– Me deixa em paz – Simon ralhou, engasgando com as lágrimas, odiando Basil ainda mais do que o usual. – Ela era minha mãe.

Basil franziu o cenho. Apertou os olhos cinza e cruzou os braços, como se estivesse se forçando a ficar ali. Como se tudo o que mais quisesse fazer fosse lançar outro feitiço do espirro em Simon.

– Eu sei – Basil disse, quase irritado. – Sei o que você está passando. Também perdi minha mãe.

Simon limpou o nariz sujo na manga da jaqueta e se sentou lentamente, os olhos amplos e azuis feito o Oitavo Mar. *Basil estava mentindo? Isso seria muito típico dele, maldito.*

De *Amigos para toda a vida – e além*, postado em agosto de 2006 por Magicath e Wrenegade, autoras do FanFixx.net

Seis

– *Pai, me liga.*

...

– *É a Cath de novo. Me liga.*

...

– *Pai, para de ignorar minha mensagem de voz. Você ouviu sua caixa de mensagens? Sabe fazer isso? Mesmo que não saiba, sei que você viu meu número nas chamadas perdidas. Me liga, tá?*

...

– *Pai. Me liga. Ou ligue pra Wren. Não, liga pra mim. Tô preocupada com você. Não gosto de ficar preocupada com você.*

...

– *Não me faça ligar pros vizinhos. Eles vão querer ver se você tá bem, e você não fala nada de espanhol, então vai ser embaraçoso.*

...

– *Pai?*

– *Oi, Cath.*

– *Pai. Por que não me ligou? Deixei um milhão de mensagens.*

– *Você me deixou mensagens demais. Não devia estar me ligando nem pensando em mim. Está na faculdade, agora. Vá em frente.*

– *É igual à escola, pai. Não é o caso de agora termos diferenças inconciliáveis.*

– *Filha, já assisti bastante a “Barrados no baile”. Os pais nem apareceram mais no programa depois que Brandon e Brenda foram pra faculdade. Agora é o seu momento; você precisa ir às festas da fraternidade e voltar a sair com o Dylan.*

– *Por que todo mundo quer que eu vá nas festas de fraternidade?*

– *Quem quer que você vá nas festas de fraternidade? Eu tava só brincando. Não ande com esses meninos de fraternidade, Cath, eles são terríveis. Tudo o que fazem é beber e assistir a “Barrados no baile”.*

– *Pai, você tá bem?*

– *Bem, sim, filha.*

– *Tá se sentindo sozinho?*

– *Tô.*

– *Tem se alimentado bem?*

– Sim.
– O que tem comido?
– Comida nutritiva.
– O que comeu hoje? *Nada de mentir.*
– Uma coisinha ingênua que descobri no QuikTrip: é uma salsicha enrolada em panqueca, depois cozida à perfeição dentro de um pão de cachorro quente...

– *Pai.*

– Ah, deixa disso, Cath, você me disse pra não mentir.
– Não dá pra você ir ao mercado?
– Você sabe que eu odeio ir ao mercado.
– Tem fruta pra comprar no QuikTrip.
– Ah, é?
– Sim. Peça informação.
– Você sabe que eu odeio ficar pedindo informação.
– Vai me fazer ficar preocupada com você.
– Não se preocupe comigo, Cath. Vou procurar pelas frutas.
– Isso não parece nada promissor...
– Tá bom, eu vou ao mercado.
– *Nada de mentir*; promete?
– Prometo.
– Amo você.
– Também amo você. Diga à sua irmã que a amo.

...

– *Cath, aqui é o seu pai. Sei que está tarde, e você deve estar dormindo. Espero que esteja dormindo! Mas eu tive uma ideia. Uma ótima ideia. Me liga.*

...

– *Cath? Papai de novo. Ainda tá tarde, mas eu não podia esperar pra contar. Lembra que vocês queriam fazer um banheiro no andar de cima? Seu quarto fica bem acima do banheiro. A gente podia colocar uma porta na laje. E uma escada. Seria como um atalho secreto pro banheiro. Não é uma ótima ideia? Me liga. É o pai.*

...

– *Cath! Escada, não; melhor um poste tipo de bombeiro. Você ia precisar subir de escada, mas Cath, poste de bombeiro. Acho que eu mesmo posso construir. Quer dizer, teria que arranjar o poste primeiro...*

...

– *Pai? Me liga.*

...

– *Me liga, tá?*

...

– *Pai, é a Cath. Me liga.*

Era sexta à noite, e Cath tinha o quarto inteiro só para si.

A garota tentava trabalhar em *Vá em frente, Simon*, mas sua mente continuava divagando... Na aula desse dia, a professora Piper devolvera a história que ela escrevera com Nick. A professora preencher a margem com *As* e desenhara uma pequena caricatura de si mesma gritando “AHHHHH!”.

Pediu para algumas das duplas – as que se saíram melhor – que lessem suas histórias em voz alta durante a aula. Cath e Nick foram os últimos, trocando parágrafos de modo que sempre lessem o que o outro tinha escrito. Causaram muitas risadas. Provavelmente porque Nick agia como se estivesse recitando Shakespeare no parque. Cath estava com as bochechas e a nuca em chamas quando eles foram se sentar.

Depois da aula, Nick estendeu o dedo mindinho para ela. Quando ela fitou o gesto, ele disse:

– Vai, vamos fazer um trato.

Ela envolveu o dedinho dela com o dele e o apertou.

– Parceiros, automaticamente, sempre que precisarmos; fechado? – Os olhos dele eram tão profundos que tornavam tudo o que ele dizia ainda mais intenso.

– Fechado – disse Cath, desviando o olhar.

– Caramba – disse Nick, soltando a mão dela. – A gente manda muito bem!

– Acho que ela gastou todos os *As* no nosso trabalho – disse Cath, seguindo-o para fora da sala. – As pessoas só vão receber *B+* por uns oito anos por nossa causa.

– Devíamos fazer isso de novo. – Subitamente, ele se virou, ao lado da porta.

Cath esbarrou no quadril dele antes que pudesse parar.

– Já fizemos um juramento – ela disse, dando um passo para trás.

– Não foi isso que quis dizer. Não para um trabalho. A gente devia fazer porque foi legal. Saca?

Foi legal. Foi a noite mais divertida que Cath tivera desde... bom, desde que chegara ali, sem dúvida.

– É – disse ela. – Beleza.

– Trabalho terças e quintas à noite – ele disse. – Quer repetir na terça? Na mesma hora?

– Claro.

Desde então, ela não conseguia pensar em outra coisa. Imaginava sobre o que escreveriam. Queria contar tudo a Wren. Tentara ligar para ela mais cedo, mas a irmã não atendera. E já eram quase onze da noite...

Cath pegou o celular e digitou o número de Wren.

Ela atendeu.

– Oi, irmãzinha!

– Oie! Pode falar agora?

– Posso, irmãzinha – disse Wren, rindo.

– Tá na rua?

– Tô no décimo andar do Schramm Hall. É aqui que... os turistas todos vêm quando visitam o Schramm Hall. É o mirante. *Veja o mundo do quarto de Tyler...* é o que dizem os cartões postais.

A voz de Wren estava calorosa e líquida. O pai costumava dizer que as filhas tinham a mesma voz, mas Wren rodava a 33 rpm, e Cath, a 45... Mas naquele momento ela soava diferente.

– Você tá bêbada?

– Eu *tava* bêbada – Wren respondeu. – Agora acho que tô outra coisa.

– Tá sozinha? Cadê a Courtney?

– Ela tá aqui. Acho que tô sentada no colo dela.

– Você tá bem, Wren?

– Sim-sim-sim, irmãzinha. Por isso atendi o telefone. Pra dizer que tô legal. Assim você me deixa quieta um pouquinho. Certinho?

Cath sentiu que fechava a cara. Mais por dor do que preocupação.

– Só liguei pra conversar sobre o pai. – Ela gostaria de não usar tanto a palavra “só”. Era o que entregava seu lado passivo-agressivo, como alguém que se contorce ao mentir. – E outra coisa. Coisa... de menino.

Wren riu.

– Coisa de menino? Simon vai sair do armário pra Agatha de novo? Ou o Baz transformou ele em vampiro? De novo? Eles tão passando a mão no cabelo um do outro loucamente? Ou você chegou de novo naquela parte em que Baz chama ele de “Simon” pela primeira vez, porque essa é sempre difícil... Sempre soam os alarmes.

Cath tirou o telefone de perto do rosto, de modo que não tocasse sua orelha.

– Vai se ferrar – sussurrou. – Só queria saber se você tava bem.

– Bem-bem – disse Wren, cantarolando. Depois desligou.

Cath largou o celular sobre a mesa e afastou-se dele. Como se fosse algo que pudesse morder.

Wren deve estar bêbada. Ou chapada.

Wren nunca... nunca faria isso.

Ela nunca mexera com Cath sobre Simon e Baz. Simon e Baz eram...

Cath levantou-se para apagar a luz. Sentiu os dedos gelados. Tirou as calças com pressa e subiu na cama.

Depois, levantou-se de novo para checar se a porta estava trancada, e espiou pelo olho

mágico o corredor vazio.

Sentou-se na cama. E levantou-se outra vez.

Abriu o notebook, ligou-o, depois fechou-o.

Wren deve estar chapada. Ela nunca faria isso.

Ela sabia o que Simon e Baz eram. O que significavam. Simon e Baz eram...

Cath deitou-se na cama e chacoalhou os pulsos, esfregando-os sobre o edredom, depois enrolou as mãos nos cabelos acima das têmporas, até senti-los puxar.

Simon e Baz eram intocáveis.

– Isso aqui tá uma chatice hoje – disse Reagan, fitando, carrancuda, a porta do refeitório.

Reagan sempre ficava mal-humorada nas manhãs de fim de semana (quando estava por perto). Bebia demais e dormia de menos. Ela não havia tirado a maquiagem ainda, naquela manhã, e ainda fedia a cigarro e suor. *Boa e velha Reagan*, Cath pensou.

Mas Cath não estava preocupada com Reagan, não como se preocupava com Wren. Talvez porque Reagan lembrasse o Lobo Mau – e Wren lembrasse Cath, mas com um corte de cabelo mais legal.

Uma garota passou pela porta; ela usava moletom vermelho do *Husker Football* e calça *skinny*. Reagan suspirou.

– Que foi? – Cath perguntou.

– Todo mundo fica idêntico em dia de jogo. Não dá pra ver suas verdadeiras caras feias e deformadas... – Ela fitou Cath. – O que você vai fazer hoje?

– Me esconder no quarto.

– Você tá com cara de que precisa de ar puro.

– Eu? – Cath quase engasgou com o sanduíche de carne. – E você tá com cara de que precisa de um novo DNA.

– Eu tenho essa cara porque estou viva – disse Reagan. – Porque vivo experiências. Você entende?

Cath fitou Reagan e não pôde conter um sorriso.

Reagan tinha delineador ao redor dos olhos. Tipo uma Kate Middleton da pesada. E ainda que fosse maior do que a maioria das meninas – quadril largo, seios fartos, ombros amplos –, ela caminhava como se tivesse exatamente o tamanho desejado por todo mundo. E todo mundo caía na jogada – inclusive Levi, e todos os outros caras que ficavam de bobeira no quarto delas enquanto Reagan terminava de se arrumar.

– Você não fica com essa aparência – disse Reagan, apontando para a própria cara de dia seguinte – escondida o fim de semana inteiro no quarto.

– Já notei.

– Vamos fazer alguma coisa hoje.

– Hoje tem jogo. A única coisa inteligente a fazer é se esconder no quarto e bloquear a porta.

– Você tem alguma roupa vermelha? – Reagan perguntou. – Se vestirmos vermelho, a gente pode andar pelo campus e conseguir bebida de graça.

O celular de Cath tocou. Ela o fitou. Wren. Ela apertou o botão de ignorar.

– Tenho que escrever hoje – ela disse.

Quando voltaram ao quarto, Reagan tomou um banho e passou maquiagem novamente, sentada na mesa, com um espelhinho de mão.

Ela saiu e voltou algumas horas depois com sacolas da Target e um rapaz chamado Eric. Depois, saiu de novo e não voltou até o pôr do sol. Sozinha, dessa vez.

Cath ainda estava sentada em sua escrivaninha.

– Chega! – Reagan quase gritou.

– Gente – disse Cath, virando-se para ela. Seus olhos demoraram um pouco para conseguir focar um objeto que não fosse uma tela de computador.

– Troque de roupa – disse Reagan. – E não discuta comigo. Não vou mais jogar esse joguinho com você.

– Que joguinho?

– Você é uma ermitã deprimida, e isso me deixa louca. Troque de roupa. A gente vai jogar boliche.

Cath riu.

– Boliche?

– Ah, tá bom – disse Reagan. – Como se boliche fosse mais patético do que tudo que você faz.

Cath afastou-se da mesa. A perna esquerda estava dormente. Ela teve que chacoalhá-la.

– Nunca joguei boliche. Que roupa tenho que pôr?

– Nunca jogou boliche? – Reagan ficou estupefata. – As pessoas não jogam boliche em Omaha?

Cath deu de ombros.

– Gente bem velha, talvez.

– Use qualquer roupa. Ponha alguma coisa que não tenha a cara do Simon, assim as pessoas não vão achar que seu cérebro parou de se desenvolver quando você tinha sete anos.

Cath vestiu sua camiseta do *Vá em frente* e calça jeans, e refez o rabo de cavalo.

Reagan fez careta.

– Você precisa usar o cabelo assim? Tem alguma coisa a ver com mórmons?

– Não sou mórmon.

– Eu disse alguma coisa a ver.

Alguém bateu à porta, e Reagan atendeu.

Levi estava ali, em pé, praticamente saltitando. Vestia camiseta branca, na qual ele mesmo havia desenhado, com canetinha, o colarinho e botões na frente, além de um bolso no peito, no qual escrevera *O Rei do Strike* em letras bonitas.

– E aí, bora? – disse ele.

Reagan e Levi eram feras do boliche. Aparentemente, havia pista de boliche em Arnold. Mas não era tão legal quanto aquela.

Os três eram os únicos menores de quarenta anos a jogar naquela noite, o que não impediu que Levi conversasse com absolutamente todo mundo do recinto. Conversou com o cara que lustrava os sapatos, os casais das pistas ao lado, todo um grupo de mães de alguma liga que o devolveram com o cabelo bagunçado e uma caneca de cerveja...

Reagan agia como se não notasse.

– Acho que tem um bebê ali no canto que você esqueceu de beijar – Cath disse.

– Cadê o bebê? – Ele pareceu interessado.

– Não – disse ela. – Eu tava só...

Só.

Levi colocou a caneca na mesa. Equilibrava mais três copos na outra mão; deixou que caíssem na mesa, e todos pousaram sem tombar.

– Por que faz isso?

– O quê? – Ele serviu cerveja e deu para ela. Ela pegou sem nem pensar, depois devolveu, com cara de nojo.

– Se esforça tanto pra ser legal com as pessoas?

Ele sorriu – mas já estava sorrindo, então isso significa que sorriu ainda mais.

– Você acha que eu devia ser mais como você? – ele perguntou, depois olhou carinhosamente para Reagan, que fazia uma careta (um tanto voluptuosa) para onde voltavam as bolas. – Ou como ela?

Cath revirou os olhos.

– Tem que haver um meio termo legal.

– Eu sou legal – disse ele –, então deve ser isso.

Cath comprou um refrigerante para ela no bar e ignorou a cerveja. Reagan pegou dois pratos de nachos com molho. Levi comprou três porções imensas de pickles apimentado que estava tão azedo que fez todo mundo chorar.

Reagan ganhou a primeira partida. Depois, Levi levou a segunda. Então, numa terceira, ele convenceu o rapaz que ficava atrás do balcão a acionar a adaptação para crianças, por causa de Cath. Ela ainda não tinha feito nenhum *strike*. Levi venceu de novo.

Com o dinheiro que lhe restara, Cath comprou sanduíches de sorvete para os três na máquina.

– Eu sou mesmo o Rei do Strike – disse Levi. – Tudo que escrevo na minha camiseta vira

realidade.

– Vai virar realidade mesmo hoje à noite, no Muggsy’s – disse Reagan. Levi riu e amassou o papel do sanduíche para arremessar nela. O jeito que sorriram um para o outro fez Cath desviar os olhos. Eram tão entrosados. Como se conhecessem um ao outro por inteiro. Reagan era mais doce e mais malvada com Levi do que jamais fora com Cath.

Alguém puxou o cabelo de Cath, e seu queixo foi jogado à frente.

– Você vai com a gente, né? – Levi perguntou.

– Aonde?

– Pro Muggsy’s. A noite é uma criança.

– Assim como eu – disse Cath. – Não consigo entrar em bares.

– Você estará com a gente – disse ele. – Ninguém vai te barrar.

– É isso mesmo – disse Reagan. – O Muggsy’s é pra desistentes da faculdade e alcoólatras acabados. O pessoal do primeiro ano nunca tenta entrar.

Reagan colocou um cigarro na boca, mas não acendeu. Levi tomou-o e pôs em seus lábios.

Cath quase disse sim.

Em vez disso, fez que não.

Quando Cath voltou para o quarto, pensou em ligar para Wren.

Acabou ligando para o pai. Ele parecia cansado, mas ainda não começara o projeto de trocar a escada por um poste, então já estava de bom tamanho. E comeria dois pratos congelados no jantar.

– Que escolha saudável – disse Cath, tentando soar encorajadora.

Ela leu um pouco do material da aula. Depois ficou até tarde trabalhando em *Vá em frente*, até que os olhos arderam e ela soube que pegaria no sono assim que fosse para a cama.

– Palavras são muito poderosas – disse a Srta. Possibelf, passando delicadamente entre as fileiras de carteiras. – E elas ganham ainda maior poder conforme são faladas... Quanto mais são ditas e lidas e escritas, em combinações específicas, consistentes. – Ela parou perante a carteira de Simon e cutucou-a com um pequeno cetro adornado por uma joia. – Acima, acima e adiante – disse claramente.

Simon viu o chão afastar-se de seus pés. Agarrou-se nos cantos da carteira, derrubando uma pilha de livros e folhas soltas. Do outro lado da sala, Basilton ria.

A Srta. Possibelf cutucou Simon no pé com seu cetro:

– Segurem seus cavalos!

E a carteira do menino flutuou a um metro do chão.

– A chave para lançar um feitiço – disse ela – é acessar esse poder. Não apenas dizer as palavras, mas convocar seu significado... Agora – disse ela –, abram seus livros *Palavras mágicas* na página quatro. E fique calmo aí, Simon. Por favor.

Capítulo 3, *Simon Snow e o Herdeiro do Mago*, copyright Gemma T. Leslie, 2001

Sete

Quando Cath viu o nome de Abel aparecer no celular, ela pensou primeiro que fosse mensagem de texto, mesmo que o aparelho obviamente estivesse vibrando.

Abel nunca ligava.

Trocavam e-mails. Mandavam mensagens – e isso apenas tarde da noite. Mas nunca *conversavam* de fato, a não ser pessoalmente.

– Alô? – ela atendeu. Ela estava esperando no lugar de sempre do lado de fora de Andrews Hall, o prédio da aula de inglês. Estava frio demais para ficar lá fora, mas às vezes Nick aparecia antes da aula, e eles davam uma olhada nos trabalhos um do outro ou conversavam sobre a história que estavam escrevendo juntos. (Estava virando outra história de amor; Nick era o responsável por isso.)

– Cath? – A voz de Abel era grave e familiar.

– Oi – ela disse, sentindo-se melhor, de repente. Para sua surpresa. Talvez tivesse *mesmo* sentido falta dele. Continuava evitando Wren; nem tinha ido almoçar com ela desde o dia em que ela dera mancada bêbada. Talvez Cath sentisse falta de casa. – Oi! Como você tá?

– Tô bem – ele respondeu. – Ontem à noite, já tinha dito que tava legal.

– Bom. Sim. Eu sei. Mas é outra coisa falar ao telefone.

Ele pareceu surpreso.

– Foi exatamente o que a Katie falou.

– Quem é Katie?

– Katie é o motivo pelo qual eu liguei. Ela é, tipo, o único motivo pelo qual liguei.

Cath entortou a cabeça.

– Como?

– Cath, conheci outra pessoa – ele disse. Simples assim. Como se fossem personagens de telenovela.

– Katie?

– É. E, bom, ela me fez perceber que... bom, que o que a gente tem não é real.

– Como assim?

– Nosso relacionamento, Cath. Não é real.

Por que ele ficava dizendo o nome dela daquele jeito?

– Claro que é real. *Abel*. A gente tá junto faz três anos.

– Bom, mais ou menos.

– Nada de mais nem menos.

– Bom... de qualquer modo – a voz dele ficou firme –, conheci outra pessoa.

Cath virou-se de frente para o prédio e encostou a testa nos tijolos.

– Katie.

– E é mais real – ele disse. – A gente... dá certo junto, sabe? A gente conversa sobre tudo... ela também é programadora. E tirou 34 no ACT.

Cath tirara 32.

– Tá terminando comigo porque não sou inteligente o bastante?

– Não tô terminando. A gente nunca esteve junto de verdade.

– Foi isso que você disse a Katie?

– Eu disse que a gente se afastou.

– Tá – Cath ralhou. – Porque você só me liga pra terminar comigo.

Ela chutou os tijolos da parede, arrependendo-se logo em seguida.

– Tá bom. Como se você me ligasse o tempo todo.

– Eu ligaria se você quisesse.

– Ligaria?

Cath chutou a parede de novo.

– Talvez.

Abel suspirou. Parecia mais exasperado do que qualquer outra coisa – mais do que triste ou sentido.

– A gente não tem ficado junto mesmo desde o segundo ano.

Cath queria discutir com ele, mas não conseguia pensar em nada muito convincente. *Mas você me levou ao baile dos militares*, ela pensou. *Mas você me ensinou a dirigir*.

– Mas sua avó sempre faz bolo *tres leches* no meu aniversário.

– Ela tem que fazer, de todo jeito, pra confeitaria.

– *Beleza*. – Cath virou-se e encostou-se na parede. Queria conseguir chorar; só para que ele tivesse que lidar com o choro. – Entendido. Tudo entendido. A gente não terminou, mas acabou.

– Não acabou – disse Abel. – A gente pode ser amigo. Vou continuar lendo suas histórias. Katie também lê. Quero dizer, ela sempre leu. Olha que coincidência!

Cath balançou a cabeça, sem palavras.

Então Nick apareceu, vindo da lateral do prédio, e notou a presença dela como sempre fazia, olhando-a bem nos olhos e acenando com a cabeça. Cath ergueu o queixo, respondendo.

– É – disse ela, ao telefone. – Coincidência.

Nick colocara a mochila em um canteiro de plantas, e estava fuçando entre os livros e cadernos. A jaqueta estava desabotoada, então, quando ele inclinava desse jeito, ela podia meio que ver um pedacinho embaixo da camiseta. Um pedacinho. Alguns centímetros de pele clara e pelinhos escuros.

– Tenho que ir – ela disse.

– Ah – disse Abel. – Tá bom. Ainda quer fazer alguma coisa no Dia de Ação de Graças?

– Tenho que ir – ela disse, encerrando a ligação.

Cath respirou fundo. Sentia vertigens e dor de cabeça, como se alguma coisa imensa brotasse de dentro de suas costelas. Ela recostou os ombros na parede e olhou para o rosto de Nick.

Ele olhou para ela com um sorriso maroto, segurando folhas de papel na mão.

– Dá uma lida nisso? Acho que tá ruim. Ou então tá incrível. Deve tá incrível. Me diga que tá incrível, tá? A não ser que esteja ruim.

Cath mandou uma mensagem para Wren pouco antes do início da aula de literatura, escondendo o celular atrás dos ombros largos de Nick.

– *abel terminou comigo*

– *ai, nossa. que chato. quer que eu vá aí?*

– *quero. às 5?*

– *tá bom. você tá OK?*

– *acho que sim. fim da mesa de centro.*

– Você já chorou?

Estavam sentadas na cama de Cath, comendo as últimas barrinhas de proteína.

– Não – disse Cath. – Acho que nem vou chorar.

Wren mordeu o lábio. Literalmente.

– Fala – disse Cath.

– Acho que é melhor não. Nunca tinha achado que *não* dizer isso seria tão satisfatório.

– Fala logo.

– Ele não era um namorado de verdade! Você nunca gostou dele desse jeito! – Wren empurrou Cath com tanta força que ela caiu para trás.

Cath riu e se sentou, segurando as pernas com os braços.

– Mas eu realmente achava que gostava.

– Como podia achar isso? – Wren também ria.

Cath deu de ombros.

Era quinta à noite, e Wren já estava vestida para sair. Usava uma sombra verde-clara que fazia seus olhos parecerem mais verdes do que azuis, e os lábios brilhavam em vermelho. O cabelo curto estava dividido para o lado, cobrindo glamorosamente a testa.

– Sério – disse Wren –, você sabe o que é amor. Já vi você descrevê-lo de mil jeitos diferentes.

Cath fez careta.

– Isso é diferente. Isso é fantasia. É... *Simon aproximou-se de Baz, e o nome dele soou*

feito uma palavra mágica em seus lábios.

– Não é só fantasia... – disse Wren.

Cath pensou nos olhos de Levi quando Reagan o provocava.

Pensou em Nick cutucando o short, e passando a língua nos dentes.

– Não posso acreditar que o Abel me falou a nota da menina no ACT – disse ela. – O que ele quer que eu faça com isso? Que eu ofereça a ela uma bolsa de estudos?

– Você não tá nem um pouco triste? – Wren levou a mão embaixo da cama e sacudi uma caixa de barrinhas vazia.

– Tô... tô com vergonha de ter mantido isso por tanto tempo. Por ter pensado mesmo que a gente podia continuar com isso. E tô triste porque agora parece que o Ensino Médio já era de vez. Como se o Abel fosse um pedaço dessa época feliz que eu achava que podia carregar comigo.

– Lembra quando ele te deu de presente de aniversário um cabo de força pro notebook?

– Foi um bom presente – disse Cath, apontando o dedo para a irmã.

Wren pegou o dedo dela e puxou-o para baixo.

– Você pensava nele toda vez que ligava o computador?

– Eu precisava de um cabo novo. – Cath recostou-se na parede de novo, fitando a irmã. – Ele me beijou nesse dia, no nosso aniversário de dezessete anos, pela primeira vez. Ou fui eu que beijei ele.

– Foi *carregado* de paixão?

Cath riu.

– *Não*. Mas eu lembro de pensar... que ele me fez sentir segura. – Ela roçou a cabeça contra o cimento pintado. – Lembro de pensar que Abel e eu poderíamos ser como o pai e mãe e, que se Abel ficasse cansado de mim algum dia, eu sobreviveria.

Wren ainda segurava o dedo de Cath. Apertando-o. Então, ela encostou a cabeça na parede, posicionando-se como um reflexo da irmã no espelho. Cath começara a chorar.

– Bom, e foi o que aconteceu – Wren disse. – Você sobreviveu.

Cath riu e enfiou os dedos por trás das lentes para limpar as lágrimas. Wren segurou essa mão também.

– Você sabe o que eu penso sobre isso – disse.

– Fogo e chuva – Cath sussurrou. Sentiu os dedos da irmã circulando seu pulso.

– Somos invencíveis.

Cath fitou os cabelos castanhos brilhantes da irmã e a faixa prateada, a coroa cinza que circulava os olhos verdes dela.

Você é, pensou.

– Isso significa que não vai mais ter bolo *tres leches* no seu aniversário? – Wren perguntou.

– Tem outra coisa que eu quero te falar – Cath disse, antes que pudesse pensar melhor no

assunto. – Tem um, quer dizer, acho que tem... um garoto.

Wren ergueu as sobrancelhas. Mas antes que Cath pudesse dizer mais alguma coisa, elas ouviram vozes e a chave na porta. Wren soltou os pulsos de Cath, e a porta abriu. Reagan entrou com tudo e largou a bolsa no chão. E então saiu correndo pra fora antes mesmo de Levi entrar no quarto.

– Oi, Cath – disse ele, já sorrindo –, você tá... – Ele olhou para a cama e parou.

– Levi – disse Cath –, essa é minha irmã, Wren.

Wren estendeu a mão.

Os olhos de Levi estavam mais escancarados do que nunca. Ele sorriu para Wren e a cumprimentou.

– *Wren* – disse. – Que nomes mais fascinantes tem essa família.

– Nossa mãe não sabia que ia ter gêmeas – disse Wren. – E não teve vontade de inventar outro nome.

– Cather, Wren... – Levi parecia ter acabado de descobrir a América. – *Catherine*.

Cath revirou os olhos. Wren apenas sorriu.

– Espertinha, né?

– *Cath* – Levi disse, e tentou sentar-se perto de Wren, na cama, ainda que não tivesse muito espaço. Wren riu e abriu espaço, aproximando-se de Cath. Cath fez o mesmo. Contra sua vontade. *Levi não perdia tempo...*

– Não sabia que você tinha mãe – disse ele. – Nem irmã. Tá escondendo mais alguma coisa?

– Cinco primos – disse Wren. – E um bando de hamsters destinados à morte, todos chamados Simon.

Levi abriu um sorriso muito amplo.

– Ah, para com isso – disse Cath, desgostosa. – Não quero que você fique de charminho com a minha irmã; e se não tiver volta depois?

Reagan entrou no quarto novamente pela porta aberta e fitou Cath. Reparou em Wren e deu de ombros.

– Essa é sua irmã?

– Você sabia que ela tinha irmã?

– Wren, Reagan – disse Cath.

– Olá – disse Reagan, franzindo o cenho.

– Não leve nada disso pro lado pessoal – Cath disse à irmã. – Eles são assim com todo mundo.

– Bom, preciso ir. – Wren pulou da cama, toda animada. Estava usando um vestido rosa e *legging* marrom, e botas marrom de salto alto com botõezinhos verdes na lateral. As botas eram de Cath, mas esta nunca teve coragem de usá-las.

– Prazer em conhecê-los, pessoal – disse Wren, sorrindo para Reagan e Levi. – Vejo você amanhã, no almoço – disse a Cath.

Reagan a ignorou. Levi acenou. Cath acompanhou a irmã até a porta.

– Obrigada – disse.

Fechada a porta, Levi escancarou os olhos de novo. *Superazuis*.

– *Essa* é sua irmã gêmea?

– Idêntica – disse Reagan, como se tivesse uma batata na boca.

Cath fez que sim e sentou-se na escrivaninha.

– Uau. – Levi avançou sobre a cama e sentou-se ao lado dela.

– Não sei bem o que você tá pensando – disse Cath –, mas acho que é ofensivo.

– Como é que pode o fato da sua irmã gêmea ser supergata ser ofensivo pra você?

– Porque sim – disse Cath, ainda encorajada demais por Wren e, estranhamente, também por Abel, e talvez até por Nick, para ser atingida por essa fala. – Faz com que eu pense que sou a feia das duas.

– Você não é a feia das duas – Levi sorriu. – Você é tipo o Clark Kent.

Cath abriu sua caixa de e-mails.

– Ei, Cath – disse Levi, cutucando a cadeira dela. Dava para sacar a provocação no tom de voz dele. – Vai me avisar quando resolver tirar os óculos?

Agatha Wellbelove era a bruxa mais adorável de Watford. Todos concordavam – cada menino, cada menina, todos os professores... Os morcegos do campanário, as cobras dos celeiros...

Até mesmo a própria Agatha. O que se poderia pensar que minaria seu charme e beleza. Porém, Agatha, aos quatorze anos, jamais usara tal conhecimento para prejudicar ou tirar vantagem dos outros.

Ela sabia que era adorável, e compartilhava o fato como se fosse um dom. Cada sorriso dela era como o nascer do sol de um dia perfeito de verão. Agatha sabia disso. E sorria para todos que cruzavam seu caminho, como se fosse a coisa mais generosa que pudesse fazer.

Capítulo 15, *Simon Snow e as Quatro Selkies*, copyright Gemma T. Leslie, 2007

Oito

– Já começou sua cena?

Estavam no nível inferior da biblioteca, abaixo do porão, e estava mais frio do que de costume – o vento fazia a franja de Nick balançar sobre a testa. *Os caras usam o termo “franja”?*, pensou Cath.

– Por que está ventando aqui? – ela perguntou.

– Por que venta em qualquer lugar? – Nick respondeu.

Ela riu.

– Não sei. Maré?

– Cavernas respirando?

– Não é vento – disse Cath. – É a sensação que temos quando o tempo dá um passo à frente.

Nick sorriu para ela. Os lábios dele eram finos, da mesma cor da parte interna da boca.

– Esse pessoal que estuda inglês não serve pra nada – disse, franzindo o cenho. Depois, cutucou-a com o cotovelo: – *Então*. Já começou a escrever sua cena? Já deve ter terminado, né? Você é tão rápida.

– Eu pratico bastante – disse ela.

– Escrevendo?

– Sim. – Por um segundo, ela pensou em contar-lhe a verdade. Sobre Simon e Baz. Sobre um capítulo por dia e 35 mil cliques... – Escrevo um pouquinho – disse. – Todo dia, de manhã, pra me soltar. Você já começou a *sua* cena?

– Sim – disse Nick. Desenhava caracóis na margem do caderno. – Três vezes... Não sei muito bem o que fazer nesse trabalho.

A professora Piper queria que eles escrevessem uma cena com um narrador que não fosse digno de confiança. Cath escrevera a sua pelo ponto de vista de Baz. Tinha essa ideia já fazia algum tempo; talvez a transformasse numa história mais longa, algum dia, depois que tivesse concluído *Vá em frente*.

– Deve ser baba pra você – disse Cath, cutucando Nick também, mas com mais gentileza. – Nenhum dos seus narradores é confiável.

Nick deixara que ela lesse alguns dos contos dele e os primeiros capítulos de um romance que ele começara no primeiro ano. Tudo o que escrevia era sombrio – mais sujo e obscuro do que qualquer coisa que Cath conseguia escrever –, mas engraçado, mesmo assim. E estimulante, de algum modo. Nick era *bom*.

Ela gostava de se sentar ao lado dele e assistir a tudo isso de *bom* fluindo de sua mão. Ver

as piadas brotando em tempo real. Ver as palavras se ligando.

– Exatamente... – disse ele, lambendo o lábio superior. Ele mal tinha um lábio superior; era mais um traço vermelho. – É por isso que acho que preciso fazer algo especial nesse trabalho.

– Vamos lá – Cath puxou o caderno. – Minha vez.

Era sempre difícil fazer Nick largar do caderno.

A primeira noite em que trabalharam na história extracurricular, Nick aparecera com três páginas já escritas.

– Assim não vale – Cath dissera.

– Foi só um empurrão inicial – dissera ele –, pra gente se animar.

Ela pegara o caderno e escrevera por cima e entre as palavras dele, espremendo novos diálogos nas margens e riscando frases longas demais. (Às vezes, Nick abusava muito do próprio estilo.) Depois, acrescentara alguns parágrafos próprios.

Acostumara-se a escrever no papel, embora sentisse falta do teclado...

– Preciso copiar e colar – dissera ela a Nick.

– Na próxima vez – ele devolvera –, traga uma tesoura.

Passaram a se sentar um ao lado do outro quando trabalhavam juntos – melhor para ler, e escrever, durante a vez do outro. Cath aprendera a se sentar do lado direito de Nick, para que as mãos que usavam para escrever não trombassem sem querer.

Isso a fazia se sentir como se fosse a metade de um monstro de duas cabeças. Uma raça de seres de três pernas.

Fazia-a se sentir em casa.

Só não tinha certeza se Nick sentia o mesmo...

Conversavam, e muito, antes da aula e durante – Nick ficava quase de costas para a lousa. Às vezes, depois que saíam, Cath fingia que precisava passar pelo Bessey Hall, onde ficava a aula seguinte de Nick, ainda que não houvesse nada além do Bessey Hall, a não ser o campo de futebol. Felizmente, o rapaz jamais lhe perguntara aonde ela ia.

Também nunca perguntava isso quando saíam da biblioteca, à noite. Sempre paravam por um minuto nos degraus, enquanto Nick colocava a mochila nas costas e enrolava o lenço azul de flanela no pescoço. Então, ele dizia “Te vejo na aula”, e ia embora.

Se Cath soubesse que Levi estava no quarto dela, ligaria e esperaria que ele viesse buscá-la. Mas na maioria das noites ela digitava 911 no celular e corria até o dormitório com o dedo preparado para apertar o botão e ligar.

Wren estava fazendo uma dieta esquisita.

– É a Dieta da Piriguete Saudável – disse Courtney.

– É vegana – Wren esclareceu.

Era Sexta da *Fajita* no Selleck. Wren tinha o prato cheio de pimentão verde grelhado e

cebola, e duas laranjas. Fazia semanas que só comia essas coisas.

Cath a observava com cautela. Wren andava usando roupas que Cath já havia usado, então esta sabia como elas ficavam no corpo. A blusa da irmã ainda estava apertada no peito; as calças ainda ficavam justas no bumbum. Ela e Wren eram maiores atrás – Cath gostava de usar camisetas e blusas que pudesse puxar por cima do quadril, Wren gostava de usar coisas que fossem até a cintura.

– Você está igual a sempre – disse Cath. – Está igual a mim, e olha o que eu tô comendo. – Cath comia *fajitas* de carne com *sour cream* e três tipos de queijo.

– É, mas você não tá bebendo nada.

– Isso faz parte dessa Dieta da Piriguete Saudável?

– Somos piriguetes saudáveis durante a semana – disse Courtney – e piriguetes bêbadas no fim de semana.

Cath tentou fitar Wren nos olhos.

– Não sei se gostaria de aspirar a nenhum tipo de piriguete.

– Tarde demais – Wren disse, indiferente, depois mudou de assunto. – Você saiu com o Nick ontem à noite?

– Sim – disse Cath, depois sorriu. Tentou fazer expressão de malícia, mas conseguiu apenas torcer o nariz feito um coelhinho.

– Ai, Cath! – disse Courtney. – A gente tava pensando em *sem querer* passar na biblioteca algum dia, só pra poder vê-lo. Terças e quintas, né?

– Não. De jeito nenhum. Não, não e não. – Cath fitou Wren. – Não, tá? *Prometam*.

– Prometo. – Wren meteu o garfo nas cebolas. – Qual é o problema?

– Não tem problema nenhum – disse Cath. – Mas, se vocês aparecessem, ia parecer que tem problema. Vocês iam arruinar a minha estratégia de “*Ah, pode ser, você quer fazer alguma coisa? Beleza*”.

– Você tem uma estratégia? – Wren perguntou. – Isso envolve dar uns beijos?

Wren não deixava de lado essa história de beijo. Desde que Abel dera o fora em Cath, Wren insistia na ideia de correr atrás das paixões e soltar a fera interior.

– E *aquele*? – dissera ela, apontando para um cara atraente, quando estavam na fila do almoço. – Quer ficar com ele?

– Não quero ficar com um estranho – Cath respondia. – Não me interessam lábios fora de contexto.

Isso era quase totalmente verdade.

Desde que Abel terminara com ela... Desde que Nick começara a se sentar ao lado dela... Cath ficava reparando em certas coisas.

Garotos.

Caras.

Em todo lugar.

Sério – em *todo* lugar. Nas aulas. No Grêmio. No dormitório, nos andares acima e abaixo do dela. E ela jamais poderia dizer que eles lembravam os garotos do Ensino Médio. *Como podia só um ano ter feito tanta diferença?* Cath se pegava observando o pescoço e as mãos deles. Percebia a dureza no queixo, o jeito que os peitorais brotavam dos ombros, o cabelo...

As sobrancelhas de Nick seguiam até a linha onde começava o cabelo, e as costeletas morriam nas bochechas. Quando ela se sentava atrás dele, na aula, conseguia ver os músculos das costas dele flexionando por baixo da camiseta.

Até mesmo Levi tornara-se uma distração. Uma distração muito constante. Com aquele pescoço comprido e bronzeado. E a garganta, que pulava e tremia quando ele ria.

Cath parecia diferente. Antenada. Louca por meninos – ainda que nenhum daqueles caras parecessem ser *meninos*. E pela primeira vez Wren era a última pessoa com quem ela queria tratar do assunto. Todos eram a última pessoa com a qual ela queria tratar do assunto.

– Minha estratégia – disse ela a Wren – é garantir que ele não conheça minha irmã gêmea, mais bonita e magra.

– Não acho que isso ia fazer diferença – disse Wren. Cath notou que ela não pretendia discutir a questão do “mais bonita e magra”. – Parece que ele tá mais interessado na sua cabeça. E a sua cabeça é sua.

Não mesmo. E Cath não entendia isso. Elas tinham o mesmo DNA. A mesma natureza, a mesma criação. Todas as diferenças entre elas não faziam sentido.

– Vem comigo pra casa no fim de semana que vem – Cath disse abruptamente. Ela tinha conseguido carona para Omaha para aquela noite. Wren já havia dito que não queria ir.

– Sabe que o pai tá com saudade – disse Cath. – Vamos.

Wren fez que não e ficou olhando para sua bandeja.

– Já disse. Tenho que estudar.

– Tem jogo esse fim de semana – Courtney disse. – A gente não precisa ficar sóbria até segunda às onze.

– Você ligou pro pai, pelo menos? – Cath perguntou.

– A gente tem trocado e-mails – disse Wren. – Ele parece bem.

– Ele tá com saudade.

– É papel dele ficar com saudade. Ele é nosso pai.

– É – disse Cath, baixinho –, mas ele é diferente.

Wren ergueu o rosto e ficou olhando para Cath, balançando a cabeça sutilmente.

Cath fitou o próprio prato.

– Melhor eu ir. Preciso voltar pro quarto antes da aula.

Quando a professora Piper pediu que entregassem o trabalho do narrador não confiável naquela tarde, Nick pegou o trabalho da mão de Cath. Ela pegou de volta. Ele ergueu a

sobrancelha.

Cath balançou a cabeça e sorriu para ele. Foi só mais tarde que ela reparou que lhe dera um dos sorrisos de Wren. Um daqueles evangélicos.

Nick fez expressão intrigada e estudou Cath por um segundo antes de virar para a frente.

A professora pegou o papel da mão dela.

– Obrigado, Cath. – A mulher sorriu, calorosa, e afagou o ombro de Cath. – Mal posso esperar.

Nick olhou para trás ao ouvir isso. *Puxa-saco*, disse com os lábios.

Cath teve vontade de estender a mão e fazer um cafuné no cabelo dele.

Haviam se passado duas horas desde que viram a ponte levadiça trancar a fortaleza.

Duas horas discutindo de quem havia sido a culpa.

Baz fazia careta e dizia:

– Não teríamos perdido o toque de recolher se você não tivesse entrado no meu caminho.

E Simon resmungava, dizendo:

– Eu não teria que entrar no seu caminho se você não estivesse zanzando por aí, fazendo malvadezas.

Mas a verdade, Simon sabia, era que os dois haviam se empolgado tanto com a discussão que perderam noção do tempo, e teriam que passar a noite no sereno. Não havia como burlar o toque de recolher – não importa quantas vezes Baz batesse os pés e dissesse:

– Não há lugar como o nosso lar. (Esse era um feitiço do sétimo ano, de qualquer modo; não havia jeito de Baz conseguir executá-lo.)

Simon suspirou e largou-se na grama. Baz continuava resmungando e fitando a fortaleza como se fosse ainda encontrar um jeito de entrar.

– Ei – disse Simon, cutucando Baz no joelho.

– Ai. Que foi?

– Tenho uma barrinha Aero – disse Simon. – Quer metade?

Baz olhou para baixo, o rosto comprido tão cinza quanto seus olhos à luz da lua. Ele puxou o cabelo preto para trás e fez careta, sentando-se ao lado de Simon no morro.

– Qual sabor?

– Menta. – Simon tirou o doce do bolso da capa.

– Meu preferido – Baz admitiu, ressentido.

Simon abriu um sorriso amplo e branco.

– Meu também.

De “*Segredos, estrelas e barras Aero*”, postado em janeiro de 2009 por Magicath e Wrenegade, autoras do FanFixx.net

Nove

Cath tinha mais ou menos uma hora livre antes da viagem para Omaha, e ela não estava a fim de ficar sem fazer nada no quarto. Fazia o melhor dos dias de novembro. Frio e fresco, mas não congelando, sem neve. Só frio o bastante para poder vestir todas as suas roupas favoritas – cardigãs, legging e polainas.

Pensou em ir ao Grêmio para estudar, mas resolveu dar uma volta no centro de Lincoln. Cath quase nunca saía do campus; não havia muito motivo para isso. Sair do campus era como cruzar a fronteira. *O que ela faria se perdesse a carteira ou se perdesse? Teria que ligar para a Embaixada...*

Lincoln parecia muito mais cidade pequena do que Omaha. Ainda havia cinemas no centro e lojinhas. Cath passou por um restaurante tailandês e o famoso Chipotle. Parou para fuçar numa loja de bugigangas e provou todos os óleos essenciais. Havia uma Starbucks do outro lado da rua. Ela imaginou se essa era a de Levi, e um minuto depois, lá estava ela atravessando a rua.

Lá dentro tudo era como em qualquer outra Starbucks a que Cath já fora. Talvez com mais gente do tipo professoral... E com Levi movendo-se, todo atrevido, atrás da máquina de expresso, sorrindo para algo que alguém dizia em seu fone de ouvido.

Usava uma blusa preta por cima de uma camiseta branca. Parecia ter acabado de cortar o cabelo – mais curto atrás, mas ainda espetado e bagunçado na testa. Ele chamou o nome de um cliente e entregou uma bebida para um cara que parecia professor de violino aposentado. Levi parou para falar com ele. Porque era o Levi, e puxar papo era uma necessidade biológica.

– Você está na fila? – uma moça perguntou a Cath.

– Não, pode passar. – Mas então Cath resolveu que devia entrar na fila. Não era como se ela estivesse ali para observar Levi em seu ambiente natural. Ela não sabia o que tinha ido fazer ali.

– Posso ajudar? – perguntou o rapaz do caixa.

– Não, não pode – disse Levi, empurrando o rapaz para o lado. – Essa eu atendo. – Ele sorriu para ela. – Cather.

– Oi – Cath disse, revirando os olhos. Pensou que ele não a tivesse visto.

– Olha só você. Toda encapotada. Que é isso, um minhocão?

– É uma polaina.

– Você tá usando pelo menos umas quatro coisas em cima.

– Isso aqui é um lenço.

– Tá toda fofa e encapotada.

- Já saquei.
- Você veio só dizer oi?
- Não – disse ela. Ele fez careta. Ela revirou os olhos de novo. – Vim tomar café.
- Que tipo?
- Só café. Café grande.
- Tá frio lá fora. Deixa eu fazer um legal aqui pra você.

Cath deu de ombros. Levi pegou um copo e começou a jogar calda dentro. Ela esperou, atrás da máquina de expresso.

– O que você vai fazer hoje à noite? – ele perguntou. – Podia ir lá em casa. Acho que vamos fazer uma fogueira. Reagan vai vir.

– Vou pra casa – disse Cath. – Omaha.

– Ah, é? – Levi sorriu para ela. A máquina soltou um sibilo. – Aposto que seus pais ficam felizes com isso.

Cath deu de ombros de novo. Levi espalhou chantilly por cima da bebida. As mãos dele eram longas – e mais grossas que o resto dele, meio nodosas, com unhas curtas e quadradas.

– Bom fim de semana – disse ele, entregando-lhe a bebida.

– Ainda não paguei.

Levi ergueu as mãos.

– Por favor. Assim você me ofende.

– O que tem aqui? – Ela baixou o rosto por cima do copo e sentiu o aroma.

– Minha criação: Mocha Breve de Abóbora, com pouco mocha. Não tente pedir a outra pessoa; nunca vai ser parecido.

– Obrigada.

Ele sorriu de novo para ela. E ela deu um passo para trás, quase esbarrando numa estante cheia de canecas.

– Tchau – disse.

Levi passou para o cliente seguinte, sorrindo como nunca.

A menina que deu carona para Cath se chamava Erin. Ela tinha colocado um anúncio no banheiro do dormitório, dizendo que queria rachar a gasolina para ir para Omaha. Só falava do namorado que ainda morava lá e que a devia estar traindo. Cath não via a hora de chegar em casa.

Ela teve um lampejo de otimismo ao subir os degraus de casa. Alguém varrera as folhas – as pessoas que passavam a noite toda fazendo montanhas de purê de batata raramente tinham presença de espírito para varrer as folhas.

Não que o pai dela faria isso, essa coisa do purê de batata. Não era nada a cara dele.

Um poste de bombeiro no sótão. Viagens do nada. Passar três noites em claro por ter

descoberto Battlestar Galactica no Netflix... A maluquice dele era mais assim.

– Pai? – A casa estava escura. Ele devia estar em casa naquela hora; disse que chegaria em casa mais cedo.

– Cath! – Ele estava na cozinha. Ela correu para abraçá-lo. Ele a abraçou do jeito que ela esperava. Quando se afastaram, ele sorriu para ela. A-melhor-visão-do-mundo e tudo mais.

– Tá escuro aqui – ela disse.

O pai olhou ao redor da sala como se tivesse acabado de chegar lá.

– Tem razão. – Ele foi passando pelos cômodos, acendendo as luzes. Quando começou a acender os abajures, Cath desligou alguns sem ele ver. – Eu tava trabalhando num negócio...

– Pro trabalho?

– Pro trabalho – disse ele, com a cabeça no mundo da lua, acendendo um abajur que ela acabara de apagar. – Que acha de Molhovioli?

– Eu gosto. É o que vai ter no jantar?

– Não, é o cliente atual.

– Vocês conseguiram o Molhovioli?

– Ainda não. É só uma ideia. O que você acha?

– Sobre Molhovioli?

– É... – Ele tamborilava os dedos da mão esquerda contra a palma.

– Eu gosto de molho. E... o ravióli?

– Te faz sentir...

– Cheia.

– Que péssimo, Cath.

– Hm... feliz? Indulgente? Satisfeita? Duplamente satisfeita porque estou comendo duas coisas que adoro ao mesmo tempo?

– *Talvez...* – disse ele.

– Me faz imaginar o que mais ficaria ótimo com molho.

– Há! – disse ele. – Possível.

Ele começou a andar dali, e ela soube que ele tinha ido procurar o caderno.

– O que a gente vai comer mesmo no jantar? – ela perguntou.

– O que você quiser – disse ele. Depois, parou e virou-se para ela, como se estivesse tentando se lembrar de algo. – Não. Carrinho de taco. Carrinho de taco?

– Tá. Eu dirijo. Não dirijo faz meses. Em qual a gente vai? Vamos em todos!

– Deve ter pelo menos uns sete carrinhos, num raio de dois quilômetros.

– Manda ver – disse Cath. – Quero comer burritos de hoje até domingo de manhã.

Eles comeram burritos assistindo TV. O pai rabiscava, e Cath pegou o notebook. Wren deveria estar lá também com seu notebook, mandando mensagens em vez de conversar.

Cath resolveu mandar e-mail para Wren.

Queria que você estivesse aqui. O papai parece bem. Acho que ele não lava a louça desde

que a gente foi embora, não que ele tenha usado a louça, a não ser uns copos. Mas tá trabalhando. E nada está em pedaços. E tá tudo no lugar nele, sabe? Enfim. Vejo você na segunda. Se cuida. Tente não deixar ninguém te dar um boa noite, cinderela.

Cath foi para a cama à uma da manhã. Ela desceu às três para se certificar de que a porta da frente estava trancada; ela fazia isso às vezes, quando não conseguia dormir, quando as coisas não pareciam certas, no lugar.

O pai lotara a sala de estar com chamadas e esquetes. Andava ao redor delas, como se procurasse alguma coisa.

– Dormir? – ela disse.

Ele levou alguns segundos para pôr os olhos nela.

– Vou – respondeu, sorrindo gentilmente.

Quando ela desceu de novo, às cinco, ele estava no quarto dele. Dava para ouvi-lo roncar.

O pai tinha saído quando ela desceu, mais tarde, naquela manhã.

Cath resolveu dar uma olhada na bagunça. Os papéis da sala de estar haviam sido separados em seções.

Setores – ele as chamava. Eram presos com fita às paredes e janelas. Alguns pedaços tinham outros papéis presos em volta, como se as ideias explodissem. Cath deu uma olhada em todas as ideias e encontrou uma canetinha verde com a qual marcou suas favoritas. (Ela usava a verde, Wren, a vermelha.)

Ver tudo aquilo – caótico, mas organizado – a fez se sentir melhor.

Um pouco maníaco era OK. Um pouco maníaco pagava as contas e o fazia sair da cama de manhã, ficar mágico quando mais precisava.

– Fui mágico hoje, meninas – ele dizia após uma apresentação importante, e elas sabiam que isso significava lagosta no jantar, com uma para cada um e pratinhos de molho amanteigado.

Um pouco maníaco era como a casa funcionava. Um duende fiando ouro no porão.

Cath checou a cozinha. A geladeira estava vazia. O freezer estava lotado de comida pronta congelada e tortas doces. Ela encheu a lava-louça com copos sujos, colheres e xícaras de café.

O banheiro estava em boas condições. Ela deu uma olhada no quarto do pai e reuniu mais copos. Havia papéis espalhados em todo canto lá dentro, sequer estavam empilhados. Montes de correspondência, a maioria ainda fechada. Ela imaginou se ele não havia jogado toda a bagunça pro quarto antes dela chegar.

Ela não tocou em nada, a não ser na louça.

Depois, esquentou uma refeição no micro-ondas, comeu-a na pia mesmo e resolveu voltar para a cama.

A cama estava muito mais macia do que ela já sentira. E os travesseiros tinham um cheirinho tão gostoso! E ela estava com saudade dos pôsteres de Simon e Baz. Havia um do Baz de

corpo inteiro, mostrando os caninos num sorriso ameaçador, pendurado no trilho do dossel da cama de Cath. Ela se perguntou se Reagan aceitaria que ela o colocasse no quarto delas. Talvez ficasse legal dentro do armário.

Ela e o pai fizeram cada refeição, durante o fim de semana, num carrinho diferente de comida mexicana. Cath comeu *carnitas* e *barbacoa*, *al pastor* e até *lengua*. Comeu tudo coberto com molho de tomates verdes.

O pai trabalhava. Então Cath trabalhava junto, produzindo mais palavras em *Vá em frente, Simon* do que escrevera em semanas. Na noite de sábado, ainda estava acordada à uma da manhã, mas fez toda uma encenação de que ia dormir, para que o pai também fosse.

Mas ela passou mais uma ou duas horas escrevendo.

Que sensação boa era escrever num quarto só dela, numa cama só dela! Perder-se no Mundo dos Magos e não voltar. Não ouvir voz alguma em sua mente a não ser as de Simon e Baz. Nem mesmo a dela. Era por isso que Cath escrevia as histórias. Para ter esses momentos em que o mundo *deles* suplantava o mundo real. Quando ela podia simplesmente cavalgar nos sentimentos deles como uma onda, como algo flutuando morro abaixo.

Na noite de domingo, a casa toda estava coberta de papel vegetal e embrulho de burrito. Cath começou a lavar mais uma leva de copos e juntou todo o lixo deliciosamente aromático.

Tinha que encontrar sua carona no oeste de Omaha. O pai esperava à porta para levá-la, batendo com as chaves contra a perna.

Cath tentou tirar uma foto mental dele para guardar consigo, para depois. Ele tinha cabelo castanho claro, a mesma cor de Cath e Wren. A mesma textura, grosso e liso. Nariz redondo, só um pouco mais largo e longo que os delas. Os mesmos olhos. Era como se as tivesse dentro de si desde sempre. Como se os três tivessem dividido seu DNA igualmente.

Seria uma foto muito mais confortável se ele não parecesse tão triste. As chaves batiam na perna com muita força.

– Tô pronta – ela disse.

– Cath... – O jeito que ele disse isso apertou o coração dela. – Senta aqui? Tem uma coisinha rápida que preciso falar.

– Por que tenho que sentar? Não quero ter que sentar.

– Senta – ele foi em direção à mesa de jantar –, por favor.

Cath sentou-se na mesa, tentando não apoiar-se nos papéis nem desarrumá-los com um sopro.

– Não era minha intenção deixar pra agora... – disse ele.

– Fala logo – disse Cath. – Tá me deixando nervosa. – Pior do que nervosa, o estômago já tinha escalado até a traqueia.

– Andei falando com a sua mãe.

– O quê? – Cath teria ficado menos chocada se ele tivesse dito que andara falando com um fantasma. Ou um Abominável Homem das Neves. – Por quê? *Sobre o quê?*

– Não por mim – ele logo disse, como se soubesse que voltar com a esposa fosse um prospecto aterrador. – Sobre você.

– Eu?

– E Wren também.

– Pare – disse ela. – Não fale com ela sobre a gente.

– Cath... ela é sua mãe.

– Não existe evidência que comprove.

– Escuta só, Cath, você nem sabe o que eu vou dizer.

Cath começara a chorar.

– Não ligo pro que você vai dizer.

O pai decidiu continuar falando mesmo assim.

– Ela gostaria de ver você. Queria te conhecer melhor.

– *Não.*

– Querida, ela passou por muita coisa.

– Não – disse Cath. – Ela não passou por nada. – E era verdade. A mãe de Cath jamais esteve presente. – Por que estamos falando dela?

Cath ouvia as chaves do pai batendo na perna novamente, e também o fundo da mesa. Seria melhor se Wren estivesse ali. Wren não se comovia. Nem chorava. Wren não o deixaria continuar falando sobre isso.

– Ela é sua mãe – disse ele. – E acho que devia dar-lhe uma chance.

– Já demos. Quando nascemos. Não quero mais falar disso. – Cath levantou-se tão rápido que uma pilha de papéis saiu voando da mesa.

– Talvez a gente possa falar mais disso no dia de Ação de Graças – disse ele.

– Talvez a gente possa *não* falar disso no dia de Ação de Graças, assim não vamos arruinar o dia. Vai falar disso com a Wren?

– Já falei. Mandeí um e-mail.

– O que ela disse?

– Não muito. Disse que vai pensar no assunto.

– Bom, não vou pensar no assunto – disse Cath. – Não consigo nem *pensar* nesse assunto.

Ela saiu da mesa e pôs-se a juntar as coisas, precisava de algo em que se apoiar. Ele não devia ter abordado o assunto com elas separadas. Não devia nem ter falado disso com ninguém.

O trajeto até o oeste de Omaha com o pai foi um horror. E a viagem de volta a Lincoln, pior ainda.

Nada ia bem.

Foram atacados por um graveto venenoso de crista.

E depois se esconderam naquela caverna com as aranhas e seja-lá-o-que-for que mordeu o tênis de Simon, talvez um rato.

E então Baz pegou na mão de Simon. Ou talvez Simon tenha pego a mão de Baz... Enfim, foi totalmente perdoável, considerando-se os gravetos e as aranhas e os ratos.

E às vezes a gente pega na mão de alguém só para provar que ainda está vivo, e que havia outro humano junto para comprovar o fato.

Eles caminharam de volta para a fortaleza desse jeito, de mãos dadas. E tudo teria corrido bem – tudo teria corrido muito bem – se pelo menos um dos dois tivesse soltado.

Se não tivessem ficado ali no canto do Grande Gramado, segurando esse pedacinho um do outro, muito após o perigo ter passado.

De “*A ideia errada*”, postado em janeiro de 2010 por Magicath, autora do FanFixx.net

Dez

A professora Piper não tinha terminado de avaliar o trabalho do narrador não confiável (o que deixou Nick todo ranzinza e paranoico), mas queria que todos comessem a trabalhar no projeto final, um conto de dez mil palavras.

– Não deixem pra fazer no dia anterior – disse ela, sentada na mesa, balançando as pernas. – O *leitor* vai saber que vocês fizeram no dia anterior. Não estou interessada em fluxo de consciência.

Cath não sabia como manteria tudo coeso em sua mente. O projeto final, os trabalhos semanais – além das outras tarefas de casa, de todas as outras matérias. Tanto para ler, tanto para escrever. Os artigos, as dissertações, os relatórios. Além de algumas terças e às vezes quintas escrevendo com Nick. Além de *Vá em frente*. Além de e-mail e notas e comentários...

Cath sentiu como se nadasse em palavras. Afogando-se nelas, em certas noites.

– Você já se sentiu – ela perguntou a Nick, na noite de quinta – como se estivesse num buraco negro, um buraco negro reverso...?

– Uma coisa que sopra em vez de puxar?

– Uma coisa que sopra tudo pra fora – ela tentou explicar. Estava sentada na mesa de sempre, perto das prateleiras, descansando a cabeça na mochila. Dava para sentir o vento interno na nuca. – Um buraco negro reverso de palavras.

– Então, o mundo tá te sugando – ele disse – pela linguagem.

– Não tanto. Ainda não. Mas as palavras me escapam tão depressa, nem sei de onde elas saem.

– E talvez você tenha esgotado seu limite – disse ele, todo sério – e agora elas são feitas de carne e sangue.

– Agora, são feitas de ar – ela disse.

Nick olhou para ela, as sobrancelhas retas, unidas numa faixa única. Os olhos eram daquela cor que não se vê no arco-íris. Azul índigo.

– Não – disse ele. – Nunca me senti assim.

Ela riu e balançou a cabeça.

– As palavras saem de mim que nem a teia do Homem-Aranha. – Nick estendeu as mãos e tocou as palmas com os dedos do meio. – Fffffssh.

Cath tentou rir, mas acabou bocejando.

– Vamos – ele disse –, já é meia-noite.

Ela juntou os livros. Nick sempre levava o caderno. Era onde anotava tudo, afinal, e ele

trabalhava na história entre as atividades da biblioteca. (Ou reuniões, ou fossem lá o que fossem.)

Quando saíram, estava muito mais frio do que Cath esperava.

– Vejo você amanhã – disse Nick, afastando-se. – Quem sabe a Piper já terminou de corrigir.

Cath fez que sim e sacou o celular para ligar para o quarto.

– Oi – alguém disse, suavemente.

Ela deu um pulo. Era, simplesmente, Levi – encostado no poste de iluminação como o arquétipo homem-encostado-no-poste-de-iluminação.

– Você sempre sai à meia-noite – ele sorriu. – Pensei em chegar primeiro. Muito frio aqui fora pra você ficar esperando.

– Obrigada – ela disse, passando por ele, indo em direção aos dormitórios.

Levi estava estranhamente quieto.

– Então, esse aí é seu parceiro de estudo? – ele perguntou, quando estavam a meio caminho do Pound.

– É – disse Cath, de dentro do lenço. Sentiu o próprio hálito, úmido e congelante, na lâ. – Você conhece?

– Já vi ele por aí.

Cath ficou quieta. Estava frio demais para conversar, e ela, mais cansada do que de costume.

– Ele já se ofereceu pra te acompanhar até em casa?

– Nunca pedi – Cath se apressou em dizer. – Nunca te pedi também.

– É verdade.

Mais quieto. Mais frio.

O ar ferrou a garganta de Cath quando ela finalmente voltou a falar.

– Então, talvez seja melhor você não me acompanhar.

– Não seja ridícula – disse Levi. – Não foi isso que eu quis dizer.

A primeira vez que ela viu Wren naquela semana, no almoço, com Courtney, Cath só conseguiu pensar isto: então é assim que você fica quando está escondendo um segredo de mim – exatamente como sempre foi.

Cath imaginou se Wren ao menos planejava conversar com ela sobre... o assunto que o pai levantara. Pensou em quantas coisas importantes a irmã poderia não estar contando para ela. E desde quando isso acontecia? Quando Wren começara a filtrar o que contava a Cath?

Posso começar a fazer isso também, pensou Cath, *guardar segredos*. Mas Cath não tinha segredo algum, e não queria esconder nada de Wren. Não considerando que era tão gostoso, tão tranquilo, saber que quando ela estava com Wren, não tinha que se preocupar em filtrar

nada.

Ela ficou esperando uma chance de poder falar com Wren longe de Courtney, mas esta estava sempre por perto. (E sempre falando sobre as coisas mais vazias possíveis. Como se sua vida fosse uma audição para um *reality show* da MTV.)

Finalmente, após alguns dias, Cath decidiu acompanhar Wren à aula, a pé, depois do almoço, ainda que fosse ficar atrasada.

– O que foi? – Wren perguntou, assim que Courtney seguia seu feliz caminho para a aula de Economia. Começara a nevar. Uma neve úmida.

– Sabe que fui pra casa fim de semana passado... – disse Cath.

– Sei. Como tá o pai?

– Bem... ótimo, na verdade. Talvez trabalhe com Molhovioli.

– Molhovioli? Que legal.

– É, sim. E parecia bem empolgado. E nada mais. Quero dizer, tudo parecia bem.

– Eu disse que ele não precisa da gente – Wren disse.

Cath bufou.

– É claro que ele precisa da gente. Se ele tivesse um gato, estaria a um passo de viver o enredo de “Grey gardens”, acho que ele tem feito todas as refeições no QuikTrip e anda dormindo no sofá.

– Pensei que tivesse dito que ele tava ótimo.

– Bom. Pros padrões dele. Você devia vir comigo na próxima vez.

– A próxima vez vai ser o dia de Ação de Graças. Acho que vou, sim.

Cath se conteve. Estavam quase na sala de aula de Wren, e ela nem chegara ainda à parte difícil.

– O pai me disse... que já tinha te contado...

Wren expirou o ar como se soubesse o que estava vindo.

– É.

– Ele disse que você ia pensar no assunto.

– Tô pensando.

– Por quê? – Cath se esforçou muito para perguntar sem choramingar.

– Porque sim. – Wren balançou a cabeça. – Porque é a nossa mãe. E tô pensando no assunto.

– Mas... – Não é que Cath não conseguisse pensar num argumento. É que havia tantos. Os argumentos em sua mente eram como uma multidão de pessoas fugindo de um prédio em chamas, ficando todas presas na porta. – Mas ela vai bagunçar tudo!

– Ela já bagunçou tudo – disse Wren. – Não tem como abandonar a gente duas vezes.

– Tem. Tem sim.

Wren balançou a cabeça.

– Só tô pensando no assunto.

– Me conta se resolver alguma coisa?

Wren fez careta.

– Não se for te deixar assim, chateada.

– Tenho o direito de ficar chateada com coisas chatas.

– Mas eu não gosto – disse Wren, desviando o olhar da irmã, parada na porta. – Vou me atrasar.

Cath também se atrasou.

– Já somos colegas de quarto – Baz argumentou. – Eu não preciso fazer par com ele no laboratório também. Está me pedindo pra aturar uma porção mais do que justa de protagonismo juvenil.

Todas as meninas no laboratório estavam sentadas na beirada da cadeira, prontas para trocar de lugar com Baz.

– Chega de falar de mim – Snow murmurou, ruborizando-se heroicamente.

– Honestamente, professor – disse Baz, apontando a mão para Snow num gesto tipo olha-só-pra-ele. Snow pegou a varinha pela base e a apontou para o chão.

O Professor Chilblains estava irredutível.

– Sente-se, Sr. Pitch. Está me fazendo perder um tempo precioso.

Baz largou os livros sobre a mesa de Snow. Snow vestiu os óculos de proteção e os ajustou; as lentes não puderam ofuscar o azul de seus olhos nem turvar seu brilho.

– Só pra constar – Snow resmungou. – Também não quero ficar nem mais um segundo perto de você.

Garoto idiota... Baz suspirou consigo, vendo os ombros tensos de Snow, o rubor de raiva no pescoço e o naco grosso de cabelo castanho preso pelos óculos... Que é que você entende sobre querer?

De “Os quatro tipos básicos de reações químicas”, postado em agosto de 2009 por Magicath e Wrenegade, autoras do FanFixx.net

Onze

O corredor estava perfeitamente quieto. Todos que moravam no Pound Hall estavam em algum outro lugar, se divertindo.

Cath fitou a tela do computador, ouvindo a voz da professora Piper. Ficava se forçando a se lembrar da conversa toda, encenando-a repetidamente, do começo ao fim, forçando um dedo goela abaixo na memória.

Naquele dia, no começo da aula, a professora devolvera o trabalho do narrador não confiável. Todos, menos o de Cath.

– Vamos conversar depois da aula, pode ser? – disse ela a Cath, com aquele sorriso gentil e correto que ela tinha.

Cath achou que isso só poderia significar algo bom – que a professora devia ter gostado muito da história dela. Ela gostava muito de Cath, dava para perceber; Cath recebia mais daqueles sorrisos gentis do que todo mundo da turma. Mais do que Nick, até então.

E aquela cena fora a melhor que Cath escrevera em todo o semestre, ela sabia disso. Talvez a professora quisesse falar sobre o texto com mais detalhes, ou talvez fosse falar com Cath sobre ela assistir à aula avançada no semestre seguinte. (Era preciso ter permissão especial para se inscrever.) Ou talvez apenas... alguma coisa legal. *Alguma coisa*.

– Cath – disse a professora, quando todos saíram e Cath aproximou-se da mesa dela. – Sente-se.

O sorriso da professora estava mais gentil do que nunca, mas tinha algo errado. Seu olhar estava triste e pesaroso, e quando ela entregou o trabalho a Cath, havia um pequeno F vermelho escrito no canto.

Cath tomou um susto.

– Cath – disse a professora. – Não sei o que pensar do seu trabalho. Não sei mesmo o que você estava pensando...

– Mas... – disse Cath – ficou *tão* ruim assim?

A história dela podia ter sido tão pior do que as dos demais?

– Não é questão de bom ou ruim. – A professora balançou a cabeça, e seu cabelo longo e rebelde brandiu de um lado para o outro. – Isso é plágio.

– Não – disse Cath. – Eu mesma escrevi.

– Você mesma escreveu? Você é a autora de *Simon Snow e o Herdeiro do Mago*?

– Claro que não.

Por que ela estava dizendo aquilo?

- Esses personagens, todo esse universo pertence a outra pessoa.
- Mas a história é minha.
- Os personagens e o universo *fazem* a história – disse a mulher, como se implorasse a Cath que entendesse.
- Não necessariamente... – Cath podia sentir o rubor dominar-lhe as faces. Sua voz falhava.
- É, sim – disse a professora. – Necessariamente. Se alguém lhe pede que escreva algo original, não pode simplesmente roubar a história de alguém e rearranjar os personagens.
- Não roubei.
- Como chama isso?
- Chamo de emprestar – disse Cath, odiando ter que discutir com a professora Piper, desejando jamais ter que ver a expressão fria e fechada no rosto dela, mas sem conseguir parar. – Repropor. Remixar. Samplear.
- Isso é *roubo*.
- Não é ilegal. – Todos os argumentos vinham a Cath facilmente; eram a justificativa básica para o fanfiction. – Não sou dona dos personagens, mas não estou tentando ganhar dinheiro com eles.

A professora ficava balançando a cabeça, mais desapontada ainda do que parecia alguns instantes atrás. Ela passou as mãos sobre as pernas. Os dedos eram pequenos, e ela usava um anel turquesa grande e estreito que sobressaía à junta.

– Se é ilegal é irrelevante. Pedi que você escrevesse uma história original, *você*, e não tem nada de original aqui.

– Acho que você não compreende – disse Cath. Saiu como um soluço. Ela fitou o papel novamente, envergonhada, e viu a nota F.

– Acho que é você que não compreende, Cath – disse a professora, com a voz deliberadamente calma. – Queria muito que compreendesse. Isso aqui é uma faculdade; o que fazemos aqui é real. Deixei que você entrasse num curso de nível superior, e, até então, você vem me impressionando bastante. Mas esse foi um erro imaturo, e a coisa certa a fazer agora é aprender com ele.

Cath trancou a boca. Ainda queria discutir. Trabalhara tanto na história. A professora Piper dissera para que escrevessem algo que guardassem junto ao peito, e não havia nada mais próximo ao coração de Cath do que Baz e Simon...

Mas Cath simplesmente concordou e se levantou. Conseguiu soltar até um obrigada meio sem jeito, a caminho do corredor.

Pensar na conversa de novo, ali no quarto, fez Cath sentir sua pele seca e chamuscada. Ficou observando o desenho a carvão de Baz pendurado atrás do notebook. O menino aparecia sentado num trono negro, com uma das pernas sobre o braço do móvel, a cabeça tombada à frente, em lânguido desafio. O artista escrevera, no canto inferior da página, em caligrafia perfeita: *Quem você seria sem mim, Snow? Um virgem de olhos azuis que nunca deu um*

soco. E abaixo disso, *A inimitável Magicath*.

Cath pegou o telefone novamente. Ligara para Wren pelo menos umas seis vezes desde que saíra da aula. Toda vez, a ligação caía direto na caixa de mensagens. Toda vez, Cath desligava.

Se pudesse ao menos conversar com Wren, ia se sentir melhor. Wren compreenderia – provavelmente. Wren dissera, de fato, todas aquelas maldades sobre Baz e Simon semanas atrás, mas estava bêbada. Se Wren soubesse como Cath estava chateada, não daria uma de chata. Compreenderia. Puxaria Cath da beira do abismo – Wren era muito boa nisso.

Se Wren estivesse ali... Cath riu. O riso saiu misturado a um soluço. (*Mas que saco, pensou ela, por que tudo sai como soluço?*)

Se Wren estivesse ali, daria uma *Festa Kanye de Emergência*.

Primeiro, subiria na cama. Esse era o protocolo em casa. Quando as coisas ficavam intensas demais – quando Wren descobriu que Jesse Sandoz a estava traindo, quando Cath foi demitida porque sua chefe na livraria achou que ela não sorria o bastante, quando o pai passou a agir como zumbi e não melhorou –, uma delas subia na cama e fingia puxar uma alavanca imaginária, um interruptor gigante preso ao ar, e gritava:

– *Festa Kanye de Emergência!*

Então, era função da outra correr para o computador e pôr para tocar a *Playlist de Emergência do Kanye*. E as duas ficavam pulando de um canto a outro, dançando e gritando as letras de Kanye West até se sentirem melhor. Às vezes, demorava um pouco...

Estou autorizada a dar uma Festa Kanye de Emergência, Cath pensou consigo mesma, rindo novamente. (Dessa vez, saiu um pouco mais parecido com uma risada.) *Não preciso de quórum*.

Ela foi para o notebook e abriu sua *playlist* do Kanye. Havia caixas de som portáteis em uma das gavetas. Ela as pegou e ligou.

Depois, colocou o volume no máximo. Era sexta-feira à noite; não havia ninguém no prédio, talvez ninguém no campus, para ser incomodado.

Festa Kanye de Emergência. Cath subiu na cama para anunciar, mas logo desceu. Sentiu-se uma boba. Patética. (Tem coisa *mais* patética do que dar uma festa sozinha?)

Em vez disso, ela se pôs em frente às caixas e fechou os olhos, sem dançar, apenas seguindo o ritmo e sussurrando a letra. Depois do primeiro verso, já estava dançando. Kanye sempre penetrava por baixo de sua pele. Era o antídoto perfeito para qualquer grande frustração. A quantia certa de irritação, de indignação, de *o-mundo-nunca-vai-saber-quão-ridiculamente-incrível-eu-sou*. E de poesia.

Com os olhos fechados, Cath quase conseguia fingir que Wren estava dançando na outra metade do quarto, usando uma réplica de varinha de Simon Snow como microfone.

Após algumas canções, Cath não precisava mais fingir.

Se algum dos vizinhos estivesse em casa, teria ouvido a garota gritar a letra.

Cath dançou. E cantou. E dançou. Até que finalmente bateram à porta.

Droga. Vai ver os vizinhos estão mesmo em casa.

Ela abriu a porta sem ver quem era e sem abaixar o volume (*à la* Kanye), mas pronta para pedir desculpas.

Era só o Levi.

– Reagan não está – Cath gritou.

Ele disse algo, mas não alto o bastante.

– Como? – ela gritou.

– Então quem tá aí? – Levi gritou, sorrindo. Levi. Sempre sorridente. Usava uma camisa de flanela com as mangas desabotoadas nos pulsos. Não sabia nem se vestir sozinho. – Quem tá aí, ouvindo rap?

– Eu – disse Cath. Estava ofegante. Tentou não ofegar.

Ele inclinou para perto dela, para que ela não precisasse gritar.

– Isso não pode ser música da Cath. Sempre pensei que fosse do tipo que escuta música triste, indie. – Ele estava provocando; somente emergências genuínas poderiam interromper uma *Festa Kanye de Emergência*.

– Vai embora. – Cath ia fechar a porta.

Levi a segurou com a mão.

– O que você tá fazendo? – ele perguntou, rindo, empurrando a porta para trás.

Ela balançou a cabeça, sem ter nada razoável para dizer. E porque, afinal, não adiantaria; Levi nunca era razoável.

– Festa de emergência. Vai embora.

– Ah, não – disse Levi, empurrando a porta e entrando. Magro demais. Alto demais.

Cath fechou a porta depois que ele passou. Não havia protocolo para essa situação. Ela ligaria para Wren para consultá-la se houvesse chance da irmã atender o telefone.

Levi parou perante Cath, com a expressão séria (pela primeira vez; sério, pela *primeira* vez) e a cabeça acompanhando a batida.

– Então – ele disse, bem alto. – Festa de emergência.

Cath fez que sim.

E de novo. E de novo.

Levi imitou o movimento.

E então Cath desatou a rir e revirou os olhos, desviando o olhar dele, movendo o quadril de um lado a outro. Bem de leve.

E depois os ombros.

E logo estava dançando de novo. Mais presa do que antes – os joelhos e cotovelos quase presos –, mas dançando.

Quando olhou de novo para Levi, ele estava dançando também. Exatamente do jeito que ela teria imaginado, caso tivesse tentado alguma vez. Demorado e solto demais, passando os

dedos pelo cabelo. (*Velho. Já saquei. Você gosta do seu cabelo.*) Os olhos estavam praticamente brilhando de alegria. Vertendo luz.

Cath não conseguia parar de rir. Os olhos dele encontraram os dela, e ele também riu.

Então, ele passou a dançar com ela. Não perto, nada disso. Nem mais perto, na verdade – só olhando bem no rosto dela e acompanhando o ritmo.

Então, ela passou a dançar com ele. Melhor do que ele, o que era legal. Ela notou que estava mordendo o lábio superior e parou.

Em vez disso, começou a cantar o rap. Cath conseguia cantar essas músicas até de trás para frente. Levi ergueu as sobrancelhas e sorriu. Ele conhecia o refrão e cantou junto.

Dançaram até a música seguinte inteira e a seguinte também. Levi se aproximou, talvez nem de propósito, e Cath pulou para cima da cama. Ele riu e pulou para a de Reagan, praticamente batendo a cabeça no teto.

Ficaram dançando juntos, imitando os movimentos mais idiotas um do outro, quicando na ponta das camas... Era quase como dançar com Wren. (Só que não, claro. Não mesmo. Mesmo.)

E então a porta se abriu.

Cath deu um pulo para trás e caiu no colchão, quicando e rolando para o chão.

Levi gargalhava tanto que teve que encostar na parede com as duas mãos.

Reagan entrou e disse alguma coisa, mas Cath não entendeu. Ela ergueu a mão sobre a mesa e fechou o notebook, desligando a música. O riso de Levi ecoou no silêncio súbito. Cath estava totalmente sem fôlego, e dera um mau jeito no joelho.

– Que. Coisa. Mais. Maluca – Reagan disse, mais chocada do que irritada. Pelo menos Cath não achou que ela parecia irritada.

– Festa de emergência – disse Levi, pulando da cama e indo ajudar Cath. Ela se apoiou na mesa e se levantou sozinha.

– Tudo bem? – ele perguntou.

Ela sorriu e fez que sim.

– Você conhece a Cather? – Levi perguntou a Reagan, o rosto ainda sorridente de tanta diversão. – Ela solta fogo pelas ventas.

– Tem sido exatamente assim o dia inteiro – disse Reagan, soltando a bolsa e se livrando dos sapatos. – Coisas estranhas em todo canto. Vou sair. Vamos?

– Claro. – Levi virou-se para Cath. – Vamos?

Reagan olhou para Cath e franziu o cenho. Cath sentiu outro nó no estômago. Talvez fosse a cena com a professora Piper voltando à mente. Ou talvez ela não devesse ter dançado com o namorado da colega de quarto dela.

– Vamos, sim – disse Reagan. Parecia sincera.

Cath fez que não.

– Não. Tá tarde. Vou ficar só escrevendo... – Ela pegou o celular, por hábito, e o checkou.

Não vira uma mensagem de texto chegar. De Wren.

– *no muggsy's. VEM AGORA. 911.*

Cath checou a hora – Wren mandara a mensagem fazia vinte minutos, enquanto ela e Levi dançavam. Ela pousou o celular na mesa e começou a vestir as botas por cima das calças do pijama.

– Tá tudo bem? – Levi perguntou.

– Não sei... – Cath balançou a cabeça. Sentiu-se envergonhada de novo. E com medo. O estômago parecia animado por ter um novo motivo pelo qual se contorcer. – O que que é Muggsy's?

– É um bar – ele disse. – Perto do Campus Leste.

– Que Campus Leste?

Levi passou o braço por cima dos ombros dela e pegou o celular. Com cara de quem desiste de explicar.

– Eu levo você. Tô de carro.

– Levar aonde? – Reagan perguntou. Levi jogou para ela o telefone de Cath e vestiu o casaco. – Com certeza ela tá bem – disse Reagan, vendo a mensagem de texto. – Deve ter bebido demais. Comportamento obrigatório pra bicho.

– Mesmo assim, tenho que ir ver – disse Cath, pegando o telefone de volta.

– Claro que sim – Levi concordou. – 911 é 911. – Ele fitou Reagan. – Vamos?

– Se não precisar que eu vá, não vou. A gente ia encontrar a Anna e o Matt...

– Eu encontro vocês depois – ele disse.

Cath já estava ao lado da porta.

– Sua irmã tá bem, Cath – Reagan disse, quase (mas não muito) gentilmente. – Ela só tá sendo normal.

O carro de Levi era uma caminhonete. Das grandes. Como ele pagava a gasolina?

Cath não queria ajuda para entrar, mas não havia o suporte para os pés – a caminhonete estava bastante maltratada, ela notou ao se aproximar –, e teria sido muito difícil para subir, não fosse ele erguê-la pelo cotovelo.

A cabine cheirava a gasolina e grãos de café torrados. Ele estava tentando ser encorajador, pensou Cath.

– Onde fica o Campus Leste? – ela perguntou.

– Tá falando sério?

– Por que eu ia brincar numa hora dessas?

– É a outra parte do campus – disse ele. – Onde fica a Ag School.

Cath balançou a cabeça e olhou para fora da janela. Chovia e nevava desde a tarde. As luzes pareciam manchas úmidas na rua. Felizmente, Levi dirigia devagar.

– E a escola de direito – disse ele. – E tem dormitórios e uma pista de boliche perfeitamente adequada. E uma leiteria. Sério que não ouviu falar de nada disso?

Cath descansou a cabeça no vidro. O aquecedor da caminhonete ainda estava expelindo ar frio. Fazia meia hora que a mensagem fora enviada. Meia hora após o 911.

– Fica muito longe?

– Alguns quilômetros. Dez minutos daqui, talvez mais por causa do tempo. É onde ficam a maioria das salas de aula...

Cath perguntou-se se Wren estava sozinha. Onde estava Courtney? Elas não deviam estar piriguetando juntas?

– Tem um museu de tratores – disse Levi. – E uma escola de costura internacional. E a comida nos refeitórios lá é fora de série...

Não era certo. Ter uma irmã gêmea devia ser como ter um guardião só seu. Seu próprio guardião. *Melhor amiga embutida* – o pai lhes dera camisetas com esses dizeres no aniversário de treze anos delas. Ainda usavam-nas às vezes (embora nunca ao mesmo tempo) só para fazer graça. Ou ironia, ou sei lá o quê.

Qual é o sentido de ter uma irmã gêmea se você não a deixa tomar conta de você? Se não a deixa lutar por você?

– O Campus Leste é muito mais legal que o Campus da cidade. E você nem sabe que ele existe.

A luz à frente ficou vermelha, e Cath sentiu os pneus girarem sob o carro. Levi trocou de marcha, e estacionou a caminhonete com perfeição.

Tiveram que estacionar a algumas quadras de distância do bar. A rua era repleta de bares, quadra após quadra.

– Não vão me deixar entrar – disse Cath, desejando que Levi pudesse andar mais rápido. – Sou menor de idade.

– No Muggsy's eles nunca checam.

– Nunca fui num bar.

Uma dúzia de garotas espirrou para fora da porta, na frente deles. Levi pegou Cath pela manga e tirou-a do caminho.

– Eu já – disse ele. – Vai dar tudo certo.

– Não tá nada certo – disse Cath, mais para si do que para Levi. – Se estivesse, ela não ia precisar de mim.

Levi pegou-a pela manga da blusa novamente e abriu uma porta preta pesada, sem janela. Cath fitou o letreiro em *neon* acima. Apenas o *uggsy* e um trevo de quatro folhas estavam acesos. Havia um cara grandão sentado logo na entrada, num banco alto, lendo uma *Daily Nebraskan* com uma lanterninha. Ele apontou o foco da luz para Levi e sorriu.

– E aí, Levi.

Levi sorriu de volta.

– Fala, Yackle.

Yackle abriu e segurou uma segunda porta com a mão – ele nem olhou para Cath. Levi deu um tapinha no braço do cara e os dois passaram.

Estava escuro dentro do bar, lotado de gente, todo mundo bem grudado. Uma banda tocava num palco do tamanho de um sofá grande perto da porta. Cath olhou ao redor, mas não conseguiu enxergar além da multidão.

Perguntou-se onde estaria Wren.

Onde estivera 45 minutos antes?

Escondida no banheiro? Agachada contra a parede?

Tinha passado mal, tinha desmaiado? Acontecia isso às vezes... Tinha alguém por perto para ajudar? Tinha alguém por perto para machucá-la?

Cath sentiu a mão de Levi no cotovelo.

– Vem – disse ele.

Apertaram-se para passar por uma mesa alta cheia de gente tomando *shots*. Um dos caras quase caiu em cima de Cath, e Levi o afastou, com um sorriso.

– Você vem aqui bastante? – Cath perguntou, quando saíram do balcão.

– Só fica lotado desse jeito quando tem banda tocando.

Ela e Levi seguiram adiante, afastando-se do palco, aproximando-se do bar. Um movimento perto da parede captou a atenção de Cath – o jeito que uma pessoa jogou o cabelo para trás.

– Wren – disse Cath, disparando à frente. Levi a pegou pelo braço e tomou a dianteira, tentando abrir caminho.

– Wren! – Cath gritou por cima da multidão, antes de chegar perto o bastante para que a irmã escutasse. O coração pulava no peito. Ela tentava esquadrihar a situação na qual a irmã se encontrava: com um homem alto na frente, os braços dele em torno dela, prendendo-a à parede carpetada.

– *Wren!* – Cath empurrou um dos braços do cara, e ele se afastou, confuso. – Tá tudo bem?

– Cath? – Wren segurava uma garrafa de cerveja preta perto da boca, como se o braço estivesse congelado na posição. – O que você tá fazendo aqui?

– Você me pediu pra vir.

Wren fechou a cara. O rosto estava vermelho; os olhos em farol baixo.

– Não te pedi nada.

– Mandou mensagem – disse Cath, encarando o cara grandão até ele dar outro passo para trás. – *Vem pro Muggsy's. 911.*

– Droga. – Wren sacou o celular do bolso e fitou-o. Teve que se concentrar na tela por um segundo antes de conseguir focalizá-la. – Era pra Courtney. *C errado.*

– *C errado?* – Cath congelou, depois ergueu as mãos. – Tá me zoando?

– E aí? – alguém falou.

As duas olharam. Um rapaz com cara de morador de fraternidade estava ali perto, com cara marota. Ele fez um beicinho e sorriu.

– Gêmeas.

– Vai se ferrar – disse Wren, voltando-se para a irmã. – Olha, desculpa...

– Tá com algum problema? – Cath perguntou.

– *Não* – disse Wren. – Não, não...

– Que delícia – disse o rapaz.

– Então por que o 911? – Cath quis saber.

– Porque eu queria que a Courtney viesse logo. – Wren apontou para o palco com a garrafa.
– O cara de quem ela gosta tá aqui.

– Velho, vem cá ver essas gêmeas!

– 911 é pra emergências! – Cath gritou. O som estava tão alto que era *preciso* gritar, o que facilitava muito perder a cabeça.

– Acha mesmo isso legal? – Cath ouviu Levi dizer com seu tom de voz sorridente.

– Gêmeas, velho. Total fantasia, né?

– Relaxa, Cath – disse Wren, esfregando os olhos com as costas da mão. – Não liguei de verdade pro 911.

– Você entende que elas são irmãs, né? – disse Levi, mudando um pouco de entonação. – Tá falando de incesto aqui.

O outro rapaz riu.

– Não, tô falando de dar bebida pra elas até que comecem a se agarrar.

– É assim que você faz com a sua irmã? – Levi afastou-se de Cath, em direção ao rapaz e ao amigo dele. – Quem foi que te ensinou isso?

– Levi, pare. – Cath puxou-o pela jaqueta. – Isso acontece toda vez.

– Acontece toda vez? – Ele ergueu as sobrancelhas e voltou-se para o rapaz.

– Elas têm *pais*, sabia? Têm um pai. E ele não devia se preocupar com elas indo parar num bar, se rebaixando pra um pervertido que ainda toca uma assistindo *Girls Gone Wild*. Nenhum pai devia nem ter que *pensar* nisso.

O cara nem prestava atenção. Ele encarou as meninas, olhando por cima de Levi, todo chapado. Wren fez uma careta para ele, e ele fez beicinho de novo.

Levi se aproximou da mesa do rapaz.

– Não pode ficar olhando assim pra elas, só porque são gêmeas. Seu pervertido!

Outro garoto estilo fraternidade apareceu, com três cervejas, e viu a cena. Sorriu quando viu Cath e Wren.

– *Gêmeas!*

– Total fantasia – disse o primeiro cara.

Então, antes que alguém pudesse prever, o cara que estava com Wren – o grandão que a

prensava na parede – passou por Levi e golpeou o bêbado pervertido bem no queixo.

Levi olhou para o grandalhão e lhe deu um tapinha no ombro. Wren pegou-o pelo braço:

– Jandro!

Os amigos do pervertido o ajudaram a se levantar.

Levi pegou Cath pelo braço e fez Jandro entrar no meio da multidão. Este trazia Wren consigo.

– Vem – disse Levi. – Pra fora, pra fora.

Cath ouviu o pervertido xingando todo mundo.

– Ah, vai se ferrar, seu doente – Levi gritou de volta.

A turma quase praticamente espirrou pela porta da frente. O *host* se levantou:

– Tá tudo bem, Levi?

– Gente bêbada – disse Levi, balançando a cabeça. Yackle voltou para dentro do bar.

Wren já estava na calçada, gritando com o grandalhão. Jandro. *Será que ela estava saindo com ele*, pensou Cath, *ou ele só se dispunha a brigar com os outros por causa dela?*

– Não acredito que você fez isso – disse Wren. – Podia ser preso. – Ela deu um soco no braço dele, e o rapaz nem protestou.

Levi deu outro, fraquinho, como uma saudação. Tinham quase a mesma altura, mas Jandro era mais largo. O rapaz de cabelos escuros – provavelmente mexicano, Cath pensou – vestia uma camiseta vermelha.

– Quem vai ser preso? – alguém perguntou. Cath virou-se para ver. *Courtney*. Tropicando em direção a eles sobre sapatos de salto alto cor-de-rosa. – Por que vocês tão aqui fora nessa droga?

– Não estamos – disse Cath. – Já vamos embora.

– Mas eu acabei de chegar – Courtney choramingou. Ela fitou Wren: – O Noah tá aí?

– Vamos embora – Cath disse a Wren. – Você tá bêbada.

– Tô – disse Wren, erguendo a garrafa –, finalmente.

– Calma lá – disse Levi, tomando a garrafa dela e jogando-a numa lata de lixo. – Lei seca.

– Minha cerveja! – Wren protestou.

– Fala um pouco mais alto. Acho que nem todo policial da rua te escutou. – Ele sorria.

Cath não.

– Você tá bêbada – disse. – Vai pra casa.

– Não. Cath. Não vou. Tô bêbada, e vou ficar. Essa é a ideia quando a gente sai de casa. – Ela vacilou, e Courtney riu, envolvendo-a com o braço. Wren olhou para a colega de quarto e também riu.

– Tudo pra você é “a ideia” – Cath disse, baixinho. A neve açoitava suas bochechas feito cascalho. Wren tinha pedacinhos de gelo no cabelo. – Não vou deixar você sozinha desse jeito.

– Não tô sozinha – disse Wren.

– Tá tudo bem, Cath. – O sorriso de Courtney não poderia ser mais paternalista. Ou mais tingido de batom rosa. – Eu tô junto, Han Solo também – ela sorriu para Jandro, flertando –, a noite é uma criança.

– A noite é uma criança! – Wren cantarolou, deitando a cabeça no braço de Courtney.

– Não posso... – Cath balançou a cabeça.

– Tá frio demais aqui fora – Courtney disse, abraçando Wren novamente. – Vem.

– Aqui não – disse Jandro, afastando-se. Ele olhou para Cath, e por um segundo ela pensou que ele fosse dizer alguma coisa, mas ele continuou andando. Wren e Courtney foram junto. Courtney tropicava. Wren não olhou para trás.

Cath viu os três se afastando até que desapareceram sob outro letreiro em *neon* quebrado. Ela limpou o gelo das bochechas.

– E aí? – ouviu alguém dizer após um minuto frio e molhado. Levi. Ainda parado atrás dela.

– Vamos – disse Cath, fitando a calçada. Além de tudo que estava dando errado naquele momento, Levi devia achar que ela era uma imbecil. O pijama de Cath estava encharcado, e o vento os atravessava. Ela tremia.

Levi passou por ela, pegando o capuz e puxando-o por cima de sua cabeça. Ela o acompanhou até a caminhonete. Enfim percebera como estava frio; rangia os dentes.

– Eu me viro – disse ela, quando Levi tentou ajudá-la a entrar. Ela esperou que ele se afastasse antes de subir na cabina. O garoto sentou-se ao volante e deu a partida no carro, ligando o aquecedor e os limpadores de para-brisa. Ficou um pouquinho com as mãos no ventinho quente.

– Coloca o cinto – disse, após um instante.

– Ah, é, desculpa... – Cath procurou o cinto.

Ajustou-o. A caminhonete continuava parada.

– Você fez a coisa certa, sabe?

Levi.

– Não – disse Cath. – Acho que não.

– Tinha que vir aqui ver. 911 é 911.

– E depois deixei ela sair, totalmente bêbada, com um estranho e uma babaca.

– O cara não parecia estranho pra ela.

Cath quase riu. Porque ele não questionou a parte da babaca.

– Sou irmã dela. Tenho que cuidar dela.

– Não contra a vontade dela.

– E se ela desmaiar?

– Isso acontece bastante?

Cath olhou para o rapaz. O cabelo estava molhado; dava até para ver onde ele passava os dedos.

– Não quero mais falar disso – disse ela.

– Tá... tá com fome?

– Não. – Ela olhou para baixo.

A caminhonete continuava parada.

– É que eu tô com fome – disse ele.

– Você não tem que encontrar a Reagan?

– Tenho. Mais tarde.

Cath esfregou o rosto de novo. A neve em seu cabelo derretia e pingava sobre os olhos.

– Tô de pijama.

Levi colocou a marcha à ré.

– Sei aonde a gente pode ir.

O pijama não era o problema.

Levi levou-a a um posto de gasolina perto da saída da cidade. (Nada em Lincoln ficava muito longe da saída da cidade.) O lugar parecia não ter sido redecorado nunca, como se tivesse sido construído sessenta anos antes com materiais que já estavam gastos e rachados. A garçonete serviu-lhes café sem nem perguntar se queriam.

– Perfeito – Levi disse, sorrindo para ela, tirando o casaco. Ela pousou o pote de chantilly na mesa e afagou o ombro dele.

– Você vem aqui bastante? – Cath perguntou, quando a garçonete se afastou.

– Mais do que em qualquer outro lugar, eu acho. Se você pede o mexido de carne, não precisa se alimentar mais por dias... Chantilly?

Cath não costumava pedir café, mas fez que sim, e ele completou a xícara dela. Ela afastou o prato e ficou olhando para a bebida. Ouviu Levi suspirar.

– Sei como você tá se sentindo – ele disse. – Tenho duas irmãs mais novas.

– Você não sabe como eu tô me sentindo. – Cath colocou três colheres de açúcar no café. – Ela não é só minha irmã.

– Os caras fazem mesmo aquilo com vocês toda vez?

– Aquilo o quê? – Cath olhou para ele, e ele desviou o olhar.

– A coisa das gêmeas.

– Ah. Isso. – Ela mexeu o café, batendo a colher com força demasiada na xícara. – Toda vez, não. Só quando tem gente bêbada perto ou, tipo, andando na rua...

Levi balançou a cabeça.

– Que gente mais depravada.

A garçonete voltou, e Levi sorriu para ela. Previsível. Ele pediu o mexido de carne. Cath ficou só no café.

– Ela vai amadurecer – disse ele quando a garçonete se afastou. – A Reagan tem razão: é coisa de bixo.

– Também sou bixete. Não fico por aí, bêbada.

Levi riu.

– Certo. Porque anda muito ocupada dando festas de emergência. Qual era a emergência, afinal?

Cath ficou olhando para ele, que ria, e sentiu o buraco negro abrir no estômago outra vez. *A Sra. Piper. Simon. Baz. O F vermelho.*

– Ou você previa uma emergência? – ele perguntou, ainda sorrindo. – Ou tava convocando uma? Tipo dança da chuva.

– Não precisa fazer isso.

– Isso o quê?

– Tentar me alegrar. – Ela sentiu as lágrimas vindo, e a voz falhou. – Não sou uma das suas irmãzinhas.

O sorriso do garoto esmoreceu.

– Foi mal – disse ele, sem provocar mais. – Eu... pensei que você quisesse falar disso.

Cath olhou de volta para o café. Balançou a cabeça algumas vezes, ao mesmo tempo fazendo que não e evitando o fisgar que sentia nos olhos.

O mexido de carne chegou. Que bagunça de prato! Ele afastou a xícara de Cath e colocou um pouco da comida no prato dela.

Cath comeu – era mais fácil do que discutir. Discutira o dia todo e até aquele momento ninguém tinha escutado. Além disso, o mexido era muito gostoso mesmo, devia ser feito com um corte de muita qualidade, e havia dois ovos fritos por cima.

Levi colocou mais no prato dela.

– Aconteceu uma coisa na aula – disse Cath. Sem olhar para ele. Talvez fosse legal contar com um irmão mais velho, já que ela estava com falta de irmã gêmea. *Por um porto seguro e tudo mais...*

– Que aula?

– Escrita de ficção.

– Você faz essa matéria? Existe essa matéria?

– Existe essa pergunta?

– Isso tem alguma coisa a ver com aquela sua coisa com o Simon Snow?

Cath olhou para ele, ruborizada.

– Quem te falou da minha coisa com o Simon Snow?

– Não precisava que alguém me falasse. Você tem coisas do Simon Snow pra todo canto. É pior do que a minha priminha de doze anos. – Levi sorriu; parecia aliviado de poder sorrir novamente. – Reagan me contou que você escreve histórias sobre ele.

– Então foi a Reagan quem te falou.

– É nessas histórias que você vive trabalhando, né? Histórias sobre Simon Snow?

Cath não sabia o que dizer. Aquilo soou absolutamente ridículo quando Levi disse.

– Não são só histórias... – ela disse.

Ele pôs na boca uma porção imensa de mexido. O cabelo continuava molhado, pendendo (úmido, loiro) sobre os olhos.

– Ah não?

Cath fez que não. Eram só histórias, mas histórias não eram só histórias. Simon não era qualquer coisa.

– O que você sabe sobre o Simon Snow? – ela perguntou.

Ele deu de ombros.

– Todo mundo conhece Simon Snow.

– Já leu os livros?

– Vi os filmes.

Cath revirou tanto os olhos que chegou a doer. (De verdade.) (Talvez porque ela ainda estivesse beirando o choro. À beira do abismo.)

– Então você não leu os livros?

– Não sou muito de ler.

– Acho que essa foi a coisa mais idiota que você já me disse.

– Não muda de assunto – disse Levi, sorrindo mais um pouquinho. – *Você escreve histórias sobre Simon Snow...*

– Acha graça?

– Acho – disse Levi. – Mas acho legal, também. Me fala das histórias.

Cath pressionou os dentes do garfo contra o jogo americano.

– Ah, é assim... eu pego os personagens e coloco em situações novas.

– Tipo cenas apagadas?

– Às vezes. É mais como um “e se”. Tipo, e se Baz não fosse mau? E se Simon nunca encontrasse as cinco lâminas? E se fosse Agatha quem as encontrasse? E se Agatha fosse má?

– Agatha não tem como ser má – Levi argumentou, inclinando para a frente, apontando o garfo para Cath. – Ela tem “coração puro, um leão do amanhecer”.

Cath estreitou os olhos.

– Como sabe disso?

– Eu disse, eu vi os filmes.

– Bom, no meu mundo, se eu quiser que ela seja má, ela vai ser. Ou ela pode ser uma vampira. Ou pode ser até um leão de verdade.

– Simon não ia gostar muito disso.

– Simon não liga. Ele gosta do Baz.

Levi caiu na gargalhada. (*Não é sempre que as pessoas riem tanto a ponto de usarmos a palavra gargalhada, pensou Cath, mas foi isso que aconteceu.*)

– Simon não é gay – disse ele.

– No meu mundo, é.

- Mas o Baz é o nêmesis dele.
- Não tenho que seguir nenhuma das regras. Os livros originais já existem; não é minha função reescrevê-los.
- Sua função é fazer o Simon ser gay?
- Você tá perdendo o foco, preocupado com ele ser gay – disse Cath. Havia se inclinado para a frente também.
- Não dá pra não perder... – Levi deu um risinho. (Pode-se dizer que meninos dão risinhos? Cath não conseguiu pensar em outro modo de descrever.)
- A ideia de escrever fanfiction – disse ela – é poder brincar com o universo de outra pessoa. Reescrever as regras. Ou alterá-las. A história não tem que terminar quando Gemma Leslie cansar dela. Você pode ficar nesse mundo, esse mundo que você ama, quanto quiser, contanto que pense em novas histórias...
- Fanfiction – disse Levi.
- Isso. – Cath ficou embaraçada com o jeito sincero com o qual se expressou, e por como ficava empolgada quando falava sobre o assunto. Estava tão acostumada a manter segredo; acostumada a supor que as pessoas iam pensar que ela era uma maluca ou uma nerd ou uma pervertida...
- Talvez Levi achasse tudo isso. Talvez achasse legal ficar perto de gente louca e pervertida.
- Festa de emergência? – ele perguntou.
- Boa. – Ela encostou de novo as costas. – A professora pediu que a gente escrevesse uma cena com um narrador que não fosse digno de confiança. Escrevi sobre Simon e Baz... Mas ela não entendeu. Achou que plagiei.
- Cath forçou-se a usar a palavra, sentiu a angústia acordar com um contorcer do estômago.
- Mas a história era sua – disse Levi.
- *Isso*.
- Então não é exatamente plágio... – Ele sorriu para ela. Ela precisava pensar em mais palavras para descrever os sorrisos de Levi; ele tinha vários. Esse foi para fazer uma pergunta. – São suas as palavras, certo?
- Certo.
- Quero dizer, entendo por que sua professora não ia querer que você escrevesse uma história sobre Simon Snow. Não é aula de fanfiction, é de Escrita de ficção. Mas eu não chamaria de plágio. É ilegal?
- Não. Contanto que você não tente vender. A autora diz que ama fanfiction. Quero dizer, ela adora a ideia. Não lê, de fato.
- Sua professora vai te relatar?
- Como assim?
- Vai fazer um relatório pra Corte Judicial?
- Ela não falou nada disso.

– Ela teria mencionado – disse ele. – Então... tá tudo bem. – Ele brandiu o garfo, traçando uma linha reta, segurando-o como se fosse um lápis. – Não é grande coisa. É só você não entregar mais fanfiction pra ela.

Para ela, ainda era grande coisa. O estômago dela ainda doía.

– É que... ela me fez sentir tão idiota... *depravada*.

Levi riu de novo.

– Você esperava mesmo que uma professora de inglês de mais idade fosse curtir uma história gay do Simon Snow?

– Ela nem mencionou esse detalhe – Cath retrucou.

– Depravada. – Ele ergueu uma das sobrancelhas. Eram bem mais escuras que o cabelo. Escuras demais, na verdade. E arqueadas. Como se as tivesse desenhado no rosto.

Cath sentiu que sorria, embora tentasse manter os lábios e o rosto paralisados. Ela balançou a cabeça, depois olhou para a comida e deu mais uma garfada.

Levi serviu mais ovos mexidos para ela.

Zanzando pelo castelo, passando a noite toda fora, voltando de manhã, com folhas no cabelo...

Baz estava armando alguma coisa, Simon tinha certeza. Mas precisava de provas – Penélope e Agatha não levavam a sério as suspeitas dele.

– Ele está armando uma conspiração – Simon dizia.

– Ele está sempre armando uma conspiração – Penélope respondia.

– Ele está se agigantando.

– Ele está sempre se agigantando – dizia Agatha. – Ele é bem alto.

– Não é mais alto que eu.

Não era somente a conspiração e a postura, Baz estava sim armando alguma. Algo além da sua babaquice crônica. Seus olhos cinza andavam agressivos e obscuros; os cabelos negros perderam o lustre. Geralmente frio e intimidador, Baz, nos últimos dias, andava gelado e severo.

Simon o seguira ao redor das catacumbas, na noite anterior, por três horas, mas ainda não tinha encontrado provas.

Capítulo 3, *Simon Snow e as Cinco Lâminas*, copyright Gemma T. Leslie, 2008

Doze

Fazia frio demais para esperar do lado de fora, antes da aula de ficção, então Cath procurou um banco dentro do Andrews Hall e se sentou, com uma perna embaixo do corpo, e recostou-se na parede bege.

Pegou o celular e abriu uma história que vinha lendo. (Estava nervosa demais para estudar.) Cath já não lia histórias de outras pessoas sobre Simon e Baz – não queria inconscientemente imitar outro autor ou roubar suas ideias –, então quando lia alguma, era sobre Penélope. Às vezes, Penélope e Agatha. Às vezes, Penélope e Micah (o aluno norte-americano do intercâmbio que aparece no terceiro livro.) Às vezes só Penélope, totalmente sozinha, vivendo aventuras.

Parecia um ato claro de rebeldia estar lendo fanfiction sentada ali, no prédio de Inglês, esperando para encontrar a professora Piper pela primeira vez desde que conversaram. Cath chegara a considerar matar a aula naquele dia, mas supôs que essa atitude tornaria ainda mais difícil encarar a professora depois. Não dava para matar aula até o fim do semestre – melhor enfrentar a situação de uma vez por todas.

Cath já enfrentara Wren, e não fora nada ruim, como ela esperara. Almoçaram juntas duas vezes naquela semana, e nenhuma das duas mencionou a cena no Muggsy's. Talvez Wren estivesse bêbada demais para recordar os detalhes.

Courtney parecia não sacar que elas estavam tentando evitar o assunto. (A menina tinha a sutileza de uma filial da Spencers Gifts.)

– E aí, Cath – disse ela, no almoço –, quem era aquele menino loiro gatinho que tava com você na sexta à noite? Era o bonitão da biblioteca?

– Não – Cath respondeu. – Aquele é só o Levi.

– Namorado da colega de quarto dela – disse Wren, mexendo a sopa de legumes. Ela parecia cansada; não estava de rímel, e os cílios estavam pálidos e secos.

– Ah. – Courtney fez um biquinho. – Que pena. Ele é uma graça! Fazendeiro.

– Como sabe que ele veio da fazenda? – Cath perguntou.

– Carhartt – disseram as outras duas, ao mesmo tempo.

– O quê?

– A marca do casaco – Wren explicou. – Todo fazendeiro usa Carhartt.

– Confie na sua irmã – Courtney riu. – Ela conhece todos os meninos da roça.

– Mas não é ele o bonitão da biblioteca – disse Cath.

Não tem nenhum bonitão da biblioteca, pensou ela, perdendo o ponto em que estava na

leitura. *Não tenho nenhum bonitão.*

Além do mais, Cath não tinha certeza ainda se Nick era mesmo gato ou só projetava beleza. Principalmente na direção dela.

Alguém se sentou ao lado dela no banco, e Cath tirou os olhos do celular. Nick a cumprimentou com um aceno de cabeça.

– Falando no diabo... – disse ela, depois se arrependeu.

– Tava pensando em mim?

– Eu tava pensando... no diabo – ela respondeu, toda boba.

– Cabeça vazia... – disse Nick, sorrindo. Usava uma blusa azul-marinho grossa de gola rolê que o fazia parecer um marinheiro soviético. Tipo, mais do que de costume. – Então, sobre o que a Piper queria conversar com você na semana passada?

– Nada de mais. – O estômago de Cath estava tão ruim naquele dia que ela nem o sentiu se contorcer.

Nick desembrolhou um chiclete e pôs na boca.

– Era sobre você fazer a matéria avançada dela?

– Não.

– Você precisa marcar hora pra falar com ela sobre isso – disse ele, mascando. – É tipo uma entrevista. Vou vê-la semana que vem. Espero que ela me aceite como assistente.

– Ah, é? – Cath se ajustou melhor no banco. – Seria ótimo! Você mandaria muito bem.

Nick abriu um sorriso bondoso.

– É, bom. Queria ter falado com ela sobre isso antes daquele último trabalho. Foi minha pior nota nesse semestre.

– Jura? – Era difícil fazer contato visual com Nick. Os olhos dele ficavam quase enterrados debaixo das sobrancelhas; era preciso mergulhar no rosto dele. – A minha também.

– Ela disse que meu estilo é escorregadio e inacessível demais – disse ele, suspirando.

– Ela falou coisa pior sobre o meu.

– Acho que me acostumei a escrever com ajuda – disse Nick, ainda sorrindo para ela. Ainda bondoso.

– Seu carente – Cath brincou.

Nick deu de ombros.

– Vamos escrever hoje à noite?

Cath fez que sim e grudou os olhos no celular.

– Reagan não está – disse Cath, já fechando a porta.

Levi encostou o ombro na porta.

– Acho que a gente já passou disso – disse ele, entrando no quarto. Cath deu de ombros e voltou para a mesa.

Levi desabou na cama dela. Estava todo de preto – devia ter vindo do trabalho. Ela fez careta para ele.

– Ainda não consigo acreditar que você trabalha na Starbucks – disse ela.

– Qual é o problema com a Starbucks?

– É uma corporação grande e sem identidade.

Ele fez uma cara marota.

– Até o momento, eles têm me deixado manter a minha.

Cath voltou a concentrar-se no computador.

– Eu gosto do meu trabalho – disse ele. – Vejo as mesmas pessoas todo dia. Lembro do que pedem, eles gostam de que eu lembre, ficam felizes e vão embora. É tipo ser *barman*, mas sem ter que lidar com gente bêbada. *Por falar nisso...* como vai a sua irmã?

Cath parou de digitar e olhou para ele.

– Bem. Ela... tá legal. Voltou ao normal, eu acho. Obrigada, viu, por me levar. E por tudo. – Cath agradecera na noite de sexta, mas sentiu que devia mais ao rapaz.

– Deixa pra lá. Vocês conversaram bastante?

– A gente não tem dessas conversas longas – disse ela, colocando dois dedos na têmpora. – Somos gêmeas. Temos telepatia.

Levi sorriu.

– É mesmo?

Cath riu.

– Não.

– Nem um pouquinho?

– Não.

Cath voltou a digitar.

– Tá escrevendo o que hoje?

– Trabalho de Biologia.

– Nada de fanfiction secreta e sacaninha?

Cath parou novamente.

– Minha história não é secreta e, obviamente, não tem sacanagem.

Ele passou os dedos pelo cabelo, fazendo-o erguer-se no meio, como plumas cor de areia. Sem vergonha.

– O que você usa no cabelo para ele ficar assim pro alto? – ela perguntou.

Ele riu e repetiu o movimento.

– Nada.

– Nada? Nem um...

– Acho que fica assim porque eu não lavo...

Ela ficou admirada.

– Nunca?

– Mês sim, mês não.

Cath torceu o nariz e balançou a cabeça.

– Que nojo!

– Não é, não. Eu molho.

– Continua um nojo.

– Tá limpinho – disse ele. Ele inclinou a cabeça para perto dela, tocando-lhe o braço com o cabelo. O quarto era tão pequeno. – Cheira.

Ela se afastou.

– Não vou cheirar seu cabelo.

– Bom, eu cheiro, então. – Ele puxou um pedaço por cima da longa testa; os fios vieram parar na ponte do nariz. – Tem cheiro de cravo recém-moído.

– Você não mói cravo.

– Imagina como teria um cheiro docinho se eu moesse? – Levi se afastou, o que foi um alívio, até que ele pegou o travesseiro dela e começou a esfregá-lo na cabeça.

– Ah, meu Deus – ela disse –, pare. Isso é uma superviolação.

Levi ria; ela tentou tomar-lhe o travesseiro. Ele o segurava contra o peito, com as duas mãos.

– *Cather...*

– Não me chame assim.

– Lê pra mim uma das suas histórias secretas de sacanagem.

– Não tem sacanagem.

– Lê, mesmo assim.

Ela largou o travesseiro; ele já devia ter empestado tudo, era um caso perdido.

– Por quê?

– Porque tô curioso – disse ele. – E gosto de histórias.

– Você só quer tirar sarro de mim.

– Não vou, não – disse ele. – Prometo.

– É isso que você e a Reagan fazem quando eu não tô aqui, né? Tiram sarro de mim. Bagunçam meus bustos comemorativos. Me deram apelido?

Os olhos dele brilhavam.

– Cather.

– Não existo só pra divertir você, sabia?

– *Primeiro*, tem certeza? Existe, sim. E, *segundo*, a gente não tira sarro de você. Não muito. Não mais. E, *terceiro*...

Ele contava nos dedos, e as bochechas tremiam, fazendo Cath cair no riso.

– *Terceiro* – disse ele –, não vou mais tirar sarro de você, pra ninguém, a não ser você, de agora em diante, se pelo menos uma vez, nesse momento, você ler pra mim uma das suas histórias.

Cath fitou-o, séria. Um olhar muito sério. Ainda ria um pouquinho. E piscava forte. E olhava às vezes para o teto.

– Você tá curioso – ela disse.

Ele fez que sim.

Ela revirou os olhos de novo e voltou-se para o notebook. Por que não? Não tinha nada a perder. *Sim, mas a questão não é essa*, parte dela argumentou. *O que você tem a ganhar?*

Levi não ficaria impressionado com a fanfiction dela; achar legal não era o mesmo que ficar impressionado. Ele já achava ela uma esquisitona, e isso só faria ela parecer ainda mais esquisita. A mulher barbada ficava empolgada quando algum gatinho vinha assistir ao show dela?

Cath não devia desejar receber esse tipo de atenção. E Levi nem era assim tão gato. A testa ficava marcada mesmo quando ele não fazia careta. Muito sol, provavelmente.

– Tá bom – ela disse.

Ele sorriu e abriu a boca para dizer algo.

– Fica quieto. – Ela ergueu a mão esquerda. – Não me faça mudar de ideia. Só... deixa eu achar alguma coisa...

Ela abriu a pasta *Simon/Baz* no notebook e foi rolando a tela, procurando algo apropriado. Nada romântico demais. Nem sacana.

Talvez... isso. Esse serve.

– Tá bom – disse ela –, você sabe como, no sexto livro...

– Qual é o sexto?

– *Simon Snow e as Seis Lebres*.

– Tá, eu vi esse filme.

– Então, o Simon fica na escola durante o recesso de Natal porque tá tentando encontrar a sexta lebre.

– E porque o pai foi sequestrado por monstros de roupa esquisita, então nada de ceia de Natal feliz na casa dos Snow.

– Esses monstros são os Ogros da Rainha – disse Cath. – E Simon ainda não sabe que o Mago é pai dele.

– Como ele pode não saber? – Levi inquiriu. Cath foi encorajada por quão indignado ele parecia. – É tão óbvio. Por que o Mago aparece toda vez que alguma coisa importante acontece e fica todo choroso, falando sobre *como ele conheceu uma mulher que tinha os olhos do Simon*...

– Eu sei – disse Cath –, é tosco, mas eu acho que Simon quer tanto que o Mago seja o pai dele que não se deixa aceitar as evidências. Se estivesse errado, teria um colapso.

– O Basil sabe – disse Levi.

– Ah, o Baz super sabe. Acho que a Penélope sabe, também.

– *Penélope Bunce* – Levi sorriu. – Se eu fosse o Simon, eu seria todo a fim da Penélope, o

tempo todo.

– Eca. Ela é como uma irmã pra ele.

– Não é como nenhuma das minhas irmãs.

– Enfim – disse Cath. – Essa história acontece durante o recesso de Natal.

– Beleza – disse Levi –, entendi. – Ele fechou os olhos e encostou na parede, abraçado ao travesseiro de Cath. – Tá bom. Tô pronto.

Cath virou-se para o computador e pigarreou. (E logo se sentiu idiota por ter pigarreado.) Depois olhou de novo para Levi. Não acreditava que ia fazer aquilo...

Ia mesmo fazer aquilo?

– Se continuar andando assim de um lado pro outro – disse Baz –, vou prender seus pés ao piso com um feitiço.

Simon o ignorou. Estava pensando nas pistas que encontrara até o momento, tentando enxergar um padrão... a pedra em forma de coelho na torre do ritual, a lebre de vidro na catedral, o selo na ponte levadiça...

– Snow! – Baz gritou. Um livro de feitiços passou voando pelo nariz de Simon.

– Qual é o seu problema? – Simon perguntou, genuinamente surpreso. Livros voadores e feitiços malignos eram comuns nos corredores e salas de aula e, bem, em todo lugar. Mas se Baz tentasse machucar o amigo dentro do quarto deles...

– O Anátema do Colega de Quarto – disse Simon. – Você vai ser expulso.

– Por isso que eu errei. Conheço as regras – murmurou o outro, esfregando os olhos. – Sabia, Snow, que se o seu colega de quarto morre durante o ano letivo, eles te dão notas boas, só por compaixão?

– Isso é mito – Simon retrucou.

– Sorte sua eu já estar tirando notas altas.

Simon parou de andar para fitar direito o colega de quarto. Geralmente, ele gostava de fingir que Baz não estava ali. Geralmente, Baz não estava, mesmo. A não ser quando estava armando conspirações ou espionando, Baz odiava ficar no quarto. Dizia que tinha cheiro de boas intenções.

Mas Baz mal saía do quarto fazia duas semanas. Simon não o via na cafeteria nem no futebol, ele parecia absorto e distraído na sala de aula, e as camisas do uniforme – que costumavam estar sempre passadas e muito brancas – andavam sujas como as de Simon.

– Porque ele é um vampiro, Simon! – Levi vociferou.

– Nessa história – disse Cath –, o Simon ainda não sabe disso.

– Ele é um vampiro! – Levi gritou para o notebook dela. – E tá te caçando! Ele fica acordado a noite toda, vendo você dormir, tentando resolver se te devora inteiro ou aos pedaços.

– O Simon não vai te escutar – disse Cath.

Levi voltou à parede, e abraçou de novo o travesseiro dela.

– Eles são meio gays, né? Ficam se vendo dormir... e ignorando a Penélope.

– Eles são obcecados um pelo outro – disse Cath, como se essa fosse uma das verdades absolutas da vida. – O Simon passa o quinto livro inteiro seguindo o Baz a todo canto e descrevendo os olhos dele. É tipo um sinônimo pra palavra “cinza”.

– Sei não – disse Levi. – É muito difícil, pra mim, entender. É tipo ouvir dizer que o Harry

Potter é gay. Ou o menino do *Encyclopedia Brown*.

Essa fez Cath cair na gargalhada.

– Você é superfã do *Encyclopedia Brown*?

– Fica quieta. Meu pai costumava ler pra mim. – Ele fechou os olhos de novo. – Tá bom. Pode continuar.

– Tem... algum coisa errada? – Simon perguntou, já não podendo acreditar que perguntara. Ele nem ligava tanto. Se Baz dissesse que sim, Simon muito provavelmente diria “Ótimo!”. Entretanto, parecia cruel não perguntar nada. Baz podia ser o ser humano mais desprezível que Simon já encontrara... mas, mesmo assim, era um ser humano.

– Não sou eu quem está zanzando pelo quarto como um maluco hiperativo – Baz murmurou, cotovelos sobre a mesa, descansando a cabeça sobre as mãos.

– Você parece... triste.

– É, tô triste. Tô triste, Snow. – Baz ergueu a cabeça e girou a cadeira para Simon. Estava com uma aparência realmente péssima. Os olhos, profundos e vermelhos de sangue. – Passei os últimos seis anos morando com o babaca mais egoísta e insuportável que já segurou uma varinha. E agora, em vez de ir celebrar a véspera de Natal com minha querida família, tomando cidra e comendo queijo tostado, em vez de aquecer minhas mãos no meu fogo ancestral... tô bancando o figurante torturado no maldito Programa do Simon Snow.

Simon fitou o colega.

– Hoje é véspera de Natal?

– É... – Baz resmungou.

Simon contornou sua cama, tristemente. Não percebeu que era véspera de Natal. Pensara que Agatha ligaria. Ou Penélope...

Levi suspirou.

– *Penélope*.

Cath continuou lendo.

Talvez os amigos estivessem esperando que Simon ligasse para eles. Nem lhes comprara presentes. Nos últimos dias, nada parecia tão importante quanto encontrar as lebres brancas. Simon fechou o rosto quadrado. Nada era tão importante; a escola toda estava em perigo. Devia haver algum padrão que ele não estava vendo. Ele apertou o passo. A pedra na torre, a janela de vidro manchado, o sigilo, o livro do Mago...

– Desisto – Baz choramingou. – Vou lá me afogar no fosso. Diga à minha mãe que eu sei que ela sempre gostou mais de mim.

Simon parou ao lado da mesa de Baz.

– Sabe como se faz pra sair do fosso?

– Não vou me matar de verdade, Snow. Desculpe desapontá-lo.

– Não. É só que... você anda de barco às vezes, né?

– Todo mundo anda.

– Eu não – disse Simon. – Não sei nadar.

– Fala sério... – Baz assoviou, um vislumbre de seu vigor usual. – Bom, você não ia querer nadar no fosso, mesmo. Os lobos-do-mar iam te pegar.

– Por que eles não atacam os botes?

– Tiras e mastro de prata.

– Me leva pra andar qualquer dia? – Valia a pena tentar. O fosso era um dos únicos lugares na escola em que Simon ainda não havia procurado.

– Quer ir andar de barco comigo? – Baz perguntou.
– Quero – disse Simon, erguendo o queixo. – Pode ser?
– Por quê?
– Eu... quero saber como é, nunca fiz isso. Qual é o problema? É véspera de Natal, e você obviamente não tem nada melhor pra fazer. Aparentemente, até mesmo seus pais não te suportam.

Baz levantou-se, subitamente, os olhos prateados reluzindo perigosamente sob as sombras das sobrancelhas.

– Você não sabe nada dos meus pais.

Simon deu um passo para trás. Baz se aproximara alguns centímetros (por hora), e quando Baz se impunha, parecia muito perigoso.

– Eu... olha, desculpa – disse Simon. – Me leva?

– Tá bom. – O arroubo de raiva e energia já se dissipara. – Pegue seu casaco.

Cath olhou para Levi. Continuava de olhos fechados. Após um segundo, abriu um deles.

– Acabou?

– Não – ela disse. – Só não sabia se queria que eu continuasse. Quer dizer, já deu pra ter uma ideia.

Levi fechou os olhos e fez que não.

– Não seja boba. Continua.

Cath fitou-o por mais um segundo. As linhas da testa e a penugem de barba loira ao longo do queixo. A boca era pequena, mas curva. Como a de uma boneca. Ela imaginou se ele tinha dificuldade para abri-la bastante ao comer uma maçã.

– Sua maluquice deve ser contagiosa – Baz reclamou, desatando uma corda.

Os botes ficavam estocados e amarrados durante o inverno. Simon nem pensara no frio...

– Fica quieto – disse, enfim. – Vai ser divertido.

– Esse é o problema, Snow. Desde quando a gente se diverte juntos? Nem sei o que você faz pra se divertir. Clareamento dos dentes, suponho. Matar dragões sem motivo nenhum...

– A gente já se divertiu juntos, sim – Simon argumentou. Porque não sabia fazer outra coisa com Baz senão discutir, e porque certamente Baz estava errado. Em seis anos, eles deviam ter se divertido juntos. – Teve aquela vez no terceiro ano em que a gente lutou contra a quimera juntos.

– Eu tava tentando atrair você pra ela – disse Baz. – Pensei que fosse escapar do bicho, mas ele atacou.

– Mesmo assim, foi divertido.

– Eu tava tentando te matar, Snow. E, a propósito, tem certeza de que quer fazer isso aqui? Sozinho comigo? Num bote? E se eu te jogar pra fora? Podia deixar os lobos-do-mar resolverem todos os meus problemas...

Simon fez um biquinho.

– Não acho que vá fazer isso.

– E por que não? – Baz jogou longe o que restava da corda.

– Se você quisesse mesmo se livrar de mim – Simon disse, reflexivo –, já teria conseguido. Ninguém teve mais oportunidades. Não acho que me machucaria, a não ser que fosse parte de um dos seus grandes planos.

– Talvez este seja meu grande plano – disse Baz, empurrando um dos botes, com um gemido.

– Não – disse Simon. – Este é meu.

– Aleister Crowley, Snow, vai me ajudar ou não?

Os garotos carregaram o bote até a água; Baz trouxe o mastro sem dificuldade. Simon notou, pela primeira vez, a placa de prata na ponta.

– Guerra de bola de neve – disse ele, seguindo Baz, até que soltaram o bote na água.

– Como?

– A gente fez várias guerras de bola de neve. Isso era divertido. E guerra de comida. Aquela vez que joguei molho no seu nariz...

– E quando eu pus sua varinha no micro-ondas.

– Você acabou com a cozinha – Simon riu.

– Pensei que só fosse inchar, tipo marshmallow.

– Não havia por que pensar isso...

Baz deu de ombros.

– Não coloque a varinha no micro-ondas: lição aprendida. A não ser que seja a do Snow. E o micro-ondas do Snow.

Simon parou sobre o deque, tremendo. Não pensara nem um pouco em como faria frio lá fora. Ou na ideia de que teria realmente que entrar no bote. Ele olhou para a água escura e fria do fosso e pensou ter visto algo pesado e obscuro se movendo abaixo da superfície.

– Anda. – Baz já estava dentro do barco. Cutucou o ombro de Simon com o mastro. – O grande plano é seu, lembra?

Simon fechou a cara e entrou. O bote afundou com o peso dele, e o garoto vacilou para a frente.

Baz riu.

– Acho que vai ser divertido mesmo – disse, afundando o mastro na água e empurrando. Baz parecia perfeitamente confortável ali; uma sombra negra comprida na ponta do bote, mais elegante e gracioso do que nunca. Ele aprumou os ombros, à luz da lua, e Simon o viu respirar longa e profundamente. Parecia ter mais energia do que tivera em semanas.

Mas Simon não estava ali para observar Baz – só Deus sabia que, para tanto, ele tinha muita oportunidade. Simon virou-se, pesquisou o entorno do fosso, vendo as entranhas da parede de pedra e o ladrilho que encontrava a água.

– Devia ter trazido a lanterna... – disse.

– Pena que não é mago – Baz respondeu, conjurando uma bola de fogo azul, para depois lançá-la na cabeça de Simon. Este se esquivou e a pegou. Baz sempre fora melhor em magia do fogo. Convencido.

O ladrilho brilhou contra a luz.

– Podemos chegar mais perto da parede? – Simon pediu. Baz obedeceu, suavemente.

Mais perto, Simon pôde ver que havia um mosaico que descia até debaixo d'água. Batalhas entre magos. Unicórnios. Símbolos e glifos. Não dava para dizer até onde descia... Baz guiou-os lentamente ao longo da parede, e Simon manteve a luz ao alto, gradualmente inclinando para fora do bote, para enxergar melhor.

Esquecera-se da presença de Baz de um modo que não se permitiria fazer fora da proteção do quarto. Simon nem notou, de início, quando o bote, aos poucos, parou. Quando olhou para trás, Baz tinha se aproximado dele. Estava curvado sobre ele, pintado de azul pelo próprio fogo conjurado, os dentes à mostra e o rosto rígido, de decisão e desgosto...

A porta abriu com tudo.

Reagan sempre abria a porta com tudo assim que a destrancava; havia pegadas empoeiradas por todo o corredor. Ela entrou e largou as bolsas no chão.

– Oi – disse, olhando para eles.

– Shiiu – Levi sussurrou. – Cath tá lendo fanfiction.

– É mesmo? – Reagan olhou para os dois com mais interesse.

– Não, não – disse Cath, fechando o notebook. – Já acabei.

– Não. – Levi se inclinou e abriu o computador. – Não pode parar bem no meio do ataque

do vampiro.

– Vampiro? – Reagan disse. – Parece superinteressante!

– Tenho que terminar o trabalho de Biologia – disse Cath.

– Anda – disse Reagan para Levi. – Fisio das plantas. Vamos fazer?

– Vamos – ele resmungou, deslizando para fora da cama de Cath. – Posso usar seu telefone?

Cath entregou o celular ao rapaz, e ele digitou um número. Seu bolso traseiro começou a entoar uma canção do Led Zeppelin.

– Continua – disse ele, para ela. – Beleza?

– Claro – disse Cath.

– Biblioteca? – Reagan perguntou.

– Hi-Way Diner. – Levi pegou a mochila e abriu a porta. – Fanfiction me dá vontade de comer mexido de carne.

– Té mais – Reagan disse a Cath.

– Té mais – disse Cath.

Levi enfiou a cabeça porta adentro, no último minuto, para mandar um grande sorriso.

Se você quisesse conhecer outros fãs de Star Trek em 1983, tinha que entrar em fã-clubes por carta ou participar de uma convenção de Trekkies...

Quando os leitores se apaixonaram por Simon em 2001, a comunidade de fãs se encontrava à distância do teclado mais próximo.

O mundo dos fãs de Simon Snow explodiu na internet – e continua explodindo. Há mais sites e blogs devotados a Simon do que aos Beatles e Lady Gaga combinados. Encontram-se histórias, arte, vídeos, além de discussão e conjeturas intermináveis.

Gostar de Simon não é coisa que se faça sozinho ou uma vez por ano numa convenção – para milhares de fãs de todas as idades, gostar de Simon Snow é quase um estilo de vida.

Jennifer Magnuson, “A tribo do Simon”, *Newsweek*, 28 de outubro de 2007

Treze

Cath não estava tentando fazer amizades.

Em alguns casos, ela tentava ativamente *não* fazer novos amigos, embora não mantivesse a aspereza por muito tempo. (Nervosa, tensa e um pouco misantrópica? Sim. Rude? Jamais.)

Mas todos ao redor de Cath – todos nas salas de aula e dormitórios – estavam *mesmo* tentando fazer amigos, e às vezes ela tinha de ser rude para não dar corda.

A vida no campus era tão previsível, uma rotina sobreposta a outra. Você via as mesmas pessoas enquanto escovava os dentes e um grupo diferente das mesmas pessoas em cada disciplina. As mesmas pessoas passavam por você todo dia pelos corredores... Em pouco tempo, você cumprimentava a todos. E logo estava dando *oi*. E acabava que alguém puxava assunto, e você simplesmente tinha que dar corda.

O que Cath podia dizer? “Pare de falar comigo”? Ela não era uma Reagan.

Foi assim que ela começou a andar com T.J. e Julian na aula de História norte-americana, e Katie, uma aluna não muito tradicional que tinha dois filhos, na de Ciência política. Havia uma menina legal na aula de Escrita de ficção chamada Kendra, e ela e Cath passavam uma hora estudando juntas no Grêmio nas manhãs de terças e quintas, então fez sentido sentarem-se juntas.

Nenhuma dessas amizades espalhava-se pela vida pessoal de Cath. T.J. e Julian não a convidavam para fumar maconha com eles, ou para ir jogar *Batman Arkham City* no Playstation 3.

Ninguém nunca convidava Cath para sair ou ir a festas (exceto Reagan e Levi, que eram mais como patrocinadores do que amigos). Nem mesmo Nick, com quem Cath vinha escrevendo regularmente, duas vezes por semana.

Enquanto o calendário social de Wren era muito tumultuado, Cath sentia que até ligar para a irmã era uma interrupção. Cath achava que elas haviam superado a catástrofe no bar, mas Wren andava ainda mais irritada e distante do que estivera no começo do ano. Quando Cath tentava ligar, Wren estava sempre de saída, e nunca dizia à irmã aonde estava indo.

– Não preciso que você apareça para me fazer uma lavagem estomacal em lugar nenhum – Wren dizia.

De certo modo, sempre fora desse jeito.

Wren sempre fora a social. A amigável. A que era convidada para *quinceañeras* e festas de aniversário. Mas antes – no Ensino Fundamental e no Médio – todos sabiam que, se convidassem Wren, Cath viria junto. Eram um pacote, até nos bailinhos. Havia três anos de

fotos, tiradas em cada baile de formatura, de Cath e Wren ao lado de seus pares, sob um arco de balões ou em frente a uma cortina cheia de glitter.

Eram um pacote, e ponto. Desde sempre.

Chegaram a ir juntas até fazer terapia, depois que a mãe as deixou. O que pareceu esquisito quando Cath lembrou. Principalmente considerando a diferença na reação de cada uma – Wren, expansiva; Cath, introspectiva. (Brutal e desesperadamente introspectiva. Estilo “Viagem ao centro da Terra”.)

A professora do terceiro ano – elas sempre estavam na mesma turma, na escola, desde o prezinho – achava que elas estavam tristes por causa dos terroristas...

Porque a mãe saiu de casa no Onze de Setembro.

Aquele Onze de Setembro.

(Cath ainda achava isso incrivelmente embaraçoso; era como se a mãe fosse tão egocêntrica que não se podia esperar que ela não profanasse uma tragédia nacional com os próprios problemas.)

Cath e Wren foram mandadas para casa mais cedo nesse dia, e os pais já estavam brigando quando elas chegaram lá. O pai estava chateado, e a mãe chorava... E Cath achou, no começo, que fosse por conta do World Trade Center, a professora lhes contara sobre os aviões. Mas não era isso, não exatamente...

A mãe ficava dizendo “Cansei, Art, cansei. Estou vivendo a vida errada”.

Cath saiu e se sentou nos degraus dos fundos, e Wren sentou-se ao lado dela, segurando sua mão.

A briga não terminava nunca. E quando o presidente passou voando por cima delas naquela tarde a caminho da base da Força Aérea, o único avião no céu, Cath pensou que talvez o mundo todo fosse acabar.

A mãe saiu de casa mesmo uma semana depois. Abraçou as meninas na varanda da frente, beijou-lhes as bochechas repetidamente e prometeu que as veria em pouco tempo, que só precisava de um tempo para se sentir melhor, para se lembrar de quem realmente era. O que não fez muito sentido para Cath e Wren. *Você é a nossa mãe.*

Cath não conseguia se lembrar de tudo o que aconteceu depois.

Lembrava-se de chorar muito na escola. De se esconder junto de Wren durante o recreio. Ficar de mãos dadas no ônibus. Arranhar um menino nos olhos por ele ter dito que elas eram namoradas. Wren nunca chorava. Ela roubava coisas e escondia embaixo do travesseiro. Quando o pai trocou as roupas de cama pela primeira vez – só depois do dia dos namorados –, encontrou lápis do Simon Snow, batons e um CD da Britney Spears.

Então, em coisa de uma semana, Wren cortou o vestido de outra menina com tesouras escolares, e Cath molhou as calças na aula de Estudos sociais porque teve medo de levantar a mão para pedir para ir ao banheiro; a professora chamou o pai delas e lhe deu o cartão de um psicólogo infantil.

Ele não contou ao psicólogo que a mãe os deixara. Até para a avó, ele foi contar só depois das férias de verão. Ele não sabia se ela ia voltar... E estava um desastre só.

Os três estavam um desastre só.

Levaram anos para melhorar, então, e daí se algumas coisas não voltassem ao normal? Pelo menos, conseguiam manter-se em pé.

A maior parte do tempo.

Cath fechou o livro de Biologia e abriu o notebook. Ler era quieto demais – ela precisava escrever.

Ficou admirada quando o celular tocou. Ela o fitou por um segundo antes de atender, tentando reconhecer o número.

– Alô?

– Oi. É o Levi.

– Oi?

– Vai ter uma festa aqui em casa hoje à noite.

– Sempre tem festa na sua casa.

– Então, você vem? A Reagan vem.

– O que eu vou fazer na sua festa, Levi?

– Se divertir – disse ele, e ela pôde até ouvir o sorriso.

Cath preferia evitar. “Não beber. Não fumar. Não ficar chapada.”

– Você pode conversar com o pessoal.

– Não gosto de conversar com gente bêbada.

– Só porque as pessoas vão beber não quer dizer que vão ficar bêbadas. Eu não vou ficar.

– Não preciso ir à festa pra conversar com você. A Reagan pediu pra você me convidar?

– Não. Não exatamente. Não desse jeito.

– Divirta-se aí na sua festa, Levi.

– Espera. Cath.

– O quê? – Ela respondeu como se estivesse aborrecida, mas não estava. Não muito.

– O que você tá fazendo?

– Tentando escrever. E você, o que tá fazendo?

– Nada – disse ele. – Acabei de sair do trabalho. Talvez você podia terminar de ler aquela história pra mim...

– Qual história? – Ela sabia qual era a história.

– A história do Simon Snow. O Baz vampiro tava prestes a atacar o Simon.

– Quer que eu leia pra você pelo telefone?

– Por que não?

– Não vou ler pra você pelo telefone.

Alguém bateu à porta. Cath fitou-a, desconfiada.

Outra batida.

– Sei que é você – ela disse ao telefone. Levi riu.
Ela se levantou e abriu a porta, desligando o aparelho.

– Você é um ridículo.

– Eu trouxe café – disse ele. Estava todo de preto: calça preta, blusa preta, botinas pretas de couro, e trazia duas bebidas em copos vermelhos.

– Não costumo muito beber café. – O que contradizia a última vez em que se viram.

– Tudo bem. Essa aqui é mais como uma barra de chocolate derretida. Qual você quer, *latte* de pão de mel ou *eggnog*?

– *Eggnog* me faz pensar em muco – ela disse.

– A mim também. Mas num jeito bom. – Ele estendeu a mão. – Pão de mel.

Cath pegou o copo e o cheirou, resignada.

– De nada – Levi disse. Ele se sentou na cama dela e sorriu, esperançoso.

– Tá falando sério? – Ela se sentou à mesa.

– Vai, Cath, você não escreve essas histórias pra que as pessoas as apreciem?

– Eu escrevo para que as pessoas leiam. Vou te mandar o *link*.

– Não me manda o *link*. Não sou muito de internet.

Cath notou seus olhos se escancarando. Estava pronta para dar um gole no café, mas parou.

– Como assim, você não gosta de internet? É igual dizer “Não gosto de coisas convenientes. E fáceis. Não gosto de ter acesso a todas as descobertas registradas pela humanidade na ponta dos dedos. Não gosto da luz. E do saber”.

– Eu gosto do saber – disse ele.

– Você não é muito de leitura. E agora também não é de internet? Que resta pra você?

Levi riu.

– Vida. Trabalho. Escola. Ficar ao ar livre. *Outras pessoas*.

– Outras pessoas – Cath repetiu, balançando a cabeça e dando um gole. – Há outras pessoas na internet. É incrível. Você tem todos os benefícios das “outras pessoas” sem o cheiro de suor e o contato visual.

Levi deu um chute na cadeira. Conseguia alcançá-la sem nem se esticar.

– Cath. Leia para mim sua fanfiction. Quero saber o que acontece depois.

Ela abriu o notebook lentamente, como se ainda estivesse pensando no assunto. Como se houvesse um jeito de dizer não. Levi queria saber *o que acontecia depois*. Essa pergunta era o calcanhar de Aquiles de Cath.

Ela abriu a história que estava lendo para ele. Era algo que escrevera no ano anterior para um festival de Natal (“Bate o sino com Baz e Simon”). A história dela ganhara dois prêmios, “Sabor de cânone” e “Melhor da neve”.

– Onde foi que paramos? – ela perguntou, mais para si mesma.

– Baz tava mostrando os dentes, com o rosto cheio de desgosto e decisão.

Cath achou o ponto na história.

– Uau – disse. – Boa memória.

Levi sorria. Deu outro chute na cadeira.

– Tá bom – ela disse –, então eles estão no barco, e Simon está inclinado para fora, olhando os ladrilhos na parede do fosso...

Levi fechou os olhos.

Cath pigarreou.

Quando olhou para trás, Baz tinha se aproximado dele. Estava curvado sobre ele, pintado de azul pelo próprio fogo conjurado, os dentes à mostra e o rosto rígido, de decisão e desgosto...

Baz erguera o mastro bem acima do rosto de Simon, e antes que este pudesse alcançar a varinha ou sussurrar um feitiço, Baz enfiou o mastro por cima do ombro de Simon. O bote chacoalhou, e um uivo borbulhante – um salpico frenético – saiu da água. Baz ergueu o mastro e o mergulhou de novo, o rosto mais frio e cruel do que Simon jamais vira. Os amplos lábios brilhavam, e ele estava praticamente rugindo.

Simon manteve-se imóvel enquanto o bote ainda vacilava. Quando Baz deu um passo atrás, Simon sentou-se lentamente.

– Você o matou? – perguntou baixinho.

– Não – disse Baz. – Devia ter matado. Ele devia saber que é melhor não incomodar os botes... e você devia saber que é melhor não se debruçar sobre a água.

– Por que tem lobos-do-mar no fosso, afinal? – Simon ralhou. – Isso aqui é uma escola.

– Uma escola comandada por um maluco. Coisa que eu venho tentando lhe explicar faz seis anos.

– Não fale assim do Mago.

– Cadê o seu mago agora, Simon? – Baz perguntou gentilmente, fitando a antiga fortaleza. Parecia cansado novamente, o rosto azulado e obscurecido pelo luar, os olhos praticamente tingidos de preto. – E o que você tá procurando, afinal? – ele perguntou, áspero, esfregando os olhos. – Talvez, se você me contasse, eu poderia ajudar, e a gente poderia voltar logo pra dentro e evitar morrer afogado, congelado ou de pescoço rasgado.

– É... – Simon ponderou os riscos.

Geralmente, quando Simon passava tanto tempo assim numa busca, Baz já havia descoberto seu propósito e estava armando uma cilada para despistá-lo. Mas, dessa vez, Simon não dissera a ninguém o que ia fazer. Nem mesmo a Agatha. Nem mesmo a Penélope.

A carta anônima que mandara Simon buscar ajuda; ela dizia que a missão era perigosa demais para que ele a levasse sozinho – e foi por isso mesmo que Simon não quis envolver os amigos.

Mas colocar em risco... Bem, isso não era tão desagradável.

– É perigoso... – Simon disse, sério.

– Ah, tenho certeza disso. O perigo é seu nome do meio, etc. Simon Oliver Perigo Snow.

– Como sabe meu nome do meio? – Simon perguntou, prudente.

– Poderosa Crimeia, que parte desses “seis anos” você deixou passar? Sei até qual sapato você veste primeiro. Sei que o seu xampu tem cheiro de maçã. Minha mente vive lotada de informação inútil sobre o Simon... Você não sabe o meu?

– O seu o quê?

– Meu nome do meio – disse Baz.

Pelos dentes de Morgana, como ele era difícil.

– É... é Basilton, né?

– Acertou, seu bobalhão.

– Essa foi pegadinha. – Simon voltou-se para o mosaico.

– O que você tá procurando? – Baz perguntou novamente, rugindo por entre os dentes feito um animal.

Isso era algo que Simon aprendera sobre Baz naqueles seis anos: ele podia passar de irritadiço para perigoso em meio segundo.

Mas Simon ainda não havia aprendido a não morder a isca.

– Coelhos! – Ele soltou. – Tô procurando coelhos.

– Coelhos? – Baz parecia confuso, surpreendido em pleno rosnado.

– Seis lebres brancas.

– Pra quê?

– Eu não sei! – Simon gritou. – Mas tô procurando. Recebi uma carta. Tem seis lebres no terreno da escola, e elas levam a uma coisa...

– Que coisa?

– Eu. Não. Sei. Uma coisa perigosa.

– E suponho – disse Baz, apoiando-se no mastro, descansando a cabeça na madeira – que você não saiba quem enviou.

– Não.

– Pode ser uma armadilha.

– Só há um jeito de descobrir. – Simon queria poder se levantar e encarar Baz sem balançar o bote; odiava ver o outro falando com ele do alto.

– Você acha isso mesmo – Baz zombou –, não acha? Acha que o único jeito de descobrir se uma coisa é perigosa é mergulhando de cabeça.

– O que mais você sugere?

– Você podia perguntar pro seu precioso Mago, pra começar. Podia dar uma passada pra ver sua amiga CDF. O cérebro dela é tão enorme que empurra as orelhas pra fora, tipo um macaco. Talvez ela possa te dar uma luz.

Simon deu um puxão na capa de Baz e o fez perder o equilíbrio.

– Não fale da Penélope desse jeito.

O bote vacilou, mas Baz logo recuperou a pose calma.

– Já falou com ela? Já falou com alguém?

– Não – Simon respondeu.

– Seis lebres, é isso?

– Isso.

– Quantas você achou até agora?

– Quatro.

– Então você achou uma na catedral e uma na ponte levadiça...

– Você sabe da lebre na ponte levadiça? – Simon se afastou, admirado. – Levei três semanas pra achar essa...

– Isso não me surpreende – disse Baz –, você não é muito observador. Será que sabe meu primeiro nome? – Ele começou a empurrá-los pela água novamente; em direção ao deque, Simon esperava.

– É... sei que começa com T.

– É Tyrannus – disse Baz. – Francamente. Então, a catedral, a ponte levadiça e o berçário...

Simon ergueu-se, puxando-se para cima pela capa de Baz. O bote vacilou.

– O berçário?

Baz fez cara de indignação.

– É claro.

Assim tão perto, Simon podia ver as olheiras roxas sob os olhos de Baz, a teia de vasos sanguíneos escuros das pálpebras.

– Me mostra.

Baz deu de ombros – quase se jogou – para longe de Simon e saiu do bote. Este deu um passo à frente e agarrou um poste no deque para impedir que o bote flutuasse para longe.

– Anda logo – disse Baz.

Cath notou que passara a representar as vozes de Simon e Baz – pelo menos as versões das vozes deles que ela escutava em sua mente. Ela deu uma olhada em Levi para ver se ele notara. Ele segurava o copo com as duas mãos contra o peito e descansava o queixo em cima dele, como se o mantendo morno. Os olhos estavam abertos, mas fora de foco. Ele parecia uma criança assistindo a TV.

Cath voltou-se para o notebook antes que ele a pegasse observando-o.

Foi mais demorado guardar o bote do que retirá-lo do deque, e quando ele finalmente foi amarrado, as mãos de Simon estavam úmidas e congeladas.

Eles correram de volta à fortaleza, lado a lado, ambos com as mãos enfiadas nos bolsos.

Baz era mais alto, mas as passadas dos dois tinham exatamente o mesmo tamanho.

Simon perguntou-se se eles já haviam andado desse jeito antes. Em seis anos – seis anos sempre andando na mesma direção –, será que alguma vez erraram o passo?

– Aqui – disse Baz, pegando Simon pelo braço. Simon já havia passado por essa porta. Devia ter feito isso milhares de vezes; o berçário ficava no térreo, perto das salas dos professores.

Baz testou a maçaneta. Estava trancada. Ele tirou sua varinha do bolso e começou a murmurar. A porta abriu-se subitamente, quase como se a maçaneta procurasse a mão pálida do garoto.

– Como você fez isso? – Simon perguntou.

Baz apenas bufou, sarcástico, e foi adiante. Simon seguiu-o. A sala estava escura, mas dava para ver que o local era destinado a crianças. Havia brinquedos e travesseiros, e trilhas de trenzinho que percorriam a sala toda, em todas as direções.

– Que lugar é esse?

– É o berçário – disse Baz, baixinho. Como se houvesse crianças dormindo ali, naquele momento.

– Por que Watford precisa de um berçário?

– Não precisa – disse Baz. – Não mais. Aqui anda perigoso demais pra crianças. Mas era aqui que os funcionários deixavam os filhos enquanto trabalhavam. E outras crianças mágicas podiam vir também, se quisessem começar cedo o seu aprendizado.

– Você veio pra cá?

– Vim, desde que nasci.

– Seus pais devem ter achado que você precisava de muita ajuda extra.

– Minha mãe era diretora da escola, seu idiota.

Simon voltou-se para Baz, mas não conseguiu enxergar direito o rosto do colega na escuridão.

– Não sabia disso.

Deu para ouvir Baz revirando os olhos.

– Chocante.

– Mas eu conheci sua mãe.

– Você conheceu minha madrastra – disse Baz. O garoto ficou imóvel.

Simon parou, igualmente.

– A última diretora – disse ele, observando o perfil de Baz. – Antes de o Mago chegar, a que foi morta por vampiros.

A cabeça de Baz tombou para frente, como se carregasse o peso de muitas pedras.

– Vamos. A lebre está por aqui.

A sala seguinte era ampla e redonda. Berços alinhavam-se nas paredes de cada lado, com pequenos pufes baixos alocados num círculo, no centro. No canto oposto havia uma grande lareira – erguia-se até metade da

parede, abaixo do alto e curvo teto. Baz sussurrou debaixo da mão e mandou uma bola de fogo, que atravessou a grade. Ele sussurrou novamente, girando a mão no ar, e as chamas azuis tornaram-se alaranjadas e quentes. A sala ganhou um pouco de vida ao redor deles.

Baz aproximou-se da lareira com as mãos erguidas, sentindo o calor. Simon fez o mesmo.

– Aí está – disse Baz.

– Onde? – Simon fitou o fogo.

– Acima de você.

Simon olhou para o alto, depois virou-se para fitar o cômodo. No teto, acima dele, havia um rico mural pintado, representando o céu noturno. O céu era de um azul profundo e dominado pela lua – uma lebre branca curvada sobre si mesma, os olhos bem fechados, gorda e repleta, em sono profundo.

Simon foi até o centro da sala, o queixo erguido.

– A quinta lebre... – sussurrou ele. – O Coelho da Lua.

– E agora? – Baz perguntou, bem atrás dele.

– O que quer dizer?

– Quero dizer, e agora?

– Bom, o que você fez quando achou as outras?

– Nada. Só achei. A carta só diz pra achar.

Baz levou as mãos ao rosto e gemeu, largando-se no chão, de joelhos.

– É assim que você e seu time dos sonhos costumam agir? Não me admira que seja sempre tão fácil entrar no seu caminho.

– Mas não tão fácil nos impedir, já notei.

– Ah, fica quieto – disse Baz, o rosto escondido nos joelhos. – Só... chega. Chega de soltar essa voz fininha até que você tenha algo que valha a pena dizer. Parece uma furadeira rangendo bem no meio dos meus olhos.

Simon sentou-se no chão, ao lado de Baz, perto do fogo, olhando para o coelho que dormia. Quando seu pescoço começou a reclamar, ele deitou no tapete.

– Já dormi num quarto como esse – disse Simon. – No orfanato. Não era bonito assim. Não tinha lareira. Nem Coelho da Lua. Mas a gente dormia todo mundo junto assim, num quarto.

– Credo, Snow, foi aí que você entrou pro elenco de Annie?

– Ainda existem lugares como aquele. Orfanatos. Você não entende.

– Isso mesmo – disse Baz –, minha mãe não preferiu me abandonar.

– Se sua família é tão incrível, por que está celebrando o Natal comigo?

– Eu não chamaria isto de celebração.

Simon focalizou o coelho mais uma vez. Talvez houvesse algo escondido ali. Talvez se ele apertasse os olhos. Ou se olhasse por um espelho. Agatha tinha um espelho mágico; ele podia mostrar se houvesse algo passando despercebido. Como se você estivesse com espinafre no meio dos dentes ou algo saindo do nariz. Quando Simon olhava para o espelho, este lhe perguntava a quem ele achava estar enganando.

– É só ciúme – dizia Agatha. – Ele acha que eu te dou atenção demais.

– Foi escolha minha – disse Baz, quebrando o silêncio. – Não quis ir pra casa no Natal. – Ele deitou no chão, a um metro de Simon. Quando este olhou para o lado, viu Baz observando as estrelas pintadas.

– Você tava aqui? – Simon perguntou, vendo a luz da lareira brincando sobre os traços marcantes de Baz. O nariz era todo equivocado, Simon sempre pensara. Começava muito no alto, com uma elevação bem no meio das sobrancelhas. Se Simon fitasse o rosto dele por muito tempo, sempre tinha vontade de erguer a mão e puxar-lhe o nariz para baixo. Não que fosse funcionar. Era só uma vontade.

– Eu tava aqui quando? – Baz perguntou.

– Quando eles atacaram a sua mãe.

– Eles atacaram o berçário – disse Baz, como se explicasse o fato para a lua. – Vampiros não podem ter filhos,

sabe... eles tem que transformá-los. Acharam que se transformassem bebês mágicos, ficariam duas vezes mais perigosos.

E ficariam mesmo, pensou Simon, sentindo o estômago tremer de medo. Vampiros já eram quase invulneráveis; imagine um vampiro que pudesse fazer mágica...

- Minha mãe veio nos proteger.
- Proteger você – disse Simon.
- Ela lançou fogo contra os vampiros. Eles queimaram que nem papel.
- Como ela morreu?
- Eram muitos deles. – Ele ainda falava olhando para o céu, mas tinha os olhos fechados.
- Os vampiros conseguiram transformar alguma criança?
- Sim. – A palavra saiu feito uma bolha de fumaça dos lábios de Baz.

Simon não sabia o que dizer. Pensou que seria pior, de certo modo, ter tido uma mãe, uma mãe amada e poderosa, e depois perdê-la, para depois crescer como ele mesmo. Sem nada.

Ele sabia o que acontecia em seguida na história de Baz: depois que a diretora, mãe de Baz, foi morta, o Mago tomou conta. A escola mudou; tinha que mudar. Eles não eram só alunos mais. Eram guerreiros. É claro que o berçário foi fechado. Quando alguém vinha para Watford, deixava os filhos para trás.

Tudo bem para Simon. Ele não tinha nada a perder.

Mas para Baz...

Ele perdeu a mãe, pensou Simon, e me ganhou no lugar. Num acesso de ternura e talvez pena, Simon levou a mão à de Baz, quase com certeza de que este arrancaria seu braço do ombro.

Mas a mão dele estava fria e solta. Quando Simon olhou, percebeu que o garoto dormia.

A porta abriu-se com tudo, e pela primeira vez, pensou Cath, Reagan chegara bem na hora. Cath fechou o notebook, assim Levi entenderia que ela parara de ler.

– Oi – disse Reagan. – Ah, olha. Copos de Natal. Você me trouxe um *latte* de pão de mel?

Cath olhou para seu copo, sentindo-se culpada.

– Trouxe *latte* de eggnog – disse Levi, entregando o copo. – E fiquei mantendo morninho perto da minha boca.

– Eggnog. – Reagan torceu o nariz, mas aceitou. – O que tá fazendo aqui tão cedo?

– Pensei que a gente podia estudar antes da festa – disse Levi.

– *Jacob, eu amei?*

Ele fez que sim.

– Estão lendo *Jacob, eu amei?* – Cath perguntou. – É um livro infantil.

– Literatura juvenil – disse ele. – É uma aula superlegal.

Reagan enfiava roupas na bolsa.

– Vou tomar banho lá na sua casa – disse ela. – Não aguento mais banheiro público.

Levi inclinou-se sobre a cama de Cath e apoiou o cotovelo na mesa dela.

– Então foi assim que o Baz se tornou um vampiro? Quando o berçário foi atacado?

Cath gostaria que ele não falasse disso na frente de Reagan.

– Quer dizer, de verdade?

– Quero dizer, nos livros.

– Não há berçário nos livros – disse Cath.

- Mas na sua versão, é isso que acontece.
- Só nessa história. Cada história é um pouco diferente.
- E outras pessoas têm as versões delas também?
- Isso mesmo – disse ela. – Existem vários fãs, e cada um faz uma coisa diferente.
- Você é a única que escreve sobre Simon e Baz se apaixonando?

Cath riu.

– Ah, não. A internet toda escreve sobre Baz e Simon. Se você entrar no *Google* e pesquisar “Baz e Simon”, o primeiro resultado que aparece é “Baz e Simon apaixonados”.

- Quanta gente faz isso?
- Escreve sobre Simon/Baz? Ou escreve fanfiction sobre Simon Snow?
- Escreve fanfiction.
- Gente, não sei. Milhares e milhares.
- Então, se você não quisesse que os livros terminassem, poderia continuar lendo histórias do Simon Snow pra sempre na rede...

– Exato – disse Cath, sincera. Achava que Levi devia estar julgando-a, mas ele compreendia. – Se você se apaixonar pelo Mundo dos Magos, pode continuar vivendo lá.

- Eu não chamaria isso de vida – disse Reagan.
- Foi uma metáfora – disse Levi, gentil.
- Tô pronta – disse Reagan. – Você vem, Cath?

Cath sorriu e fez que não.

– Tem certeza? – Levi perguntou, erguendo-se da cama. – A gente pode vir te buscar mais tarde.

- Nem, tudo bem. Vejo vocês amanhã.

Assim que eles se foram, Cath saiu para jantar sozinha.

– Talvez eu não devesse ter uma varinha. Talvez eu devesse ter um anel, igual a você. Ou um... ou uma coisa de pôr no pulso, tipo aquela da sarnenta da Elspeth.

– Ah, Simon. – Penélope franziu o cenho. – Não devia chamá-la assim. Ela não tem culpa de ter pelos; o pai dela era o Rei Bruxo de Canus.

- Não, eu sei, é só que...

– É mais fácil pra todos nós – disse ela, compreensiva. – Os instrumentos mágicos permanecem com as famílias. São passados de geração a geração.

- Certo – disse ele –, igual a magia. Não faz sentido, Penélope. Meus pais devem ter sido mágicos. Ele tentara puxar esse assunto antes, e dessa vez deixara-a com a mesma expressão triste.

– Simon... não pode ser. Magos jamais abandonariam um filho. Nunca. A magia é preciosa demais. Simon desviou os olhos dela e brandiu a varinha outra vez. Parecia uma coisa morta em suas mãos.

- Acho o pelo de Elspeth tão bonito – disse Penélope. – Parece macio.

Ele meteu a varinha no bolso e se levantou.

- Diz isso porque quer ter um cachorrinho.

Capítulo 21, *Simon Snow e o Terceiro Portão*, copyright Gemma T. Leslie, 2004

Catorze

O pai viera buscá-las na véspera do Dia de Ação de Graças. Quando ele estacionava na frente do Pound Hall, Wren e Courtney já estavam sentadas no banco de trás do carro.

Wren e Cath costumavam se sentar juntas no banco de trás. O pai reclamava que ficava bancando o motorista de táxi, e elas diziam “Não, motorista de *limousine*. Pra casa, James”.

– Uau, olha só isso... – disse ele quando Cath sentou-se no banco da frente, ao lado dele. – Companhia.

Ela tentou sorrir.

Courtney e Wren conversavam no banco de trás – mas com o rádio ligado, Cath não conseguia escutar. Assim que chegaram na estrada, ela se aproximou do pai.

– Como vai o Molhovioli?

– O quê? – Ele abaixou o rádio.

– Pai – disse Wren –, essa é a nossa música.

– Desculpa – disse ele, jogando o volume para o banco de trás. – O que disse? – ele perguntou a Cath.

– Molhovioli – ela respondeu.

– Ah. – Ele fez uma careta. – Deixa isso pra lá. Você sabia que na verdade é ravioli enlatado mergulhado num molho madeira grudento?

– Parece nojento – disse Cath.

– É revoltante – disse ele. – É igual comida de cachorro pra humanos. Talvez o slogan podia ter sido assim... *Você quer comer comida de cachorro sem ninguém saber? O cheiro te dá água na boca?*

Cath acrescentou, em sua melhor voz de narradora:

– *A única coisa que te impede de comer comida de cachorro é o medo de seus vizinhos verem todas aquelas latas e perceberem que você não tem cachorro?*

– Moolhovioli! – disse o pai, prolongando os sons das vogais. – *Comida de cachorro. Para humanos.*

– Você não conseguiu o trabalho – disse Cath. – Que pena.

Ele balançou a cabeça um pouco por tempo demais.

– A gente conseguiu sim. Às vezes, conseguir é infinitamente pior do que não conseguir. Foi uma briga; seis agências. Eles nos escolheram, depois rejeitaram toda ideia boa que tivemos. E depois, por desespero, o Kelly disse assim numa reunião: “Poderíamos fazer um urso saindo da hibernação com muita fome, e tudo o que ele diz é HMMM. E daí o urso encontra um potão

do delicioso HMMMolhovioli, e se transforma em ser humano...”. E o cliente amou a ideia, entrou num surto, começou a gritar “É isso!”.

Cath olhou para trás, para ver se Courtney estava ouvindo. O pai só soltava palavrão quando falava do trabalho. (E, às vezes, quando estava em modo maníaco.) Dizia que agências de propaganda são piores do que submarinos, só palavrões e claustrofobia.

– Então agora vamos fazer ursos animados e *HMMMolhovioli* – disse ele.

– Parece horroroso.

– É uma tortura. Vamos fazer quatro filmes pra TV. Quatro ursos diferentes se transformam em quatro pessoas. *Quatro*, pra podermos ter um de cada raça. E daí a droga do Kelly pergunta se a gente não devia fazer o cara oriental como urso *panda*. E falando sério. Isso não é só racismo: *urso panda não hiberna!*

Cath riu.

– É isso que eu tive que dizer pro meu chefe: “Ideia interessante, Kelly, mas urso panda não hiberna”. E sabe o que ele respondeu?

Cath riu e fez que não.

– Ah-äh.

– *Não seja tão literal, Arthur.*

– Mentira!

– Verdade! – O pai riu, balançando a cabeça novamente, muito rápido, por muito tempo. – Trabalhar com esse cliente é como fazer meu cérebro cavar a própria sepultura.

– Seu próprio *HMMMolhovioli* – disse Cath.

Ele riu de novo.

– Mas tudo bem – disse ele, dando um tapinha no volante. – É dinheiro. Só dinheiro.

Ela sabia que não era verdade. Nunca se resumira a dinheiro para ele – mas a trabalho. Ter uma ideia perfeita, a solução mais elegante. O pai não ligava muito para o *que* estava vendendo. Absorvente, trator, comida de cachorro para humanos. Só queria encontrar a ideia perfeita que encaixasse no quebra-cabeça, para que ficasse lindo e correto.

Mas quando encontrava essa ideia, ela quase sempre era assassinada. Ou o cliente rejeitava, ou o chefe rejeitava. Ou mudava. E então era como se alguém tivesse aberto um buraco no coração dele e lhe retirava a seiva da alma.

Depois que deixaram Courtney em West O, Wren deslizou para a frente e abaixou a música.

– Ponha o cinto – disse o pai.

Ela sentou-se e colocou o cinto.

– A vó vem amanhã?

– Não – disse ele. – Ela foi pra Chicago passar um mês com a tia Lynn. Quer passar o feriado com as crianças.

– A gente também é criança – disse Wren.

– Não são mais. São moças sofisticadas. Ninguém quer ficar vendo vocês abrindo presentes.

Ei, a que horas a sua mãe vem buscar vocês?

Cath virou com tudo para fitar a irmã.

Wren já a observava.

– Ao meio-dia – disse ela, cautelosa. – O almoço vai ser à uma.

– Então a gente janta às seis? Sete? Vai guardar espaço?

– Ela vem te buscar? – Cath perguntou. – Ela vem até a nossa casa?

O pai olhou com estranhamento para Cath – depois mirou o retrovisor em Wren.

– Pensei que vocês iam conversar sobre isso.

Wren revirou os olhos e olhou para fora.

– Eu sabia que ela ia ter um treco...

– Não tô tendo um treco – disse Cath, sentindo os olhos começando a arder. – E se eu estiver, é porque você não anda me contando as coisas.

– Não é nada de mais – disse Wren. – Conversei com a mãe algumas vezes pelo telefone, e vou passar umas horas com ela amanhã.

– Você fala com ela pela primeira vez em dez anos, e não é nada de mais? E chama ela de *mãe*?

– Como é que eu vou chamá-la?

– Não chame. – Cath tinha se virado quase totalmente para trás, espremida pelo cinto de segurança. – Não é pra ficar ligando pra ela.

Ela sentiu a mão do pai no joelho.

– Cath...

– Não – disse Cath. – Você também? Não depois de tudo que aconteceu.

– Ela é sua mãe – disse ele.

– Só tecnicamente – disse Cath. – Por que ela tá enchendo nosso saco?

– Ela quer nos conhecer melhor – disse Wren.

– Bom, mas que coisa mais magicamente conveniente. Agora que a gente não precisa mais dela.

– Magicamente? – disse Wren. – Cuidado aí, Cath, tá começando a falar dialeto do Snow.

Cath sentiu lágrimas correrem pelas bochechas.

– Por que você fica fazendo isso?

– Isso o quê?

– Faz comentáriozinhos sobre Simon e Baz.

– Não fico.

– Fica, sim – disse Cath. – Sempre.

– Tô nem aí.

– Ela *deixou* a gente. Não gostava da gente.

– Não foi assim tão simples – disse Wren, observando os prédios que passavam.

– Pra mim, foi. – Cath voltou-se à frente, no banco, e cruzou os braços. O pai estava com o

rosto vermelho, e não parava de tamborilar os dedos no volante.

Quando chegaram em casa, Cath não quis ser a primeira a subir as escadas. Sabia que se fosse para o andar de cima, ia se sentir presa e deprimida, bancando a maluca. Que nem a criancinha que mandaram ir para o quarto.

Em vez disso, foi à cozinha. Encostou na pia e ficou observando o quintal. O pai ainda não havia removido os balanços. Ela queria que ele tivesse removido; o brinquedo se tornara uma armadilha mortal, e as crianças da vizinhança gostavam de entrar no jardim para brincar nele.

– Pensei que vocês estivessem conversando sobre isso tudo. – O pai estava logo atrás.

Cath fez que não.

Ele colocou a mão no ombro dela, mas ela não se virou.

– Wren tem razão – disse ele. – Não foi assim tão simples.

– Para – disse Cath. – Para, tá bom? Não posso acreditar que você vai ficar do lado dela.

– Fico dos dois lados.

– Não quis dizer do lado da *Wren*. – Cath virou-se com tudo. Sentiu uma nova onda de lágrimas. – *Dela*. Do lado dela. Ela te deixou.

– A gente não ficava bem junto, Cath.

– Foi por isso que ela nos deixou também? Por que a gente não ficava bem junto?

– Ela precisava de um tempo. Não dava conta de ser mãe...

– E você dava?

Cath enxergou a dor nos olhos dele e balançou a cabeça.

– Não quis dizer isso, pai.

Ele respirou fundo.

– Olha – disse –, pra ser honesto? Também não adoro isso. Seria muito mais fácil pra mim se eu nunca mais tivesse que pensar na Laura... mas ela é a mãe de vocês.

– As pessoas precisam parar de dizer isso. – Cath voltou-se para a janela. – Não tem como a pessoa ser mãe se ela aparece depois que as crianças já cresceram. Ela parece a cigarra que aparece no inverno após deixar a formiga fazer todo o trabalho. Quando a gente precisava dela, ela nem retornava as ligações. Quando ficamos menstruadas, tivemos que procurar informação no *Google*. Mas agora que a gente não sente mais a falta dela, depois que paramos de chorar por causa dela, *depois que elaboramos tudo, agora* ela quer nos conhecer? Não preciso de mãe agora, obrigada. Estou bem.

O pai riu.

Ela olhou para ele.

– Tá rindo de quê?

– Não sei – disse ele. – A história da cigarra, acho. Além disso... vocês pesquisaram mesmo no *Google* sobre menstruação? Podia ter me perguntando, eu entendo de menstruação.

Cath bufou.

- Tudo bem. A gente pesquisava de tudo no *Google*, nessa época.
- Você não tem que falar com ela – disse ele, gentil. – Ninguém vai te forçar.
- É, mas a Wren já fez isso. Ela já baixou a ponte levadiça.
- A Wren deve ter coisas ainda pra resolver.

Cath apertou os punhos e pressionou-os contra os olhos.

– É que... eu não gosto disso... não gosto de pensar nela, não quero vê-la. Não quero que ela venha a essa casa, pensando em como era quando era a casa dela, sobre quando a gente era dela também... Não quero que a mente dela nos toque.

O pai puxou Cath para os braços.

- Eu sei.
- Parece que tá tudo de cabeça pra baixo.

Ele respirou fundo novamente.

- Pra mim, também.
- Você surtou quando ela ligou?
- Passei umas três horas chorando.
- Ah, pai...
- Sua avó deu o número do meu celular pra ela.
- Você já a viu?
- Não.

Cath estremeceu, e o pai a apertou com carinho.

– Quando penso nela vindo aqui – disse ela –, é como aquela cena da “Sociedade do anel”, quando os *hobbits* tão se escondendo do Nazgul.

- Sua mãe não é do mal, Cath.
- Mas é assim que eu me sinto.

Ele ficou quieto por alguns segundos.

- Eu também.

Wren não voltou a tempo para o jantar de Ação de Graças; acabou ficando lá para passar a noite.

- Parece que a gente colocou a mesa e tá fingindo que tá tudo normal – Cath disse ao pai –, só vai ficar pior ainda.
- Concorde.

Jantaram na sala de estar, peru e purê de batata, assistindo ao History Channel. O guisado de feijão verde ficou na cozinha esfriando, já que Wren era a única pessoa que comia o prato.

- Você já fez isso alguma vez? – Baz.
- Sim. Não. – Simon.
- Sim ou não?

- Sim. Mas não assim.
- Não com um menino? – Baz.
- Não quando eu queria mesmo. – Simon.

De “*Vamos?*”, postado em abril de 2010 por Magicath, autora do FanFixx.net

Quinze

Quando Cath viu que era Levi quem estava atrás da porta, ficou tão feliz de ver seu rosto sempre amigável que deixou-o entrar. Nem se preocupou em informar-lhe que Reagan não estava.

– Reagan tá aqui? – ele perguntou assim que entrou no quarto. Sua expressão não estava amigável. O cenho, franzido, os lábios curvados, firmes.

– Não – disse Cath. – Ela saiu faz horas. – Ela não acrescentou: *Com um cara gigante chamado Chance, que joga futebol o tempo todo e poderia interpretar John Henry na versão cinematográfica de John Henry.*

– Droga – disse Levi, encostando na porta. Mesmo irritado, era um banana.

– Qual o problema? – Cath perguntou. *Ele tinha resolvido ter ciúme? Será que não sabia dos outros garotos?* Cath sempre pensara que ele e Reagan tivessem um acordo.

– Era pra ela ir estudar comigo – disse ele.

– Ah... – disse Cath, sem entender. – Bom, pode ficar estudando aqui, se quiser.

– Não. – Irritado. – Preciso da ajuda dela. Era pra gente ter estudado ontem à noite, mas ela não apareceu, e a prova é amanhã e... – Ele largou um livro sobre a cama de Reagan, depois se sentou na ponta da cama de Cath, desviando o olhar, ainda escondendo o rosto. – Ela disse que a gente ia estudar junto.

Cath foi até lá e pegou o livro.

– *Outsiders – vidas sem rumo?*

– É. – Ele olhou para ela. – Você já leu?

– Não. Você já?

– Não.

– Então leia – ela disse. – A prova é amanhã? Dá tempo. Não parece muito comprido.

Levi balançou a cabeça e voltou a fitar o chão.

– Você não entendeu. Eu tenho que passar nessa prova.

– Então leia o livro. Você ia deixar a Reagan ler pra você?

Ele balançou a cabeça de novo – não como resposta; era mais como se balançasse a cabeça ao pensar em ter que ler o livro.

– Eu já disse – disse ele. – Não sou muito de leitura.

Levi sempre dizia isso. *Não sou muito de leitura.* Como se ler fosse como *zanzar pelo deserto* ou *ver filmes de terror*.

– É, mas a gente tá na faculdade – ela disse. – Você deixaria a Reagan fazer a prova pra

você?

– Talvez – ele bufou. – Se essa fosse uma opção.

Cath largou o livro ao lado dele, sobre a cama, e foi para sua mesa.

– Você pode também assistir ao filme – ela disse, desgostosa.

– Não encontro.

Cath fez um *humpf* na garganta, resmungando.

– Você não entendeu – disse Levi. – Se eu tirar um 6 nessa aula, vou ser expulso do meu programa.

– Então leia o livro.

– Não é assim tão simples.

– É *exatamente* simples assim – disse Cath. – Você tem uma prova amanhã, sua namorada não tá aqui pra fazer seu trabalho... leia o livro.

– Você não entendeu... nada.

Levi levantou-se, foi até a porta, mas Cath não se virou para vê-lo. Estava cansada de discussões. Essa nem tinha a ver com ela.

– Tá bom – ela disse –, eu não entendi. Que seja. A Reagan não tá aqui, e eu tenho um monte de coisas pra ler... e ninguém que faça isso por mim. Então... – Ela ouviu-o abrir a porta.

– Eu tentei ler – ele disse, brusco. – Faz duas horas que venho tentando ler. Só que não sou de leitura. Eu... eu nunca terminei um livro.

Cath virou-se para fitá-lo, sentindo uma culpa repentina dominar-lhe o estômago.

– Está tentando me dizer que não sabe ler?

Levi jogou o cabelo para trás violentamente e fez que não.

– É claro que eu sei ler – disse. – Deus do céu!

– Bom, então, o que você tá tentando me dizer? Que não quer ler?

– Não. Eu... – Ele fechou os olhos e respirou fundo, pelo nariz. – Não sei por que tô te contando isso. Eu sei ler. Só não consigo ler *livros*.

– Então basta fingir que é um letreiro de rua bem comprido e ir levando.

– Caramba – disse ele, surpreso. Magoado. – Que foi que eu te fiz pra você ser assim tão ruim comigo?

– Não tô sendo ruim – disse Cath, sabendo que devia estar sendo. – Só não sei o que você quer que eu diga... Que eu aprovo? O que você e Reagan fazem não é da minha conta.

– Você acha que eu sou preguiçoso. – Os olhos dele estavam grudados ao piso. – Mas eu não sou.

– Tá bom.

– É como se eu não conseguisse focar – disse ele, dando as costas para ela, em direção ao corredor. – Eu leio o mesmo parágrafo várias vezes, e continuo sem saber o que ele diz. Como se as palavras me atravessassem e eu não conseguisse segurar nenhuma.

– Entendi – ela disse.

Ele virou a cabeça, o suficiente para fitá-la. Os olhos dele ficavam grandes demais no rosto quando ele não estava sorrindo.

– Não sou trapaceiro – disse ele.

Depois, saiu andando, fechando a porta atrás de si.

Cath soltou o ar. Depois o inalou. O peito estava tão apertado, doía nos dois movimentos. Levi não devia poder fazê-la se sentir desse jeito – não devia nem ter acesso ao peito dela.

Levi não era namorado dela. Nem era da família. Ela não o escolhera. Estava presa a ele porque ele estava preso a Reagan. Era tipo um cunhado de quarto.

O livro continuava sobre a cama.

Cath pegou-o e saiu correndo pela porta.

– Levi! – Ela correu pelo corredor. – *Levi!*

Ele estava em pé, em frente ao elevador, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

Cath parou de correr quando o viu. Ele se virou para vê-la. Os olhos continuavam grandes demais.

– Você esqueceu o livro. – Ela o entregou.

– Obrigado – disse ele, estendendo a mão.

Cath a ignorou.

– Olha... por que não volta? A Reagan já deve estar chegando.

– Desculpa por ter gritado com você – disse ele.

– Você gritou comigo?

– Eu ergui o tom de voz.

Ela revirou os olhos e deu um passo atrás, em direção ao quarto.

– Vem.

Levi olhou nos olhos dela, e ela o permitiu.

– Tem certeza?

– Vem. – Cath virou-se, indo para o quarto, e esperou que ele a alcançasse. – Desculpa – disse ela, suavemente. – Não percebi que estávamos tendo uma conversa séria até perceber.

– Só tô muito estressado com essa prova – ele disse.

Eles pararam na porta, e Cath subitamente levou os pulsos à têmporas.

– Droga. – Ela pôs as mãos no topo da cabeça. – Droga, droga, droga. Ficamos trancados pra fora. Não tô com a minha chave.

– Deixa comigo. – Levi sorriu e sacou seu molho de chaves.

Ela ficou boquiaberta.

– Você tem a chave do meu quarto?

– Reagan me deu uma de sobra, para emergências. – Ele destrancou a porta e a abriu para ela.

– Então por que você sempre fica sentado no corredor?

– Porque nunca foi emergência.

Cath entrou, e Levi a seguiu. Estava sorrindo de novo, mas continuava obviamente funcionando trinta graus abaixo do Levi de sempre. Eles podiam ter parado de discutir, mas ele ainda podia se dar mal na prova.

– Então, você não achou o filme? – ela perguntou. – Nem na internet?

– Não. E o filme não é bom, em todo caso. Os professores sempre sacam quando você só viu o filme. – Ele desabou na ponta da cama dela. – Normalmente, eu escuto um *audiobook*.

– Isso conta como leitura – disse Cath, sentando à sua mesa.

– Conta?

– Claro.

Ele deu um chutinho numa das pernas da cadeira dela, jocoso, depois deixou o pé descansando ali, no apoio.

– Bom, então, esquece. Acho que li um monte de livros... Esse eu não encontrei.

Ele puxou o zíper do casaco, que se abriu. Estava usando camisa de flanela verde e amarela por baixo.

– Então, a Reagan ia ler pra você?

– Geralmente, a gente só passa pelos destaques. Ajuda ela também, como revisão.

Cath analisou a contracapa.

– Bom, não tenho como ajudar. Tudo o que sei sobre *Outsiders* é “*Seja você mesmo, Ponyboy*”.

Levi suspirou e empurrou sua cadeira para trás. Cath folheou as páginas com o dedão... *Era mesmo um livro curto. Com toneladas de diálogos.*

Ela olhou para Levi. O sol se punha atrás dela, banhando o garoto com luz alaranjada.

Cath virou-se para a cama, derrubando os pés dele, sem aviso, no chão. Então, descansou os próprios pés na armação da cama e tirou os óculos, metendo-os no cabelo.

– “*Quando saí para a brilhante luz do sol, deixando a escuridão do cinema...*”.

– Cath – Levi sussurrou. Ela sentiu a cadeira vacilar e soube que ele a estava chutando. – Não precisa fazer isso.

– Claro que não – ela retrucou. – “*Quando saí para a brilhante luz do sol...*”.

– Cather.

Ela pigarreou, ainda focada no livro.

– Fica quieto, eu te devo uma. Pelo menos uma. E mais, tô tentando ler aqui... “*Quando saí para a brilhante luz do sol, deixando a escuridão do cinema, tinha apenas duas coisas na cabeça...*”.

Quando Cath olhava para ele entre um parágrafo e outro, Levi sorria. Ele se inclinou para tirar o casaco, depois encontrou uma posição nova para descansar as pernas na cadeira dela e se recostou na parede, fechando os olhos.

Cath jamais lera tanto em voz alta na vida. Felizmente, era um bom livro, então ela acabou esquecendo, após um tempo, que estava lendo em voz alta e que Levi estava escutando – e as circunstâncias que os puseram ali. Passara-se uma hora ou mais, talvez até duas, até que Cath derrubou as mãos e o livro no colo. O sol terminara de se pôr, e a única luz no quarto vinha da luminária sobre a escrivaninha.

– Pode parar quando quiser – disse Levi.

– Não quero parar. – Ela o fitou. – Só estou muito... – Ela estava corada, não sabia bem por quê. – Com muita sede.

Levi riu e se sentou.

– Ah... Tá. Deixa eu trazer alguma coisa. Quer um refri? Água? Posso voltar aqui em dez minutos com um *latte* de pão de mel.

Ela estava prestes a dizer que ele não precisava se incomodar, mas logo se lembrou de como estava gostoso aquele *latte* de pão de mel.

– É mesmo?

– Volto em dez – disse ele, já se levantando e vestindo o casaco. Ele parou na porta, e Cath se sentiu tensa, lembrando-se de como ele parecia triste no momento anterior em que parou no mesmo lugar.

Mas agora ele sorria.

Cath não sabia o que fazer, então fez um aceno e o sinal de joinha mais idiota da história.

Quando ele se foi, ela se levantou e se espreguiçou. As costas e os ombros estalaram. Ela foi ao banheiro. Voltou. Alongou-se novamente. Checou o celular. Depois deitou-se na cama.

O cheiro era de Levi. Cheiro de plantação de café. E uma coisa cálida, picante, que devia ser colônia. Ou sabonete. Ou desodorante. Levi sentava-se na cama dela com tanta frequência; era tudo muito familiar. Às vezes, ele cheirava a cigarro, mas não naquela noite. Às vezes, a cerveja.

Ela não trancara a porta, então, quando ele bateu novamente, Cath apenas se sentou e disse-lhe que entrasse. Ela fez menção de se levantar e sentar de volta à escrivaninha, mas Levi já veio entregando-lhe as bebidas e tirando o casaco. O rosto dele estava ruborizado devido ao frio, e quando o casaco a tocou, estava tão frio que ela levou um susto.

– Cinco negativos – disse ele, tirando o boné, agitando os cabelos até que se ergueram de novo. – Vai pra lá.

Cath obedeceu, sentou-se perto do travesseiro e encostou na parede. Levi pegou sua bebida e sorriu para ela. Ela pousou o suporte de bebidas na mesa; ele trouxera também um copo grande de água.

– Posso perguntar uma coisa? – Ela olhava para o copo.

– Claro.

– Por que resolveu fazer essa matéria de Literatura se não consegue terminar um livro?

Ele se voltou para ela – estavam sentados lado a lado, ombro com ombro.

– Preciso de seis horas de literatura pra me formar. Corresponde a duas matérias. Tentei me livrar de uma no primeiro ano, mas não passei. Não passei... em muita coisa nesse ano.

– Como é que se faz pra passar em qualquer matéria? – Cath tinha horas de leituras para fazer, quase toda noite.

– Táticas estratégicas.

– Tipo?

– Gravo as aulas e escuto depois. Os professores passam quase tudo que cai nas provas durante as aulas. E procuro grupos de estudo.

– E conta com a Reagan...

– Não só com a Reagan. – Ele sorriu. – Sou muito rápido pra identificar a menina mais inteligente de cada matéria.

Cath fez cara feia.

– Poxa, Levi, isso é exploração!

– Como assim, exploração? Não faço ninguém usar minissaia. Não chamo ninguém de “meu bem”. Só digo “Oi, menina esperta, quer conversar comigo sobre *Grandes esperanças*?”

– Elas devem achar que você gosta delas.

– Eu gosto delas.

– Se não fosse exploração, você ia assediar meninos inteligentes também...

– Eu assedio, se não tiver opção. Você tá se sentindo explorada, Cather? – Ele continuava sorrindo para ela, por sobre o copo de café.

– Não – ela disse –, eu sei que você não gosta de mim.

– Você não sabe de nada.

– Então, isso é normal pra você? Achar uma menina pra ler o livro todo pra você?

Ele fez que não.

– Não, é a primeira vez.

– Bom, agora sim tô me sentindo explorada – disse ela, largando a bebida na mesa e pegando o livro.

– Obrigado – ele disse.

– Capítulo doze...

– Tô falando sério. – Levi empurrou o livro para baixo e olhou para ela. – Obrigado.

Cath olhou nos olhos dele por alguns segundos. Depois assentiu e puxou o livro de volta.

Após outras cinquenta páginas, Cath estava ficando com sono. Em certo ponto, Levi encostara-se nela, e ela, então, inclinou-se para trás; e era difícil pensar no que estava realmente acontecendo naquele lado de seu corpo enquanto estava ocupada lendo... Embora houvesse um capítulo inteiro ali enquanto seus lábios e olhos se moviam, seu cérebro não prestava atenção em nada além de quão quentinho ele estava. Como era quentinho o namorado

da sua colega de quarto.

Um dos namorados de sua colega de quarto. Isso importava? Já que Reagan tinha três namorados, será que isso era só um terço errado?

Só ficar encostada nele não devia ser. Mas encostar nele porque ele estava quentinho e não-exatamente-fofo... Errado.

A voz de Cath falhou, e ele se sentou, afastando-se um pouco dela.

– Quer fazer uma pausa?

Ela fez que sim, apenas parcialmente grata.

Levi levantou-se e se espreguiçou. A barra da camisa de flanela quase não se ergueu na altura da calça jeans. Cath levantou-se também, e esfregou os olhos.

– Você tá cansada – disse ele. – Vamos parar.

– A gente não vai parar agora – disse ela. – Estamos quase acabando.

– Ainda tem cem páginas...

– Você tá enjoado?

– Não. Só acho que é muita coisa, o que você tá fazendo por mim. Quase exploração.

– Shiiu – disse Cath. – Eu volto já. E depois a gente termina. Já passamos da metade, e quero saber o que acontece. Ninguém disse “*Seja você mesmo, Ponyboy*” ainda.

Quando ela voltou, Levi estava no corredor, encostado na porta. Devia ter ido ao andar dos meninos para usar o banheiro.

– Isso é tão esquisito, agora que eu sei que você tem uma chave – ela disse.

Ela abriu a porta para Levi, e ele se largou na cama de novo, sorrindo para ela. Cath fitou a cadeira na escrivaninha e o sentiu puxando a manga de sua blusa. Ele a puxou para perto dele, sobre a cama, e seus olhos se encontraram por um segundo. Cath desviou, como se nada tivesse acontecido.

– Olha o que vendem lá na Starbucks – disse ele, mostrando uma barrinha de cereais para ela.

Cath a pegou.

– Mirtilo. Uau. Isso me faz lembrar de dois meses atrás.

– Os meses passam diferentes na faculdade – disse Levi –, principalmente no primeiro ano. Muita coisa acontece. Cada mês nesse ano equivale a seis meses regulares... é tipo mês de cachorro.

Ela abriu a barrinha e lhe ofereceu metade. Ele pegou e bateu na dela.

– Tim-tim.

Estava muito tarde. E tarde demais no quarto para ficar lendo tanto assim. A voz de Cath estava rouca, como se alguém lhe tivesse passado uma faca pelas cordas vocais. Como se estivesse se recuperando de um resfriado ou de um acesso de choro.

Em certo ponto, Levi colocara o braço esquerdo em torno dela e puxara seu rosto para o peito – ela estava incomodada, esfregando as costas contra a parede, e Levi passara o braço atrás dela para puxá-la para si.

Então a mão dele desceu até a cama e lá ficou. A não ser quando ele se espreguiçava ou se mexia. Quando se mexia, Levi levava a mão até o ombro de Cath para segurá-la enquanto se ajeitava.

Ela sentia o peito dele inflar quando ele respirava. Sentia o ar que ele soltava em seus cabelos, às vezes. Quando ele mexia o queixo, encostava na nuca dela. Os músculos dos braços de Cath e suas costas e pescoço estavam começando a doer, apenas por passar tanto tempo atentos.

Ela se perdeu na história e parou de ler por um momento.

Levi a tocou com o queixo.

– Pare um pouco – disse ele num tom que não chegava a ser um sussurro, mas era tão suave quanto.

Ela assentiu. Ele a segurou pelo cotovelo com a mão esquerda, quase a abraçando com a outra para pegar o copo de água. O corpo dele a envolveu por um segundo, depois voltou de encontro à parede. A mão do cotovelo dela, ele não tirou.

Cath deu um gole, depois baixou o copo. Tentou não demonstrar incômodo, mas suas costas estavam retesadas, e ela as arqueou contra ele.

– Tudo bem? – ele perguntou.

Ela fez que sim. Então sentiu-o se mexendo devagarinho.

– Aqui...

Levi escorregou pela parede, deitando-se de lado na cama, depois trouxe Cath para baixo, ajeitando-a deitada de costas na frente dele – o braço, ele colocou em baixo da nuca dela, como se fosse um travesseiro. Ela relaxou os ombros e sentiu a flanela quentinha contra a pele do pescoço.

– Tá melhor? – ele perguntou, em sua voz suave. Fitava o rosto dela. Dando a Cath a chance de dizer não sem ter que dizer em voz alta. Ela não disse nada. Nem fez sinal. Nem respondeu. Em vez disso, ela olhou para baixo e virou um pouco para o lado dele, apoiando o livro em seu peito.

Começou a ler de novo, e sentiu o cotovelo dele curvar-se em torno de seu ombro.

Cath não tinha que ler muito alto estando assim tão perto. O que foi bom porque sua voz já tinha quase ido embora. (Embora.) Gente, Levi era quentinho e, assim perto, tinha um cheiro tão particular que os olhos dela marejaram. Estavam cansados. Ela estava cansada.

Quando Johnny – um dos personagens principais – se machucou, Levi respirou fundo. Nesse ponto, a bochecha de Cath estava apoiada no peito dele, e ela sentiu as costelas dele se

abrindo. Ela respirou fundo também – sua voz falhou um pouco mais e Levi apertou o abraço.

Ela se perguntou se ainda havia sangue percorrendo o braço dele.

Perguntou-se o que aconteceria quando chegassem ao fim da história.

E continuou lendo.

Havia meninos demais naquele livro. Muitos braços e pernas e rostos ruborizados.

Ela esperava que fosse rir quando chegasse à tal frase, “*Seja você mesmo, Ponyboy*”, mas não, porque significava que Johnny morrera, e ela chegou a pensar que talvez Levi estivesse chorando. Talvez ela também estivesse. Seus olhos estavam cansados. Ela estava cansada.

“Quando saí para a brilhante luz do sol, deixando a escuridão do cinema, tinha apenas duas coisas na cabeça: Paul Newman e o trajeto de volta a casa...”.

Cath fechou o livro e deixou-o cair no peito de Levi, sem saber ao certo o que aconteceria depois. Nem se estava acordado, considerando tudo.

Quando o livro o tocou, Levi a puxou para perto. Para cima dele. Com os dois braços. O peito dela foi pressionado contra o dele, e o livro deslizou entre as barrigas deles.

Os olhos de Cath estavam semicerrados, assim como os de Levi – e os lábios dele só pareciam finos de longe, ela o notou, devido ao franzido parecido ao de uma boneca. Eram perfeitamente grandes, mesmo, agora que os via direito. Perfeitamente alguma coisa.

Ele passou o nariz sobre o dela, e suas bocas se uniram, sonolentas, já abertas e macias.

Quando Cath fechou os olhos, suas pálpebras se trancaram. Ela queria abri-las. Queria ver melhor as sobrancelhas dele, escuras demais, queria admirar seus cabelos loucos de vampiro – tinha a sensação de que aquilo jamais aconteceria de novo e que poderia arruinar o que lhe restava na vida, então ela quis abrir os olhos e testemunhar um pouco.

Mas estava tão cansada.

E a boca dele era tão macia.

E ninguém jamais beijara Cath desse jeito. Somente Abel a beijara, e era como ter a boca empurrada para trás e empurrar de volta.

Os beijos de Levi tomavam tudo. Como se ele retirasse algo de dentro dela com pequenos movimentos do queixo.

Ela levou os dedos aos cabelos dele, sem conseguir abrir os olhos.

Até que não conseguiu mais se manter acordada.

– Me perdoe, Penélope.

– Não me faça perder tempo com desculpas, Simon. Se pararmos para pedir desculpas e perdoar um ao outro toda vez que pisamos um no pé do outro, nunca teremos tempo para sermos amigos.

Capítulo 4, *Simon Snow e a Segunda Serpente*, copyright Gemma T. Leslie, 2003

Dezesseis

Cath não acordou quando a porta se abriu.

Mas assustou-se quando ela se fechou. Foi quando sentiu Levi esparramado embaixo dela, e o roçar quente do queixo dele na testa dela. Foi então que acordou.

Reagan estava em pé aos pés da cama, olhando para eles. Ainda vestia as calças que usara na noite anterior, e a sombra azul cintilante escorrera-lhe pelas bochechas.

Cath se sentou. Levi se sentou. Ambos grogues. E Cath sentiu o estômago vir até a boca.

Levi pegou o celular de Cath e viu a hora.

– Droga – disse ele. – Estou duas horas atrasado pro trabalho. – Ele se levantou e colocou o casaco. – Peguei no sono lendo – disse, um pouco para Reagan, um pouco para o chão.

– Lendo – disse ela, fitando Cath.

– Agora não – disse Levi, mais para o chão do que para qualquer uma das meninas.

E então se foi. E Reagan continuou aos pés da cama de Cath.

Os olhos desta estavam grudentos e inchados, e logo se encheram de lágrimas.

– Me desculpa – disse ela, sinceramente. Sentia a culpa no estômago e em cada músculo dolorido entre os ombros. – Ai, meu Deus.

– Pare – disse Reagan. Estava claramente furiosa.

– Eu... sinto muito mesmo.

– Pare. Não peça desculpas.

Cath cruzou as pernas e inclinou para a frente, com as mãos no rosto.

– Mas eu sabia que ele é seu namorado. – Cath chorava. Mesmo que isso fosse apenas deixar Reagan ainda mais brava.

– Ele não é meu namorado – disse ela, quase gritando. – Não mais. Faz bastante tempo, na verdade. Então, pare com isso. – Ela respirou fundo, muito ruidosamente, depois soltou o ar. – Eu só não imaginava que isso fosse acontecer. E, se acontecesse, não imaginava que ia me irritar. É que... é o Levi. E ele sempre gosta mais de mim.

Ele não era namorado dela?

– Ele ainda gosta mais de você – disse Cath, tentando segurar o soluço.

– Não seja idiota, Cather. – Reagan soava muito exasperada. – Quer dizer, eu sei que você é. Nesse sentido. Mas tente não ser idiota nesse momento.

– Desculpe... – disse Cath, tentando olhar para a colega de quarto, sem conseguir. – Não sei por que fiz isso. Juro que não sou esse tipo de garota.

Reagan finalmente se afastou. Largou a bolsa na cama e pegou a toalha.

– Que tipo de garota, Cath? Do tipo menininha?... Vou tomar banho. Quando eu voltar, já vou ter superado.

E quando voltou, havia superado mesmo.

Cath se encaracolara na cama e permitira-se chorar como não fizera em todo o fim de semana do Dia de Ação de Graças. Avistou o livro entre a cama e a parede, e o arremessou ao chão.

Reagan viu o livro quando voltou ao quarto. Usava calças de fazer ioga e um moletom cinza apertado, e óculos marrons em vez das lentes de contato.

– Ah, droga – disse ela, pegando o livro. – Eu tinha que ajudá-lo a estudar. – Ela olhou para Cath. – Vocês ficaram *mesmo* só lendo?

– Não – disse Cath, a voz entrecortada.

– Pare de chorar. Tô falando sério.

Cath fechou os olhos e rolou para a parede.

Reagan sentou-se aos pés da própria cama.

– Ele não é meu namorado – disse, solene. – E eu sabia que ele gosta de você. Ele vivia vindo aqui. Só não sabia que você também gostava dele.

– Eu achava que ele vinha sempre aqui por ser seu namorado – disse Cath. – Não queria gostar dele também. Tentei ser má com ele.

– Pensei que você só fosse má e ponto. Gostava disso.

Cath riu e esfregou os olhos pela centésima vez em doze horas. Parecia estar com conjuntivite.

– Já superei – disse Reagan. – Só fiquei surpresa.

– Não tem como ter superado já – disse Cath, sentando-se e se encostando na parede. – Mesmo que eu não tenha beijado seu namorado, eu achava que estava beijando seu namorado. Era assim que eu ia retribuir todas as coisas legais que você fez por mim.

– Uau... – disse Reagan –, pensando por esse lado, é muita mancada mesmo.

Cath concordou, sentindo-se péssima.

– Então, por que fez isso?

Cath pensou no calor de Levi encostado em seu braço na noite anterior. E nos dez mil sorrisos. E na testa gigantesca.

Fechou os olhos, e pressionou os pulsos contra eles.

– Eu só quis muito, muito.

Reagan suspirou.

– Tá bom. O negócio é o seguinte. Tô com fome, e tenho que terminar de ler *Vidas sem rumo*. Levi gosta de você, você gosta dele. Já superei. Pode ser que fique tudo muito estranho por aqui se você começar a namorar meu namorado do colegial, mas não tem como voltar no

tempo, sabe?

Cath não respondeu. Reagan continuou a falar.

– Se ele ainda fosse meu namorado, a gente teria que brigar. Mas ele não é. Então, vamos almoçar, tá?

Cath olhou para Reagan. E fez que sim.

Cath já havia perdido as aulas da manhã. Inclusive Escrita de Ficção. Pensou em Nick, e sentiu como se ele fosse, para ela, como outra pessoa qualquer.

Reagan comia um pote de cereal.

– Tá – disse ela, apontando a colher para Cath –, e agora?

– E agora o quê? – disse Cath, a boca cheia de queijo grelhado.

– E agora, com o Levi?

Cath engoliu.

– Nada. Sei lá. Tenho que saber o que fazer?

– Quer que eu ajude?

Cath fitou a amiga. Mesmo sem o cabelo montado e a maquiagem, a menina era de meter medo. Não temia nada. Não hesitava. Conversar com Reagan era como esperar o impacto de um trem em movimento.

– Não sei o que tá acontecendo – disse Cath. Ela apertou os punhos sobre o colo e se forçou a continuar falando. – Parece que... o que aconteceu ontem à noite foi só uma aberração. Como se só pudesse ter acontecido no meio da noite, estando os dois muito cansados. Por que se fosse de dia a gente teria visto como era tudo muito inadequado...

– Eu já disse – Reagan falou –, ele não é meu namorado.

– Não é só isso. – Cath virou o rosto para as janelas, depois se voltou para Reagan, honestamente. – Uma coisa era quando eu tava a fim dele e ele me parecia totalmente inalcançável. Mas não acho que eu poderia ficar mesmo com alguém como ele. Seria como um namoro entre espécies diferentes.

Reagan deixou a colher cair no cereal.

– O que tem de errado nele?

– *Nada* – disse Cath. – É que ele... não é como eu.

– Quer dizer, inteligente?

– Levi é muito inteligente – Cath disse, na defensiva.

– Eu sei – disse Reagan, igualmente defensiva.

– Ele é *diferente*. É mais velho. Ele fuma. E bebe. E já deve ter feito sexo. Quer dizer, pelo menos parece.

Pela sua expressão, Reagan parecia achar que Cath enlouquecera. E Cath pensou – não pela primeira vez, mas pela primeira vez desde a noite anterior – que Levi devia ter feito sexo com

Reagan.

– E ele gosta de ficar ao ar livre – Cath acrescentou, só para mudar de assunto. – E gosta de animais. A gente não tem nada em comum.

– Você fala como se ele fosse um desses caras que moram em montanhas e, tipo, fumam charuto e fazem sexo com prostitutas.

Cath riu, sem querer.

– Tipo um francês caçador de peles bem perigoso.

– Ele é só um garoto – disse Reagan. – Claro que é diferente de você. Você nunca vai achar um garoto que seja exatamente como você. Primeiro porque esse cara nunca sai do quarto...

– Meninos como Levi não namoram meninas como eu.

– De novo, do tipo menininha?

– Meninos como Levi namoram meninas como você.

– E o que isso quer dizer? – Reagan perguntou, intrigada.

– Normais – disse Cath. – Bonitas.

Reagan revirou os olhos.

– Não – disse Cath –, é sério. Você é dona de si, não tem medo de nada. Eu tenho medo de *tudo*. E sou maluca. Tipo, talvez você ache que eu sou um pouco maluca, mas eu só deixo as pessoas verem a ponta do meu iceberg de maluquice. Por baixo dessa aparência de *um pouco* maluca e *levemente* retardada socialmente, eu sou um completo desastre.

Reagan revirou os olhos novamente. Cath pensou consigo mesma que devia parar de revirar os olhos para as pessoas.

– O que a gente faria junto? – Cath perguntou. – Ele ia querer ir ao bar, e eu, ficar em casa, escrevendo fanfiction.

– Não vou tentar te convencer de nada – disse Reagan –, principalmente se você for bancar a idiota. Mas vou dizer uma coisa: você tá bancando a idiota. Ele já gosta de você. Ele gosta até dessa sua fanfiction esquisita; não para de falar nisso. Levi é só um garoto. Um garoto muito, muito legal, talvez o mais legal, e ninguém tá dizendo que você tem que se casar com ele. Então pare de colocar peso em tudo, Cath. Você o beijou, certo? A única questão é: você quer beijá-lo de novo?

Cath cerrou os punhos até que as unhas quase cavaram as palmas.

Reagan começou a empilhar os pratos vazios na bandeja.

– Por que vocês terminaram? – Cath quis saber.

– Eu ficava traindo ele – Reagan respondeu, numa boa. – Sou muito boa amiga, mas péssima namorada.

Cath pegou sua bandeja e seguiu Reagan até a lata de lixo.

Cath não viu Levi naquela noite. Ele trabalhava à noite nas quartas-feiras. Foi então que ela

percebeu que sabia até os horários de trabalho dele.

Mas ele mandou uma mensagem falando sobre uma festa que rolaria na casa dele na quinta.

– *festa? quinta? minha casa?*

Cath não respondeu – só tentou. Começava as mensagens, depois as apagava. Quase respondeu só com um sorriso em *emoticon*.

Reagan chegou tarde do trabalho e foi direto para a cama. Cath estava em sua mesa, escrevendo.

– Levi arrasou na prova sobre o livro – disse Reagan, contendo um bocejo.

Cath sorriu para o notebook.

– Vocês falaram sobre mim?

– Não. Pensei que você não gostaria que eu fizesse isso. Eu disse, sou uma boa amiga.

– É, mas você é mais amiga dele do que minha.

– Primeiro as amigas, depois os bofes.

Antes de sair na manhã seguinte, Reagan perguntou a Cath se ela gostaria de ir à festa de Levi.

– Acho que não – Cath respondeu. – Tenho aula às oito e meia da manhã na sexta.

– Quem é maluco de fazer uma matéria às oito e meia da manhã na sexta?

Cath deu de ombros.

Não queria ir à festa de Levi. Ainda que gostasse dele, não gostava de festas. E não queria que a primeira vez que se vissem depois do que acontecera fosse numa festa. Com gente que festeja. Com qualquer gente.

Cath tinha quase certeza de que era a única pessoa no dormitório naquela noite. Tentou convencer-se de que era meio legal ter um prédio de doze andares só para ela. Era como passar a noite presa na biblioteca.

Era por isso que ela não podia ficar com Levi. Por que ela era do tipo de garota que se imaginava passando a noite presa numa biblioteca – e Levi nem lia livros.

Cath sentiu-se mal, imediatamente, por ter pensado isso dele. Levi sabia ler. (Mais ou menos.)

Ela sempre pensara que as pessoas sabiam ler ou não. Não essa coisa do meio-termo que Levi tinha; o cérebro captava as palavras, mas não as guardava. Como uma daquelas máquinas de pescar bichinho de pelúcia que havia na pista de boliche.

Mas Levi, sem dúvida, não era burro. Lembrava-se de tudo. Mencionava diversas falas dos filmes do Simon Snow, e sabia tudo que era possível saber sobre bisões e batuíras-melodiosas... *E por que ela estava tendo essa discussão consigo mesma?*

Ela não tinha que mandar as notas dela no ACT para o Abel aprovar.

Ela devia ter respondido à mensagem. (Do Levi, não do Abel.)

Mas isso seria entrar na situação. Fazer uma jogada no xadrez. Ou tirar os pés do chão na gangorra. Melhor manter Levi no ar por um ou dois dias do que ficar lá no alto sozinha...

O fato de ela tentar analisar a situação usando termos referentes a itens de parquinho mostrava como ela não estava pronta isso. Para *ele*. Levi era um adulto. Tinha uma caminhonete. E barba. E já dormira com Reagan; ela praticamente admitiu.

Cath não queria olhar para um cara e imaginar as pessoas com quem ele já dormira...

O que nunca fora problema com Abel. Nada era problemático com Abel. *Porque*, dava até para ouvir Wren gritando, *você não gostava dele*.

Cath gostava de Levi. Gostava de olhar para ele. Gostava de ouvi-lo – embora, às vezes, odiasse ouvi-lo falar com outras pessoas. Odiava o jeito com que ele distribuía sorrisos para todo mundo que encontrava como se não lhe custasse nada, como se nunca ficasse sem. Ele fazia tudo parecer tão simples...

Até parado. Não havia como perceber quão trabalhoso é para todo mundo manter-se em pé até que você visse Levi encostado na parede. Ele parecia estar encostado em alguma coisa até quando não estava. Para ele, ficar em pé era como estar deitado na vertical.

Pensar nos quadris preguiçosos de Levi, e em seus ombros relaxados, trouxe a memória de Cath para a cama dela.

Ela passara a noite com um garoto. *Dormira* com ele. E não importava que tivessem apenas dormido, porque isso já fora grande coisa. Ela queria poder falar com Wren sobre tudo aquilo...

A Wren que fosse para o inferno.

Não... *Que fosse catar coquinho. Deixa ela pra lá.* Ela só vinha complicando a vida de Cath.

Cath dormira com um menino.

Com um cara.

E foi incrível. Quente. E enredado. O que teria acontecido se eles tivessem acordado de outro jeito? Sem Reagan ter entrado no quarto. Será que ele a teria beijado de novo? Ou ele teria saído correndo sem dizer nada além de “agora não”?

Agora não...

Cath fitava o notebook. Fazia duas horas que trabalhava no mesmo parágrafo. Era uma cena de amor (censurada) (como todas as cenas de amor de Cath), e ela não sabia onde colocar as mãos de Baz e Simon. Ficava confuso, às vezes, com tantos *ele* e *dele*, e de tanto fitar o parágrafo, ela começara a achar que já havia escrito todas aquelas frases antes. Talvez tivesse mesmo.

Cath fechou o notebook e se levantou. Eram quase dez da noite. Que horas terminavam essas festas? (A que horas começavam?) Não que ela se importasse, àquela altura. Cath não tinha como ir à casa de Levi.

Ela foi até a porta e parou em frente ao espelho de corpo inteiro.

Cath tinha a exata aparência de quem era – uma nerd de dezoito anos de idade que não sabia nada de garotos nem de festas.

Calça fininha. Quadris não tão fininhos. Uma camiseta rosa desbotada que dizia “A palavra mágica é POR FAVOR”. Cardigã de estampa de losangos rosa e marrom. O cabelo estava puxado num semicoque no topo da cabeça.

Cath puxou o elástico do cabelo e tirou os óculos; teve que se aproximar do espelho para se ver melhor.

Ela ergueu o queixo e forçou a testa a relaxar.

– Sou A Legal – disse para si. – Alguém me vê uma tequila porque eu vou super beber. E de jeito nenhum você vai me encontrar tendo um ataque de pânico no banheiro dos seus pais. Quem quer beijar de língua?

Era por isso que ela não podia ficar com Levi. Ela ainda usava a expressão “beijo de língua” e ele ficava zanzando por aí, metendo a língua nas bocas das pessoas.

Cath ainda não se parecia com A Legal. Não era como Wren.

A menina puxou os ombros para trás, deixou o peito estufar. Não havia nada de errado com seus seios (não que ela soubesse). Eram grandes o bastante para que ninguém a chamasse de tábua. Queria que fossem um pouco maiores; assim, harmonizariam com os quadris. Então Cath não teria que pesquisar o formato da pera num desses guias de Como se Vestir Segundo Seu Tipo de Corpo. Esses guias tentam te convencer de que é legal ter qualquer silhueta, mas quando seu tipo de corpo é um sinônimo de EQUÍVOCO, é difícil acreditar.

Cath fingiu ser Wren; fingiu que não se importava. Jogou os ombros para trás e ergueu o queixo e mandou a mensagem com os olhos: *Já nos vimos antes? Eu também sou A Legal.*

A porta abriu com tudo e a maçaneta bateu bem na barriga dela.

– Droga – ela disse, caindo meio na cama, meio no chão. Os braços estavam acima da cabeça; conseguira proteger o rosto.

– Droga – disse Reagan. Estava parada em frente a Cath. – Você tá bem?

Cath colocou a mão na lateral do corpo e terminou de deslizar até o chão.

– Jesus – gemeu ela.

– Cath? *Droga.*

Cath sentou-se lentamente. Não parecia ter quebrado nada.

– Por que tava na frente da porta? – Reagan inquireu.

– Eu podia estar saindo – disse Cath. – Jesus. Por que você tem que abrir a porta com tudo toda vez que chega no quarto?

– Tô sempre com as mãos cheias. – Reagan largou a mochila e a bolsa no chão e ofereceu uma mão a Cath. Esta a ignorou e se levantou apoiando-se na cama. – Se você sabe que eu sempre abro a porta com tudo, não devia ficar parada na frente.

– Pensei que você estivesse na festa... – Cath colocou os óculos. – É assim que você me pede desculpa?

– Desculpe – disse Reagan. Como se custasse muito dizer isso. – Tive que trabalhar. Vou agora à festa.

– Ah.

Reagan chutou um dos sapatos para dentro do armário.

– Você vem comigo?

Ela não olhava para Cath. Se estivesse olhando, talvez esta teria dito outra coisa em vez do que disse.

– Claro.

Reagan parou em pleno chute e olhou para a colega.

– Hm! Tá bom... Bem. Só vou trocar de roupa.

– Tá bom.

– Legal... – Reagan pegou a escova de dentes e a bolsa de maquiagem e olhou para Cath, sorrindo com aprovação.

Cath olhou para o teto.

– Vai logo se trocar.

Assim que Reagan saiu, Cath levantou-se, retraindo ao sentir a dor na lateral do corpo, e abriu o armário. Baz a fitava, pendurado atrás da porta.

– Não fique aí parado – ela murmurou para a moldura. – Me ajuda!

Quando ela dividiu as roupas com Wren, esta pegou tudo o que tinha a pegada *festa na casa do boy* ou *sair de casa*. Cath pegou tudo que tinha a pegada *a noite toda escrevendo* ou *tudo bem se você derramar chá nessa peça*. Por acidente, pegara calças da Wren no fim de semana de Ação de Graças, então colocou essa. Encontrou uma camiseta branca sem nada escrito – nada de Simon, pelo menos; tinha uma mancha esquisita, que ela teria que esconder usando uma blusa. Pegou também o primeiro cardigã preto de uma pilha.

Cath tinha maquiagem guardada em algum lugar... numa das gavetas. Encontrou rímel, lápis preto e um potinho de base já com algumas crostas, depois foi para o espelho de maquiagem de Reagan.

Quando esta voltou, abrindo a porta gentilmente, o rosto estava mais fresco e o cabelo vermelho, liso e macio. Reagan lembrava um pouco a Adele, Cath pensou. Caso Adele tivesse uma irmã gêmea mais dura e arisca. (Uma sósia.)

– Olha só pra você – disse Reagan. – Tá... um pouco melhor do que o de sempre.

Cath resmungou, sentindo-se incapaz de retrucar.

Reagan riu.

– Ficou legal. O cabelo tá ótimo. Tá parecendo o da Kristen Stewart quando ela colocou aplique. Dá uma sacudida.

Cath balançou a cabeça como se estivesse discordando enfaticamente de alguém.

Reagan suspirou e pegou a colega de quarto pelos ombros, puxou a cabeça dela para baixo e chacoalhou os cabelos dela nas raízes. Os óculos de Cath caíram.

– Se não vai secar – disse Reagan –, é melhor parecer que acabou de trepar.

– Nossa – disse Cath, voltando a cabeça para cima. – Não seja grosseira. – Ela se inclinou para pegar os óculos.

– Você precisa usar isso? – Reagan perguntou.

– Sim – Cath os colocou –, preciso usar pra não ficar igual àquela menina do “*Ela é demais*”.

– Não importa – disse Reagan. – Ele já gosta de você. Acho que ele gosta do tipo nerd. Ele fala de você como se você fosse algo que ele descobriu num Museu de História Natural.

Essa frase confirmou toda a suspeita de Cath de que Levi gostava dela pela esquisitice.

– Isso não é uma coisa boa – ela disse.

– É sim, em se tratando do Levi – disse Reagan. – Ele adora essas coisas. Quando fica bem triste, ele gosta de andar em volta do Morrill Hall.

Era o museu do campus. Havia dioramas de vida selvagem e o maior esqueleto de mamute fossilizado.

– É mesmo?

Gente, que gracinha!

Reagan revirou os olhos.

– Anda.

Eram quase onze da noite quando elas chegaram à casa de Levi – mas não estava muito escuro, por causa da neve.

– Será que ainda tem gente? – Cath perguntou a Reagan quando elas saíram do carro.

– Vai ter o Levi. Ele mora aqui.

A casa era exatamente como Cath imaginara. Ficava num bairro antigo cheio de casas vitorianas grandes. Cada uma tinha um alpendre imenso e caixas de correio demais ao lado da porta. Impossível estacionar. Tiveram de parar quatro quadras à frente, e Cath ficou feliz por não estar usando botas de salto agulha, como as de Reagan.

Quando chegaram à porta, o estômago de Cath compreendeu o que estava para acontecer. Ele se contorceu, todo dolorido, e ela sentia o ar escapando-lhe rápido demais.

Não dava para acreditar que estava fazendo aquilo. *Garoto. Festa. Estranhos. Cerveja. Festa. Garoto. Contato visual.*

Reagan olhou para a amiga.

– Não faz a louca – disse, severa.

Cath fez que sim, olhando para o capacho gasto, que dizia “Bem-vindo”.

– Não vou te abandonar lá dentro – disse Reagan –, mesmo que eu queira.

Cath fez que sim mais uma vez, e Reagan abriu a porta.

Lá dentro estava muito mais quente e claro – e exatamente *não* como Cath imaginara.

Ela imaginara paredes nuas e o tipo de móveis que ficam largados no meio-fio por uma semana até que alguém decida pegar.

Mas a casa de Levi era, na verdade, bonita. Simples, mas bonita. Havia quadros nas paredes e plantas em todo canto – samambaias e clorofitos e uma árvore-da-amizade tão grande que parecia mesmo uma árvore.

Havia música tocando, um som eletrônico bem calmo, nada muito alto. E alguém acendera um incenso.

Muita gente ainda estava na festa – todos mais velhos que Cath, pelo menos da idade de Levi – e estavam mais conversando. Dois caras parados ao lado do aparelho de som estavam meio que dançando/fazendo palhaçada, e não pareciam se importar por serem os únicos.

Cath ficou o mais perto de Reagan que pôde e tentou não deixar claro que estava procurando Levi. (Dentro da cabeça dela, Cath estava nas pontas dos pés, mãozinha acima dos olhos, procurando por navios no horizonte.)

Todos conheciam Reagan. Alguém entregou uma cerveja a cada uma das meninas. Cath aceitou, mas não abriu a garrafa. Era o colega de quarto de Levi. Um deles. Quase todo mundo que Cath conheceu nos minutos seguintes morava com Levi. Ela nem reparava neles.

Talvez Levi estivesse no banheiro.

Talvez já tivesse ido dormir. Talvez ela pudesse subir na cama dele como a Cachinhos Dourados e, se ele acordasse, dizer “agora não” e sair correndo. Cachinhos Dourados com uma pegada de Cinderela.

Reagan já estava na metade da cerveja quando perguntou:

– Cadê o Levi?

O rapaz, um barbudo de óculos pretos, olhou ao redor.

– Na cozinha, acho.

Reagan assentiu, como se não se importasse. *Porque não se importa mesmo*, pensou Cath.

– Vem – disse ela a Cath –, vamos achá-lo... Fica tranquila – ela disse, depois que elas se afastaram dos demais.

A casa tinha três cômodos na frente que se conectavam – sala de estar, sala de jantar e uma sala com muitas janelas – e a cozinha ficava no fundo, após uma porta estreita. Cath ficou colada atrás de Reagan, então esta viu Levi antes de Cath passar pela porta.

– Droga – Cath a ouviu sussurrar.

Cath entrou na cozinha.

Levi estava encostado na pia. (Levi. Sempre encostado.) Tinha uma garrafa de cerveja numa das mãos, a mesma mão com que abraçava uma menina.

Ela parecia mais velha do que Cath. Mesmo de olhos fechados. A outra mão de Levi estava emaranhada nos cabelos loiros longos dela, e ele a beijava com a boca aberta, sorrindo. Ele fazia parecer tão simples.

Cath olhou para baixo imediatamente e saiu da cozinha, cruzou a casa e foi direto para a

porta de entrada. Sabia que Reagan vinha logo atrás, porque podia ouvi-la dizendo:

– Droga, droga, droga.

– Mas eu não entendo – Simon gaguejou –, o que é esse Humdrum, o Traíçoeiro? É um homem?

– Talvez. – O Mago limpou a areia dos olhos e brandiu a varinha na frente deles. – Olly olly oxen free – sussurrou. Simon se protegeu, mas nada aconteceu. – Talvez seja um homem – disse o Mago, recobrando o sorriso oblíquo. – Talvez seja outra coisa, menos coisa, suponho eu.

– É um feiticeiro? Como nós?

– Não – disse o Mago, severo. – Disso podemos ter certeza. Ele, se de fato ele for ele, é o inimigo da magia. Ele destrói a magia; alguns pensam que ele a consome. Ele limpa a magia do mundo, em todo lugar que pode... Você é jovem demais para escutar isso, Simon. Onze anos; é muito jovem. Mas não é justo esconder isso de você por mais tempo. Humdrum, o Traíçoeiro, é a maior ameaça que o Mundo dos Magos já enfrentou. É poderoso, penetrante. Combatê-lo é como lutar contra o sono quando você está muito além da exaustão. Mas devemos combatê-lo. Você foi recrutado para Watford porque acreditamos que Humdrum tem interesse especial por você. Queremos protegê-lo; juro fazê-lo com a minha vida. Mas você precisa aprender, Simon, assim que possível, como se proteger melhor sozinho.

Capítulo 23, *Simon Snow e o Herdeiro do Mago*, copyright Gemma T. Leslie, 2001

Dezessete

Não conversaram no carro. E Cath não chorou. Ficou feliz por isso. Já estava se sentindo uma completa idiota...

Porque era mesmo uma.

O que ela estava pensando? Que Levi gostava mesmo dela? Como ela pôde ter acreditado nisso, principalmente depois de ter passado os dois dias anteriores explicando para si mesma todos os motivos pelos quais ele jamais poderia gostar?

Talvez ela achasse que era possível porque Reagan achava que era possível, e ninguém fazia Reagan de boba...

Quando chegaram ao dormitório, Reagan não deixou que Cath saísse do carro.

– Espera.

Cath ficou ali, segurando a porta aberta.

– Desculpe – disse Reagan. – Eu não imaginava mesmo que isso fosse acontecer.

– Só quero fingir que não aconteceu – disse Cath, sentindo as lágrimas ardendo nos olhos. – Não quero falar sobre isso. E, quer dizer, eu sei que ele é o seu melhor amigo, mas não quero que fale com ele sobre essa noite... Ou sobre mim. Já tô me sentindo uma imbecil.

– Claro – disse Reagan –, como quiser.

– Quero fingir que não aconteceu nada.

– Tá bom.

Reagan era boa em não falar das coisas.

Ela não mencionou Levi durante todo o fim de semana. Ele ligou para Cath no sábado de manhã, mas ela não atendeu. Alguns segundos depois, tocou o celular de Reagan.

– Não ignore ele por minha causa – disse Cath. – Não aconteceu nada.

– Oi... – Reagan disse ao telefone. – É... Tá bom... Ligue quando chegar aqui embaixo. A Cath tá tentando estudar.

Meia hora depois, o celular de Reagan tocou novamente, e ela se levantou para sair.

– Até mais – disse.

Cath acenou.

– Até.

Levi tentou ligar para Cath de novo nesse fim de semana. Duas vezes. E mandou uma mensagem que dizia: *então eles encontraram a quinta lebre, e agora? troco latte de pão de mel e pão de abóbora por essa informação.*

Cath fez careta ao ver que ele escreveu *abóbora* errado.

Se ela não tivesse ido à festa – se não tivesse visto Levi em ação –, teria pensado que essa mensagem era um convite para um encontro.

Ela sabia que teria de vê-lo de novo. Ele continuava sendo o melhor amigo de Reagan, os dois ainda estudavam juntos...

Reagan provavelmente o manteria totalmente afastado se Cath pedisse, mas ela não queria que ele questionasse nada. Então foi ela quem se afastou. Começou a ir à biblioteca depois do jantar e ficava perto das estantes de Nick. Ele geralmente não estava por lá; não havia ninguém. Cath levava o notebook e tentava trabalhar em seu projeto final, o conto de dez mil palavras, para a aula de ficção. Ela começara – começara meia dúzia de vezes –, mas ainda não conseguira produzir nada que quisesse concluir.

Acabava sempre escrevendo *Vá em frente, Simon*. Ela estava a todo vapor, postando longos capítulos quase toda noite. Trocar o trabalho da aula de ficção por Simon e Baz era como perceber que estava dirigindo com a marcha errada. Dava para sentir os músculos nos antebraços relaxando. A digitação ficava mais rápida, a respiração, mais leve. Ela reparava que acompanhava com a cabeça o ritmo das palavras conforme elas brotavam dela.

Quando a biblioteca fechava, Cath digitava 911 no celular, depois corria de volta ao dormitório o mais rápido que podia com o dedo no botão de chamar.

Foi só depois de mais de uma semana que ela viu Levi de novo. Voltou da aula mais tarde certo dia, e o encontrou sentado na cama de Reagan, enquanto esta digitava algo no computador.

– Cather – disse ele, sorrindo, tirando os fones do ouvido. Estava escutando uma palestra, agora ela sabia. Reagan dizia que ele as escutava o tempo todo, e que ele chegava até a guardar as de que gostava mais.

– Ei – disse ele. – Fiquei te devendo uma bebida. Sua escolha, quente ou fermentada. Detonei naquela prova do *Vidas sem rumo*. A Reagan te contou? Tirei nota máxima.

– Que ótimo – disse Cath, tentando não deixar que sua expressão entregasse quanto ela queria beijá-lo e matá-lo.

Ela achava que Reagan teria de trabalhar naquela noite. Foi somente por isso que voltara para o quarto. Mas não precisava ficar. Ia encontrar-se com Nick na biblioteca, mais tarde, de todo modo.

Cath fingiu pegar algo de que precisava na escrivaninha. Pacote de chiclete.

– Tá – disse. – Vou indo.

– Mas você acabou de chegar – disse Levi. – Não quer ficar e falar sobre o simbolismo no relacionamento entre o Johnny e o Ponyboy? E a luta entre Sodapop e Darry? Ei, será que existe fanfiction do *Vidas sem rumo*?

– Tenho que ir – disse Cath, tentando direcionar a fala a Reagan. – Encontrar uma pessoa.

– Quem você vai encontrar? – Levi perguntou.

– Nick. Meu parceiro de escrita.

– Ah. Certo. Quer que eu te busque depois?

– Acho que o Nick vai me trazer.

– Ah. – Levi fez uma expressão intrigada, mas continuou sorrindo. – Legal. Até mais.

Mal via a hora de sair de perto dele. Chegou à biblioteca e escreveu mil palavras de *Vá em frente* antes de Nick aparecer.

– Desliga esse troço – disse Nick. – Você tá corrompendo meus centros criativos com a estática.

– Foi o que ela disse – disse Cath, fechando o notebook.

Nick fez cara de dúvida.

– Foi meio que um “foi o que ela disse” metafórico.

– Ah. – Ele colocou a mochila na mesa e tirou o caderno deles. – Está trabalhando no seu projeto final?

– Indiretamente.

– Como assim?

– Já ouviu dizer que os escultores não esculpem o objeto; eles tiram fora tudo o que *não é* o objeto?

– Não. – Ele se sentou.

– Bom, estou escrevendo tudo o que não é meu projeto final, pra que, quando eu sentar de fato pra escrever, não tenha mais nada na cabeça.

– Espertinha – disse ele, empurrando o caderno aberto para ela. Ela virou as páginas. Nick preencheria cinco delas, frente e verso, desde o último encontro.

– E você? – ela perguntou.

– Não sei. Talvez eu entregue uma história que escrevi nas férias.

– Isso não é trapaça?

– Acho que não. É mais como estar à frente do tempo... Só consigo pensar agora *nesta* história. – Ele deu mais um empurrãozinho no caderno, em direção a ela. – Quero que leia o que escrevi.

Esta história. A história deles. Nick ficava tentando chamá-la de uma história de *antiamor*.

– Mas não é *antiamor* – ela argumentava.

– É *antitudo* que se vê geralmente numa história de amor. Olhos melosos e “você me completa”.

– “Você me completa” é uma ótima fala – disse Cath. – Aposto que você queria ter sido quem criou “você me completa”.

Cath não lhe contava que andara escrevendo histórias de amor – reescrevendo a mesma história de amor – todos os dias pelos cinco anos anteriores. Que escrevera histórias de amor com e sem o mela-mela, histórias de amor à primeira vista, histórias de amor antes da

primeira vista, história de *amo te odiar*...

Ela não contava a Nick que escrever histórias de amor era a sua paixão. Sua verdadeira paixão. E que a história de *antiamor* dele era obviamente a primeira fanfic de uma pessoa – Mary Sue elevado a dez. Que o personagem principal era obviamente Nick e a garota era obviamente Winona Ryder mais Natalie Portman mais Selena Gomez.

Em vez disso, Cath a consertava. Reescrevia os diálogos dele. Reinava no sofisma.

– Por que riscou isso aqui? – Nick dissera, naquela noite, debruçado por cima do ombro esquerdo dela. Estava cheiroso. (*Notícia quentíssima: os meninos são cheirosos.*) – Gostei dessa parte.

– Nossa personagem acaba de parar o carro num estacionamento pra colher um dente-de-leão.

– É renovador – disse Nick. – É romântico.

Cath balançou a cabeça. O rabo de cavalo raspou no pescoço de Nick.

– Isso faz ela parecer uma boboca.

– Você tem alguma coisa contra o dente-de-leão?

– Tenho tudo contra uma moça de vinte e dois anos colher um dente-de-leão. Parar o carro pra colher um dente-de-leão. E mais, o carro. *Não*. Nada de Volvo antigo.

– É um detalhe do personagem.

– É um clichê. Juro por Deus, todo Volvo ainda existente dos produzidos entre 1970 e 1985 são dirigidos por meninas esquisitas nas ficções.

Nick fez careta para o papel.

– Você tá riscando tudo!

– Não tô riscando tudo.

– O que vai deixar? – Ele inclinou mais para perto e a observou escrevendo.

– O ritmo – disse Cath. – O ritmo é bom.

– Ah, é? – Ele sorriu.

– É. Parece uma valsa.

– Ficou com inveja? – Ele sorriu ainda mais. Os caninos dele eram meio tortos, mas não o bastante para precisar de aparelho.

– Definitivamente – disse Cath. – Eu jamais conseguiria escrever em ritmo de valsa.

Às vezes, quando conversavam desse jeito, ela tinha certeza de que estavam flertando. Mas quando o caderno era fechado, a luz sempre apagava dos olhos de Nick. À meia-noite, ele saía correndo para ir aonde ia toda vez, provavelmente abraçar uma menina com a mão que segura a cerveja. E beijá-la mostrando os dentes tortos.

Cath continuou trabalhando na cena, todo um novo diálogo tomou forma na margem. Quando ela tirou os olhos do papel, Nick continuava sorrindo para ela.

– Que foi? – ela perguntou.

– Nada – disse ele, rindo.

– Que foi?

– Nada. É que... É tão louco que isso dá certo. Você e eu. A gente conseguir escrever junto. É como... pensar junto.

– É legal – disse Cath, sinceramente. – Escrever é solitário.

– Não era de se esperar que a gente estivesse na mesma frequência, sabe? Somos tão diferentes.

– Não somos *assim tão* diferentes.

– Totalmente diferentes – disse ele. – Olhe pra nós.

– Nós dois estudamos Inglês – disse Cath. – Somos jovens. Moramos em Nebraska. Ouvimos o mesmo estilo de música, assistimos os mesmos programas de TV, temos até um par de tênis igual...

– É. Mas é tipo o John Lennon escrever com... a Taylor Swift, em vez do Paul McCartney.

– Se enxerga – disse Cath. – Você não chega as pés da Taylor Swift em termos de beleza.

– Entendeu o que eu quis dizer. – Nick cutucou-a no braço com a ponta da caneta.

– É legal – disse ela, olhando para ele, ainda sem saber se estavam flertando; mas sabendo que não queria que estivessem. – Escrever é solitário.

Não houve tempo para Cath escrever uma página sua no caderno. Ela e Nick passaram o resto da noite entre as estantes repaginando a seção dele. O Volvo foi trocado por um Neon enferrujado, e o detalhe do dente-de-leão, cortado fora.

Às 23h45, arrumaram-se para sair. Quando chegaram aos degraus da entrada da biblioteca, Nick já estava checando seu celular.

– Ei – disse Cath –, que acha de passar andando pelo Pound Hall no caminho até o seu carro? A gente podia ir junto.

Ele não tirou os olhos do telefone.

– Melhor não. Preciso ir pra casa. Mas te vejo na aula.

– Tá – disse Cath –, até mais. – Ela pegou o celular e começou a digitar 911 antes mesmo dele desaparecer nas sombras.

– Pai? É a Cath. Só liguei pra dar um oi. Pensei em ir pra casa nesse fim de semana. Me liga.

...

– Pai, tô tentando ligar no seu trabalho. Hoje é quinta. Acho que vou pra casa amanhã. Me liga, tá? Ou manda e-mail. Te amo.

...

– Oi, filha, é o papai. Não venha pra casa nesse fim de semana, não. Vou ficar fora o fim de semana todo por causa da filmagem do Molhovioli. Em Tulsa. Quer dizer, venha, se quiser. Dê uma festona. Tipo o Tom Cruise em... Gente, como chama mesmo o filme? Não o *Top Gun*; ah,

o *Negócio arriscado*. Não tem bebida nenhuma, mas sobrou um pouco da caçarola de feijão. Te amo, Cath. Você ainda tá de mal da sua irmã? Não fique.

A biblioteca Amor estava mais cheia do que o normal naquele fim de semana; era a semana antes das provas finais, e todo mundo parecia estar estudando até não poder mais. Cath teve que se enfiar mais e mais nos fundos da biblioteca pra encontrar uma escrivaninha desocupada. Ela pensou em Levi e sua teoria de que a biblioteca criava mais cômodos a cada vez que era visitada. Naquela noite, ela passou por uma porta baixa acima de um lance de escadas. Uma placa indicava as Estantes Sul, e Cath podia jurar que nunca a vira antes.

Ela abriu a porta, e havia um degrau para um corredor de tamanho normal. Cath foi parar em outra sala com cara de silo, quase uma cópia da de Nick; o vento chegou até a soprar na direção contrária.

A garota achou um cubículo vazio e pousou a bolsa, tirando o casaco. Uma menina sentada do outro lado, atrás do anteparo cinza, a observava.

Ela se apurou na cadeira, de modo que Cath pôde ver que sorria. Ela deu uma olhada rápida ao redor, depois se inclinou para a frente, segurando na parede do cubículo.

– Não quero te atrapalhar, mas adorei sua camiseta!

Cath olhou para baixo. Estava usando a camiseta do *Fique Calma e Vá em Frente*, da Etsy, a que tinha os rostos de Baz e Simon.

– Ah – disse Cath –, obrigada.

– É sempre tão legal conhecer mais gente que lê fanfiction na vida real...

Cath deve ter feito cara de surpresa.

– Ah, meu Deus – disse a garota –, você faz ideia do que eu tô falando?

– Sim – disse Cath. – Claro. Quer dizer, acho que sim. *Vá em frente, Simon?*

– Isso! – A menina riu baixinho e olhou ao redor da sala, novamente. – Isso foi quase embaraçoso. Assim, é como ter uma vida secreta, às vezes. As pessoas acham tão estranho... Fanfiction. Ficção. Você sabe.

Cath fez que sim.

– Você lê bastante histórias?

– Ultimamente, não muito – disse a garota. – Era viciada no colegial. – O cabelo loiro dela estava arrumado num rabo de cavalo, e ela usava um moletom com os dizeres *Verdigre Futebol. Lutem, Hawks, lutem!* Não parecia uma ermitã esquisitona... – E você?

– Ainda leio muito... – Cath respondeu.

– Magicath é a minha favorita, sem dúvida – a garota interrompeu, como se não pudesse esperar. – Sou obcecada por *Vá em frente*. Você tem acompanhado?

– Tenho.

– Ela tem postado *tanto* ultimamente. Sempre que tem um capítulo novo, preciso parar tudo

pra ler. E depois ler de novo. Minha colega de quarto me acha uma louca.

– A minha também.

– Mas é *tão bom*. Ninguém escreve sobre Simon e Baz como a Magicath. Estou apaixonada pelo Baz. Tipo, *apaixonada*. E eu era super a favor de Simon e Agatha.

Cath torceu o nariz.

– *Não*.

– Eu sei, eu era mais nova.

– Se a Agatha se importasse mesmo com qualquer um dos dois – disse Cath –, escolheria um deles.

– Pois é! Quando Simon terminou com ela em *Vá em frente...* que cena *boa*!

– Você não achou longa demais?

– Não; você achou?

– Um pouco.

– Nunca acho os capítulos muito longos. Sempre quero mais e mais e mais. – A garota brandia as mãos na frente da boca como se fosse o Cookie Monster comendo *cookies*. – Tô falando, sou obcecada por *Vá em frente*. Sinto como se algo *grandioso* estivesse pra acontecer em breve.

– Eu também – disse Cath. – Acho que o Mago vai dar uma baita bronca no Simon.

– Não! Acha mesmo?

– Tenho um pressentimento.

– Fiquei pê da vida com quanto tempo levou para Simon e Baz ficarem juntos. E agora mal posso esperar pra que eles tenham uma supercena de amor. É a única reclamação que eu faria a *Vá em frente*. Falta mais ação entre eles.

– Ela quase nunca escreve cenas de amor – disse Cath, sentindo o rosto ruborizar.

– É, mas quando escreve, são muito legais.

– Você acha?

– Há – a menina riu. – *Acho*.

– É por isso que as pessoas pensam que somos pervertidas malucas – disse Cath.

A menina riu mais um pouco.

– É, sim. Às vezes eu esqueço que vai sair um livro mesmo; tipo, é difícil pra mim imaginar que a história vai terminar de outro jeito, e não como a Magicath escreve.

– Às vezes... – disse Cath –, quando leio a série, esqueço que Simon e Baz não se gostam.

– Não é? Eu amo Gemma T. Leslie, sempre vou amar. Sinto que ela representou uma força importante na minha infância. E sei que Magicath não existiria sem Gemma T. Leslie. Mas agora, acho que gosto mais da Magicath. Acho que é minha autora favorita. E ela nunca nem escreveu um livro...

Cath estava meio boquiaberta, balançando a cabeça.

– Que *loucura*.

– *Eu sei* – disse a menina. – Mas acho que é verdade... Ai, meu Deus, desculpe. Tô te alugando. Nunca consigo conversar sobre essas coisas na vida real. Exceto com meu namorado. Ele sabe que sou louca por essas coisas.

– Não precisa se desculpar – disse Cath. – Foi legal.

A garota se sentou, e Cath também. Ela abriu o notebook e pensou por um minuto na professora Piper, depois abriu o último capítulo de *Vá em frente*. Algo grandioso estava prestes a acontecer em breve.

– Pai, é a Cath. Você já voltou de Tusa? Só quis checar. Me liga.

...

– Pai? É a Cath. Me liga.

...

– Oi, Cath, é o seu pai. Voltei. Estou bem. Não se preocupe. Preocupe-se com a escola. Não, risca essa, não se preocupe com nada. Tente não se preocupar, Cath; é muito melhor viver assim. Igual voar. Te amo, filha, manda um *oi* pra sua irmã.

...

– Pai? Sei que não quer que eu me preocupe com nada. Mas eu me preocuparia menos se você ligasse de volta. E não às três da manhã.

– Dez dias... – disse a professora Piper.

Em vez de estar sentada no local de sempre na mesa, estava fazendo pose perto das janelas. Nevava lá fora – nevara tanto naquele ano, e estavam ainda no começo de dezembro – e a professora compunha uma silhueta dramática contra o vidro embaçado.

– Gostaria de acreditar que todos já terminaram seus contos – disse ela, mirando os alunos com seus olhos azuis. – Que estão apenas cutucando e fuçando agora, cortando cada aresta...

Ela caminhou para as carteiras e sorriu para alguns alunos, um por um. Cath sentiu um arrepio quando seus olhos se encontraram.

– Mas também sou escritora – disse a professora. – Sei como é ficar distraída. Procurar pelas distrações. Ficar exausta fazendo qualquer outra coisinha em vez de enfrentar uma página em branco. – Ela sorriu para um dos meninos. – Uma tela em branco... Então, se não terminaram, ou se nem começaram, eu entendo, de verdade. Mas imploro... *comecem agora*. Tranquem-se do mundo. Desliguem a internet, bloqueiem a porta. Escrevam como se sua vida dependesse disso. Escrevam como se seu *futuro* dependesse disso. Porque eu posso prometer uma coisa... – Ela deixou os olhos pararem em outro de seus favoritos e sorriu. – Se vocês planejam fazer minha matéria avançada no próximo semestre, não vão poder entrar a não ser que tirem oito nessa matéria. E esse conto vai valer metade da sua nota final. Essa matéria é para *escritores* – disse ela. – Para pessoas que estão dispostas a deixar de lado seus medos e

para trás as distrações. Amo todos vocês, amo mesmo, mas se for pra perderem tempo, não quero perder o meu. – Ela parou na carteira de Nick e sorriu para ele. – Tá bom? – Ela disse, somente para ele.

Nick fez que sim. Cath olhou para baixo.

Ela não lavara os lençóis, mas não havia nada de Levi neles.

Cath meteu o rosto no travesseiro da forma mais indiferente que conseguiu, ainda que não tivesse ninguém no quarto para julgá-la.

A franha cheirava somente a franha suja. E um pouco a salgadinho.

Cath fechou os olhos e imaginou Levi deitado junto dela, suas pernas se tocando e cruzando. Ela se lembrou de como a garganta ficara seca naquela noite e como ele a envolvera com os braços, como se quisesse erguê-la, como se quisesse tornar tudo mais fácil para ela.

Lembrou-se da camisa de flanela dele. E da boca rosada, urgente. E de como ela não deixara os dedos entre os cabelos dele pelo tempo que queria.

E logo estava chorando, com o nariz escorrendo. Limpou-o na franha porque, àquela altura, que diferença fazia?

Simon corria o mais rápido que podia. Lançava feitiços nos pés e nas pernas, lançava feitiços nos galhos e pedras do caminho.

Podia já estar atrasado demais – primeiro pensou que estava, quando viu Agatha deitada num morrinho, no chão da floresta... Mas o morrinho se mexia. Agatha podia estar assustada, mas continuava intacta.

Baz estava agachado sobre ela e tremia igualmente. O cabelo estava pendurado para a frente, de um jeito que ele jamais deixaria ficar, e a pele pálida brilhava de um jeito esquisito à luz da lua, como o interior de uma concha. Simon se perguntou, por um instante, por que Agatha não tentava escapar. Devia estar hipnotizada, pensou. Vampiros podiam fazer isso, não?

– Vai. Embora – Baz sibilou.

– Baz... – disse Simon, estendendo a mão.

– Não olhe pra mim.

Simon evitou o olhar de Baz, mas não desviou o rosto.

– Não tenho medo de você – disse Simon.

– Devia ter. Eu podia matar vocês dois. Ela primeiro, depois você, antes que você percebesse o que eu estava fazendo. Sou tão rápido, Simon... – A voz dele falhou nas duas últimas palavras.

– Eu sei...

– E tão forte...

– Eu sei.

– E estou com tanta sede.

A voz de Simon saiu quase como um sussurro.

– Eu sei.

Os ombros de Baz tremeram. Agatha começou a se levantar – devia estar se recuperando. Simon olhou para ela com preocupação e balançou a cabeça. Deu mais um passo adiante. Estava perto. Ao alcance de Baz.

– Não tenho medo de você, Baz.

– Por que não? – Baz resmungou. Era o resmungar de um bicho. Ferido.

– Porque te conheço. E sei que você não me machucaria. – Simon estendeu a mão e gentilmente afastou para

trás a mecha solta de cabelos pretos. A cabeça de Baz tombou para trás com o toque, os caninos salientes e brilhantes.

– Você é tão forte, Baz.

Baz se aproximou do outro, então, abraçando-lhe a cintura e enfiando o rosto em sua barriga.

Agatha deslizou para longe dos dois e correu para a fortaleza. Simon abraçou Baz pela nuca e curvou o corpo sobre ele.

– Eu sei – disse. – Eu sei de tudo.

De *Vá em frente, Simon*, postado em fevereiro de 2011 por Magicath, autora do FanFixx.net

Dezoito

- Você fica vindo aqui, agora? – Nick veio empurrando o carrinho até a mesa dela.
- Tô tentando escrever – disse Cath, fechando o notebook antes que ele começasse a ler a tela.
- Trabalhando no seu projeto final? – Ele deslizou para a cadeira ao lado dela e tentou abrir o computador. Ela pôs o braço em cima. – Já escolheu uma direção?
- Já – disse Cath. – Muitas.
- Ele fez uma careta, depois balançou a cabeça.
- Você não me preocupa. Pode escrever dez mil palavras até dormindo.
- Era quase isso mesmo. Ela escrevera dez mil palavras em *Vá em frente* somente na noite anterior. Os pulsos ficaram muito doloridos no dia seguinte...
- E você? – Ela perguntou. – Terminou?
- Quase. Bom... tenho uma ideia. – Ele sorriu para ela. Um daqueles sorrisos que a faziam pensar que estavam flertando.
- Sorrisos confundem*, ela pensou. *É por isso que não sorrio.*
- Acho que vou entregar minha história de *antiamor*. – Ele ergueu as sobrancelhas de Muppet e fez uma expressão hesitante.
- Cath sentiu a boca meio aberta e a fechou.
- A história? Tipo... a história em que estamos trabalhando juntos?
- É – disse Nick, animado, erguendo as sobrancelhas novamente. – Quer dizer, primeiro pensei que era frívola demais. Um conto tem que falar de alguma coisa. Mas é como você sempre diz, é sobre duas pessoas se apaixonando. O que pode ser maior que isso? E a gente trabalhou bastante nela, acho que está pronta. – Ele a cutucou com o cotovelo e pôs a língua entre os dentes. Observava a reação dela. – Então, o que acha? Boa ideia, né?
- Cath trancou a boca mais uma vez.
- É... é só que... – Ela olhou para a mesa, onde costumavam pôr o caderno. – Trabalhamos nela juntos.
- Cath... – disse ele. Como se estivesse desapontado com ela. – O que está tentando dizer?
- Bom, você vai dizer que a história é só sua.
- É você quem diz isso – disse ele, interrompendo-a. – Você sempre diz que se sente mais como editora do que coautora.
- Eu tava te provocando.
- Tá me provocando agora? Não consigo dizer.

Ela olhou para o rosto dele. Ele parecia impaciente. E decepcionado. Como se Cath o estivesse decepcionando.

– Podemos ser honestos? – ele perguntou. E nem esperou pela resposta. – Essa história foi ideia minha. Eu a comecei. Sou o único que trabalha nela fora da biblioteca. Aprecio toda a sua ajuda, você é uma editora genial, e tem muito potencial, mas você acha mesmo que a história também é sua?

– Não – disse Cath. – Claro que não. – Ela sentiu sua voz regredindo para um choramingo. – Mas estávamos escrevendo juntos. Tipo Lennon-McCartney...

– John Lennon e Paul McCartney, muita gente diz isso, escreviam as músicas separadamente, depois mostravam um para o outro. Você acha mesmo que John Lennon escreveu metade de *Yesterday*? Acha que Paul McCartney escreveu *Revolution*? Não seja inocente.

Cath apertou os punhos sobre o colo.

– Olha – disse Nick, sorrindo como se estivesse se forçando a sorrir. – Aprecio de verdade tudo o que você fez. Você me entende bem, como artista, como ninguém nunca entendeu. É a melhor ouvinte. E quero que a gente continue mostrando os trabalhos um pro outro. Não quero sentir que se, tipo, eu te ofereço uma sugestão, ela pertence a mim. Ou vice-versa.

Ela balançou a cabeça.

– Mas não... – Ela não sabia o que dizer, então puxou o notebook para si e começou a enrolar o fio em torno dele. O que Abel lhe dera. (Fora mesmo um bom presente.)

– Cath... não faz isso. Tá me assustando! Vai ficar brava mesmo por causa disso? Acha mesmo que estou roubando de você?

Ela balançou a cabeça. E guardou o computador na bolsa.

– Tá brava?

– Não – ela respondeu num sussurro. Estavam na biblioteca, afinal de contas. – É só que...
– Só.

– Pensei que você fosse ficar feliz por mim – disse ele. – Você é a única que sabe quanto eu trabalhei nessa. Sabe como coloquei muito de mim nessa história.

– Eu sei – ela respondeu. Essa parte era verdade. Nick ligava para a história, Cath não. Ela ligava para a escrita. Para a terceira coisa, a magia que surgia entre eles quando trabalhavam juntos. Ela se encontraria com Nick na biblioteca até para escrever obituários. Ou embalagens de xampu. – É só que... – ela disse. – Preciso trabalhar na minha história agora. Estamos quase na semana final.

– Não dá pra trabalhar aqui?

– Não quero te atrapalhar com o barulho que faço digitando – ela murmurou.

– Quer me encontrar mais uma vez antes da gente entregar as histórias, pra lermos juntos?

– Claro – disse ela, mentindo.

Cath esperou até chegar às escadas antes de correr, e correu o caminho todo, sozinha, por entre as árvores, na escuridão.

Na tarde de quarta, depois da prova de Biologia, Cath sentou-se em frente ao computador. Não pretendia sair do quarto nem entrar na internet enquanto não tivesse terminado seu projeto de ficção.

Não pararia de digitar enquanto não tivesse um primeiro rascunho. Mesmo que isso significasse digitar coisas como *Não faço ideia do que estou digitando agora, blá, blá, blá*.

Ela ainda não havia se decidido quanto ao enredo ou aos personagens...

Ela passou uma hora escrevendo uma conversa entre um homem e sua esposa. E depois percebeu que não havia ação crescendo nem diminuindo; o homem e a esposa apenas discutiam sobre couves-de-bruxelas, e as couves-de-bruxelas não eram metáfora para nada mais profundo.

Depois ela começou uma história sobre o término de um relacionamento, pela perspectiva do cachorro do casal.

E depois começou uma história na qual um cachorro destruía, intencionalmente, um casamento. E depois parou porque não se interessava tanto assim em cachorros. Nem em gente casada.

Pensou em digitar tudo o que pudesse lembrar da história de *antiamor* de Nick. Isso chamaria a atenção da professora Piper.

Pensou em pegar uma das suas histórias sobre Simon e Baz e apenas mudar os nomes. (Provavelmente, poderia dar certo caso a professora já não estivesse na cola dela.)

Poderia também pegar uma história de Simon e Baz e mudar os detalhes materiais. Simon seria um advogado, e Baz, espião. Simon seria um policial, e Baz, dono de padaria. Simon gostaria de couve-de-bruxelas, e Baz é um cachorro.

Cath queria, desesperadamente, escapar para a internet. Só para checar seus e-mails ou algo assim. Mas não se deixaria abrir o navegador, nem mesmo para checar se a letra *b* de Bruxelas deveria ser escrita em maiúsculo.

Em vez disso, levantou-se da escrivaninha e foi para o banheiro. Caminhou lentamente pelo corredor, buscando distrações, mas não havia ninguém por perto tentando ser amigável. Cath voltou para o quarto e se deitou na cama. Ficara até muito tarde na noite anterior estudando Biologia, e foi fácil fechar os olhos.

Era quase uma boa mudança estar confusa com Nick em vez de Levi. Será que tinha gostado dele? (Nick, no caso. Ela definitivamente gostava de Levi.) Ou será que gostara somente de tudo o que ele representava? Inteligência, talento, beleza. Beleza estilo Primeira Guerra Mundial.

Só de pensar em Nick, sentia-se muito envergonhada. Fora enganada. Passada para trás. Será que ele planejara roubar a história o tempo todo? Ou só estava desesperado? Como ela também estava.

Nick e sua história imbecil.

A história era dele, mesmo. Não era nada que Cath escreveria sozinha. Menina idiota, esquisita. Menino idiota, pretensioso. Nada de dragões.

A história era de Nick. Ele só a convencera a escrever também. Ele era um narrador não confiável, se fosse para nomear um.

Cath queria passar a trabalhar numa história sua. Não a da aula. *Vá em frente.*

Vá em frente era a história de Cath. Milhares de pessoas a estavam lendo. Milhares de pessoas queriam que ela a terminasse.

Essa história que ela tinha de escrever para a aula? Apenas uma pessoa se importava se ela a terminaria. E essa pessoa nem era Cath.

Ela pegou no sono de ténis nos pés, deitada de bruços.

Quando acordou, estava escuro, e ela odiava isso. Era desorientador adormecer na claridade e acordar no escuro, em vez do oposto. A cabeça doía, e havia um círculo de baba no travesseiro. Isso só acontecia quando ela dormia durante o dia.

Cath se sentou, sentindo-se péssima, e percebeu que o celular estava tocando. Não reconheceu o número.

– Alô?

– Cather? – Era uma voz de homem. Gentil.

– Isso, quem fala?

– Oi, Cather, é o Kelly. Que trabalha com o seu pai.

Kelly era o diretor de criação do pai dela. O cara do urso panda. “Maldito Kelly”, era assim que o pai dela o chamava. Como em “Maldito Kelly vai fazer a gente começar tudo de novo na campanha do Kilpatrick”. Ou “E daí o maldito Kelly enfiou na cabeça que o robô devia dançar”.

Kelly era o motivo pelo qual o pai ainda tinha emprego. Toda vez que Kelly trocava de agências, ele convencia o pai de Cath a ir junto.

Kelly associava todo o comportamento exagerado do pai dela à “mente criativa”. *Seu pai é um gênio*, ele dissera às gêmeas numa festa de Natal. *O cérebro dele foi especificamente pensado para fazer propagandas. É um instrumento preciso.*

Kelly tinha uma voz suave e lisonjeira – como se tentasse convencer você de algo ou te vender alguma coisa toda vez que abria a boca. *Já provaram o coquetel de camarão daqui? O coquetel de camarão é maravilhoso.*

Ouvir a voz suave de vendedor de Kelly naquele momento gerou um calafrio que subiu pela espinha de Cath.

– Oi – ela disse.

– Oi, Cather. Desculpe te ligar na escola. É a semana das provas finais, né? O Connor aqui me disse que é a semana das provas finais.

– Isso.

– Olha, peguei seu número do celular do seu pai, e só queria dizer que ele está

perfeitamente bem, vai ficar bem. Mas vai passar essa noite, talvez mais um dia ou dois, aqui no hospital. Aqui no Hospital St. Richard...

– O que aconteceu?

– Não aconteceu nada, ele tá bem. De verdade. Só precisa recobrar o equilíbrio.

– Por quê? Como? O que aconteceu? Por que você o levou aí? Foi você quem o levou?

– Sim, fui eu. Eu mesmo o trouxe pra cá. Não foi que aconteceu alguma coisa. É só que ele estava muito focado no trabalho, como, você sabe, nós também estamos. É uma linha tênue, às vezes, pra todo mundo... Mas seu pai não queria sair do escritório. Fazia alguns dias que ele não saía de lá...

Quantos dias?, ela se perguntou. Ele estava se alimentando? Estava indo ao banheiro? Tinha bloqueado a porta com a mesa? Tinha jogado uma pilha de ideias pela janela do sétimo andar? Tinha parado no corredor e gritado *Vocês são todos uns vendidos filhos da mãe. Todo mundo. Principalmente você, Kelly, seu maldito picareta sem cérebro*. Tiveram de carregá-lo? Foi durante o dia? Todo mundo viu?

– Ele tá no St. Richard's? – ela perguntou.

– Isso, estão fazendo exames. Ajudando-o a dormir. Acho que isso vai ajudar.

– Eu vou até aí – ela disse. – Diga que estou indo. Ele se machucou?

– Não, Cather. Ele não tá machucado. Só dormindo. Acho que vai ficar bem. É que foram uns meses puxados.

Meses.

– Tô indo, tá?

– Claro – disse Kelly. – Devo ir pra casa logo. Mas você tem o número do meu celular. Me ligue se precisar de alguma coisa, tá bem?

– Obrigada.

– De verdade. Qualquer coisa. Sabe o que sinto pelo seu pai, ele é minha moeda da sorte. Faço de tudo por ele.

– Obrigada.

Ela desligou antes de Kelly. Não aguentava mais.

Ligou imediatamente para Wren. Esta parecia surpresa quando atendeu o telefone. Cath foi direto ao assunto:

– O papai tá no St. Richard's.

– O quê? Por quê?

– Surto no trabalho.

– Ele tá bem?

– Não sei. Kelly disse que ele não saía do escritório.

Wren suspirou.

– O maldito Kelly?

– É.

- O papai vai ficar fulo da vida.
- Eu sei – disse Cath. – Vou pra lá assim que conseguir carona.
- O Kelly falou pra você ir?
- Como assim?
- Ah, é que é a semana das provas finais, e você sabe que o papai deve estar dopado no esquecimento uma hora dessas. A gente devia ligar amanhã e ver como ele tá.
- Wren, ele tá no hospital.
- O St. Richard’s não é bem um hospital.
- Você não acha que a gente precisa ir?
- Acho que a gente devia fazer as provas – disse Wren. – Quando terminarmos, ele vai estar saindo da confusão, e vamos estar por perto, pra ele.
- Eu vou – disse Cath. – Vou ver se a vó pode vir me buscar.
- A vó tá em Chicago.
- Ah. É mesmo.
- Se você precisa mesmo ir, sei que a mamãe pode levar você. Se é tão importante assim.
- *Não*. Tá me zoando?
- Tá. Que seja. Me liga quando chegar no hospital?

Cath queria dizer algo maldoso tipo “Odiaria interromper seus estudos durante a semana das provas finais”, mas acabou dizendo “Tá bom”.

Ligou para Reagan em seguida. Ela tinha carro, e compreenderia...

Reagan não atendeu.

Cath se encaracolou na cama e chorou por alguns minutos.

Pelo pai. Por sua humilhação e sua fraqueza. E por si mesma – porque não estava por perto para impedir que isso acontecesse, e porque mesmo algo tão *zoad*o não conseguia aproximá-la da irmã. Por que Wren estava agindo com tanta frieza quanto ao acontecido? Só porque já acontecera antes não queria dizer que não era sério. Não significava que ele não precisava delas.

Depois chorou pelo fato de não ter feito mais amigos que tinham carro.

E então ligou para Levi.

Ele atendeu de imediato.

– Cath?

– Oi, Levi. Hm, tudo bem?

– Tudo. Tô só... trabalhando.

– Você costuma atender o telefone quando tá no trabalho?

– Não.

– Ah. Bem, hm, mais tarde, quando você sair, será que rolaria de você me levar pra Omaha? Sei que é um baita aborrecimento, mas vou pagar pela gasolina. É só meio que uma emergência de família.

- Te busco agora. Chego em quinze.
- Não. Levi, posso esperar, se você estiver no trabalho.
- É emergência de família?
- É – ela disse baixinho.
- Chego em quinze.

Não havia como Snow vê-lo lá do alto, sobre a varanda. Snow estava ocupado demais tentando aprender os passos para o baile. Ocupado demais pisando nas botas de seda de Agatha. Ela estava muito bonita naquele dia – toda cabelos loiros claros e pele macia e rosada. Essa menina é opaca, pensou Baz. Feito leite. Feito vidro branco.

Simon deu um passo errado para a frente, e ela perdeu o equilíbrio. Ele a segurou com um abraço forte em torno da cintura.

E não é que eles chegam a brilhar juntos? São todos tons de branco e dourado.

- Ele nunca vai desistir dela, você sabe.

Baz quis chicotear a voz, mas se conteve. Nem precisou virar o rosto.

- Oi, Penélope.

– Está perdendo seu tempo – disse ela, parecendo muito cansada. – Ele acha que ela é o destino dele. Não consegue pensar em outra coisa.

- Eu sei – disse Baz, adentrando as sombras. – Eu também não.

De “Tyrannus Basilton, filho de Pitch”, postado em dezembro de 2009 por Magicath e Wrenegade, autoras do FanFixx.net

Dezenove

Levi não perguntou nada, e Cath não sentiu que precisava explicar.

Ela lhe disse que o pai estava no hospital, mas não contou por quê. Agradeceu bastante. Colocou uma nota de vinte dólares no cinzeiro e disse que daria mais assim que conseguisse o dinheiro.

Tentou não olhar para ele – porque sempre que o fazia, imaginava-o beijando alguém, tanto ela quanto aquela outra garota, e as duas memórias eram igualmente dolorosas.

Esperou que ele se transformasse no Levi de sempre, que a cutucasse com perguntas e observações cativantes, mas ele a deixou quieta. Após cerca de vinte minutos, perguntou se ela se importaria se ele colocasse uma palestra para escutar – tinha uma prova importante no dia seguinte.

– Pode pôr – disse Cath.

Levi colocou um gravador digital no painel. Escutaram um professor de voz grave falando sobre práticas agrônomas sustentáveis durante os quarenta minutos seguintes.

Quando entraram na cidade, Cath deu as direções a Levi; ele estivera em Omaha poucas vezes. Quando entraram no estacionamento do hospital, Cath teve certeza de que ele lera a placa – *Centro St. Richard's de Saúde Mental*.

– Pode me deixar aqui – disse ela. – Fico muito agradecida.

Levi desligou o áudio da palestra sobre gerenciamento de ranchos.

– Me sentiria muito melhor se entrasse com você.

Cath não argumentou. Foi andando na frente dele e seguiu direto para o balcão da recepção. Percebeu que o garoto se acomodou numa cadeira atrás dela, na sala de espera.

O homem no balcão não foi nada gentil.

– Avery – disse. – Avery... Arthur. – Estalou a língua. – Acho que ele não tá autorizado pra receber visita.

Será que dava pra falar com um médico? Ou enfermeira? O cara achou melhor não. *Meu pai tá acordado?* Não podia dizer, leis federais de privacidade e tal.

– Bom, vou só me sentar ali – disse Cath. – Então, talvez você podia dizer a alguém que estou esperando, e que gostaria de ver meu pai.

O cara – era um cara grande, mais para um operário bombado do que recepcionista ou enfermeiro – disse que ela podia se sentar, se quisesse. Ela imaginou se o homem já estava lá quando trouxeram o pai dela. Será que tiveram de contê-lo? Ele chegara gritando? Cuspindo? Ela queria que todos dali, começando pelo grandalhão, soubessem que o pai dela era uma

peessoa, e não só um maluco. Que havia gente que se importava com ele e que notaria se ele fora maltratado ou se recebera medicação incorreta. Cath largou-se numa cadeira, na qual o babaca bombado podia vê-la.

Dez minutos de silêncio se passaram, até que Levi disse:

– Não rolou?

– Como sempre, não. – Ela olhou para ele, evitando seu rosto. – Olha, pelo visto, vou ter que ficar um tempão aqui. Melhor você voltar.

Levi inclinou o torso sobre os joelhos, coçando a nuca, como se estivesse pensando.

– Não vou te largar sozinha numa sala de espera de hospital – disse, finalmente.

– Mas tudo o que eu posso fazer agora é esperar – disse ela. – Então, tô no lugar perfeito.

Ele deu de ombros e encostou as costas na cadeira, ainda coçando a nuca.

– Acho melhor eu ficar por aqui. Você pode precisar de carona depois.

– Tá bom – disse Cath, mas logo se forçou a prosseguir. – Obrigado... Isso não vai virar costume, viu? Prometo que não vou te ligar na próxima vez que um parente dê *PT* ou fique maluco.

Levi tirou sua jaqueta verde e a deixou na cadeira ao lado. Estava usando blusa e calça preta, e tinha o gravador digital na mão. Guardou-o no bolso.

– Será que tem café em algum lugar por aqui? – disse.

St. Richard's não era um hospital comum. Somente a sala de espera era aberta ao público, e era mais um corredor com cadeiras do que uma sala de fato. Nem havia uma TV pendurada no canto, passando Fox News.

Levi se levantou e andou até a janelinha do grandalhão. Inclinou-se por sobre o balcão e começou a puxar papo.

Cath sentiu uma pontada de irritação e sacou o celular para mandar mensagem para Wren.

– *no st richard's, esperando pra ver papai.*

Pensou em ligar para a avó, mas resolveu esperar até ter mais informações.

Quando tirou os olhos do aparelho, Levi estava sendo conduzido pelas portas principais. Ele olhou para trás um segundo antes delas se fecharem atrás dele, e sorriu. Fazia tanto tempo que ele não sorria para ela – o coração de Cath deu um pulinho. Encheu-lhe os olhos de lágrimas...

Ele demorou para voltar.

Talvez estivessem fazendo um *tour*, pensou ela. Provavelmente, ele ia voltar com uma caneca de cerveja, batom espalhado por toda a cara e ingressos pro Fiesta Bowl.

Cath não tinha nada com que se distrair a não ser o celular – mas a bateria estava acabando, então ela enfiou o aparelho na bolsa e tentou não pensar nele.

Logo, ouviu um ruído, e Levi cruzou as portas, segurando dois copinhos de isopor com café, equilibrando nos braços dois sanduíches embrulhados.

– Peru ou presunto? – perguntou.

– Por que trouxe comida pra mim?

– Ah, eu trabalho numa cafeteria e faço faculdade praticamente de *pastoreio*...

– Peru – disse ela, sentindo-se grata, mas ainda achando que não podia fitá-lo nos olhos. (Ela sabia como eram. Os olhos dele eram cálidos e azuis-claros. Faziam você sentir que ele gostava mais de você do que das outras pessoas.) Ela pegou um dos copinhos. – Como conseguiu entrar lá pra dentro?

– Só perguntei se tinha café – disse ele.

Cath desembrulhou o sanduíche e começou a rasgar pedaços. Amassava-os antes de colocar na boca. A mãe costumava lhe pedir para não mutilar a comida. O pai jamais dizia nada, suas maneiras à mesa eram ainda piores.

– Pode sim, viu – disse Levi, desembrulhando seu sanduíche.

– Posso o quê?

– Me ligar na próxima vez que alguém ficar maluco ou for preso... Fiquei feliz por ter me ligado hoje. Achei que estivesse brava comigo.

Cath amassou outro naco do sanduíche. A mostarda escapou pelos cantos.

– Você é o cara pra quem todo mundo liga quando precisa de ajuda?

– Se sou o Super-Homem? – Dava para ouvir que ele sorria.

– Sabe o que quis dizer. Você é aquele cara pra quem todos os amigos ligam quando precisam de ajuda? Porque sabem que você vai dizer sim?

– Não sei... Sou o cara pra quem todo mundo liga quando precisa fazer mudança. Deve ser a caminhonete.

– Quando te liguei hoje – ela disse, fitando os pés –, sabia que você ia me dar carona. Se pudesse.

– Que bom. Tava certa.

– Acho que devo estar te explorando.

Ele riu.

– Não tem como me explorar contra a minha vontade...

Cath tomou um gole do café. Não estava nada parecido com o *latte* de pão de mel.

– Tá preocupada com seu pai? – ele perguntou.

– Tô. E não tô. Assim – ela deu uma olhada rápida para ele –, não foi a primeira vez. Às vezes acontece... Geralmente, não fica ruim assim. Geralmente, a gente tá por perto pra ajudar.

Levi segurou seu sanduíche por um canto e mordeu pelo outro.

– Tá preocupada demais com seu pai pra me falar por que tá brava comigo? – disse, de boca cheia.

– É bobagem – ela murmurou.

– Pra mim, não é. – Ele engoliu. – Você sai do quarto toda vez que eu entro. – Cath não disse nada, então ele continuou falando. – É por causa do que aconteceu?

Ela não sabia como responder a essa pergunta. Não queria responder. Olhou para a parede à frente, onde deveria haver uma TV caso o local não fosse tanto como uma prisão.

Sentiu Levi inclinando-se para ela.

– Porque eu sinto muito por isso – disse ele. – Não queria ter te deixado desconfortável.

Cath cutucou o topo do nariz, desejando saber onde ficavam os dutos lacrimais para poder apertá-los, fechando-os.

– Sente muito?

– Desculpa por ter te chateado – disse ele. – Acho que eu devia estar te interpretando errado, e peço desculpas.

O cérebro dela tentou inventar algo maldoso para dizer sobre Levi e sobre a interpretação.

– Você não me interpretou errado – disse ela, balançando a cabeça. Apenas por um segundo, ela se sentiu mais irritada do que patética. – Eu fui à sua festa.

– Que festa?

Ela virou o rosto para encará-lo – mesmo começando a chorar, com os óculos meio embaçados e totalmente sem ter penteado o cabelo desde a manhã anterior.

– A festa – disse. – Na sua casa. Na quinta à noite. Eu fui com a Reagan.

– Por que não vi você?

– Você tava na cozinha... ocupado.

Levi fechou a cara, e se recostou na cadeira lentamente. Cath pousou o sanduíche na cadeira ao lado e uniu as mãos sobre o colo.

– Ah, Cath... – disse ele. – Desculpe.

– Não tem que pedir desculpas. Vocês pareciam muito contentes.

– Você não disse que viria.

Ela desviou o olhar.

– Então, porque você não sabia que eu ia, já foi se agarrando com outra pessoa na cozinha?

Pela primeira vez, Levi ficou sem saber o que dizer. Deixou de lado seu sanduíche também, e passou as duas mãos pelos cabelos loiros e finos. Eram feitos de fios mais macios que os de Cath. Sedosos. Pendentes. Sementes sopradas de dente-de-leão.

– Cath... – disse ele. – Por favor, me perdoe.

Ela não sabia ao certo pelo que ele estava se desculpando. Ele a fitava, lá do alto, parecendo genuinamente sentido por tê-la magoado.

– Foi só um beijo – disse ele, enrugando a testa.

– Qual deles? – ela perguntou.

Ele levou as mãos para a nuca, e as madeixas se soltaram.

– *Os dois*.

Cath respirou fundo, ruidosamente, e soltou pelo nariz.

– Legal – disse. – Isso é... bem, é bom saber disso.

– Não achei...

– *Levi*. – Ela o interrompeu e fitou direto nos olhos, tentando demonstrar austeridade em meio às lágrimas. – Não tenho palavras pra agradecer por ter me trazido aqui. Mas vou falar muito sério: quero que vá embora. Não só beijo as pessoas. Beijos não são... só beijos, pra mim. É por isso que eu tenho evitado você. E por isso que eu queria evitar você agora. Beleza?

– Cath...

A porta fez um barulho, e uma enfermeira a cruzou; usava sapatilhas floridas. Ela sorriu para Levi.

– Querem entrar agora?

Cath levantou-se e pegou a bolsa. Olhou para Levi.

– Por favor.

E acompanhou a enfermeira.

Levi tinha ido embora quando Cath voltou à sala de espera.

Ela pegou um táxi para o escritório do pai, para buscar o carro dele. O local estava lotado de pacotes de *fast food* e ideias amassadas. Quando ela chegou em casa, lavou a louça e mandou mensagem para Wren.

Cath não teve vontade de ligar. Não teve vontade de dizer *Oi, você tinha razão. Ele tá todo dopado e provavelmente não vai acordar até daqui a alguns dias, e não tem por que mesmo você voltar pra casa – a não ser que não aguento vê-lo passando por isso sozinho. Mas ele não vai estar sozinho, porque vou estar com ele.*

Fazia um tempo que o pai não lavava a louça. Os degraus que davam para o porão estavam cobertos com roupas sujas, como se ele tivesse apenas jogado as coisas lá embaixo durante semanas.

Ela começou a pôr tudo na máquina de lavar.

Jogou fora caixas de pizza com pedaços ressecados.

Havia um poema escrito no espelho do banheiro com pasta de dente – parecia um poema, mas talvez fossem apenas palavras soltas. Era tão bonito que Cath tirou uma foto com o celular antes de limpar.

Qualquer uma dessas coisas teria servido como indício caso elas tivessem ido para casa.

Caso tivessem ficado de olho nele.

Elas iriam encontrá-lo sentado no carro, no meio da noite, enchendo páginas e mais páginas com ideias que não faziam sentido, e elas o levariam para dentro de casa.

Elas iriam vê-lo deixando de jantar, contariam as xícaras de café. Notariam o entusiasmo na voz dele.

E tentariam botar-lhe rédeas.

Costumava funcionar. Ver as filhas com medo deixava o pai estarecido. Ele iria para a cama e dormiria por quinze horas. Marcaria consulta com o terapeuta. Tentaria os remédios de novo, ainda que não mantivesse nenhum deles.

– Não consigo pensar quando tomo os remédios – foi o que dissera a Cath certa noite. Ela tinha dezesseis anos, e tinha descido para checar a porta da frente, que encontrou aberta; sem saber, trancou o pai para fora de casa. Ele estava sentado nos degraus da entrada, e ela ficou morrendo de medo quando ele tocou a campainha. – Eles deixam o cérebro lento – disse ele, tampando um frasco laranja de pílulas. – Eles passam todos os amassados... Talvez todas as coisas ruins aconteçam nos amassados, mas as boas também... Eles domam o seu cérebro como se fosse um cavalo, ele aceita todas as suas ordens. Preciso de um cérebro que possa se libertar, sabe? Preciso pensar. Se não *penso*, quem sou eu?

Não ficava tão ruim quando ele dormia bastante. Quando comia os ovos mexidos que elas preparavam no café. Quando não trabalhava por três fins de semana sem parar.

Um pouco maníaco era bom. Um pouco maníaco o deixava feliz e produtivo e carismático. Os clientes comiam nas mãos dele.

Cath e Wren ficaram craques em tomar conta do pai. A notar quando o pouco maníaco escorregava para muito. Quando o carismático dava lugar ao maluco. Quando o brilho nos olhos dele virava um *flash* apagado.

Cath ficou acordada até as três da manhã naquela noite, limpando a bagunça. Se ela e Wren tivessem ido visitá-lo, teriam desconfiado que isso aconteceria. Teriam impedido.

No dia seguinte, Cath trouxe seu notebook consigo para o St. Richard's. Tinha 31 horas para escrever seu conto. Poderia mandá-lo à professora Piper por e-mail, sem problemas.

Wren finalmente respondeu à mensagem.

– *você voltou? prova final de psico amanhã. certo?*

Tinham o mesmo professor de Psicologia, mas estavam em salas diferentes.

– *vou ter que perder* – Cath digitou.

– *INACEITÁVEL* – Wren respondeu.

– *NÃO VOU LARGAR O PAPAI AQUI* – Cath retrucou.

– *mande e-mail pro professor, quem sabe ele deixa você fazer depois.*

– *tá.*

– *mande e-mail. e eu falo com ele.*

– *tá.*

Cath não conseguiu agradecer. Wren também deveria perder a prova.

O pai acordou por volta do meio-dia e comeu purê de batata com molho de mostarda. Dava para ver que ele estava bravo – bravo por estar ali e bravo por estar grogue demais para que sua raiva atingisse o ápice.

Havia uma TV no quarto, e Cath encontrou uma reprise de *Gilmore Girls* passando. O pai costumava sempre assistir o seriado com elas; era todo apaixonado pela Sookie. O computador de Cath ficava adormecendo no colo dela, então ela finalmente o pôs de lado e se reclinou na cama para assistir TV.

– Cadê a Wren? – ele perguntou durante um comercial.

- Na faculdade.
- Você também não devia estar lá?
- As férias de Natal começam amanhã.

Ele assentiu. O olhar era vago e distante. Toda vez que ele piscava, parecia que não ia conseguir abri-los mais.

Uma enfermeira entrou às duas da tarde com mais medicamentos. Depois veio um médico, que pediu a Cath que esperasse no corredor. O médico sorriu para ela quando saiu do quarto.

– Logo vai melhorar – disse ele num tom animado e confortante. – Tivemos que acalmá-lo rápido demais.

Cath sentou-se ao lado da cama e assistiu à TV até o fim do horário de visitas.

Não havia mais limpeza a fazer, e Cath sentiu-se inquieta, sozinha em casa. Tentou dormir no sofá, mas parecia tão perto do lado de fora e tão perto do quarto vazio do pai – então ela subiu para o quarto dela e deitou na própria cama. Visto que isso também não ajudou, ela passou para a cama da irmã, trazendo o notebook.

O pai já estivera no St. Richard's três vezes. A primeira vez foi no verão em que a mãe os deixou. Ligaram para a avó quando ele não quis mais sair da cama, e ela passou um tempo morando com eles. Encheu o freezer de lasanha congelada antes de ir embora.

Na segunda vez, as meninas estavam na sexta série. Encostado na pia, rindo, o pai disse a elas que não precisavam mais ir à escola. A vida era educativa, disse ele. Havia se cortado fazendo a barba; havia pedacinhos de papel higiênico grudados por sangue no queixo dele. Cath e Wren foram passar um tempo com a tia Lynn, em Chicago.

Na terceira vez, elas estavam no colegial. Tinham dezesseis anos, e a avó viera passar uns dias, mas chegara apenas no dia seguinte. A primeira noite as meninas passaram na cama de Wren, esta segurando os pulsos de Cath, que chorava.

- Sou que nem ele – sussurrava ela.
- Não é, não.
- Sou. Maluca que nem ele. – Ela já vinha tendo ataques de pânico. Escondia-se nas festas. Na sétima série, chegou atrasada nas duas primeiras semanas porque não conseguia passar pelos corredores junto dos outros alunos durante a troca de aulas. – Provavelmente, vai piorar daqui a alguns anos. É quando costuma aparecer mesmo.

- Não é, não – disse Wren.
- Mas e se eu for?
- Decida não ser.
- Não é assim que funciona – Cath argumentou.
- Ninguém sabe como funciona.
- E se eu não notar que está começando?
- Eu vou notar.

Cath tentou parar de chorar, mas estava chorando fazia tanto tempo que o choro havia

tomado conta, fazendo-a respirar entre soluços e contrações.

– Se começar a acontecer com você – disse Wren –, não vou te abandonar.

Alguns meses depois, Cath usou essa frase para Simon numa cena que falava sobre a sede de sangue de Baz. Wren ainda escrevia junto a Cath na época, e quando leu essa frase, exclamou.

– Eu vou te ajudar se você ficar maníaca – disse Wren. – Mas saiba que vai estar sozinha se virar vampira.

– Você não presta! – disse Cath. O pai já estava em casa nesse dia. E melhor. E Cath não sentiu mais, naquele momento, que seu DNA era uma armadilha pronta para aprisioná-la.

– Aparentemente, eu presto pra alguma coisa – disse Wren. – Você vive roubando minhas melhores falas.

Cath pensou em mandar mensagem para Wren na noite da sexta, antes de dormir, mas não sabia o que dizer.

Humdrum não era homem nem monstro. Era um menino.

Simon chegou mais perto, talvez por tolice, querendo ver-lhe o rosto... Sentiu o poder de Humdrum crepitando ao seu redor feito ar seco, feito areia quente, uma dor de cansaço na medula dos ossos de Simon.

Humdrum – o menino – usava calça jeans surrada e uma camiseta ofensiva, e levou um tempo até que Simon reconhecesse que o menino era ele mesmo. Uma versão dele de anos atrás.

– Pare – Simon gritou. – Mostre-se, seu covarde. Mostre-se!

O menino apenas riu.

Capítulo 23, *Simon Snow e o Sétimo Carvalho*, copyright Gemma T. Leslie

Vinte

O pai e Wren chegaram em casa no mesmo dia. Sábado.

Ele já falava em voltar a trabalhar – mesmo ainda tomando remédios, alternando entre o que se parecia com embriaguez e sonolência. Cath perguntou-se se ele os tomaria durante o fim de semana.

Talvez não houvesse problema em parar de tomar. Ela e Wren estavam em casa para tomar conta dele.

Com tudo o que acontecera, Cath não sabia muito bem se ela e a irmã estavam numa boa para conversar. Ela resolveu que estavam, o que deixou tudo muito mais fácil. Mas não estavam bem o bastante para contar as coisas – ela ainda não falara nada sobre Levi. Nem sobre Nick, nessa questão. E não queria que Wren começasse a contar as aventuras que vinha tendo com a mãe. Com certeza ela tinha um programa de mãe e filha para o Natal.

No começo, Wren só queria falar sobre a faculdade. Estava tranquila com relação às provas, mas e Cath? Ela já tinha comprado os livros para o semestre seguinte. Quais matérias Cath pretendia fazer? Fariam alguma juntas?

Cath só escutava.

– Será que a gente liga pra vó? – Wren perguntou.

– Pra falar do quê?

– Do papai.

– Vamos esperar pra ver como ele vai ficar.

Todos os amigos do Ensino Médio haviam voltado para o Natal. Wren ficava tentando fazer Cath sair de casa.

– Vai você – Cath dizia. – Vou ficar com o papai.

– Não posso ir sem você. Seria esquisito.

Seria esquisito para os amigos delas ver Wren sem Cath. Já os amigos da faculdade achariam esquisito vê-las juntas.

– Alguém tem que ficar com o papai – disse Cath.

– Vai, Cath – disse o pai após alguns dias assim. – Não vou perder o controle aqui, sentado, assistindo “Iron Chef”.

Às vezes, Cath ia.

Às vezes, ficava em casa esperando por Wren.

Às vezes, Wren nem voltava para casa.

– Não quero que você me veja toda acabada – ela explicava quando chegava na manhã

seguinte. – Você me deixa desconfortável.

– Ah, *eu* te deixo desconfortável – Cath disse. – Ninguém merece.

O pai voltou a trabalhar dentro de uma semana. Na seguinte ele começou a fazer corrida antes do trabalho, e foi assim que Cath percebeu que ele havia parado os remédios. O exercício era o melhor remédio para ele – era o que sempre fazia quando estava tentando retomar o controle.

Ela começou a descer, toda manhã, sempre que ouvia a cafeteira apitando. Para ver como ele estava.

– Tá frio demais lá fora pra correr – ela tentou argumentar, certa manhã.

O pai entregou-lhe o café que estava tomando – sem cafeína – e passou a amarrar os cadarços.

– É muito bom. Vem comigo.

Ele notou que ela tentava olhar bem nos olhos dele, como se usasse um termômetro mental, então ele a tocou no queixo e permitiu.

– Estou bem – disse, gentilmente. – De volta ao cavalo, Cath.

– O que é o cavalo? – ela suspirou, vendo-o vestir um agasalho com capuz. – Corrida? Trabalhar demais?

– *Viver* – disse ele, um pouco alto demais. – A vida é o cavalo.

Cath pretendia preparar o café da manhã enquanto ele corria – e depois que ele comesse e fosse trabalhar, ela voltaria a dormir no sofá. Depois de alguns dias disso, já parecia rotina. A rotina era uma coisa boa para o pai, mas ele precisava de ajuda para se ajustar.

Cath costumava acordar quando Wren descia ou chegava em casa.

Naquela manhã, Wren entrou na casa e imediatamente seguiu para a cozinha. Ela voltou para a sala de estar com uma xícara de café, lambendo um garfo.

– Você fez omelete?

Cath esfregou os olhos e fez que sim.

– Tinha umas sobras do Los Portales, então eu usei. – Ela se sentou. – Esse aí é descafeinado.

– Ele tá tomando descafeinado? Isso é bom, né?

– É...

– Faz um omelete pra mim, Cath? O meu é péssimo.

– O que que eu ganho? – Cath perguntou.

Wren riu. Era o que costumavam dizer uma para a outra. *O que que eu ganho?*

– O que você quer? – Wren perguntou. – Tem algum capítulo em que precisa de segunda opinião?

Era a vez de Cath de dizer algo esperto, mas ela não soube o que dizer. Porque sabia que Wren não falava sério, sobre dar uma olhada na história de Cath, e porque era patético o quanto ela gostaria que a irmã fizesse isso. E se elas passassem o restante das férias de Natal

assim? Abarrotadas em torno do notebook, escrevendo o começo do final de *Vá em frente, Simon* juntas?

– Não – Cath disse, finalmente. – Tem uma aluna do doutorado em Rhode Island editando todas as minhas coisas. Ela é uma máquina. – Cath levantou-se e foi para a cozinha. – Vou te fazer um omelete; acho que tem um pouco de *chili* em lata.

Wren foi junto. Ela pulou sobre o balcão ao lado do fogão e viu Cath pegar o leite e os ovos da geladeira. Cath abria-os com uma mão só.

Sabia preparar de tudo com ovos. Tudo para o café da manhã, na verdade. Aprendera a fazer omelete ainda criança, vendo vídeos no *YouTube*. Sabia fazer ovos *poché* também e fritos à perfeição. E mexidos, é claro.

Wren era melhor com o jantar. Passou por uma fase em que tudo o que cozinhava começava com mistura para sopa de cebola. Bolo de carne. Estrogonofê. Hambúrguer.

– Tudo que precisamos é sopa de cebola – anunciava. – Podemos jogar todos os outros temperos fora.

– Vocês não precisam cozinhar – dizia o pai.

Mas ou elas cozinhavam ou torciam para que ele se lembrasse de pegar um Lanche Feliz a caminho para casa, do trabalho. (Ainda havia uma caixa de brinquedos lá em cima com centenas de brindes do Lanche Feliz.) Além disso, se Cath fizesse o café e Wren, o jantar, seriam pelo menos duas refeições que o pai não comeria na conveniência do posto de gasolina.

– O QuickTrip não é posto de gasolina – ele dizia. – É uma conveniência que tem tudo de que a gente precisa. E os banheiros são imaculados.

Wren inclinou-se sobre a frigideira e viu os ovos começando a borbulhar. Cath a empurrou para trás, para longe do fogo.

– É nessa parte que eu sempre faço bobagem – disse Wren. – Ou queima nas bordas ou fica cru no meio.

– Você é impaciente demais – disse Cath.

– Não, tenho fome demais. – Wren pegou o abridor de lata e o girou no dedo. – Será que a gente devia ligar pra vó?

– Bom, amanhã é véspera de Natal – disse Cath –, então acho melhor ligar pra vó.

– Não, você entendeu o que eu quis dizer...

– Ele parece bem.

– É... – Wren abriu a lata de *chili* e a entregou a Cath. – Mas ele ainda tá frágil. Qualquer coisa pode derrubá-lo. Como vai ser quando a gente voltar pra faculdade? Quando você não estiver aqui pra fazer o café? Ele precisa de alguém pra cuidar dele.

Cath fitava os ovos. Procurava ganhar tempo.

– Ainda temos que fazer as compras pro jantar de Natal. Quer peru? Ou podemos fazer lasanha, em homenagem à avó. Talvez lasanha amanhã e peru no Natal...

– Não vou ficar aqui amanhã à noite – Wren disse, pigarreando. – É que... a família da Laura vai comemorar o Natal.

Cath assentiu e dobrou a omelete ao meio.

– Você podia vir também, né? – disse Wren.

Cath bufou. Quando olhou para Wren, achou-a chateada.

– Que foi? – Cath perguntou. – Não vou discutir com você. Pensei que você fosse fazer alguma coisa com ela essa semana.

Wren fechou tanto a cara que as bochechas pulsaram.

– Não acredito que vai me fazer ir lá sozinha.

Cath apontou a espátula para ela.

– *Fazer?* Não tô te obrigando a fazer nada. Nem acredito que você vai fazer isso mesmo sabendo quanto eu odeio.

Wren saltou do balcão, contrariada.

– Ah, você odeia tudo. Odeia *mudança*. Se eu não te levo junto, você não vai a lugar nenhum.

– Bom, você não vai me levar junto amanhã – disse Cath, voltando-se para o fogão. – Nem pra lugar nenhum, daqui em diante. A partir de hoje, você está livre de toda responsabilidade, no caso, de me levar junto.

Wren cruzou os braços e pendeu a cabeça. Momento hipocrisia.

– Não foi isso que eu quis dizer, Cath. Assim... A gente devia fazer isso juntas.

– Por que isso? É você quem vive me lembrando que somos pessoas diferentes, que não temos que fazer as mesmas coisas o tempo todo. Então, beleza. Você pode ir lá se relacionar com a pessoa que nos abandonou, e vou ficar aqui e tomar conta de quem ficou pra juntar os pedaços.

– Minha nossa – Wren jogou as mãos para o alto –, dá pra você parar de ser tão melodramática? Só por cinco minutos? Por favor?

– *Não*. – Cath golpeou o ar com a espátula. – Isso não é melodrama. É drama de verdade. Ela nos deixou. Do jeito mais dramático possível. No *Onze de Setembro*.

– *Depois* do Onze de Setembro...

– *Detalhe*. Ela nos deixou. Partiu o coração do papai e talvez até a cabeça dele, e nos deixou.

Wren falou baixinho:

– Ela se sente muito mal com isso, Cath.

– Ótimo! – Cath gritou. – Eu também! – Deu um passo para perto da irmã. – Pelo visto, eu vou ser maluca pro resto da vida, graças a ela. Vou ficar tomando decisões zoadas e fazer coisas estranhas que nem reparo que são estranhas. As pessoas vão sentir pena de mim, e eu nunca vou ter nenhum relacionamento normal; e tudo sempre porque eu não tive uma mãe. *Sempre*. Essa é a pior das quedas. Do tipo do qual ninguém nunca se recupera. *Espero* que ela

se sinta muito mal. Espero que nunca se perdoe.

– Não diga isso. – Wren tinha o rosto vermelho, e lágrimas nos olhos. – Eu não fui derrubada.

Nos olhos de Cath não havia lágrima alguma.

– Tem suas rachaduras – disse ela.

– Nem vem.

– Você acha que eu absorvi todo o impacto? Que quando a mamãe nos deixou foi o meu lado do carro que levou a batida? Nem vem *você*, Wren. Ela te abandonou também.

– Mas não me derrubou. Nada pode me derrubar a não ser que eu deixe.

– Acha que o papai deixou? Acha que ele escolheu ficar em frangalhos quando ela o deixou?

– Acho! – Wren gritava. – E ele continua escolhendo isso. Acho que vocês dois escolhem isso. Você prefere ficar derrotada do que seguir em frente.

Foi a gota d'água. Ambas choravam, ambas gritavam. *Ninguém vence enquanto ninguém vence*, pensou Cath. Ela se virou para o fogão; a omelete começava a soltar fumaça.

– O papai tá doente, Wren – disse, o mais calmamente que pôde. Raspou o omelete da frigideira e o colocou num prato. – E seu omelete queimou. E eu prefiro ser derrubada do que viver bêbada. – Ela pôs o prato no balcão. – Pode mandar a Laura tomar naquele lugar. Tipo, pro infinito e além. Ela não vai seguir em frente comigo. Nunca.

Cath saiu antes de Wren. Foi para o andar de cima e começou a trabalhar em *Vá em frente*.

Sempre passava uma maratona de Simon Snow na TV na véspera de Natal. Cath e Wren sempre assistiam, e o pai sempre fazia pipoca de micro-ondas.

Tinham ido ao Jacobo's na noite anterior para comprar a pipoca e outras coisas para o Natal.

– Se não tem no supermercado – dissera o pai, todo contente –, é porque ninguém precisa.

Foi assim que acabaram fazendo lasanha com macarrão para yakisoba, e compraram tamales em vez de peru.

Vendo os filmes, foi fácil para Cath não conversar com Wren sobre nada importante – mas difícil não falar sobre os filmes.

– O cabelo do Baz é o máximo – disse Wren durante *Simon Snow e os Quatro Selkies*. Todos os atores usavam cabelo comprido nesse filme. O cabelo preto de Baz fora arrumado num topete imenso que nascia bem na linha da testa.

– É mesmo – Cath respondeu –, o Simon fica tentando bater nele só pra poder tocar no cabelo.

– Né? Na última vez em que Simon socou o Baz, pensei que fossem voar cílios.

– *Faça um pedido* – disse Cath, tentando imitar Simon –, *seu bonitão maldito*.

O pai assistira a *Simon Snow e a Quinta Lâmina* com elas, com um caderno no colo.

– Morei tempo demais com vocês – disse ele, desenhando um pote imenso de Molhovioli. – Fui ver o último filme dos *X-Men* com o Kelly, e passei o filme todo achando que o Professor

X e o Magneto estavam apaixonados.

– Bom, isso é óbvio – disse Wren.

– Às vezes acho que você é obcecado por Basilton – disse Agatha, na tela, os olhos escancarados, preocupados.

– *Ele tá aprontando alguma coisa* – disse Simon. – *Eu sei que sim.*

– Essa menina é pior que a Liza Minnelli – disse o pai.

Uma hora de filme, pouco antes de Simon pegar Baz, no flagra, fugindo com Agatha na Floresta Velada, Wren recebeu uma mensagem e se levantou do sofá. Cath foi ao banheiro, só para o caso da campainha estar prestes a tocar. *Laura não faria isso, certo? Não viria até a porta.*

Cath ficou no banheiro, perto da porta, e ouviu o pai dizendo a Wren que se divertisse.

– Vou dizer pra mamãe que você mandou oi – ela disse a ele.

– Acho que não precisa – ele respondeu, com animação suficiente. *Isso aí, pai*, Cath pensou. Depois que Wren se foi, nenhum dos dois falou dela.

Assistiram a mais um filme do Simon e comeram pedaços gigantes de lasanha de macarrão, e o pai percebeu, pela primeira vez, que eles não haviam montado a árvore de Natal.

– Como foi que esquecemos a árvore? – ele perguntou, fitando o local, ao lado da janela, onde costumavam colocá-la.

– Aconteceu muita coisa – disse Cath.

– Por que que o Papai Noel não quis levantar da cama no Natal? – perguntou o pai, fazendo pegadinha.

– Não sei, por quê?

– Porque ele tava de saco cheio.

– Não – disse Cath –, porque os ursos bipolares o chatearam demais.

– Porque as renas eram histéricas demais.

– Porque ele tava *piNoel*, de tão maluco.

– Porque – disse o pai, rindo – os altos e baixos foram demais pra ele. No trenó, entendeu?

– Essa foi péssima – disse Cath, rindo. Os olhos dele brilhavam, mas só um pouco. Ela esperou que ele fosse se deitar antes de subir.

Wren ainda não havia chegado em casa. Cath tentou escrever, mas fechou o notebook depois de passar quinze minutos fitando uma tela em branco. Ela se enfiou entre os cobertores e tentou não pensar em Wren, tentou não imaginar a casa nova de Laura, com sua família nova.

Cath tentou não pensar em nada.

Quando limpou a cabeça, ficou surpresa ao encontrar Levi debaixo de toda a bagunça. Levi na terra dos deuses. Provavelmente tendo o Natal mais feliz do mundo. Feliz. Assim era Levi 365 dias por ano. (366 em ano bissexto. Levi devia amar anos bissextos. Mais um dia, mais uma menina para beijar.)

Era um pouco mais fácil pensar nele depois de compreender que nunca o tivera e que

provavelmente nunca mais o veria.

Adormeceu pensando no cabelo loiro, na testa imensa e tudo mais que ainda não estava pronta para esquecer.

– Já que não tem árvore – disse o pai –, coloquei seus presentes embaixo dessa foto nossa perto de uma árvore de Natal em 2005. Sabia que não tem planta nenhuma por aqui? Não tem nada vivo nessa casa a não ser a gente.

Cath olhou para a pequena pilha de presentes e riu. Tomavam eggnog e comiam pães doces de dois dias atrás, com cobertura rosa. O pão viera da padaria de Abel. Pararam lá depois de ir ao supermercado. Cath ficara no carro; achou que não valia a pena o incômodo da situação. Fazia meses que parara de responder às mensagens ocasionais de Abel, e pelo menos um mês que ele parara de enviá-las.

– A avó do Abel odiou o meu cabelo – disse Wren, ao voltar ao carro. – *Que pena! Que lástima! Niño!*

– Pegou o bolo de *tres leches*? – Cath perguntou.

– Acabou.

– *Que lástima.*

Geralmente, Cath contava com um presente de Abel e da família dele para colocar embaixo da árvore. A pilha de presentes naquele ano foi particularmente fina. Eram mais envelopes.

Cath deu a Wren luvas equatorianas que comprara ao lado do Grêmio.

– São de alpaca – disse. – Mais quente que lã. E hipoalergênica.

– Obrigada – disse Wren, alisando as luvas sobre o colo.

– Então pode me devolver as minhas – disse Cath.

Wren deu a Cath duas camisetas da Threadless. Eram fofas e provavelmente cairiam bem, mas foi a primeira vez em dez anos que Wren não lhe dera algo relacionado a Simon Snow. Isso a deixou, de repente, chateada, e defensiva.

– Obrigada – disse, dobrando as camisetas. – São muito bonitas.

Do pai, cartões-presentes da iTunes.

Cartões-presentes da livraria, da avó.

A tia Lynn enviara meias e *lingerie*, só para fazer graça.

Depois que o pai abriu os presentes dele (todos lhe deram roupas), havia ainda uma caixinha prateada sob a foto da árvore de Natal. Cath a pegou. Havia uma etiqueta chique pendurada num laço bordô – *Cather*, estava escrito em letra preta bonita. Por um segundo, ela pensou tratar-se de Levi. *Cather*, pôde ouvi-lo dizer, com aquela voz toda sorridente.

Ela desfez o nó e abriu a caixa. Havia um colar dentro. Uma esmeralda, sua pedra da sorte. Ela olhou para Wren e viu um pingente similar no pescoço dela.

Cath largou a caixa e se levantou, e subiu as escadas às pressas, atrapalhada.

– Cath – Wren disse –, deixa eu explicar...

Cath balançou a cabeça e foi correndo para o quarto.

Cath tentou imaginar sua mãe.

A pessoa que lhe dera aquele colar. Wren disse que ela se casara novamente e morava numa casa grande no subúrbio. Tinha enteados. Crescidos.

Na cabeça de Cath, Laura ainda era jovem.

Jovem demais, todo mundo sempre dizia, *para ter duas filhas grandes*. Isso sempre fazia a mãe sorrir.

Quando elas eram crianças e os pais brigavam, elas temiam que os pais fossem se divorciar e separá-las uma da outra, como em *Operação cupido*.

– Eu vou com o papai – dizia Wren. – Ele precisa mais de ajuda.

Cath imaginava-se vivendo sozinha com o pai, espaçoso e selvagem, ou com a mãe, fria e impaciente.

– Não – ela dizia –, eu fico com o papai. Ele gosta de mim mais do que a mamãe.

– Ele gosta de nós duas mais do que a mamãe – Wren argumentou.

Elas não podem ser suas, as pessoas diziam, *you are too new to have such grown-up daughters*.

Eu me sinto nova demais, ela respondia.

– Então nós duas ficamos com o papai – dizia Cath.

– Não é assim que funciona o divórcio, bobinha.

Quando a mãe saiu de casa sem levar nenhuma delas, de certo modo, foi um alívio. Se Cath tivesse que escolher entre todos, escolheria a irmã.

A porta do quarto não tinha tranca, então Cath sentou-se contra ela. Mas ninguém subiu as escadas.

Ela se sentou sobre as mãos e chorou feito criança.

Muito choro, pensou. *De muitos tipos*. Estava farta de ser aquela que chorava.

– Você é o mago mais poderoso em cem anos.

O rosto de Humdrum, o rosto de Simon quando menino, demonstrava cansaço e aborrecimento. Nada brilhava em seus olhos azuis...

– Acha que tanto poder vem sem sacrifício? Acha que você poderia se tornar você sem deixar algo, sem me deixar, para trás?

Capítulo 23, Simon Snow e o Sétimo Carvalho, copyright Gemma T. Leslie

Vinte e Um

O pai levantava para correr toda manhã. Cath acordava quando ouvia o *bip* da cafeteira. Ela saía da cama e preparava o café da manhã, depois voltava a dormir no sofá até que Wren acordasse. As duas se cruzavam na escada sem trocar uma palavra.

Às vezes, Wren saía. Cath nunca ia junto.

Às vezes, Wren não voltava para casa. Cath nunca ficava esperando.

Cath passava muitas noites sozinha com o pai, mas continuava deixando a conversa para depois, a conversa que precisavam ter; ela não queria ser responsável por ele perder o equilíbrio novamente. Mas o tempo estava acabando... Ele as levaria para a faculdade a três dias dali. Wren andava falando de voltar um dia antes, no sábado, para que pudessem se ajeitar. (O que era código para *ir a várias festas nas irmandades*.)

Na terça à noite, Cath fez *huevos rancheros*, e o pai lavou a louça após o jantar. Ele falava sobre o novo trabalho. Molhovioli estava indo tão bem que a agência dele ganhara uma chance com uma marca associada, Frankenbeans. Cath sentou-se num banquinho e ficou escutando.

– Então, eu tava pensando, talvez dessa vez eu deixe o Kelly dar as ideias horríveis dele primeiro. Feijões desenhados com cabelo estilo Frankenstein. “Monstruosamente delicioso”, que seja. Essas pessoas sempre rejeitam a primeira coisa que ouvem...

– Pai, preciso falar sobre uma coisa com você.

Ele olhou para trás.

– Achei que você já tivesse pesquisado tudo no *Google* sobre menstruação e essas coisas de menina.

– Pai...

Ele deu meia volta, subitamente preocupado.

– Você tá grávida? É gay? Eu prefiro que seja gay do que estar grávida. A não ser que esteja grávida. Porque a gente resolve. Seja o que for, a gente resolve. Você tá grávida?

– Não.

– Ah, tá... – Ele se recostou na pia e tamborilou seus dedos molhados no balcão.

– E não sou gay, também.

– Então, o que sobrou?

– Hm... a faculdade, acho.

– Tá tendo problemas na faculdade? Não acredito nisso. Tem certeza de que não é gravidez?

– Não tô tendo problemas... – disse Cath. – Acabei de resolver que não vou voltar mais.

O pai a fitou como se ainda esperasse que ela desse a resposta verdadeira.

– Não vou voltar pro segundo semestre – ela completou.

– Por que?

– Porque não quero. Porque não gosto de lá.

Ele secou as mãos nas calças.

– Não *gosta*?

– Não pertencço àquele lugar.

Ele deu de ombros.

– Bom, você não vai precisar ficar lá pra sempre.

– Não – ela disse. – Quer dizer, a UNL não é uma boa pra mim. Nem escolhi, foi a Wren que escolheu. E tá tudo certo pra ela, ela tá feliz, mas é ruim pra mim. É que... todo dia lá ainda parece ser o primeiro.

– Mas a Wren tá lá...

Cath balançou a cabeça.

– Ela não precisa de mim. – *Não como você precisa*, Cath quase soltou essa.

– O que você vai fazer?

– Vou morar aqui. Vou estudar aqui.

– Na UNO?

– Isso.

– Já se inscreveu?

Cath não pensara nessa parte ainda.

– Eu vou...

– Você devia continuar até o fim do ano – disse ele. – Vai perder a bolsa.

– Não – disse Cath –, não ligo pra isso.

– Bom, eu ligo.

– Não foi isso que eu quis dizer. Posso fazer empréstimo. Vou arranjar trabalho também.

– E um carro?

– Acho que sim...

O pai tirou os óculos e começou a limpá-los na camisa.

– Você devia ficar até o fim do ano. A gente pensa nisso de novo na primavera.

– *Não* – ela disse. – É que... – Ela roçou a camiseta no esterno. – Não posso voltar pra lá. Odeio. E não tem porquê. E posso fazer muito mais coisas boas aqui.

Ele suspirou.

– Eu imaginei que esse fosse o motivo pra isso. – Ele pôs os óculos de novo. – Cath, não vai voltar pra casa pra cuidar de mim.

– Esse não é o motivo principal, mas não seria uma coisa ruim. Você fica melhor quando não tá sozinho.

– Concordo. E já falei com a sua avó. Foi coisa demais, cedo demais quando vocês se mudaram. A vó vai vir me ver algumas vezes na semana. Vamos jantar juntos. Talvez eu vá

ficar um pouco com ela se as coisas ficarem difíceis de novo.

– Então, você pode voltar pra casa, e eu não? Só tenho dezoito anos.

– Exato. Só tem dezoito anos. Não vai jogar sua vida fora pra cuidar de mim.

– Não tô jogando minha vida fora. – *Grande coisa de vida*, pensou ela. – Estou tentando pensar por mim mesma pela primeira vez. Fui junto com Wren para Lincoln, e ela nem me quer lá. Ninguém me quer lá.

– Me conta o que tá acontecendo – disse ele. – Por que está tão infeliz?

– É que... tudo. Tem gente demais. E eu não me encaixo. Não sei como *ser*. Nada que sou tem a ver com o tipo de coisa que importa lá. Ser esperto não importa; e ser bom com as palavras. E quando as coisas realmente importam, é só porque as pessoas querem alguma coisa de mim. Não porque *me* querem.

A compaixão no rosto dele era de dar dó.

– Isso não tá com cara de decisão, Cath. Parece desistência.

– E daí? Quer dizer... – Ela jogou as mãos para o alto, depois as largou no colo. – *E daí?* Não vou ganhar nenhuma medalha se continuar. É só a faculdade. Quem liga se eu fizer uma ou não?

– Você acha que seria mais fácil se morasse aqui.

– *Acho*.

– Que jeito mais tosco de tomar decisões.

– Quem disse? Winston Churchill?

– Que tem de errado com o Winston Churchill? – disse o pai, parecendo irritado pela primeira vez desde o início da conversa. Que bom que ela não disse Franklin Roosevelt. O pai era fã dos Aliados.

– Nada. *Nada*. É que... não se pode desistir às vezes? Não é OK dizer “isso tá me machucando demais, então vou parar de tentar”?

– Isso levanta um precedente perigoso.

– De evitar a dor?

– De evitar a vida.

Cath revirou os olhos.

– Ah. O cavalo de novo.

– Você e sua irmã com esse revirar de olhos, viu! Sempre pensei que fossem parar de fazer isso quando crescessem.

Ele estendeu a mão e pegou a dela. Ela tentou puxá-la instintivamente, mas ele segurou firme.

– Cath. Olha pra mim. – Ela obedeceu, relutante. O cabelo dele apontava para cima. E os óculos circulares de armação de arame estavam tortos em cima do nariz. – Tem tanta coisa que me deixa triste, e tanta coisa que me dá medo...

Ouviram a porta da frente abrir.

Cath esperou um segundo, depois puxou a mão e correu para cima.

– O papai me contou – Wren sussurrou naquela noite, de sua cama.

Cath pegou seu travesseiro e saiu do quarto. Dormiu na sala, no sofá. Mas não conseguiu dormir direito porque a porta da frente estava logo ali, e ela ficava imaginando alguém invadindo a casa.

O pai tentou conversar com ela na manhã seguinte. Estava sentado no sofá, com as roupas de corrida, quando ela acordou.

Cath não estava acostumada a vê-lo enfrentando-a daquele jeito. Não enfrentava nenhuma delas, sobre nada. Mesmo na escola, quando ela e Wren ficavam acordadas até tarde em plena semana, batendo papo nos fóruns sobre Simon Snow – o máximo que o pai fazia era perguntar se elas não ficariam cansadas no dia seguinte.

E desde que elas chegaram para as férias, ele nem *mencionara* o fato de que Wren andava passando a noite toda fora de casa.

– Não quero mais conversar – disse Cath quando acordou e o viu ali sentado. Ela rolou para o lado oposto e abraçou o travesseiro.

– Tá bom – disse ele. – Não converse. Escute. Pensei sobre você ficar aqui durante o próximo semestre...

– Ah, é? – Cath virou-se para fitá-lo.

– É. – Ele encontrou o joelho dela sob o cobertor e o apertou. – Sei que sou parte do motivo pra você querer voltar pra casa. Sei que você se preocupa, e que dou vários motivos pra que se preocupe...

Ela quis desviar os olhos, mas os dele eram inevitáveis, às vezes, como os de Wren.

– Cath, se estiver mesmo preocupada comigo, eu imploro, volte pra faculdade. Porque se você largar por minha causa, se perder sua bolsa, se abandonar sua vida *por minha causa*, não vou conseguir conviver comigo mesmo.

Ela enfiou o rosto de volta no sofá.

Depois de alguns minutos, a cafeteira apitou, e ela sentiu que ele se levantara. Quando ouviu a porta da frente se fechar, levantou-se para começar o café.

Ela estava no andar de cima, escrevendo, quando Wren veio arrumar as malas.

Cath não tinha muita coisa para arrumar ou não. Tudo o que trouxera consigo foi o notebook. Naquelas últimas semanas, vinha usando roupas que ela e Wren não gostavam o bastante para ter levado para a faculdade.

– Você tá ridícula – disse Wren.

– Oi?

– Essa camiseta. – Era uma camiseta da Hello Kitty da oitava série. Hello Kitty vestida de super-herói. Nas costas estava escrito *Super Cat*, e Wren acrescentara um *h* com tinta de tecido. A camiseta fora cortada curta demais, para começo de conversa, e não cabia mais. Cath a puxou para baixo, sem perceber que o fizera.

– Cath! – o pai gritou lá de baixo. – Telefone.

Cath pegou o celular e o fitou.

– Acho que ele tá falando do telefone fixo – Wren disse.

– Quem é que liga pro fixo?

– Deve ser o ano de 2005. Querendo essa camiseta de volta.

– Há há, muito engraçado – Cath murmurou, saindo do quarto.

O pai deu de ombros quando lhe entregou o telefone.

– Alô? – disse Cath.

– Podemos ter um sofá? – a pessoa perguntou.

– Quem tá falando?

– Reagan. Quem mais seria? Quem mais teria que pedir sua permissão pra levar um sofá pra casa?

– Como conseguiu esse número?

– Tá na sua papelada do dormitório. Nem sei por que não tenho seu celular, deve ser porque não preciso procurar muito pra falar com você.

– Acho que você é a primeira pessoa a ligar aqui em casa em anos. Nem me lembrava onde ficava o telefone.

– Que fascinante, Cath. Podemos ter um sofá?

– Por que a gente ia querer um sofá?

– Sei lá. Porque a minha mãe tá insistindo, dizendo que a gente precisa de um.

– Pra quem sentar?

– Exato. Talvez fosse útil no semestre passado pra tirar o Levi das nossas camas, mas isso nem é um problema mais. E se tivermos um sofá, vamos ter literalmente de escalá-lo pra chegar à porta. *Ela tá dizendo não, mãe.*

– Por que Levi não é mais problema?

– Porque sim. É o seu quarto. É uma bobagem você ficar se escondendo na biblioteca o tempo todo. E eu e ele só temos uma aula juntos no semestre que vem.

– Não tem problema... – disse Cath.

Reagan a cortou.

– Não seja boba. Tem problema sim. Me sinto muito mal pelo que aconteceu. Quer dizer, não é culpa minha que você ficou com ele e que ele ficou com aquela loira idiota, mas eu não devia ter te encorajado. Não vai acontecer mais, nunca mais, com ninguém. Vou parar de encorajar.

– Tudo bem – disse Cath.

– Sei que tá tudo bem. Só estou dizendo que vai ser assim daqui em diante. Então é não pro sofá, certo? Minha mãe tá aqui do lado, e acho que ela não vai me deixar em paz enquanto não ouvir você dizendo não.

– Não – disse Cath. Depois ergueu a voz: – *Não pro sofá.*

– Nossa, Cath, meu ouvido... *Mãe, você tá quase me fazendo falar palavrão por causa desse móvel idiota...* Beleza, te vejo amanhã. Devo chegar com um abajur feio ou talvez um tapete. O caso dela é patológico.

O pai de Cath estava em pé, na cozinha, observando-a. O pai dela sim tinha um caso de patologia.

– Quem era? – ele perguntou.

– Minha colega de quarto.

– Ela tem a voz da Kathleen Turner.

– É. É uma coisa. – Cath puxou a camiseta para baixo e saiu.

– Quer comer taco? – ele perguntou. – No jantar?

– Claro.

– Que tal trocar de roupa... e vir comigo?

– Claro.

Segundo semestre de 2012

Tomates fritos no café da manhã. Cada cantinho da cama. Poder fazer magia sem se preocupar se havia alguém vendo. Agatha, claro. E Penélope. Poder ver o Mago – não sempre, mas mesmo assim. O uniforme de Simon. A gravata. O campo de futebol, ainda que com a grama molhada. Esgrima. Pãezinhos de passas todo domingo com creme de verdade...

Havia alguma coisa de que Simon não sentia falta em Watford?

Capítulo 1, *Simon Snow e os Quatro Selkies*, copyright Gemma T. Leslie, 2007

Vinte e Dois

- Já tem quatro *spots* de luz aqui – disse Reagan. – O que a gente vai fazer com um abajur? O abajur era preto e tinha a forma da torre Eiffel.
- Deixa no corredor – disse Cath. – Talvez alguém leve.
- Ela vai perguntar onde tá da próxima vez que vier aqui... Ela é maluca. – Reagan meteu o abajur no fundo do armário e o fechou. – Que tipo de maluca é a sua mãe?
- Cath sentiu uma pontada forte no estômago.
- Não sei. Ela saiu de casa quando eu tinha oito anos.
- Cacete – disse Reagan –, isso sim que é maluquice. Tá com fome?
- Tô.
- Tá rolando um luau de volta às aulas lá embaixo. Fizeram porco no rolete. É nojento. Cath pegou seu RG e acompanhou Reagan ao refeitório.
- No fim, Cath não tinha decidido voltar.
- Tinha apenas decidido colocar o notebook na mala.
- E depois resolveu acompanhar Wren e o pai até Lincoln.
- E então, depois que eles deixaram Wren no Schramm Hall, o pai perguntou se Cath queria ir ao dormitório dela, e ela resolveu que iria. Poderia, no mínimo, pegar suas coisas.
- E então, ficaram sentados no estacionamento, e Cath foi sentindo onda atrás de onda de ansiedade. Se ficasse, veria Levi de novo. Teria que resolver o problema da prova de Psicologia que perdera. Teria que se inscrever nas matérias, e não havia como saber o que estava disponível. *E ela veria Levi de novo.* E tudo o que havia de bom nisso – o sorriso dele, os traços compridos – também a fariam sentir como se tivesse levado um tiro no estômago.
- Cath também não resolveu sair do carro.
- Ela apenas olhou para o pai, que tamborilava dois dedos no volante. Por mais assustada que estava de deixá-lo, não suportava a ideia de desapontá-lo.
- Mais um semestre – disse ela. Ela chorava, de tão ruim que se sentia ao dizer isso. O pai a encorajou.
- Mesmo?
- Vou tentar.
- Eu também – disse ele.
- Promete?
- Claro. Eu prometo... Quer que eu suba com você?
- Não. Só vai piorar tudo.

Ele riu.

– Que foi?

– Nada. Lembrei do seu primeiro dia no jardim de infância. Você chorou. Sua mãe chorou. Parecia que a gente nunca mais ia ver vocês.

– Onde estava a Wren?

– Puxa, não lembro, devia estar paparicando o primeiro namorado.

– A mamãe chorou?

A expressão dele ficou triste, e ele sorriu com pesar.

– Chorou...

– Como eu odeio ela – disse Cath, balançando a cabeça, tentando imaginar que tipo de mãe chorava no primeiro dia do jardim de infância para depois sair de casa no meio da terceira série.

O pai concordou.

– É...

– Atenda o telefone.

– Pode deixar.

– Teve gente que ganhou botas da Ugg no Natal – disse Reagan, observando a fila de servir.
– Se a gente tivesse um uísque, esse era o momento de dar um *shot*.

– Acho as botas da Ugg bastante satisfatórias – disse Cath.

– Por quê? Por serem quentinhas?

– Não. Porque isso me lembra de que a gente mora num lugar onde ainda se pode passar batido, e até ficar empolgado, com botas da Ugg. Em lugares *fashion*, você tem que fingir que já esqueceu ou que sempre as odiou. Mas em Nebraska, ainda dá pra ficar feliz com botas Ugg novas. Isso é legal. A inocência é uma coisa muito boa.

– Você é tão esquisita... – disse Reagan. – Até que eu senti sua falta.

– É que eu não quero – disse Simon.

– Não quer o quê? – Baz perguntou. Estava sentado em sua escrivaninha, comendo uma maçã. Prendeu a maçã com os dentes e começou a dar o nó na gravata verde e púrpura. Simon ainda tinha de usar espelho para fazer isso. Mesmo depois de sete anos.

– Nada – disse Simon, afundando a cabeça no travesseiro. – Não quero fazer nada. Não quero nem começar o dia de hoje porque senão vou ter que terminá-lo.

Baz terminou o nó e deu outra mordida na maçã.

– Fala sério, Snow, você não tá falando como “o mais poderoso mago em cem anos”.

– Isso é tão bobagem – disse Simon. – Quem foi que começou a me chamar disso?

– Deve ter sido o Mago. Ele não para de falar de você. “O que foi profetizado”, “o herói pelo qual esperamos”, etc.

– Não quero ser herói.

– Mentiroso. – Os olhos de Baz estavam frios e sérios.

– Hoje – disse Simon, mortificado. – Não quero ser herói hoje.

Baz fitou a maçã, comida até o caroço, e a arremessou na mesa do colega.

– Tá tentando me convencer a matar a aula de Ciência Política?

– Tô.

– Fechado. Agora levanta.

Simon sorriu e saltou da cama.

De *Vá em frente, Simon*, postado em janeiro de 2012 por Magicath, autora do FanFixx.net

Vinte e Três

– O que significa *inc*? – Cath perguntou.

Reagan olhou para ela, de sua cama. Estava fazendo *flashcards* (Reagan gostava de *flashcards*) e tinha um cigarro pendurado na boca, apagado. Estava tentando parar de fumar.

– Pergunte de novo pra fazer sentido.

– I-n-c – disse Cath. – Peguei meu boletim, mas em vez de notas aparece *inc*.

– Incompleto – disse Reagan. – Significa que estão segurando sua nota.

– Quem?

– Sei lá, seu professor.

– Por quê?

– *Sei lá*. Geralmente é tipo uma situação especial, como quando você ganha tempo extra pra fazer alguma coisa.

Cath fitou o boletim. Fizera a prova final de Psicologia na primeira semana, quando retornou, e esperava ver um dez ali. (Sua nota já estava tão alta em Psicologia que ela praticamente não precisava fazer a prova final.) Mas com Escrita de ficção era outra história. Sem ter entregado o projeto final, o melhor que Cath esperava era um sete, e um seis era mais provável.

Cath estava bem com isso, fizera as pazes com esse seis. Foi o preço que decidira pagar pelo semestre anterior. Por Nick. E Levi. Pelo plágio. Foi o preço a pagar para descobrir que ela não queria escrever livros sobre o declínio e a desolação na América rural, ou sobre qualquer outra coisa.

Cath estava pronta para aceitar o seis e ir em frente.

Inc.

– O que eu devo fazer? – ela perguntou a Reagan.

– Nossa, Cath. Eu não sei! Fale com o professor. Assim você me causa um câncer de pulmão.

Era a terceira vez que Cath voltava a Andrew Hall desde que pegara o boletim.

As primeiras duas vezes, entrara por uma ponta do prédio e seguira direto para o porta do outro lado.

Dessa vez, já foi um pouco melhor. Dessa vez, ela parou para usar o banheiro.

Entrara no prédio justamente quando as aulas das quatro da tarde estavam terminando, e o corredor foi tomado por uma inundação de garotas de cabelo radical e meninos com o estilo do Nick. Cath correu para o banheiro, sentou num assento de madeira, e esperou a barra ficar

limpa. Alguém tinha perdido tempo entalhando quase toda a letra de *Stairway to heaven* na porta da cabine; era muita coisa para entalhar. *Esses alunos de Inglês.*

Cath não tinha nenhuma aula de Inglês nesse semestre, e estava pensando em mudar de formação. Ou talvez apenas passasse sua concentração de Escrita Criativa para Literatura Renascentista; isso seria útil no mundo real, uma cabeça lotada de sonetos e imagens de Cristo. *Se você estudar algo para o qual ninguém dá a mínima, será que isso significa que vão te deixar em paz?*

Ela abriu a porta da cabine lentamente, deu a descarga, apenas para manter as aparências, depois abriu as torneiras (quente numa, fria na outra) e enxaguou o rosto. Ela ia conseguir. Bastava encontrar a sala do departamento, depois perguntar onde ficava a sala da professora Piper. Ela nem devia mais estar lá.

O corredor estava quase vazio. Cath chegou às escadas e seguiu as placas que indicavam o caminho para o escritório principal. No fim do corredor, virando à direita. Talvez se ela apenas passasse no escritório principal, faria progresso suficiente para o dia. Ela andava devagar, tocando cada porta de madeira.

– Cath?

Ainda que fosse voz de mulher, Cath teve um pequeno ataque de pânico pensando que fosse Nick.

– Cath!

Ela se virou para ver quem era e viu a professora Piper na sala do outro lado do corredor, em pé, atrás de uma mesa. Ela gesticulou para que Cath se aproximasse. A garota obedeceu.

– Andei pensando em você – disse a professora, sorrindo calorosamente. – Você sumiu. Entra aqui, vamos conversar.

Ela apontou a cadeira para Cath, que aceitou e se sentou. (Aparentemente, a professora Piper podia controlar Cath com simples gestos. Tipo o Encantador de Cães.)

A mulher deu a volta até a frente da mesa e saltou para cima. Seu movimento típico.

– O que aconteceu? Aonde você foi?

– Eu... não fui a lugar algum – disse Cath. Estava pensando em ir naquele momento. Era progresso demais; ela nem se preparara para essa eventualidade, para de fato concretizar o que viera fazer ali.

– Mas você não entregou seu conto – disse a professora. – Aconteceu alguma coisa?

Cath respirou ainda mais fundo e tentou demonstrar firmeza.

– Mais ou menos. Meu pai foi internado. Mas não foi bem por isso. Eu resolvi não escrever.

A professora fez cara de surpresa. Segurou o canto da mesa e se inclinou para a frente.

– Mas Cath, por quê? Eu estava tão ansiosa pra ver o que você ia escrever.

– É que... – Cath começou novamente. – Eu percebi que meu negócio não é escrever ficção.

A professora ficou estatelada e jogou a cabeça para trás.

– Do que você tá falando? Você é perfeita pra ficção. É como um modelo clássico, Cath; é o

que você nasceu pra fazer.

Foi a vez de Cath ficar estatelada. Ela meneou a cabeça.

– Não. Eu... eu tentei bastante. Começar a história. E... olha, eu sei o que você acha de fanfiction, mas é isso que eu quero escrever. É a minha paixão. E sou muito boa nisso.

– Sei que você é – disse a professora. – Você é uma contadora de histórias nata. Mas isso ainda não explica por que você não terminou seu projeto final.

– Assim que percebi que não era o certo pra mim, não consegui me forçar mais a fazer. Só quis ir em frente.

A professora observou Cath, pensativa, tamborilando os dedos no cantinho da mesa. *Então é assim que uma pessoa sã tamborila os dedos.*

– Por que você fica dizendo que não é o certo pra você? – a professora perguntou. – Seu trabalho do semestre passado estava excelente. Estava *todo* certo. Você é uma das minhas alunas mais promissoras.

– Mas não quero escrever minha própria ficção – disse Cath, o mais enfaticamente que pôde. – Não quero escrever meus próprios personagens nem meus próprios mundos. Não ligo pra eles. – Ela cerrou os punhos sobre o colo. – Agora, me importo com Simon. E sei que ele não é meu, mas isso não me interessa. Eu prefiro me debruçar sobre um mundo que amo e compreendo do que tentar criar algo do nada.

A professor inclinou-se para a frente.

– Mas não há nada mais profundo do que criar algo do nada. – A expressão amável ganhou severidade. – Pense nisso, Cath. É algo que os deuses fazem... e as mães. Não há nada mais entorpecente do que criar algo do nada. Criar algo de dentro de você.

Cath não esperava que a professora Piper ficasse feliz com a decisão dela, mas também não esperava por isso. Não achava que a professora se retrairia.

– É que pra mim parece vazio – disse Cath.

– Você prefere tomar, ou emprestar, a criação de alguém?

– Eu *conheço* Simon e Baz. Sei o que pensam, o que sentem. Quando estou escrevendo-os, me perco neles completamente, e fico feliz. Quando escrevo minhas próprias coisas, é como nadar contra a correnteza. Ou... despencar de um penhasco, se agarrando nos galhos, tentando inventar os galhos enquanto se cai.

– *Isso* – disse a professora, estendendo a mão para agarrar o ar, como se quisesse pegar uma mosca. – É assim mesmo que você deve se sentir.

Cath balançou a cabeça. Tinha lágrimas nos olhos.

– Bom, eu odeio.

– Você odeia? Ou só está com medo?

Cath suspirou e achou melhor limpar os olhos na blusa. Outro tipo de adulto teria entregado à garota uma caixinha de lenços. A professora Piper apenas continuou a pressioná-la.

– Você teve permissão especial para fazer a minha matéria. Deve ter desejado escrever. E

seu trabalho foi adorável; você não se divertiu?

– Nada que escrevo se compara a Simon.

– Minha nossa, Cath, tem certeza de que você quer se comparar com a autora de maior sucesso da atualidade?

– *Sim* – disse Cath. – Porque, quando estou escrevendo as histórias dos personagens da Gemma T. Leslie, às vezes, de certo modo, sou *melhor* do que ela. Sei que isso é loucura, mas também sei que é verdade. Não sou um deus. Eu jamais poderia criar o Mundo dos Magos; mas sou muito, muito boa em manipular esse mundo. Posso fazer mais com os personagens dela do que poderia com os meus. Meus personagens são... só rascunhos se comparados aos dela.

– Mas você não pode fazer qualquer coisa em fanfiction. É algo que nasce sem vida.

– Posso deixar as pessoas lerem. Muita gente lê, de fato.

– Não tem como ganhar a vida assim. Ter uma carreira.

– Mas quantas pessoas ganham a vida escrevendo, afinal? – Cath atacou. Sentia como se tudo dentro dela estivesse pronto para sair atacando. Seus nervos. Seu temperamento. Seu esôfago. – Escrevo porque adoro, assim como tem gente que faz tricô... ou escreve diário. E vou encontrar outro jeito de ganhar dinheiro.

A professora apurou as costas e cruzou os braços.

– Não vou mais falar com você sobre fanfiction.

– Ótimo.

– Mas não terminamos a conversa.

Cath respirou fundo mais uma vez.

– Tenho *medo* – disse a professora. – Medo de que você nunca descubra aquilo que é realmente capaz de fazer. Que não vai conseguir ver, que eu não vou poder ver, nada dessa maravilha que tem aí dentro. Você tem razão, nada do que você entregou no semestre passado se compara a *Simon Snow e o Herdeiro do Mago*. Mas havia tanto potencial. Seus personagens palpitam, Cath, como se estivessem tentando evoluir para fora da página.

Cath revirou os olhos e limpou o nariz no ombro.

– Posso fazer uma pergunta? – disse a professora.

– Você vai perguntar mesmo que eu diga *não*.

A mulher sorriu.

– Você ajudou Nick Manter no projeto final dele?

Cath fitou o canto do teto e mordeu o lábio inferior. Sentiu uma nova onda de lágrimas subindo até os olhos. Droga. Fazia tempo que não chorava assim.

Ela fez que sim.

– Foi o que eu pensei – disse a professora, gentilmente. – Dava para te ouvir. Em algumas das melhores partes.

Todo o corpo de Cath era tensão pura.

– Nick é meu professor assistente, estava aqui agora há pouco, na verdade, e vai pra minha turma de Escrita de ficção avançada. O estilo dele... mudou um pouquinho.

Cath fitou a porta.

– Cath – a professora insistiu.

– O quê? – Cath ainda não conseguia olhar para ela.

– E se fizermos um trato?

Cath esperou.

– Ainda não entreguei sua nota; estava esperando você vir falar comigo. E não preciso entregar; posso dar o restante desse semestre pra você terminar seu conto. Você estava a caminho de um dez bem redondo na minha matéria, talvez até um dez com louvor.

Cath pensou na média final. E na bolsa. E no fato de que teria que tirar notas perfeitas naquele semestre se quisesse mantê-la. Não podia errar quase nada.

– Tem como fazer isso?

– Posso fazer o que eu quiser com as notas dos meus alunos. Sou a deusa dessa salinha.

Cath sentiu as unhas apertando as palmas das mãos.

– Posso pensar um pouco?

– Claro – respondeu Piper, num tom jovial. – Se resolver aceitar, gostaria que a gente se encontrasse regularmente, ao longo do semestre, só pra conversar sobre o seu progresso. Como um grupo de estudo independente.

– Tá bem. Vou pensar no assunto. E, hm, obrigada.

Cath pegou a bolsa e se levantou. Viu-se imediatamente perto demais da professora, então olhou para baixo e passou rapidamente para a porta. Não tirou os olhos do chão até estar de volta ao dormitório, saindo do elevador.

– Isso é arte.

– É assim que você atende o telefone?

– Oi, Cath.

– Não diz alô?

– Não gosto de alô. Me faz parecer um demente, como se eu nunca tivesse ouvido um telefone tocar na vida e não soubesse o que vai acontecer depois. Alô?

– Como tá se sentindo, pai?

– Bem.

– Bem como?

– Saio do trabalho todo dia às cinco. Janto com a vovó. Hoje de manhã mesmo, o Kelly me disse que eu pareço incrivelmente centrado.

– Isso que é incrível.

– Ele acaba de me dizer que não dá pra usar Frankenstein no comercial do Frankenbeans porque ninguém mais liga pro Frankenstein. A criançada gosta de zumbis.

– Mas não é *Zumbibbeans*.

– Vai ser se o maldito Kelly quiser. A ideia passou pra Zumbeanie Weenies.
– Nossa, como é que você se manteve centrado depois disso tudo?
– Fiquei me imaginando comendo o cérebro dele.
– Continuo impressionada, pai. Olha, acho que vou aí no fim de semana que vem.
– Se quiser... Não quero que se preocupe comigo, Cath. Fico mais feliz sabendo que você está mais feliz.

– Bom, fico feliz quando não me preocupo com você. Temos uma relação simbiótica.
– Por falar nisso... como vai a sua irmã?

O pai dela estava errado quanto à preocupação. Cath gostava de se preocupar. Fazia com que se sentisse ativa, mesmo quando se encontrava totalmente incapaz.

Como quanto a Levi.

Cath não podia controlar quando o via no campus. Mas podia se preocupar com isso, e contanto que estivesse se preocupando, provavelmente não aconteceria. Tipo uma vacina de ansiedade. Tipo ficar de olho numa panela para evitar que o caldo entorne.

Procurava confortar as ideias; sempre que ficava com medo de vê-lo, lembrava a si mesma de todos os motivos pelos quais isso não aconteceria.

Primeiro, porque Reagan prometera mantê-lo distante.

E segundo, porque Levi não tinha nada que fazer no Campus da Cidade. Cath dizia a si mesma que Levi passava o tempo todo estudando búfalos no Campus Leste, ou trabalhando na Starbucks, ou beijando meninas bonitas na cozinha. Não havia por que seus caminhos se cruzarem.

Entretanto... ela congelava toda vez que via cabelos loiros e uma jaqueta verde – ou toda vez que desejava ver.

Acabara de congelar.

Porque lá estava ele, bem onde não era para estar, sentado ao lado da porta. Prova de que ela não estava se preocupando à toa.

Levi viu Cath também, e se levantou. Não sorria. (Graças a Deus. Ela não estava pronta para nenhum dos sorrisos dele.)

Cath avançou com cautela.

– A Reagan tá na aula – disse, ainda alguns metros distante.

– Eu sei. Por isso vim aqui.

Cath balançou a cabeça. Talvez para dizer “não”, talvez para dizer “não entendo” – ambas eram verdades. Ela parou de andar. O estômago doeu tanto que ela quis agachar no chão.

– Só preciso te falar uma coisa – Levi disse, rapidamente.

– Não quero que você entre.

– Tudo bem. Eu falo aqui mesmo.

Cath cruzou os braços sobre o estômago e assentiu.

Levi também assentiu. E colocou as mãos nos bolsos do casaco.

– Eu tava errado – disse ele.

Ela concordou. Porque, *aff*. E porque não sabia o que ele queria com ela.

Ele empurrou as mãos mais abaixo dentro dos bolsos e balançou a cabeça.

– Cath – disse, honestamente –, não foi só um beijo.

– Aham. – Cath olhou para além dele, para a porta. Deu um passo adiante, em direção à porta, erguendo a chave, como se não tivesse mais papo.

Levi abriu caminho. Confuso, mas ainda assim educado.

Cath colocou a chave na porta, pegou na maçaneta, a cabeça pendendo à frente. Dava para ouvi-lo respirando pesado, inquieto, atrás dela. *Levi*.

– Qual deles? – ela perguntou.

– O quê?

– Qual beijo? – A voz dela saiu fraca e fina. Fragilizada.

– O primeiro – disse Levi, após alguns segundos.

– Mas o segundo foi? Só um beijo?

Levi falou ainda mais baixo:

– Não quero falar do segundo.

– Que pena.

– Então sim – disse ele. – Foi só um... não foi nada.

– E o terceiro?

– Isso é pegadinha?

Cath deu de ombros.

– Cath... tô tentando te dizer uma coisa aqui.

Ela se voltou para ele e imediatamente se arrependeu. Os cabelos dele estavam desgrehados, em boa parte puxados para trás, um pouco caindo na testa. E ele não sorria, então os olhos azuis dominavam todo o rosto comprido.

– O que tá tentando dizer?

– Que não foi só um beijo, Cather. Não tem *só*.

– Não tem *só*?

– Não.

– Então? – A voz dela demonstrava mais tranquilidade do que ela realmente sentia. Por dentro, os órgãos moíam uns aos outros, gerando uma polpa nervosa. O intestino era passado. Os rins, desintegrados. O estômago estava virando do avesso, subindo-lhe pela traqueia.

– Então... *arrgh* – disse Levi, frustrado, passando as duas mãos pelo cabelo. – Então, me desculpa. Não sei por que eu disse aquilo no hospital. Quer dizer, eu sei por que eu disse, mas eu tava errado. Muito errado. E eu queria poder voltar até aquela manhã, quando acordei aqui, e ter uma boa conversa comigo mesmo, pra que o restante da porcaria não tivesse acontecido.

– Eu me pergunto... – disse ela – se houvesse máquinas do tempo, será que alguém usaria pra ir pro futuro?

– Cather.

– O quê?

– O que você tá pensando?

Cath balançou a cabeça. Não estava pensando. Estava se perguntando se poderia viver sem os rins. Estava apenas se segurando em pé. – Ainda não sei o que tudo isso significa – disse.

– Significa... que eu gosto muito de você. – Ele passou a mão no cabelo de novo. Só uma. E o segurou para trás. – Tipo, gosto mesmo. E queria que aquele beijo tivesse sido o começo de alguma coisa. Não o fim.

Cath olhou para Levi. As sobrancelhas estavam unidas no meio da testa, enrugando a pele acima do nariz. As bochechas, pela primeira vez, absolutamente imóveis. E os lábios estavam mais de boneca do que nunca, nem mesmo um lampejo de sorriso.

– Parecia o começo de alguma coisa – disse ele. Ele colocou as mãos nos bolsos e balançou um pouco para a frente. Como se quisesse encostar nela. Cath se apertou contra a porta.

E fez que sim.

– Tá bom.

– Tá bom?

– Tá bom. – Ela deu meia volta e destrancou a porta. – Pode entrar. Só não sei muito bem sobre o resto.

– Tá bom – disse ele. Ela ouviu o comecinho de um sorriso na voz dele – um feto de sorriso – que quase a matou.

– Não confio em você – disse Simon, segurando no antebraço de Basil.

– Bom, também não confio em você – Basil ralhou com ele. E chegou a cuspir; bolinhas molhadas pousaram nas bochechas de Simon.

– Por que você precisa confiar em mim? – Simon perguntou. – Sou eu que estou pendurado no precipício!

Basil olhou para ele com desgosto, o braço tremendo devido ao peso de Simon. Levou o outro braço para baixo e Simon o pegou.

– Douglas J. Henning – Basil ralhou, quase sem fôlego, o corpo inclinado à frente. – Te conheço: vai derrubar nós dois só pra me contrariar.

De *Vá em frente, Simon*, postado em novembro de 2010 por Magicath, autora do FanFixx.net.

Vinte e Quatro

Levi sentou-se na cama dela.

Cath tentou fingir que ele não a estava vendo tirar o casaco e o lenço de debaixo dos cabelos. Sentiu-se incomodada em tirar as botas de neve na frente dele, então não o fez.

Sentou-se em sua cadeira.

– Como foi na prova de Literatura juvenil? – ela perguntou.

Levi apenas a fitou por alguns segundos.

– Tirei B.

– Tá bom, né?

– Ótimo...

Ela fez que sim.

– Como tá seu pai? – ele perguntou.

– Melhor. É complicado.

– E sua irmã?

– Não sei, a gente não tem se falado.

Ele assentiu.

– Não sou muito boa nisso – disse Cath, olhando para as pernas.

– No quê?

– Nisso aqui, seja lá o que for. Coisa de menino e menina.

Levi riu, leve.

– Que foi? – ela perguntou.

– Você entende muito mais de menino com menino, né?

– Ah.

Ficaram calados de novo. Levi acabou com o silêncio. Ela sabia que podia sempre contar com ele para romper silêncios.

– Cath?

– Hm?

– Você... tá me dando mais uma chance?

– Não sei – ela respondeu, vendo suas mãos se apertarem e soltarem sobre as coxas.

– Você quer?

– Como assim? – Ela deixou que seu olhar fosse parar no rosto dele. As bochechas estavam pálidas, e ele mordida o lábio inferior.

– Você tá torcendo por mim?

Cath balançou a cabeça, e dessa vez apenas por estar confusa.

– Não consigo entender.

– Assim... – Levi inclinou-se para a frente, com as mãos ainda metidas nos bolsos. – Eu passei quatro meses tentando te beijar e as últimas seis semanas tentando entender como consegui bagunçar tudo depois. Tudo o que eu queria agora é consertar as coisas, fazer você ver como eu me arrependi e o porquê de ter que me dar mais uma chance. E só quero saber... você tá torcendo por mim? Torcendo pra que eu consiga?

Os olhos de Cath grudaram-se nos dele, tentativos, como se fossem escapar a qualquer momento.

Ela fez que sim.

Ele abriu um meio sorriso.

– Estou torcendo por você – ela suspirou. Nem tinha certeza se ele podia ouvir, sentado na cama.

O sorriso de Levi se libertou e tomou conta do rosto todo. Parecia que ia devorá-la. Cath teve que desviar o olhar.

E foi assim que ela acabou junto de Levi 220 volts. Sentado na cama dela, sorrindo como se tudo fosse ficar bem.

Ela teve vontade de pedir que ele fosse com calma – que não estava tudo bem. Ela não o tinha perdoado ainda, e mesmo que fosse fazê-lo, ainda não confiava nele. Não confiava em ninguém, e isso era um problema. *Era um problema fundamental.*

– Você devia tirar o casaco – disse, então.

Levi abriu o zíper da jaqueta e a tirou, e colocou na cama. Estava usando uma blusa que ela jamais vira. Um cardigã verde-oliva com bolsos e botões de couro. Ela imaginou tratar-se de presente de Natal.

– Vem cá. – disse ele.

Cath balançou a cabeça.

– Ainda não tô pronta pra *vem cá*.

Levi avançou, e ela congelou – mas ele apenas levou a mão sobre a mesa dela, para o notebook. Pegou-o e segurou.

– Não vou fazer nada – disse. – Vem aqui.

– Essa é sua melhor fala? *Não vou fazer nada?*

– Sei que sou idiota – disse ele –, mas você me deixa nervoso. *Por favor.* – A palavra mágica definitiva. Cath já estava se levantando. Tirou as botas e se sentou um pouco longe dele, na cama. Se ela o deixava nervoso, ele a deixava catatônica.

Ele colocou o computador no colo dela.

Quando ela olhou para os olhos dele, ele sorria. Meio nervoso.

– Cather – disse –, me lê um pouco de fanfiction.

– O quê? Por quê?

– Porque sim. Não sei por onde começar. E isso deixa tudo mais fácil. Deixa... você mais fácil. – Cath ergueu as sobrancelhas, e ele balançou a cabeça, agitando o cabelo com uma das mãos. – Isso soou idiota também.

Cath abriu a tampa do notebook e o ligou.

Que loucura. Eles deviam estar conversando. Ela devia estar fazendo perguntas, ele devia estar pedindo desculpas – e depois ela devia pedir desculpas e dizer que era uma péssima ideia ficar conversando.

– Não lembro onde paramos – ela disse.

– Simon tinha acabado de tocar a mão de Baz, que estava fria.

– Como é que você se lembra?

– Todos os meus neurônios de leitura são usados pra lembrar as coisas.

Cath abriu o arquivo e rolou para baixo.

– *Mas a mão dele estava fria e solta* – ela leu em voz alta. – *Quando Simon olhou, percebeu que o garoto dormia...* – Cath olhou para ele de novo. – Que estranho – disse. – Não acha estranho?

Levi tinha virado de lado para olhar para ela. Os braços cruzados, os ombros encostados na parede. Ele sorriu e deu de ombros.

Cath balançou a cabeça de novo, sem saber muito bem por quê, depois olhou para o computador e começou a ler.

Simon estava cansado também. Perguntou-se se não havia, no berçário, um encantamento que o fizesse dormir. Pensou em todos aqueles bebês, as crianças – em Baz – acordando num quarto cheio de vampiros. E então Simon pegou no sono.

Quando acordou, Baz estava sentado de costas para o fogo, fitando o coelho.

– Resolvi não te matar enquanto dormia – disse ele, sem olhar para baixo. – Feliz Natal.

Simon esfregou os olhos e se sentou.

– Obrigado...?

– Já tentou algum feitiço?

– No quê?

– Nas lebres.

– A carta não diz pra pôr feitiços nelas. Só diz pra encontrá-las.

– Sim – disse Baz, impaciente. Não deviam ter dormido muito; Baz ainda parecia cansado. – Mas, presumivelmente, o remetente sabe que você é mago e supõe que considere usar magia de vez em quando.

– Que tipo de feitiço? – Simon perguntou, olhando para o coelho adormecido.

– Não sei – Baz agitou a mão branquela no ar. – *Presto chango*.

– Feitiço de transformação? O que tá tentando fazer?

– Estou testando.

– Não foi você quem disse que eu devia pesquisar mais antes de sair enfrentando perigos?

– Isso foi antes de eu ter passado metade da noite olhando pra esse coelho maldito. – Baz sacou a varinha. – Antes e depois.

– Antes e depois só funciona em objetos vivos – disse Simon.

– Testando. Abracadabra. – Nada aconteceu.

– Por que não ficou dormindo? – Simon perguntou. – Parece que você não dorme desde o primeiro ano. Tá pálido feito fantasma.

– Fantasmas não são pálidos, são translúcidos. E me perdoe se eu não me sinto confortável depois de ter invadido o quarto em que minha mãe foi assassinada.

Simon fez uma careta e olhou para baixo.

– Desculpe – disse. – Não tinha pensado nisso.

– Pare de tentar me consolar – disse Baz, brandindo a mão para o coelho mais uma vez. – Por favor.

O menino engoliu em seco. Simon pensou que ele fosse chorar, então lhe deu as costas, para que tivesse privacidade.

– Snow... tem certeza de que não tinha mais nada naquela carta?

Simon ouviu um roçar acima deles. Quando olhou para o teto, viu o animal gigante luminoso se mexendo em pleno sono. Baz erguia-se do chão. Simon levantou-se também e deu um passo atrás, pegando Baz pelo braço.

– Cuidado – este sibilou, afastando-se de Simon e da lareira atrás dos dois.

– Vampiro – disse Levi, presunçoso. – Inflamável. – Fechara os olhos e encostara a cabeça na parede. Cath fitou-o por um momento. Ele abriu um olho e cutucou-a na perna com o joelho. Ela não notara que ele estava sentado tão perto.

Acima deles, o coelho parecia ganhar dimensão e peso. Ele esticou as pernas traseiras contra o céu e sacudiu o focinho. As orelhas agitaram-se, atentas.

– A gente tem que pegá-lo? – Baz perguntou. – Falar com ele? Cantar uma bela música mágica?

– Não sei – disse Simon. – Eu estava esperando por mais instruções.

O coelho abriu um dos imensos olhos rosados.

– Aqui vai uma instrução: você tá com sua espada?

– Tô.

– Prepare-se!

– Mas é o Coelho da Lua... – Simon argumentou. – Ele é famoso.

O coelho destacou sua cabeça do teto (numa inspeção mais próxima, os olhos dele eram mais vermelhos do que rosados) e abriu a boca – para bocejar, Simon esperava – revelando incisivos enormes e pontudos, como compridas facas brancas.

– Espada, Snow. Agora. – Baz já empunhava a varinha no ar como se estivesse pronto para conduzir uma sinfonia. Ele era mesmo grandioso às vezes.

Simon colocou a mão direita sobre o quadril e sussurrou o encantamento que o Mago lhe ensinara.

– Na justiça. Na coragem. Na defesa dos fracos. Perante o poderoso. Pela magia e sabedoria e bondade.

Ele sentiu o cabo se materializar em sua mão. Nem sempre dava certo, o Mago o alertara; a lâmina tinha vontade própria. Se Simon chamasse na situação errada, mesmo sem saber, a Espada dos Magos não responderia.

A lebre estendeu a pata quase timidamente para o piso do berçário – depois caiu do teto num pulinho gracioso, feito um coelhinho de estimação saltando do sofá.

– Não ataque – disse Simon. – A gente ainda não sabe as intenções dele... Quais são suas intenções? – ele gritou. Era um coelho mágico, talvez soubesse falar.

O coelho ergueu a cabeça, como se respondesse, e guinchou para o espaço vazio no céu.

– Não estamos aqui pra machucar você – disse Simon. – Só... se acalme.

– Caramba, Snow, vai pedir pra ele dar a patinha também?

– Bom, a gente tem que fazer alguma coisa.

– Acho que devíamos fugir.

O coelho estava agachado entre eles e a porta. Simon foi pegar a varinha com a mão esquerda.

– Calma, por favor – gritou ele, tentando novamente a poderosa palavra. O coelho jorrou um cuspe irritado na direção do menino.

– Tá, beleza – Simon disse a Baz. – Vamos fugir. Quando eu contar até três.

Baz já tinha disparado para a porta. O coelho ralhou com ele, mas não quis dar as costas a Simon. Ele atacou o menino nas pernas com sua pata mortífera.

O garoto conseguiu se esquivar pulando, mas a lebre imediatamente apontou para ele, do outro lado. Quando ela o atacou na cabeça, Simon imaginou se Baz se preocuparia em trazer ajuda. Provavelmente, não faria diferença, ninguém conseguiria chegar a tempo. Simon girou a espada contra o coelho, cortando-o, e o bicho puxou a pata como se tivesse metido-a num espinho. Então, o monstro sentou-se sobre os quadris, erguendo-se, praticamente urrando.

Simon ficou de pé... e viu bolas de fogo atingirem os pelos brancos do coelho.

– Seu roedor sujo e maldito – Baz gritava. – Você devia ser um protetor. Um amuleto da sorte. Não uma droga de um monstro. E pensar que eu fazia bolo pra você e acendia incenso... Quero os bolos de volta.

– Fala pra ele! – disse Simon.

– Cala a boca, Snow. Você tem uma varinha e uma espada, e escolhe abanar essa sua língua inútil pra mim?

Simon girou sua espada mais uma vez contra o coelho. Numa batalha, ele sempre preferia usar a espada antes da varinha.

Entre bolas de fogo mágicas, Baz tentava mandar feitiços paralisantes e maldições dolorosas. Nada além do fogo parecia fazer diferença.

A espada funcionava – Simon conseguia ferir o coelho –, mas não o bastante. Era quase como coçar os pelos dele com uma agulha de tricô.

– Acho que ele é imune à mágica – Baz gritou, assim que o coelho partiu para cima dele.

Simon correu por cima das costas da lebre e tentou mergulhar a espada na densa pelugem da nuca. A lâmina escorregou pela tangente, sem furar a pele.

Baz atacou também, deixando a varinha de lado e pulando no peito do bicho. O animal se debateu, e Simon agarrou seu pescoço e o segurou. Baz aparecia volta e meia em seu campo de visão, por entre o frenesi de pelos e dentes. O coelho agitava a boca contra Baz, e este o segurava pela comprida orelha – prendendo o focinho pelo braço. Então a cabeça do garoto desapareceu por entre os pelos do coelho. No momento seguinte em que Simon viu o rosto dele, estava coberto de sangue.

– Não – Simon sussurrou. – Baz, não! – Ele correu para o coelho, segurando a espada com as duas mãos acima da cabeça, então a mergulhou com toda a sua força num dos olhos vermelhos. O coelho desabou, ficou imóvel, com uma pata caída sobre o fogo.

– Baz – Simon chamou, cutucando o braço do menino. Esperava que ele estivesse mole também, mas ele não saía do lugar. Simon tentou de novo, enfiando os dedos no braço magro do outro. Baz jogou o braço para trás e empurrou o amigo. Simon caiu no chão, todo confuso.

Foi então que ele notou que Baz estava com o rosto enfiado no pescoço do coelho. Sugando-o. Havia cortes ao longo do pescoço e da orelha do animal, muito mais profundos do que qualquer coisa que Simon teria executado com sua espada. Baz acoplou os joelhos no peito do coelho e empurrou sua barriga gigante para o lado, metendo a cabeça ainda mais fundo no pescoço ensanguentado.

– Baz... – Simon sussurrou, lembrando-se, aos poucos, de se levantar. Por um momento, por alguns momentos, ele apenas assistiu à cena.

Finalmente, pareceu que Baz... terminara.

Ele largou o coelho e ficou ali, de costas para Simon. Este ficou vendo o amigo pegar a Espada do Mago e retirá-la, espirrando muito sangue, do olho do bicho morto.

Baz virou-se, então, jogou os ombros para trás e ergueu o queixo para o alto. O rosto, toda a sua frente – a

gravata do uniforme e a camisa branca – estavam sujos de sangue. Pingava do nariz e do queixo, e já fazia uma poça embaixo da mão que segurava a espada. Tanto sangue. Molhado como se tivesse acabado de sair do chuveiro.

Baz largou a espada, que caiu nos pés de Simon. Depois, esfregou a boca e os olhos com a manga da camisa. Só espalhou mais o sangue, não removeu.

Simon não sabia o que dizer. Como responder a... aquilo. Toda aquela informação sanguinolenta.

Ele pegou a espada e a limpou na capa.

– Você tá bem?

Baz lambeu os lábios – como se estivessem secos, Simon pensou – e fez que sim.

– Que bom – disse Simon. E percebeu que fora sincero.

Cath parou de ler. Levi estava de olhos abertos. Observando-a. A boca estava fechada, mas não apertada – e ele parecia quase animado.

– Isso é o fim? – ele perguntou.

Ela fez que não.

– É por isso que gosta de mim?

– Por quê?

– Porque leio pra você?

– Se gosto de você porque você sabe ler?

– Entendeu o que eu quis dizer.

Ele abriu ainda mais o sorriso, de modo que ela pôde ver seus dentes. Era estranho olhar para ele desse jeito. De perto. Como se fosse permitido.

– Também – ele disse.

Cath olhou por cima do ombro dele, preocupada.

– Será que a Reagan vai achar ruim?

– Acho que não. A gente não fica desde o colegial.

– Por quanto tempo namoraram?

– Três anos.

– Estavam apaixonados?

Ele afagou o cabelo, embaraçado, mas não envergonhado.

– Loucamente.

– Ah. – Cath desviou o olhar.

Ele tombou a cabeça para encontrar os olhos dela.

– Cidade pequena, tinha onze alunos na sala. Não havia ninguém mais num raio de duzentos quilômetros que a gente pensaria em namorar.

– O que aconteceu?

– Chegamos aqui. Percebemos que não éramos as únicas pessoas que dava pra namorar no mundo.

– Ela disse que traía você.

Levi baixou os olhos, mas não parou totalmente de sorrir.

- E teve isso também.
- Quantos anos você tem?
- Vinte e um.

Cath pareceu surpresa.

- Parece mais velho.
- É o cabelo – disse ele, ainda sorrindo.
- Adoro seu cabelo – ela soltou.

Ele ergueu uma sobrancelha. Só uma.

Cath balançou a cabeça, envergonhada, fechando os olhos e a tampa do notebook.

Levi deixou a cabeça pender lentamente para perto dela, de modo que as madeixas roçaram-na no ouvido. Ela puxou a cabeça para longe, certa de estar vermelha.

- Gosto do seu cabelo também – disse ele. – Acho, pelo menos... tá sempre amarrado.
- Que loucura – disse Cath, afastando-se.
- O quê?
- Isso. Você e eu. Essa conversa.
- Por quê?
- Bom, eu nem sei como aconteceu.
- Acho que ainda não aconteceu nada...

– A gente não tem nada em comum – disse ela. Ela sentiu como se estivesse cheia de objeções, que começavam a espirrar para fora. – Você nem me conhece. É mais velho e fuma... e tem um emprego. Tem experiência.

- Na verdade, eu só fumo quando tem alguém por perto fumando...

– Conta como fumar.

– Mas não importa. Nada que você tá dizendo importa, Cath. E a maior parte nem é verdade. A gente tem muita coisa em comum. A gente vive conversando; costumava se falar. E isso me fez querer conversar mais e mais com você. Isso é um ótimo sinal.

- O que temos em comum?

– A gente gosta um do outro – disse ele. – Precisa de mais? E também, comparado com o resto do mundo, temos tudo em comum. Se alienígenas invadirem a Terra, com certeza eles nem vão saber diferenciar nós dois.

Pareceu tanto com o que ela dissera ao Nick...

- Você gosta de mim... – disse Levi –, certo?
- Eu não teria te beijado se não gostasse.
- Talvez tivesse...

– Não – ela disse com firmeza. – Não teria. E não teria ficado a noite toda lendo pra você...

Levi sorriu tanto que ela viu seus caninos. E depois os pré-molares. Estava errado. Ele não deveria estar sorrindo.

- Por que me disse que foi só um beijo? – ela perguntou, esperando que sua voz falhasse. –

Nem me importo com a outra menina. Quer dizer, eu me importo, mas não tanto. Por que seu primeiro instinto foi me dizer que o que aconteceu entre você e eu *não foi importante*? E por que eu deveria acreditar agora que foi? Por que eu deveria acreditar em qualquer coisa que você diz?

Levi compreendeu. Que não devia estar sorrindo. Ele olhou para o colo, e se virou, ficando de costas para a parede.

– Acho que entrei em pânico...

Cath esperou. Levi pegou uma mecha de cabelos com a mão e fechou o punho. (Talvez fosse por isso que estava perdendo-os prematuramente. Manuseio constante.)

– Entrei em pânico – disse, novamente. – Pensei que se você soubesse quanto significou, para mim, beijar você... ficaria ainda mais chato eu ter beijado outra garota.

Cath esperou a informação assentar.

– Que raciocínio péssimo – disse.

– Não foi raciocínio. – Ele se voltou para ela, um pouco rápido demais. – Entrei em pânico. De verdade. Já tinha esquecido tudo daquela menina.

– Porque você beija várias meninas nas festas?

– Não. Quer dizer... *Arrgh*. – Ele desviou o olhar. – *Às vezes*, mas *não*. Só beijei aquela menina porque você não estava lá. Porque não respondeu as minhas mensagens. Porque eu voltei a pensar que você não gostava de mim. Eu tava confuso, meio bêbado, e tinha aquela menina, que obviamente *gostava* de mim... Ela deve ter ido embora cinco minutos depois de você. E cinco minutos depois disso, eu tava olhando pro telefone, tentando pensar numa desculpa pra te ligar.

– Porque não me disse tudo isso no hospital?

– Porque me senti um babaca. E não tô acostumado a ser um babaca. Geralmente, eu sou todo certinho, sabe?

– Não.

– Costumo ser o cara legal. Esse era o plano pra conquistar você...

– Você tinha um plano?

– Tinha... – Ele meteu a traseira da cabeça na parede, e suas mãos caíram no colo. – Era mais tipo uma esperança. Que você visse que eu sou um cara legal.

– Eu vi isso.

– Certo. E depois me viu beijando outra.

Cath esperou que ele parasse de falar; já ouvira o bastante.

– O fato é que, Levi... – Dizer o nome dele em voz alta concluiu a destruição dentro dela. Algo, talvez seu baço, foi a gota d'água. Ela inclinou para a frente e puxou a manga da blusa dele, apertando alguns milímetros entre os dedos.

– Sei que você é um cara legal – disse. – E quero te perdoar; você não me traiu... quer dizer, é um pouco isso. Mas ainda que eu te perdoe... – Ela puxou a blusa ainda mais,

esticando-a. – Acho que não sirvo pra isso. Menino-menina. Pessoa-pessoa. Não confio em ninguém. Ninguém mesmo. E quanto mais gosto de alguém, mais certeza tenho de que a pessoa vai se cansar de mim e pular fora.

Levi fechou a cara. Não uma expressão sombria, ela reparou – mas pensativa. Sombras pensativas.

– Que maluquice – disse.

– Eu sei – Cath concordou, sentindo-se quase aliviada. – *Exatamente*. Eu sou maluca.

Ele trouxe os dedos para trás e os prendeu na bainha da blusa dela.

– Mas ainda quer me dar uma chance, certo? Não só pra mim, pra isso? Pra nós?

– Quero – disse Cath, como se desistisse.

– Que bom. – Ele deu um cutucão na manga da blusa dela e sorriu para suas mãos, que quase se tocavam. – Tudo bem você ser maluca – disse, baixinho.

– Você não faz ideia...

– Não preciso fazer – disse ele. – Eu torço por você.

Ficou combinado que ele mandaria mensagem no dia seguinte. Sairiam quando ele saísse do trabalho.

Para um encontro.

Levi não chamou de encontro, mas só podia ser isso, não? Ele gostava dela, e eles iam sair. Ele viria buscá-la.

Ela quis poder ligar para Wren. *Tenho um encontro. E não com uma mesa de centro. Não com alguém que tenha qualquer coisa a ver com móveis. Ele me beijou. E acho que vai beijar de novo se eu deixar.*

Mas ela não ligou. Foi estudar. Depois ficou acordada o mais tarde que conseguiu escrevendo Baz e Simon – “*Humdrum, o Traíçoeiro*”, Baz lamentou. “*Se algum dia eu virar supervilão, me ajude a inventar um nome que não soe como marca de sorvete*” –, torcendo para que Reagan chegasse logo em casa.

Cath estava quase dormindo quando a porta se abriu.

Reagan zanzou pelo quarto no escuro. Era craque em ir e vir sem ter que acender as luzes. Ela quase nunca acordava Cath.

– Oi – Cath disse.

– Volte a dormir – Reagan sussurrou.

– Oi. Hoje à noite... Levi veio aqui. Acho que a gente tem um encontro. Tudo bem pra você?

Ela parou de fuçar.

– Tudo – disse, praticamente na voz normal. – Tudo bem pra você?

– Acho que sim – disse Cath.

– Tá bom. – Reagan abriu a porta do armário, e jogou as botas lá dentro com dois baques violentos. Uma gaveta se abriu e fechou, e logo ela subiu na cama. – Tão esquisito... – ela murmurou.

– É mesmo... – disse Cath, fitando a escuridão. – Me desculpa.
– Pare de pedir desculpas. Tá bom pra você. Tá bom pro Levi. Melhor pra você, acho.
– Como assim?
– É que o Levi é um cara muito legal. E ele sempre se apaixona pelas meninas que são um pé no saco.

Cath rolou para o lado e se apertou dentro do edredom.

– Melhor pra mim – concordou.

– Você vai sair com a Agatha finalmente? – a voz de Penélope era suave, apesar da surpresa em seu rosto. Nenhum deles queria que o Senhor Sem Graça escutasse; ele adorava dar detenções ridículas; eles podiam acabar tirando pó das catacumbas por horas ou revisando bilhetinhos românticos confiscados.

– Depois do jantar – Simon sussurrou de volta. – Vamos procurar pela sexta lebre na Floresta Velada.

– A Agatha sabe que é um encontro? Porque tá parecendo “Mais uma noite de terça com Simon”.

– Acho que sabe. – Simon tentou não fazer careta para ela, ainda que quisesse. – Ela disse que usaria o vestido novo...

– “Mais uma noite de terça com Agatha” – disse Penélope.

– Não acha que ela gosta de mim?

– Ah, Simon, não disse isso. Ela teria que ser uma idiota pra não gostar de você.

Simon sorriu.

– Acho que estou tentando dizer – disse Penélope, voltando à tarefa de casa –, que vamos ter que esperar pra ver.

Capítulo 17, *Simon Snow e as Seis Lebres*, copyright Gemma T. Leslie

Vinte e Cinco

Reagan estava sentada na cadeira de Cath quando esta acordou.

– Tá acordada?

– Tava me vendo dormir?

– Sim, Bella. Já acordou?

– Não.

– Bom, então acorda. A gente precisa ajustar umas regras.

Cath se sentou, esfregando as remelas dos olhos.

– O que tem de errado com você? Se eu te acordasse assim, você ia me matar.

– É porque eu tenho prioridade no nosso relacionamento. Acorda, a gente precisa falar do Levi.

– Tá bom... – Cath não pôde evitar um pequeno sorriso, só de ouvir o nome dele. Eles tinham um encontro mais tarde.

– Então, vocês fizeram as pazes?

– Sim.

– Você dormiu com ele?

– Caramba, Reagan. *Não*.

– Bom – disse Reagan. Ela estava sentada na cadeira de Cath com uma perna sob a outra, vestindo camiseta larga de futebol e calças de ioga. – Não quero ficar sabendo quando você dormir com ele. Essa é a primeira regra básica.

– Não vou dormir com ele.

– Então, esse é exatamente o tipo de coisa que eu não quero saber; espera, como assim, você não vai dormir com ele?

Cath apertou os olhos com ambas as mãos.

– Não, assim, não no futuro imediato. A gente só conversou.

– É, mas vocês tem se visto o ano todo...

– Coisas que você me pressiona a fazer: uma, beber sendo menor de idade; duas, abuso de remédios; três, sexo pré-casamento.

– Ai, meu Deus, Cath, *sexo pré-casamento*? Tá me zoando?

– Aonde você quer chegar com isso?

– Levi foi meu namorado.

– Eu sei.

– Durante todo o Ensino Médio.

– Eu sei, eu sei. – Cath escondeu os olhos de novo. – Não me faz visualizar.

– Perdi minha virgindade com ele.

– Ahhhh. Para. Sério.

– É exatamente por isso que vamos ter regras – disse Reagan. – Levi é um dos meus melhores amigos, e sou sua única amiga, e não quero que fique tudo esquisito.

– Tarde demais – disse Cath. – E você não é minha única amiga.

– Eu sei – Reagan revirou os olhos e fez um amplo aceno –, você tem *toda* a internet.

– Quais são as regras?

Reagan ergueu um dedo. Suas unhas eram compridas, pintadas de rosa.

– Primeiro. Ninguém fala comigo sobre sexo.

– *Fechado*.

– Segundo, nada de melação na minha frente.

– Fechado e fechado. Tô falando, não tem nada de melação.

– Terceiro, fica quieta, ninguém fala comigo sobre o relacionamento.

Cath fez que sim.

– Beleza.

– Quarto...

– Você pensou bastante nisso, não?

– Eu pensei nas regras desde a primeira vez em que vocês se beijaram. Quarto, Levi é meu amigo, você não pode ter ciúme disso.

Cath fitou Reagan. Seus cabelos ruivos e os lábios cheios, e os seios totalmente protuberantes.

– Acho que é cedo demais pra concordar com essa – disse.

– Não – disse Reagan –, a gente precisa tirar isso do caminho. Você não pode ter ciúme. E em troca, não vou dar uma mãozinha ao meu melhor amigo pra lembrar a mim mesma, e a Levi, de que ele me amou primeiro.

– Ai, meu Deus – Cath apertou o edredom, descrente – você faria isso mesmo?

– Talvez – disse Reagan, inclinando-se para a frente, a mesma expressão de choque no rosto. – Num momento de fraqueza. Você tem que entender. Fui a garota favorita do Levi durante quase a vida toda. Ele não namorou ninguém, pelo menos não sério, desde que a gente terminou.

– Deus – disse Cath –, tô odiando isso.

Reagan assentiu, e foi como uma dúzia de “eu avisei”.

– Por que deixou isso acontecer? – Cath perguntou. – Por que deixou ele passar tanto tempo aqui?

– Porque eu via que ele gostava de você. – Reagan parecia quase irritada com isso. – E eu quero muito que ele seja feliz.

– Vocês não tiveram... uma recaída, tiveram? Depois que terminaram?

– Não... – Reagan desviou o olhar. – Quando a gente terminou, no primeiro ano, foi bem difícil. A gente só voltou a andar junto no fim do ano passado. Eu sabia que ele tava tendo dificuldade nas matérias, e quis ajudar...

– Tá bom – disse Cath, resolvendo levar o assunto a sério. – Quais são mesmo as regras? Nada de falar de sexo, nada de demonstrações de afeto, nada de falar do relacionamento...

– Nada de ter ciúme.

– Pode ser não ter ciúme *desnecessário*?

Reagan fez um biquinho.

– Tá bom, mas seja racional se aparecer. Nada de ter ciúme desnecessário.

– E nada de ser uma vadia horrorosa e narcisista que fica se achando graças à afeição do ex-namorado.

– Fechado – disse Reagan, estendendo a mão.

– A gente precisa dar as mãos mesmo?

– Precisa.

– Talvez eu e o Levi não tenhamos nada, sabe? A gente nem teve o encontro.

Reagan sorriu um sorriso firme.

– Não acho. Tenho um bom e mau pressentimento sobre isso. Aperte.

Cath estendeu a mão e apertou a da amiga.

– Agora, levanta – disse Reagan. – Tô com fome.

Assim que Reagan saiu para o trabalho, naquela tarde, Cath pulou de sua escrivaninha e começou a fuçar no armário para resolver o que vestir. Provavelmente uma camiseta com um cardigã e calça jeans. Não havia nada no armário dela além de camisetas, cardigãs e calças jeans. Ela deitou as opções sobre a cama. Depois foi procurar por algo que comprara numa feirinha no ano anterior – um colarzinho verde preso por um botão rosa *vintage*.

Ela imaginou onde é que Levi a levaria.

O primeiro encontro com Abel foi no cinema. Wren e algumas das amigas delas foram junto. Depois disso, sair com Abel passou a ser, geralmente, apenas ficar na padaria ou estudar no quarto de Cath. Nadar no verão. Torneios de Matemática. Não eram bem encontros, pensando agora. Ela não pretendia contar a Levi que seu último encontro havia sido num torneio de Matemática.

Cath fitava as roupas que deitara na cama, desejando que Wren estivesse ali para ajudar. Ela gostaria de ter conversado com Wren sobre Levi antes de começarem a brigar... O que teria sido no ano anterior, antes de Cath tê-lo conhecido.

O que Wren diria se estivesse ali? *Finja que ele gosta mais de você do que você dele. É como comprar um carro – você tem que estar disposta a sair a qualquer momento.*

Gente, pensar em Wren apenas fazia Cath se sentir pior. Além de nervosa, ficou triste. E se sentindo sozinha.

Foi um alívio quando Reagan entrou com tudo pela porta e começou a falar sobre o jantar.

– Solta o cabelo – disse Reagan, rasgando um pedaço de pizza ao meio. – Seu cabelo é bonito.

– Esse comentário é definitivamente contra as regras – disse Cath, mordendo um pedaço de queijo *cottage*. – Número três, acho.

– Eu sei. – Reagan balançou a cabeça. – Mas você não tem jeito, às vezes. É como ver um gatinho com a cabeça presa numa caixa de lenços.

Cath revirou os olhos.

– Não quero sentir que preciso ter um visual todo diferente, do nada, só por causa dele. Vai ser muito tosco.

– É tosco querer ficar bonita pra um encontro? Levi deve estar fazendo a barba agora mesmo, tenho certeza.

Cath se retraiu.

– Pare. Nada de informação secreta sobre o Levi.

– Essa informação é sobre homens em geral. É assim que funcionam os encontros.

– Ele já sabe como eu sou – disse Cath. – Não tem por que inventar moda agora.

– Como pode arrumar o cabelo e talvez usar um pouco de *gloss* ser inventar moda?

– É como se eu tivesse tentando distraí-lo com algo brilhante. – Cath circulou a mão que segurava a colher na frente do rosto, derrubando um pouco de queijo na blusa, por acidente. – Ele já conhece tudo isso. Essa é a minha aparência. – Ela tentou raspar o queijo da blusa, sem esfregá-lo.

Reagan debruçou-se sobre a mesa e arrancou a presilha do cabelo de Cath. As madeixas despencaram sobre as orelhas e os olhos.

– Pronto – disse Reagan. – Agora sim é a sua aparência. *Presto chango*.

– Ai, meu Deus – disse Cath, tomando a presilha da mão da amiga e imediatamente arranjando o cabelo novamente num nó. – E o que foi essa referência a Simon Snow?

Reagan revirou os olhos.

– Como se você fosse a única que lê Simon Snow. Como se não fosse um fenômeno global.

Cath desatou a rir.

Reagan fez-lhe careta.

– Que é isso que você tá comendo, afinal? Tem pêssego no seu queijo?

– Não é nojento? – disse Cath. – Você acaba se acostumando.

Quando entraram no corredor, viram Levi sentado contra a porta. Em circunstância alguma Cath dispararia pelo corredor para se jogar nos braços dele. Mas ela fez sua versão disso: sorriu, meio tensa, e desviou o olhar. – Oi – disse Levi, escorregando porta acima.

– Oi – disse Reagan.

Levi afagou o topo da cabeleira, como se não soubesse ao certo para qual das duas sorrir primeiro.

– Tá pronta? – perguntou a Cath, enquanto Reagan abria a porta.

Cath fez que sim.

– Só... meu casaco. – Ela pegou-o e o vestiu.

– Lenço – disse Levi. Então, ela o pegou.

– Te vejo mais tarde – ela disse a Reagan.

– Provavelmente não – a amiga respondeu, sacudindo o cabelo diante do espelho.

Cath sentiu que corava. Não olhou de novo para Levi até que estivessem em pé na frente do elevador. (*Condição: sorrindo, estável.*) Quando a porta abriu, ele colocou a mão nas costas dela, e ela quase pulou para dentro.

– Qual é o plano? – ela perguntou.

Ele sorriu.

– Meu plano é fazer coisas que te façam querer me ver de novo no dia seguinte. Qual é o seu?

– Vou tentar não bancar a idiota.

Ele sorriu.

– Então, tá combinado.

Ela sorriu de volta para ele. Na direção dele, pelo menos.

– Pensei em te mostrar o Campus Leste – disse Levi.

– À noite? Em fevereiro?

A porta do elevador se abriu, e ele esperou que ela saísse.

– Paguei uma pechincha num *tour* fora de época. Além disso, não tá *tão* frio assim lá fora.

Levi seguiu na frente até fora do prédio, depois foi andando para longe do estacionamento.

– Não temos que ir de carro? – Cath perguntou.

– Pensei em ir de condução.

– Tem condução?

Ele fez que sim.

– Da cidade.

A condução era um ônibus, que apareceu quase de imediato.

– Primeiro as damas – disse Levi.

Lá dentro, o ônibus estava mais iluminado do que se fosse dia, e quase vazio. Cath escolheu um assento e se sentou ocupando todo o banco, com o joelho para cima, de modo que não havia espaço para se sentar bem ao seu lado. Levi pareceu não se importar. Ele passou para o banco na frente do dela e apoiou o braço no encosto.

– Você é muito polido – disse ela.

– Minha mãe ficaria superfeliz de ouvir essa.

– Então, você tem mãe.

Ele riu.

– Tenho.

– E pai?

- E quatro irmãs.
- Mais velhas ou mais novas?
- Mais velhas e mais novas.
- Você é o do meio?
- Isso aí. E você? É a mais velha ou a mais nova das gêmeas?

Ela deu de ombros.

– Foi cesárea. Mas Wren era a maior. Ela tava roubando meus nutrientes, algo assim. Tive que passar três semanas no hospital depois que ela foi pra casa.

Cath não contou que às vezes sentia como se a irmã ainda estivesse tomando mais de sua parte na vida, como se drenasse vitalidade de Cath – ou como se tivesse nascido com um suprimimento maior.

Cath não contou porque era obscuro e deprimente. E porque, naquele momento, ela não trocaria de lugar com Wren, mesmo que isso significasse ficar com o melhor cordão umbilical.

– Quer dizer então que ela é mais dominante? – Levi perguntou.

– Não necessariamente. Quer dizer, acho que sim. Em quase tudo. Meu pai diz que a gente compartilhava a dominância quando era criança. Tipo, eu decidia o que a gente ia vestir, ela, do que a gente ia brincar.

– Vocês se vestiam igual?

– Quando éramos pequenas. A gente gostava.

– Já ajudei a fazer um parto de gêmeos. Bezerros. A vaca quase morreu.

Cath escancarou os olhos.

– Como isso aconteceu?

– Às vezes, quando um boi encontra uma vaca, eles resolvem passar mais tempo juntos...

– Como você foi parar no meio de um parto?

– Acontece muito no rancho. Não os gêmeos, os partos.

– Você trabalhava num rancho?

Ele ergueu uma sobrancelha, como se não tivesse entendido bem a pergunta.

– Eu *moro* num rancho.

– Ah – disse Cath. – Eu não sabia que tinha gente que morava em rancho. Pensava que era tipo uma fábrica ou empresa, um lugar onde você vai pra trabalhar.

– Tem certeza de que você é de Nebraska?

– Tô começando a achar que Omaha não conta...

– Bom – ele sorriu –, eu moro num rancho.

– Tipo uma fazenda?

– Mais ou menos. Fazendas têm plantações. Os ranchos tem gado.

– Ah. Do tipo... só tem vacas zanzando em todo canto?

– Isso. – Ele riu, depois fez que não. – Não. O gado fica em áreas específicas. Precisam de muito espaço.

– É isso que você faz quando não está em aula? Trabalha no rancho?

Algo passou pelo rosto do rapaz. O sorriso cedeu um pouco, e ele uniu as sobrancelhas.

– É... não é tão simples. Minha mãe partilha o rancho com meus tios, e ninguém sabe o que vai acontecer de fato quando eles se aposentarem. São doze primos, então não podemos dividir tudo. A não ser que a gente venda. O que... ninguém quer muito fazer. Hm... – Ele sacudiu a cabeça e voltou a fitá-la. – Eu gostaria de trabalhar num rancho ou com rancheiros... ajudá-los a ser melhores no que fazem.

– Manejo de ranchos.

– E você tenta fingir que não presta atenção, hein! Eita, nossa parada.

– Já?

– O Campus Leste fica a apenas dois quilômetros do seu dormitório; é uma vergonha você nunca ter vindo.

Cath seguiu o rapaz para fora do ônibus. Ele parou para agradecer ao motorista, dizendo seu nome.

– Você conhece aquele cara? – ela perguntou quando o ônibus se afastou.

Levi deu de ombros.

– Ele tinha um crachá. Beleza... – Ele deu um passo à frente e abriu o braço comprido em direção ao estacionamento. Sorria como um apresentador de *game show*. – Cather Avery: como aluno da Faculdade de Agricultura, membro da comunidade agrícola e cidadão de Lincoln, Nebraska, gostaria de te apresentar o Campus Leste.

– Gostei – disse Cath, olhando ao redor. – Escuro. Tem árvores.

– Você pode estacionar sua potranca no portão, Omaha.

– Quem diria que ser de Omaha me daria esse privilégio?

– À sua direita fica o Grêmio do Campus Leste. É lá que fica a pista de boliche.

– Outra pista de boliche...

– Não se anime, não tem boliche na programação de hoje.

Cather seguiu Levi ao longo de uma calçada tortuosa e sorriu, educada, para todos os prédios conforme ele os apresentava. Ele ficava tocando-a nas costas para chamar atenção ou ter certeza de que ela estava olhando para a direção certa. Ela não disse que o Campus Leste (em fevereiro, à noite) era muito parecido com o Campus da Cidade.

– Se tivéssemos vindo de dia – disse ele –, a gente pararia na lojinha e tomaria sorvete.

– Que pena – disse ela. – Tá uma noite perfeitamente congelante pra isso.

– Tá com frio? – Ele parou na frente dela e franziu o cenho. – Foi assim que a sua mãe te ensinou a colocar um lenço?

O lenço envolvia o pescoço, em torno do colar. Ele o apertou contra o pescoço dela e amarrou, unindo as pontas. Cath torceu para que o casaco tivesse escondido o respirar tremido que ela deu.

Levi levou as mãos para as bochechas dela e tocou gentilmente as pontas das orelhas.

– Nada mal – disse, esfregando-as. – Está *mesmo* com frio? – Ele ergueu uma sobrancelha.
– Não quer entrar?

Ela fez que não.

– Quero ver o Campus Leste.

Ele voltou a sorrir.

– Muito bem. A gente ainda não chegou ao Museu do Trator. Que tá fechado, é claro.

– É claro.

– Mas vale a pena ver.

– É claro.

Após meia hora, mais ou menos, eles pararam para usar o banheiro na faculdade de Odontologia. Tinha gente esparramada em sofás azuis no saguão, estudando. Levi comprou um copo de chocolate quente na máquina de café para que compartilhassem. Cath tinha uma restrição boba quanto a compartilhar bebida, mas resolveu que não seria boba de dizer qualquer coisa. Já beijara o rapaz.

Quando saíram de novo, a noite parecia mais quieta. Mais escura.

– Deixei o melhor para o final – Levi disse baixinho.

– O que é?

– Calma. Por aqui...

Andaram juntos por outra calçada sinuosa até que ele a parou, colocando a mão no ombro dela.

– Chegamos – disse, apontando para um caminho desnivelado. – Os Jardins.

Cath tentou demonstrar divertimento. Não daria para saber que havia uma passagem ali não fossem as pegadas sobre a neve, que derretia. Tudo o que ela via eram pegadas, umas moitas mortas e umas poças rasas de lama.

– É de tirar o fôlego – ela disse, rindo.

– Sabia que ia gostar. Se fizer tudo certinho, trago você de novo na alta temporada.

Caminhavam lentamente, parando vez por outra para ver placas educativas que despontavam da neve. Levi inclinava sobre uma, removia a neve com a luva e lia em voz alta quais plantas deviam estar crescendo ali.

– Então o que estamos não conseguindo ver aqui – disse Cath, conforme inclinaram-se juntos sobre uma plaquinha – é uma variedade de gramas nativas.

– E flores selvagens – disse Levi. – Estamos perdendo as flores selvagens.

Ela se afastou dele, e ele a pegou pela mão.

– Espera – disse. – Acho que deve ter uma sempre-viva por ali...

Cath olhou adiante.

– Alarme falso – disse ele, segurando a mão dela.

Ela tremia.

– Tá com frio?

Ela fez que não.

Ele apertou a mão dela.

– Que bom.

Não falaram mais sobre nenhuma das flores que não estavam vendo ao concluir o trajeto pelos Jardins. Cath ficou feliz por não estar de luva; a mão de Levi era macia, quase escorregadia.

Passaram por uma ponte de pedestres, e ela sentiu o braço sendo puxado. Ele fizera uma pausa para se encostar na treliça.

– Cath, posso te fazer uma pergunta?

Ela parou e o fitou. Ele pegou a outra mão dela e a puxou para perto – não contra seu corpo, só mais perto –, cruzando os dedos, como se fossem brincar de gangorra.

Levi era uma fotografia em preto e branco contra a escuridão. Pele pálida, olhos cinza, cabelo desgrenhado...

– Você acha mesmo que eu saio por aí beijando um monte de gente o tempo todo?

– Mais ou menos – Cath respondeu. Ela tentou ignorar o fato de que conseguia sentir cada um dos dedos dele. – Até um mês atrás, pensei que você sempre ficava com a Reagan.

– Como pôde pensar isso? Ela tá saindo com outros cinco caras.

– Pensei que você fosse um deles.

– Mas eu tava flertando com *você*. – Ele empurrou as mãos dela, para enfatizar.

– Você flerta com *tudo*. – Ela sabia que seus olhos tremelicavam, sentia frio nos cantinhos. – Você flerta com idosos e bebês e todo mundo no meio.

– Ah, não é verdade... – Ele mergulhou o queixo no pescoço, indignado.

– É, sim – disse ela, empurrando as mãos dele. – Aquela noite, na pista de boliche? Você flertou com cada ser humano do prédio. Me surpreende que o cara dos sapatos não tenha te dado o telefone dele.

– Eu só tava sendo legal.

– Você é *extra*legal. Com *todo mundo*. Você vai além pra fazer todo mundo se sentir especial.

– Bom, o que tem de errado nisso?

– Quando é que uma pessoa sabe que é *especial*? Como eu podia saber que você não estava somente sendo legal?

– Você não vê que eu sou diferente com você?

– Pensei que via. Por, tipo, doze horas. E depois... Até onde sei, é, você sai por aí beijando as pessoas. Só pra ser legal. Porque você tem esse prazer estranho em fazer as pessoas se sentirem especiais.

Levi retraiu-se, com o queixo quase emendado no pescoço.

– Eu passava quase o tempo todo no seu quarto, te convidei pra festas, e tentei estar presente pra quando você precisasse de qualquer coisa por *quatro meses*. E você nem notou.

– Pensei que você ficasse com a minha colega de quarto! – ela disse. – E repito, você é legal com todo mundo. Você dá bondade pra todo mundo como se não te custasse nada.

Levi riu.

– Não me custa nada. Sorrir pra estranhos não exaure meu suprimento geral.

– Bom, exaure o meu.

– Não sou você. Fazer as pessoas felizes me faz bem. Pelo menos, me dá mais energia pras pessoas com as quais me importo.

Cath vinha tentando manter contato visual durante isso tudo, feito um ser humano adulto, mas estava ficando muito difícil – ela deixou seus olhos passarem para a neve.

– Se você sorrir pra todo mundo – ela disse –, como é que vou me sentir quando você sorrir pra mim?

Ele puxou as mãos para o alto, de modo que ficaram quase acima de seus ombros.

– Como você se sente quando sorrio pra você? – perguntou, e então sorriu para ela, só um pouquinho.

Sinto-me outra, pensou Cath.

Ela segurou as mãos dele com força, buscando equilíbrio, então ficou nas pontas dos pés, apoiando o queixo no ombro dele, roçando a cabeça gentilmente contra a bochecha dele. Era suave, e Levi tinha um cheiro forte ali, de perfume e menta.

– Como uma idiota – ela disse baixinho. – E com vontade de que não pare nunca.

Sentaram-se lado a lado na condução, olhando para as mãos; o interior do ônibus estava iluminado demais para que se olhassem nos olhos. Levi não dizia nada, e Cath não quis saber por quê.

Quando voltaram ao quarto dela, ambos sabiam que estaria vazio, e os dois tinham as chaves.

Levi desenrolou o lenço dela e puxou-o pelas pontas, unindo seu rosto à testa dela.

– Amanhã, amanhã e ainda outro amanhã – disse ele.

Dito e feito.

Ele veio vê-la no dia seguinte. E no seguinte. E depois de mais ou menos uma semana, Cath já esperava que Levi aparecesse em seu dia de algum modo. E que agiria como se sempre tivesse sido assim.

Ele nunca dizia *Posso te ver amanhã?* ou *Vou te ver amanhã?*. Era sempre *Quando?* e *Onde?*.

Encontravam-se no Grêmio entre as aulas. Ela ia vê-lo na Starbucks, nos intervalos dele. Ele esperava no corredor que ela ou Reagan o deixassem entrar.

Vinham conseguindo impedir que a situação ficasse esquisita entre os três. Cath se sentava em sua escrivaninha, e Levi se sentava na cama dela e contava histórias e as provocava. Às vezes, a intimidade e o afeto em sua voz era demais para Cath. Às vezes parecia que ele conversava com elas como seu pai fazia com ela e Wren. Como se fossem *as meninas* dele.

Cath tentava afastar esse pensamento. Tentava encontrá-lo em outros lugares caso Reagan estivesse no quarto.

Mas quando ficavam sozinhos no quarto, sem Reagan, não agiam de modo muito diferente. Cath sentava-se em sua escrivaninha. E Levi sentava-se na cama dela com os pés na cadeira, falando sem parar. Preguiçoso, confortável.

Ele gostava de perguntar sobre o pai dela e Wren. Achava a coisa das gêmeas fascinante.

Gostava de falar sobre Simon Snow também. Vira todos os filmes duas ou três vezes. Levi via muitos filmes – gostava de tudo que tinha fantasia ou aventura. Super-heróis. Hobbits. Magos. Se fosse mais de ler, pensava Cath, ele seria um belo de um nerd.

Bom... talvez.

Para ser um nerd mesmo, ela definira, era preciso preferir os mundos da ficção ao mundo real. Cath se mudaria para o Mundo dos Magos sem pensar duas vezes. Quase tinha entrado em desespero no ano anterior quando percebeu que, caso descobrisse um portal mágico que levasse ao mundo de Simon, estaria já crescida demais para frequentar a Escola de Magia de Watford.

Wren ficou chocada também quando Cath apontou o fato. Estavam deitadas na cama, na manhã de seu aniversário de dezoito anos.

– Cath, acorda, vamos comprar cigarros.

– Não posso – disse Cath. – Vou assistir a um filme censurado... no cinema. E depois vou ser convocada pro serviço militar.

– Ah! Vamos matar a aula e ir assistir a *500 dias com ela*.

– Sabe o que isso significa, né? – Cath olhou para o mapa gigante de Watford que elas haviam prendido no teto. O pai pagara a um dos desenhistas do trabalho que pintasse para elas, certo Natal. – Significa que a gente tá velha demais pra Watford.

Wren recostou-se na cabeceira da cama e olhou para cima.

– Ah. É verdade.

– Não que eu tenha pensado que é de verdade – Cath disse, após um minuto –, mesmo quando a gente era criança, mas...

– Mesmo assim... – Wren suspirou. – Agora fiquei triste demais pra começar a fumar.

Wren era uma nerd de verdade. Apesar do cabelo ajeitado e os namorados bonitos. Se Cath tivesse encontrado esse portal mágico, essa toca do coelho, a passagem no fundo do armário, Wren teria ido com ela.

Wren talvez ainda quisesse ir com ela, mesmo no estado em que estavam, estranhando-se. (Seria outra coisa boa de encontrar um portal mágico. Ela teria uma desculpa para ligar para a irmã.)

Mas Levi não era nerd; ele gostava demais da vida real. Para ele, Simon Snow era apenas uma história. E ele amava histórias.

Cath andava atrasada com *Vá em frente, Simon* desde que a história com Levi começara – o

que, por um lado, era perfeitamente OK; ela não era tão nerd assim a ponto de preferir ficar inventando cenas de amor entre meninos a encenar uma.

Por outro lado... *Simon Snow e a Oitava Dança* estava para sair em menos de três meses, e Cath tinha que terminar *Vá em frente* antes disso. Tinha. *A Oitava Dança* era o final da saga de Simon Snow – colocaria todos os pingos nos *is* – e Cath tinha que arranjar tudo do seu jeito primeiro. Antes que Gemma T. Leslie fechasse as cortinas.

Cath conseguia estudar com Levi no quarto (ele precisava estudar também – sentava-se na cama dela e escutava suas palestras, às vezes jogando paciência ao mesmo tempo), mas não dava para escrever com ele por perto. Não dava para se perder no Mundo dos Magos. Ficava perdida demais nele.

Levi tinha 1,80 de altura. Ela pensava que era mais alto.

Ele nasceu num rancho. Literalmente. O parto aconteceu tão de repente que a mãe sentou-se nos degraus da escada e o pegou com as próprias mãos. Foi o pai quem cortou o cordão umbilical. (*Tô te falando*, disse Levi, *não é nada diferente dos bezerros.*)

Ele vivia com outros cinco caras. Tinha uma caminhonete porque achava que todo mundo devia ter uma caminhonete – que andar por aí dirigindo um carro era como viver com as mãos amarradas atrás das costas.

– E se você precisar carregar alguma coisa?

– Não consigo pensar em nem uma única vez em que minha família precisou de uma caminhonete – Cath retrucou.

– É porque seu carro é todo encapotado. Você nem se permite ver oportunidades de lá de fora.

– Tipo o quê?

– Lenha de graça.

– A gente não tem lareira.

– Chifres.

Cath bufou.

– Sofás antigos.

– Sofás antigos?

– Cather, algum dia, quando eu te levar pro meu quarto, você vai se sentar no meu belíssimo sofá antigo.

Quando ele falava do rancho ou da família ou da caminhonete, falava mais devagar, quase como se ganhasse outro sotaque. Pausadamente. Arrastando as vogais. Ela não sabia dizer se era ou não forçado.

Quando eu te levar pro meu quarto acabou virando piada entre os dois.

Eles não precisavam se encontrar no Grêmio nem esperar que Reagan os deixasse sozinhos no quarto delas. Podiam ficar juntos na casa de Levi a qualquer momento.

Mas, até então, Cath não deixara que isso acontecesse. Levi vivia numa casa, como um

adulto. Cath morava num dormitório, feito uma adolescente – feito alguém que ainda estava esperando para se tornar adulto.

Ela sabia lidar com ele ali, naquele quarto, onde nada era adulto ainda. Onde havia uma cama ao lado e pôsteres de Simon Snow na parede. Onde Reagan podia entrar a qualquer minuto.

Levi devia sentir-se como se alguém lhe oferecesse e puxasse de volta uma isca. Quando não eram nada um para o outro – quando ela achava que ele pertencia a outra pessoa – Cath deitara-se na cama com ele e adormeceu beijando-o. Depois que passaram a se ver sempre (não estavam namorando de verdade, mas se viam todo dia), somente às vezes davam as mãos. E quando o faziam, Cath fingia que não estavam – não reparava que acontecia. E nunca era a primeira a tocá-lo.

Mas ela *queria*.

Gente, ela queria agarrá-lo e rolar com ele feito um gatinho num campo de margaridas.

E exatamente por isso ela evitava. Porque era a Chapeuzinho Vermelho. Era uma virgem e uma idiota. E Levi conseguia tirar-lhe o fôlego no elevador, apenas deixando a mão – por cima do casaco dela – em sua lombar.

Isso era algo sobre que ela gostaria de conversar com Wren, caso ainda a tivesse.

Wren a mandaria deixar de ser boba – que os meninos queriam tanto tocá-las que nem se importavam se elas mandavam bem ou não.

Mas Levi não era um menino. Não estava desesperado para tirar a blusa de alguém pela primeira vez. Levi já passara das camisetas; devia sair tirando todo o resto.

Essa ideia fez Cath estremecer. E depois ela pensou em Reagan, e o tremor virou um arrepio.

Cath não planejava ser virgem para sempre. Mas planejara fazer todas essas coisas com alguém como Abel. Alguém que era, pelo menos, mais patético e inexperiente do que ela. Alguém que não a fizesse se sentir tão descontrolada.

Parando para pensar objetivamente, Abel talvez fosse mais bonito do que Levi em alguns detalhes. Abel era nadador. Tinha ombros largos e braços fortes. E o cabelo do Frankie Avalon. (De acordo com a avó de Cath.)

Levi era magro e fino, e o cabelo – ai, o cabelo –, mas tudo mais nele fazia Cath se sentir solta e imoral.

Ele tinha essa coisa de lambar o lábio inferior e erguer uma sobrancelha quando ainda não sabia se ia rir de alguma coisa... Loucura.

Então, se resolvia rir, os ombros sacudiam e as sobrancelhas se juntavam no meio da testa – as sobrancelhas de Levi eram pornográficas. Se Cath fosse tomar a decisão baseando-se apenas nas sobrancelhas, teria decretado “já para o quarto” muito tempo antes.

Parando para pensar racionalmente, havia muita coisa dentro do *continuum* entre dar as mãos e fazer sexo por causa das sobrancelhas... Mas ela não andava muito racional. E Levi a

fazia sentir como se seu corpo inteiro fosse escorregadio.

Sentou-se à escrivaninha. Ele se sentou na cama dela e chutou a cadeira.

– Ei – disse. – Eu tava pensando que nesse fim de semana a gente podia ter um encontro de verdade. Sair pra jantar, ver um filme... – Ele sorria, então Cath sorriu de volta. E depois parou.

– Não posso.

– Por que não? Já tem outro encontro? Em todas as noites desse fim de semana?

– Mais ou menos. Vou pra casa. Tenho ido mais vezes nesse semestre, ver como tá meu pai.

O sorriso de Levi diminuiu, mas ele assentiu, como se compreendesse.

– Como vai pra lá?

– Tem uma menina no final do corredor. Erin. Ela vai pra casa todo fim de semana pra ver o namorado, o que é uma boa ideia, por sinal, porque ela é chata e horrível, e ele logo vai encontrar alguém melhor se ela não ficar de olho.

– Eu te levo pra casa.

– No seu cavalo branco?

– Na minha caminhonete vermelha.

Cath revirou os olhos.

– Não. Você teria que fazer duas viagens. Gastaria muita grana de gasolina.

– Não ligo, só quero conhecer seu pai. E vou poder ficar com você por algumas horas na caminhonete... numa situação não emergencial.

– Não precisa. Posso ir com a Erin. Ela não é tão chata assim.

– Não quer que eu conheça o seu pai?

– Nem pensei na ideia de você conhecer meu pai.

– Não? – Ele pareceu magoado. (Um pouco magoado. Tipo, chateadinho, mas mesmo assim.)

– Já pensou em me apresentar pros seus pais? – ela perguntou.

– Já. Pensei em levar você no casamento da minha irmã.

– Quando vai ser?

– Maio.

– A gente tá saindo faz só três semanas e meia, confere?

– Isso corresponde a seis meses da vida de um primeiranista.

– Você não tá no primeiro ano.

– Cather... – Levi prendeu o pé na cadeira e puxou-a para perto da cama. – Gosto muito de você.

Cath respirou fundo.

– Também gosto muito de você.

Ele sorriu e ergueu as sobrancelhas.

– Posso te levar pra Omaha?

Ela fez que sim.

– Isso resolve – disse Simon, lançando-se à frente, escalando a mesa de jantar. Penélope agarrou a ponta da capa dele, e ele quase pousou de cara num banco. Recobrou-se logo: – Anda, Penny – e correu com tudo para Basil, com ambas as mãos erguidas e prontas.

Basil não se mexeu.

– Boas cercas fazem bons vizinhos – ele sussurrou, com um toquinho da varinha.

O punho de Simon chocou-se com uma barreira sólida a poucos centímetros do queixo inerte do outro menino. Ele puxou a mão de volta, gemendo, tropeçando por causa do feitiço.

Isso fez Dev e Niall e todos os demais comparsas de Basil gargalharem feito hienas bêbadas. Mas o próprio Basil não se alterou. Quando falou, foi tão baixo que apenas Simon conseguiu ouvir.

– É assim que você vai agir, Snow? É assim que vai vencer Humdrum? – Ele desfez o feitiço com um gesto da varinha, assim que Simon recobrou o equilíbrio. – Patético – disse, e saiu andando.

Capítulo 4, *Simon Snow e as Cinco Lâminas*, copyright Gemma T. Leslie, 2008

Vinte e Seis

A professora Piper ergueu os braços quando Cath entrou.

– Cath, você *voltou*. Eu gostaria de dizer que sabia que voltaria, mas não tinha certeza... só torcia.

Cath voltara.

Viera dizer à professora que havia tomado uma decisão. A mesma. Não ia escrever a história. Tinha muito que escrever e com o que se preocupar. Esse projeto era uma bobagem que restara do semestre anterior. Só de pensar nele Cath sentia o gosto do fracasso na boca (o plágio, e Nick, roubando-lhe suas melhores falas); ela queria deixar tudo para trás.

Mas quando se encontrou ali na sala de Piper, sorrindo para ela feito a Fada Azul, Cath não conseguiu dizer tudo isso em voz alta.

Isso tem tão a ver com eu precisar de uma figura maternal, ela pensou, sentindo nojo de si mesma. *Imagino se vou acabar ficando feito uma boba no meio de mulheres de meia-idade até me tornar uma.*

– Foi muita bondade sua me oferecer uma segunda chance – disse Cath, obedecendo ao gesto da professora, indicando que se sentasse. Era nesse ponto que ela devia ter dito *Mas eu vou ter que recusar*.

Em vez disso:

– Acho que vou ser uma idiota se recusar.

A professora ficou radiante. Inclinou para frente, apoiando o cotovelo na mesa, descansando a bochecha no punho, como quem pousa para foto de álbum.

– Então – disse –, tem alguma ideia em mente para a sua história?

– Não. – Cath fechou as mãos em punho e as esfregou nas coxas. – Toda vez que tentei inventar algo, me senti... vazia.

A professora assentiu.

– Você disse uma coisa da última vez, e eu fiquei pensando... você disse que não queria construir seu próprio mundo.

Cath a fitou.

– Isso. Exatamente. Não tenho bravos novos mundos dentro de mim implorando pra sair. Não quero começar do nada desse jeito.

– Mas Cath, a maioria dos escritores não começa. A maioria de nós não é como Gemma T. Leslie. – Ela acenou ao redor do escritório. – Escrevemos sobre mundos que já conhecemos. Escrevi quatro livros, e todos se passam num local que fica a cem quilômetros da minha

cidade natal. A maioria fala de coisas que aconteceram na minha vida real.

– Mas você escreve novelas históricas...

A professora concordou.

– Pegue algo que aconteceu comigo em 1983, e faça acontecer com alguém em 1943. Picote a minha vida desse jeito, tento entendê-la melhor escrevendo através dela.

– Então tudo que acontece nos seus livros é verdade?

A professora pendeu a cabeça e murmurou.

– Hmmm... sim. E não. Tudo começa com um pouco de verdade, depois eu teço minha teia ao redor. Às vezes teço pra uma direção totalmente oposta. Mas a questão é: não começo do nada.

– Nunca escrevi nada que não fosse mágico – disse Cath.

– Mas você pode, se é o que quer. Só não tem que começar no nível molecular, com alguma espécie de Big Bang na cabeça.

Cath meteu as unhas nas palmas das mãos.

– Talvez para essa história – disse a professora, delicadamente – você pudesse começar com algo real. Com um dia da sua vida. Algo que te deixou confusa ou intrigada, algo que queira explorar. Comece aí e veja o que acontece. Você pode manter verdadeiro, ou pode deixar que se transforme em outra coisa... pode acrescentar magia, mas dê a você um ponto de partida.

Cath assentiu, mais porque estava pronta para ir embora do que porque assimilara tudo o que a professora disse.

– Quero te ver de novo – disse Piper. – Em algumas semanas. Vamos nos ver e falar sobre em que ponto você está.

Cath concordou e correu para a porta, torcendo para não parecer rude. *Algumas semanas. Claro. Como se algumas semanas fossem consertar o buraco na cabeça dela.* Ela trilhou seu caminho por entre uma multidão de alunos espalhafatosos do Inglês, depois saiu para a neve.

Levi não queria largar o cesto de roupa suja.

– Eu posso levar – disse Cath. A cabeça dela ainda estava lá com a professora Piper, e ela não estava boa para... bem, para Levi. Para o constante jogo de boa vontade dele. Se Levi fosse um cachorro, seria um golden retriever. Se fosse um jogo, seria pingue-pongue, incessante, quicante e leve. Cath não estava a fim de brincar.

– Eu levo – disse ele. – Você abre a porta.

– Não, sério. Eu posso levar.

Levi era todo sorrisos e olhares galantes.

– Docinho, abra a porta. Eu levo.

Cath pressionou as têmporas com as pontas dos dedos.

– Por acaso você me chamou de docinho?

Ele sorriu.

– Foi sem querer. Mas foi legal.
– Docinho?
– Você prefere benzinho? Essa me lembra da minha mãe... E bebê? Não. Moção? Gatinha? Chuchu? – Ele parou. – Sabe do quê? Vou ficar com docinho.
– Nem sei por onde começar.
– Comece pela porta.
– Levi. Posso levar minha própria roupa suja nojenta.
– Cath. Eu não vou deixar.
– Não tem que deixar. A roupa é minha.
– A posse representa nove décimos da lei.
– Não preciso que carregue as coisas pra mim. Tenho dois braços que funcionam.
– A questão não é essa – disse ele. – Que tipo de cara eu seria se deixasse minha mina levar uma coisa pesada enquanto eu ando do lado, de braços à toa?

Sua mina?

– O tipo que respeita as minhas vontades – disse ela. – E minha força, e meus... *braços*.
Levi sorriu ainda mais. Porque não a estava levando a sério.
– Tenho muito respeito pelos seus braços. Gosto de como se prendem ao restante de você.
– Você tá me fazendo sentir frágil e molenga. Me dá minha roupa. – Ela tentou pegar.
Ele se afastou.
– Cather. Eu sei que você é capaz de carregar. Mas eu não sou capaz de deixar. Eu literalmente não consigo andar ao seu lado de mãos vazias. Não é pessoal; eu faço isso com todo mundo que tem dois cromossomos X.
– Pior ainda.
– Por quê? Por que é pior? Porque respeito as mulheres?
– Não é respeitar, é subestimar. Respeite a nossa força.
– Eu respeito. – O cabelo dele caiu nos olhos, e ele tentou soprá-los fora. – Ser um cavalheiro é ter respeito. As mulheres são oprimidas e perseguidas desde o início dos tempos. Se eu puder tornar suas vidas mais fáceis com a força superior dos meus membros superiores, vou fazer. Sempre que puder.
– *Superior*.
– Sim. Superior. Quer disputar queda de braço?
– Não preciso de força superior dos membros superiores pra carregar minha roupa suja. – Ela colocou os dedos nos puxadores, tentando afastar os dele.
– Você está deliberadamente não querendo entender – disse ele.
– Não, este é você.
– Ficou corada, sabia?
– Bom. Tô frustrada.
– Não me faça te dar um beijo de raiva.

– Me dá minha roupa.

– Temperamentos acirrados, rostos corados... é assim que começa.

Cath não aguentou e riu. O que foi irritante também. Ela usou boa parte da força de seus membros superiores para empurrar o cesto contra o peito dele.

Levi empurrou de volta, devagar, mas não soltou.

– Vamos brigar sobre isso da próxima vez que eu tentar fazer algo por você, tá?

Ela fitou-o nos olhos. O jeito com que ele olhou de volta a fez sentir-se escancarada, como se cada pensamento estivesse estampado em alta definição em seu rosto. Ela soltou o cesto e pegou a bolsa com o notebook, abrindo a porta.

– Finalmente – ele disse. – Meus tríceps tão me matando.

Aquele estava sendo o inverno mais nevoento e frio que Cath já presenciara. Já estavam no meio de março – tecnicamente, era primavera –, mas ainda parecia janeiro. Cath vestiu as botas de neve todas as manhãs sem nem pensar.

Estava tão acostumada à neve, a andar pela neve, que nem checara a previsão do tempo naquela manhã – não pensara nas condições da pista ou visibilidade ou no fato de que talvez não fosse a melhor tarde para Levi acompanhá-la até em casa.

Era nisso que estava pensando.

Sentia-se como se o carro deles fosse o único na rodovia. Não dava para ver o sol, não dava para ver a estrada. A cada dez minutos, mais ou menos, faróis vermelhos surgiam em meio à estática à frente, e Levi diminuía a velocidade.

Ele parara de falar fazia uma hora. A boca estava reta, e ele apertava os olhos para enxergar através do para-brisa, como se precisasse de óculos.

– Melhor a gente voltar – Cath disse.

– É... – disse ele, esfregando a boca com as costas da mão, depois pegando o câmbio. – Mas acho que vai ser mais fácil continuar. Tá pior lá pra trás. Pensei em chegar logo em Omaha.

Ouviram um barulho metálico conforme um carro passou por eles, pela esquerda.

– Que barulho é esse? – ela perguntou.

– Corrente de pneu. – Levi não parecia assustado. Mas estava terrivelmente calado.

– Desculpe – ela disse. – Não pensei no clima.

– Culpa minha – disse ele, abrindo outro sorriso para ela. – Não quis te deixar na mão. Acho que vou me sentir pior se acabar te matando...

– Isso não seria nada cavalheiresco.

Levi sorriu de novo. Ela levou a mão ao câmbio e tocou a dele, correu os dedos sobre os dele e os afastou.

Ficaram quietos novamente por alguns minutos – talvez não tanto. Estava difícil ter noção do tempo com tudo tão tenso e cinza.

– No que você está pensando? – Levi perguntou.

– Nada.

– Não é nada. Você tá pensativa e estranha desde que entrei no seu quarto. Tem a ver com eu conhecer o seu pai?

– Não – Cath disse de imediato. – Acho que até me esqueci disso.

Mais silêncio.

– Então o quê?

– É... uma coisa que aconteceu com uma professora. Posso te contar quando não estivermos em perigo de morrer.

Levi procurou por ela sobre o banco, então ela lhe estendeu a mão. Ele a apertou.

– Você não tá em perigo mortal. – Ele devolveu a mão ao câmbio. – Talvez... numa pequena enrascada por algumas horas. Me conta. Não posso falar muito agora, mas posso escutar. Gostaria de saber.

Cath deu as costas à janela e ficou de frente para ele. Era legal olhar para Levi quando ele não podia olhar de volta. Gostava do perfil dele. Era bastante... plano. Uma linha reta da longa testa até o nariz comprido – o nariz se adiantava um pouco na ponta, mas não muito – e outra linha reta do nariz ao queixo. O queixo ficava molinho, às vezes, quando ele sorria ou quando fingia surpresa, mas nunca murchava de todo. Ela pretendia dar um beijo ali qualquer dia, bem na ponta do queixo, onde era mais vulnerável.

– O que aconteceu na aula? – ele perguntou.

– Depois da aula, eu fui... Bom, tá, você lembra que, no semestre passado, eu tava fazendo Escrita de ficção?

– Lembro.

– Bom, eu não entreguei o projeto final. Tinha que escrever um conto, e não escrevi.

– O quê? – O queixo dele murchou um pouquinho, de surpresa. – Por quê?

– Eu... vários motivos. – Isso estava sendo mais complicado do que Cath julgara que seria. Ela não queria contar a Levi quão triste estivera no semestre anterior; que nem queria voltar para a faculdade, que nem queria vê-lo. Não queria que ele soubesse que tinha todo aquele poder sobre ela. – Não quis escrever. Assim, tem mais coisas, mas... basicamente, eu não quis. Tive um bloqueio. E meu pai, sabe, eu não voltei pra faculdade, perdi as finais, depois que ele passou mal.

– Não sabia disso.

– É. É verdade. Então eu resolvi não terminar o projeto final. Mas a professora não entregou minha nota. Ela quer me dar uma segunda chance. Disse que eu podia escrever a história neste semestre. E eu meio que disse que sim.

– Uau. Que incrível!

– É...

– Não é incrível?

– Não. É, sim. É que... Era legal ter deixado pra trás. Sentir que eu tinha passado por cima

dessa ideia. De escrever ficção.

– Você escreve ficção o tempo todo.

– Escrevo fanfiction.

– Não vem com brincadeira, não. Tô dirigindo em plena nevasca. – Um carro materializou-se na frente deles, e Levi ficou tenso.

Cath esperou até ele voltar a relaxar.

– Não quero criar meus próprios personagens, meu próprio mundo... não tenho isso dentro de mim.

Ninguém disse nada. Estavam andando tão devagar... Algo chamou a atenção de Cath, pela janela de Levi: um caminhão tombara no acostamento. Ela respirou, balbuciante, e Levi pegou em sua mão de novo.

– Apenas quinze quilômetros.

– Ele precisa de ajuda?

– Tinha um carro da patrulha da rodovia.

– Não vi.

– Me perdoe por tudo isso.

– Para. Você não fez nevar.

– Seu pai vai me odiar.

Ela ergueu a mão dele até sua boca e beijou-lhe os nós dos dedos. Ele enrugou a testa, como se sentisse dor.

Cath escutou o barulhinho dos limpadores de para-brisa e ficou olhando para a frente, esperando pelo que viria em seguida.

– Tem certeza? – Levi perguntou, depois de alguns quilômetros. – Quanto a escrever ficção. Tem certeza de que não tem isso dentro de você? Você é incomensurável quando se trata de Simon e Baz...

– É diferente. Eles já existem. Eu só os levo por aí.

Ele assentiu.

– Talvez você seja como o Frank Sinatra. Ele não escrevia as músicas... mas era um intérprete genial.

– Odeio Frank Sinatra.

– Ah, vai, ninguém odeia o Frank Sinatra.

– Ele tratava as mulheres como objetos.

– Tá bem... – Levi se ajeitou no banco, sacudindo o pescoço. – Não Frank Sinatra, então... Aretha Franklin.

– Eca. Diva.

– Roy Acuff?

– Quem?

Levi sorriu, e Cath quis beijar os dedos dele de novo. Ele a olhou rápido, em dúvida.

– A questão é que... – disse ele, baixinho. Algo na tempestade os fazia falar muito baixo. – Existem tipos diferentes de talento. Talvez o seu seja interpretar. Talvez você seja uma estilista.

– E você acha que isso conta?

– Tim Burton não inventou o Batman. Peter Jackson não escreveu *O Senhor dos Anéis*.

– Às vezes, você é tão nerd.

Ele abriu um sorriso. A caminhonete passou por uma poça lisa, e ele tirou a mão, mas continuou sorrindo. Uma caixa d'água em forma de bule passou pela janela. Estavam quase chegando; havia mais carros na estrada e no acostamento.

– Você tem que escrever essa história – disse ele.

– Por quê?

– Pra aumentar sua nota. Não precisa manter a média alta por causa da bolsa?

Ela contara-lhe sobre a bolsa algumas noites antes. (*Tô namorando um gênio*, dissera ele, *uma estudiosa*.)

Claro que ela queria manter a média alta.

– É...

– Então, escreva a história. Não tem que ser ótima. Você não tem que ser o Ernest Hemingway. Tem sorte de ter ganhado uma segunda chance.

Cath suspirou.

– É.

– Não sei onde você mora. Vai ter que me dar instruções.

– Só tome cuidado – disse Cath, inclinando-se ligeira para lhe dar um beijo na bochecha.

– Você não pode raspar a cabeça. Vai parecer um maluco.

– Eu pareço pior do que maluco com esse cabelo. Pareço mau.

– Não existe um cabelo que faça alguém parecer mau – Simon riu. Estavam deitados no chão da biblioteca entre duas fileiras de prateleiras. Baz de costas. Simon apoiado num dos ombros.

– Olha pra mim – disse Baz, puxando da testa o cabelo comprido até o queixo. – Todo vampiro famoso tem uma linha na raiz como essa. Sou um clichê. É como se eu tivesse ido ao cabeleireiro e pedido um corte de Drácula.

Simon ria tanto que quase caiu em cima de Baz. Este o empurrou para trás com a mão livre.

– Mas, sério – Baz continuou, ainda segurando o cabelo para trás, tentando manter a expressão séria. – É como se eu tivesse uma placa na testa escrito Vampiro.

Simon afastou a mão de Baz e beijou a ponta da raiz dos cabelos o mais gentilmente que pôde.

– Gosto do seu cabelo – disse, perto da testa dele. – Muito, muito.

De *Vá em frente, Simon*, postado em março de 2012 por Magicath, autora do FanFixx.net

Vinte e Sete

Quando entraram na garagem da casa de Cath, ela soltou o ar, completamente, pela primeira vez em duas horas.

Levi recostou-se no banco e largou a cabeça para trás. Abriu e fechou as mãos, esticando os dedos.

– Nunca mais vamos fazer isso de novo – disse.

Cath tirou o cinto de segurança e deslizou para ele, envolvendo-o com os braços. Levi sorriu tanto que ela desejou não ter que esperar uma crise de adrenalina desse tipo para ter vontade de abraçá-lo assim. Os braços dele foram parar em torno da cintura dela, e ela o abraçou forte, o rosto enfiado no casaco dele.

A boca de Levi estava perto do ouvido dela.

– Você não devia me recompensar por colocar sua vida em perigo, sabia? Pense no precedente que está definindo.

Cath apertou ainda mais o abraço. Ele era bom. Ele era bom, e ela não queria perdê-lo. Não que sentisse que ia perdê-lo na rodovia. Mas em geral. Em geral, ela não queria perdê-lo.

– Eu não teria pensado duas vezes em dirigir nessas condições pra voltar pra casa – disse ele, baixinho – sozinho. Mas não devia ter feito isso com você. Me desculpe.

Ela balançou a cabeça.

A rua estava silenciosa, o para-brisa da caminhonete, cinza e branco, e após alguns minutos, a mão de Levi estava afagando as costas dela, para cima e para baixo.

– Cather – ele sussurrou –, gosto tanto de você...

Quando saíram da caminhonete, o para-brisa estava coberto de neve. Levi levou a roupa suja, Cath deixou. O garoto estava nervoso porque ia conhecer o pai dela, e ela estava nervosa por causa do pai, basicamente. Havia conversado com ele diariamente durante as férias de Natal, e viera visitá-lo algumas vezes – parecia estar bem, mas com ele era sempre uma surpresa...

Quando Cath abriu a porta, ele estava logo ali, na sala de estar. Havia papéis em todo canto, presos por fita nas cortinas e paredes, todas as ideias reunidas em grupos. E o pai estava sentado na mesa de centro, mordiscando a ponta de uma caneta.

– Cath – disse, sorrindo. – Ei... já é hora de você chegar? – Ele olhou para as janelas, depois para o pulso; não estava de relógio. Depois viu Levi e parou. Tirou os óculos da cabeça e pôs nos olhos, levantando-se.

– Pai, esse é o Levi. Ele me deu carona. – Não deu muito certo. Cath tentou de novo: – Ele

é, hm... o Levi.

Levi estendeu a mão.

– Sr. Avery, prazer em conhecê-lo. – Arrastou as vogais. Vai ver o sotaque vinha com o nervosismo.

– Prazer em conhecê-lo – disse o pai dela. E depois: – Levi.

– Sinto muito por trazer a Cather neste clima – disse o rapaz. – Não notei como estava ruim. No rosto do pai dela, nenhuma reação. Ele olhou para as janelas.

– Tá ruim lá fora? Acho que não estava prestando atenção...

O rosto de Levi ficou quase sem expressão. Ele sorriu por educação.

O pai de Cath olhou para ela e se lembrou de abraçá-la.

– Tá com fome? É hora do jantar? Fiquei aqui imerso no trabalho o dia todo.

– Vocês conseguiram a conta dos Frankenbeans? – ela perguntou.

– Ainda estamos dando ideias. Eternamente dando ideias. Então, Levi – disse ele –, você vai ficar pro jantar?

– Ah – disse o rapaz. – Obrigado, senhor, mas é melhor eu voltar enquanto ainda tem um pouco de luz.

Cath deu meia volta.

– Tá me zoando? Não vai dirigir pra Lincoln nessas condições.

– Vou ficar bem. Tração nas quatro. Pneu pra neve. Celular.

– Não – Cath disse, dura. – Não seja bobo. A gente teve sorte de chegar aqui bem. Você não vai voltar.

Ele mordeu os lábios e ergueu as sobrancelhas, sem saber o que fazer.

O pai dela passou por eles e foi até a porta.

– Gente – disse, da entrada. – Ela tem razão, Levi. Vou ficar repetindo o seu nome até decorar, tá bem?

– Sim, senhor.

Cath puxou o rapaz pela manga da blusa.

– Você vai ficar, beleza?

Ele lambeu o lábio inferior, todo nervoso. Ela não estava acostumada a vê-lo nervoso.

– Sim, senhora – ele sussurrou.

– Tá – disse o pai dela, voltando para a sala de estar –, jantar... – Ele ainda parecia imerso no trabalho.

– Já saquei – disse Cath. – Continue trabalhando. Você parece estar quase em alguma coisa.

Ele sorriu, grato.

– Obrigado, filha. Me dê só mais meia hora pra resolver isso aqui. – Ele se voltou para a papelada. – Levi, tire o casaco.

Cath começou a tirar as botas e pendurou o casaco no prendedor. Puxou de novo a manga da blusa de Levi.

– Tire o casaco.

Ele tirou.

– Vem cá – disse ela, entrando na cozinha. Tudo parecia em ordem. Ela deu uma olhada no quarto do pai e no banheiro. Nada de poesia escrita com pasta de dente.

– Desculpe – disse Levi, quando entraram na cozinha.

– *Magina* – ela disse. – Você tá me deixando nervosa.

– Melhor eu ir.

– Eu ficaria ainda mais nervosa com você dirigindo na nevasca. *Gente*. Senta aí. Tá tudo bem, tá bem?

Ele sorriu um sorriso de Levi.

– Tá bem.

E se sentou num dos bancos.

– É esquisito te ver aqui – ela disse. – Tipo, mundos colidindo.

Levi passou os dedos pelos cabelos, sacudindo a neve.

– Seu pai parece numa boa.

– Ele tá acostumado a ver garotos por perto.

Levi ergueu uma sobrancelha.

– Sério?

– Minha irmã... – disse Cath, sentindo as bochechas esquentarem.

Ela abriu a geladeira. A avó estivera por ali, sem dúvida. Todas as garrafinhas de temperos cheias de crostas haviam sumido, e havia potinhos de plástico rotulados a caneta, além de leite fresco e iogurte. Ela abriu o freezer... Refeições saudáveis, provavelmente as mesmas da última vez em que estivera ali.

Ela olhou para Levi.

– Que tal uns ovos?

– Ótimo. – Ele sorriu. – Acho ótimo uns ovinhos.

Um dos potinhos de plástico tinha salsicha italiana com pimentão vermelho. Cath colocou tudo numa panela e resolveu fazer ovos *poché*. Só para se mostrar. Havia pão para torrada. E manteiga. Até que dava para o gasto.

– Posso ajudar? – Levi perguntou.

– Não. Pode deixar. – Ela olhou para ele e sorriu para o fogão. – Me deixa fazer alguma coisa pra você, pelo menos uma vez.

– Tá bom... O que seu pai tá fazendo lá?

Ela contou. Contou sobre Kelly, o maldito, e Molhovioli – e de quando foram ao Grand Canyon nas férias, em família, e o pai ficou sentado no carro com um caderninho e uma caneta.

Ele trabalhara com diversos clientes do agronegócio ao longo dos anos, por morarem em Nebraska, e Levi reconheceu uma frase que ele escrevera para uma propaganda de fertilizante. *Mais plantação, mais produção – ano que vem, confie no Spurt.*

– Seu pai é o Mad Man – disse ele. Cath riu, e Levi ficou acanhado. – Não foi isso que eu quis dizer.

Jantaram na mesa da sala de jantar, e no meio da refeição, Cath achou que talvez não houvesse por que ficar nervosa. Levi estava relaxado numa versão mais educada de sua *persona* usual do tipo todo-mundo-tem-que-me-amar, e o pai parecia feliz por ela estar em casa.

E os ovos ficaram *perfeitos*.

A única nota amarga soou quando o pai perguntou sobre Wren. Cath deu de ombros e mudou de assunto. Ele nem pareceu notar. Estava agitado e feliz, um pouco distante, mas Cath concluiu que ele estava imerso no trabalho. Estava corado, e dissera que vinha correndo todas as manhãs. De vez em quando, ele parecia presente o bastante para lançar a Levi um olhar de aprovação.

Após o jantar, Levi insistiu em tirar a mesa e lavar a louça. Assim que chegou à cozinha, o pai inclinou para perto dela.

– É seu namorado esse aí?

Cath revirou os olhos, mas fez que sim.

– Há quanto tempo?

– Um mês – disse Cath. – Mais ou menos. Talvez mais. Não sei.

– Quantos anos ele tem?

– 21.

– Parece mais velho...

– É o cabelo.

O pai concordou.

– Parece legal.

– Ele é o mais legal – disse Cath o mais sinceramente que pôde, querendo que ele acreditasse. – É um bom rapaz, eu juro.

– Não sabia que tinha terminado com Abel.

Terminada a louça – Cath secou –, ela e Levi iam assistir a um filme, mas o pai fez careta quando ela começou a tirar os papéis do sofá.

– Vocês se importam de ver TV lá em cima? Eu prometo, Cath, amanhã serei todo seu. É que...

– Claro – ela disse. – Não fique até muito tarde, hein!

Ele sorriu, já se virando para o notebook.

Cath olhou para Levi e indicou as escadas. Sentiu-o atrás de si ao subir os degraus, e sua barriga ficando cada vez mais tensa a cada passo. Quando chegaram ao topo, Levi tocou-a no braço, e ela se afastou, entrando no quarto.

Parecia um quarto de menina, pensando na perspectiva dele. Era grande, com o teto inclinado, carpete de um rosa escuro e duas camas com dossel combinando.

Cada centímetro da parede e teto era coberto por pôsteres e quadros; ela e Wren nunca pensaram em tirar nada conforme foram crescendo. Apenas penduravam mais coisas. Simon Snow, brega e chique.

Quando Cath olhou para Levi, viu seus olhos brilhando, e ele mordida o lábio inferior. Ela o cutucou, e ele caiu na gargalhada.

– Isso é a coisa mais fofa que eu já vi – disse.

Ela suspirou.

– Tá...

– Não, sério. Acho que esse quarto devia ser preservado pra que as pessoas do futuro saibam como era ser uma adolescente no século XXI.

– Já saquei...

– Ah, nossa – disse Levi, ainda rindo. – Não aguento... – Ele começou a descer as escadas, e então, depois de um segundo, entrou de novo e caiu na gargalhada.

– *Beleza* – disse Cath, indo para a cama, onde se sentou, encostada na cabeceira. O edredom era xadrez rosa e verde. Nos travesseiros, o tema era Simon Snow. Havia um móvel da Sanrio pendurado sobre o topo da cama, feito uma mandala.

Levi foi até a cama dela e se sentou no meio.

– Você tá tão brilhante de linda agora que eu acho que vou ter que fazer um furinho num pedaço de papel pra poder te olhar. – Ela revirou os olhos, e Levi girou os pés para o alto, enfiando-os entre os dela, de modo que suas pernas se cruzaram nos tornozelos. – Ainda não acredito que seu pai me mandou subir pro seu quarto depois de ter acabado de me conhecer. Tudo o que ele sabe sobre mim é que te levei pra viajar na nevasca.

– Ele é assim mesmo – disse Cath. – Nunca manteve a gente muito na coleira.

– Nunca? Nem quando eram crianças?

– Uhum. – Ela fez que sim. – Ele confia na gente. Além disso, você viu... a cabeça dele viaja.

– Bom, quando você conhecer os meus pais, não espere que a minha mãe tire os olhos da gente.

– Aposto que a Reagan adorava isso.

Levi escancarou os olhos.

– Não existia amor entre minha mãe e Reagan, juro. A irmã mais velha da Reagan ficou grávida no último ano, e minha mãe tinha certeza que era coisa de família. Fez todo o grupo de oração interceder por nós. Quando descobriu que terminamos, ela literalmente ergueu as mãos pro céu.

Cath sorriu, desconfortável, e puxou um travesseiro para si, cutucando o tecido.

– Você fica incomodada quando falo da Reagan? – ele perguntou.

– Fui eu quem a mencionou.

– Fica?

– Um pouco – disse Cath. Ela sacudiu a cabeça. – Me fala mais da sua mãe.
– Eu finalmente te levo pro quarto, e a gente fica falando sobre a minha ex-namorada e a minha mãe.

Cath sorriu para o travesseiro.

– Bom... – ele disse. – Minha mãe cresceu num rancho. Costura. Vai sempre à igreja.

– Qual igreja?

– Batista.

– Como ela se chama?

– Marlisse – disse ele. – E sua mãe?

– Laura.

– Como ela é?

Cath ergueu as sobrancelhas e deu de ombros.

– Era artista. Quer dizer, talvez ainda seja. Ela e meu pai se conheceram numa agência de propaganda assim que terminaram a faculdade.

Ele a cutucou com um dos joelhos.

– E...

Cath suspirou.

– E ela não queria se casar nem ficar grávida nem nada disso. Eles nem tavam namorando sério, ela estava tentando arranjar emprego em Minneapolis ou Chicago. Mas ficou grávida. Acho que é coisa de família, também, houve gerações de grávidas... então eles se casaram. – Cath olhou para o rapaz. – E foi um desastre. Ela não queria filhos, então duas foi uma surpresa daquelas.

– Como você sabe de tudo isso? Seu pai te contou?

– *Ela* contou. Achava que tínhamos que saber quem ela realmente era e como tinha se metido numa situação tão lamentável, acho que pra que a gente não cometesse os mesmos erros.

– O que ela esperava que vocês aprendessem com isso?

– Sei lá – disse Cath. – Fiquem longe dos homens? Talvez só “usem camisinha”. Ou “fiquem longe de homens que não sabem como colocar uma camisinha”.

– Você tá me fazendo gostar do grupo de oração.

Cath riu um bocado.

– Quando ela foi embora? – ele perguntou. Já sabia que a mãe as tinha deixado. Cath contara, certa vez, de um jeito que o fizera compreender que ela não queria desenrolar o assunto. Porém...

– Quando tínhamos oito anos – ela respondeu.

– Você tava esperando que acontecesse?

– *Não*. – Cath fitou-o. – Acho que ninguém esperava que isso acontecesse. Quer dizer, quando você é criança, não imagina que sua mãe vai embora, não importa o que aconteça,

sabe? Mesmo que você ache que ela não gosta de você.

– Tenho certeza de que ela gostava de você.

– Ela foi embora – disse Cath – e nunca mais voltou. Quem faz isso?

– Não sei... alguém de quem tá faltando um pedaço.

Cath sentiu lágrimas nos olhos, e balançou a cabeça.

– Sente falta dela? – Levi perguntou.

– Não – Cath respondeu sem pensar. – Não penso nela nem um pouco. Sinto falta da *Wren*.

Levi puxou as pernas para cima e se inclinou, depois escalou a cama até poder sentar-se ao lado dela. Colocou os braços ao redor dos ombros dela e a puxou para o peito.

– Tudo bem?

Ela fez que sim e encostou nele, hesitante, como se não soubesse ao certo se caberia. Ele ficou fazendo círculos no ombro dela com o dedo.

– Sabe – disse –, tô com vontade de dizer que parece que o Simon Snow vomitou aqui dentro... mas é mais como se alguém tivesse comido ele, como se alguém tivesse ido a um rodízio de Simon Snow e depois vomitado aqui dentro.

Cath riu.

– Eu gosto.

– Não disse que não gostei.

Contanto que estivessem conversando, era tudo muito fácil. E Levi não parava de falar.

Ele contou sobre os 4Cs.

– O que são esses Cs?

– Cabeça, coração, coragem, confiança. Vocês não têm os quatro Cs aqui em Omaha?

– Temos, mas significa caramba, Coca-Cola e cara-não-toca-isso.

– Bom, sinto muito em ouvir isso. Você perdeu um monte de competições de criação de coelhos.

– Você criava coelhos?

– Coelhos ganhadores de prêmio – disse ele. – E noutro ano, plantação.

– Parece que você cresceu em outro planeta.

– Cabeça, coração, coragem, confiança... é muito legal, não acha?

– Tem fotos suas com os coelhinhos?

– E faixas comemorativas azuis.

– Acho que vou ter que fazer um furinho num papel pra olhar pra elas.

– Tá brincando! Eu era tão bonitinho que você vai precisar de óculos especiais. Ah, olha, acabei de lembrar do juramento dos 4C's: *Juro usar minha cabeça para o pensamento claro, meu coração para a maior lealdade, minha coragem para o serviço de todos, e minha confiança para viver melhor, pelo meu clube, minha comunidade, meu país e meu mundo.*

Cath fechou os olhos.

– Cadê esses óculos?

Depois ele falou sobre a Feira Estadual – mais coelhos, mais plantações, além de um ano fazendo *brownies* – e ele mostrou fotos das quatro irmãs, todas loiras, no celular.

Cath não conseguiu guardar os nomes de todas. Eram todos nomes bíblicos.

– Antigo Testamento – disse Levi. Uma das irmãs tinha a idade de Cath; outra, ainda estava no Ensino Médio.

– Não acha superesquisito?

– O quê?

– Namorar alguém da idade da sua irmã.

– Namorar a minha irmã seria superesquisito...

– Ainda sou uma adolescente.

Ele deu de ombros.

– Já é maior.

Ela o empurrou.

– Cath, sou só dois anos e meio mais velho do que você.

– Em anos de faculdade – ela disse – isso é quase uma década.

Ele revirou os olhos.

– Meu pai pensou que você tinha trinta.

Ele afastou a cabeça para trás.

– Não acredito... é verdade?

Ela riu.

– Não.

Levi viu que ela tinha um jogo do Simon Snow e insistiu para que jogassem. Cath achou que fosse acabar com ele, mas a memória dele era inacreditável, e todas as perguntas eram sobre os filmes, não os livros.

– Pena pra você que não tem nenhuma pergunta sobre subtexto homossexual – disse Levi. – Quero que me dê uma faixa azul, quando eu ganhar.

À meia-noite, Cath começou a pensar no pai, lá no andar de baixo, que deveria estar indo para a cama.

– Tá cansado? – ela perguntou a Levi.

– Devo escolher minha cama cabana?

– O nome é dossel, e não. Você vai ganhar um sofá. Se eu disser ao meu pai que você tá cansado, isso vai forçá-lo a parar de trabalhar.

Levi assentiu.

– Precisa de pijama, algo assim?

– Posso dormir de roupa. É só uma noite.

Ela encontrou uma escova de dentes nova para ele, pegou lençol limpo e um dos travesseiros.

Quando chegaram lá embaixo, os papéis haviam se multiplicado – mas o pai tirou tudo do

sofá e beijou Cath na testa. Ela o fez prometer que não continuaria trabalhando no quarto.

– Não me faça gritar com você na frente da visita.

Cath arrumou o sofá, e quando Levi saiu do banheiro, de rosto e um pouco de cabelos úmidos, ela lhe entregou o travesseiro. Ele o colocou no sofá e sorriu para ela.

– Precisa de mais alguma coisa? – ela perguntou.

Ele fez que não. Cath deu um passo para trás, e ele pegou na mão dela. Ela correu os dedos pela palma dele, soltando a mão.

– Boa noite.

– Boa noite, docinho.

Cath acordou às três da manhã, a cabeça a todo vapor e o coração batendo rápido demais.

Desceu as escadas nas pontas dos pés, sabendo que mesmo assim faria barulho.

Passou pela cozinha, certificou-se de que o fogão estava apagado, que a porta dos fundos estava fechada, que tudo estava bem...

A porta do quarto do pai estava aberta; ela parou na porta até ouvi-lo respirando. Depois passou o mais silenciosamente possível pelo sofá. A porta da frente estava trancada. As cortinas, abaixadas. Um limpador de neve passava pela rua.

Quando ela deu meia volta, Levi estava erguido num dos cotovelos, observando-a.

O rapaz havia tirado a blusa e estava com uma camiseta branca larga. O cabelo, todo desgrehado, os lábios e os olhos inchados de sono.

Cabeça, coração, coragem...

– Algum problema? – ele sussurrou.

Cath fez que não e correu para cima.

Levi tinha que sair antes do café da manhã; tinha que chegar na Starbucks. Jim Flowers, o homem do tempo favorito do pai dela, dissera que as rodovias estavam bem melhores, mas que todo mundo devia “segurar o pé”.

O pai dela dissera que a levaria de carro à faculdade no domingo, mas Levi olhou para o Honda afundado na neve e disse que não era problema algum voltar.

– Então... – disse o pai. Estavam parados à porta, vendo a caminhonete de Levi fazer a curva. – Esse é o seu namorado novo.

Ela assentiu.

– Ainda quer voltar pra casa? Transferir pra UNO? Passar a sua vida toda cuidando do seu pai de cabecinha instável?

Cath passou por ele, para a sala de estar.

– Vamos tomar café?

Foi um bom fim de semana. Cinco mil palavras em *Vá em frente*. Tacos de peixe com rabanete e repolho ralado. Apenas outras duas conversas sobre Wren. E a tarde de domingo trouxe Levi de volta, subindo os degraus, dois de uma vez só.

Humdrum equilibrava uma bolinha vermelha na mão.

Simon carregara aquela bola para todo canto, por pelo menos um ano. Perdera-a quando chegara a Watford – não precisava mais dela.

– Está mentindo – disse Simon. – Você não sou eu. Não é parte de mim.

– Sou o que sobrou de você – disse Humdrum. E Simon jurou que sua voz jamais soara tão aguda e doce.

Capítulo 23, *Simon Snow e o Sétimo Carvalho*, copyright Gemma T. Leslie, 2010

Vinte e Oito

– Nossa, Cather, se quer dar um tempo, é só avisar.

Levi estava deitado na cama dela, no dormitório, e acabara de lhe contar que ia passar alguns dias em casa, para o aniversário da irmã – e em vez de dizer “Vou sentir saudade” ou até “Divirta-se”, Cath disse “Ah, que perfeito”.

– Não foi isso que eu quis dizer – ela consertou. – É que meu pai vai a Tulsa nesse fim de semana, então não precisa de mim. E se você for pra casa, não vai precisar de mim, e isso significa que tenho todo o fim de semana pra escrever. Tô tão atrasada com *Vá em frente*...

Tão atrasada. E tão fora de forma.

Se ela não trabalhava na história, pelo menos um pouco, a cada dia, acabava perdendo o fio da meada, o *momentum*. Acabava escrevendo conversas longas e sem direção – ou cenas em que Baz e Simon ficavam memorizando detalhes do rosto um do outro. (Essas cenas eram estranhamente populares entre os leitores, mas não ajudavam a história.)

– Eu preciso de você mesmo assim – disse Levi, provocando.

Seguiu-se, então, uma longa conversa sem direção durante a qual ela ficou tentando memorizar detalhes do rosto dele. (Era mais difícil do que parecia; eles mudavam o tempo todo.) Ela quase o beijou no final...

E quase o beijou na tarde seguinte, quando ele passou pelo dormitório dela para dar boa noite antes de sair da cidade. Cath ficou na calçada, e Levi inclinou-se para fora da caminhonete, e teria sido muito mais fácil tê-lo só pela metade. Teria sido mais seguro, também, porque ele estava preso na caminhonete e saindo da cidade. Então, nada de efeito cascata. Nada de uma coisa leva a outra. Nada de *outra coisa*.

Se Cath o tivesse beijado – se tivesse mostrado a Levi que ele poderia beijá-la –, ela ainda não estaria vivenciando aquele semibeijo de novembro...

Fazia seis horas que Levi saíra para Arnold, e Cath já tinha escrito duas mil palavras de Simon. Fizera tanto progresso naquela noite que estava pensando em dar um tempo no dia seguinte para começar o trabalho de Escrita de ficção – talvez até o terminasse. Seria incrível dizer a Levi que ela havia terminado quando ele voltasse, no domingo.

Cath estava encostada em sua cadeira, esticando os braços, quando a porta se abriu e Reagan entrou com tudo. (Cath nem se sobressaltou.)

– Olha só quem está aqui – disse Reagan. – Toda sozinha. Você não devia estar por aí se relacionando com o orgulho de Arnold?

– Ele foi pra casa, pro aniversário da irmã.

– Eu sei. – Reagan foi até o armário e ficou lá, deliberando. – Ele tentou me levar junto. O garoto é alérgico à solidão.

– Ele tentou me levar junto também.

– Onde você teria ficado?

– Nisso ele ainda não tinha pensado.

– Ah – disse Reagan, soltando a gravata Olive Garden. – Eu voltaria a Arnold pra ver isso. Ver você conhecendo Marlisse.

– Ela é ruim assim, é?

– Não deve ser mais. Eu amaciei a mulher pra você... – Reagan arrancou a camisa de botões pela cabeça e pegou uma blusa preta. O sutiã era púrpura brilhante.

Isso. Isso era exatamente o que entrava na cabeça de Cath e a impedia de beijar Levi. Ver a lingerie *Technicolor* da ex-namorada dele. Saber exatamente com quem ele tivera a primeira vez. Se ao menos Cath não gostasse tanto de Reagan...

Reagan passou para o lado da amiga, inclinou-se e meteu a cabeça no rosto de Cath.

– Meu cabelo tá com cheiro de pão de alho?

Cath respirou cautelosamente.

– Não tá ruim.

– Droga – disse Reagan, levantando-se. – Não tenho tempo pra lavar. – Ela sacudiu os cabelos na frente do espelho, depois alcançou a bolsa. – Beleza – disse –, a não ser que algo dê incrivelmente errado, você tem o quarto só pra você hoje à noite. Não faça nada que eu não faria.

– Até hoje, não fiz – Cath respondeu, seca.

Reagan resmungou e saiu.

Cath fez careta para a porta. *Não seja ciumenta*. Já havia regra sobre isso, mas Cath devia inventar outra, só para si mesma: *Não se compare a Reagan. É como comparar uma maçã... com uma toranja*.

Quando o telefone tocou, alguns minutos depois, Cath afastou os últimos pensamentos incômodos e sorriu. Era para Levi ligar para ela antes de ir para a cama. Ela pegou o celular e estava prestes a atender quando viu o nome de Wren na tela. *Wren*.

As duas não conversavam – nem trocavam mensagens – desde as férias de Natal. Quase três meses. Por que ela ligaria então? Talvez fosse engano. Talvez fosse outro C errado.

Cath segurou o celular na palma da mão e fitou-o, como se esperasse uma explicação.

O aparelho parou de tocar. Cath esperou. Tocou de novo.

Wren.

Cath apertou o botão e levou o celular ao ouvido.

– Alô?

– Alô? – Não era a voz da Wren. – Cather?

– Isso.

– Graças a Deus. É... a sua mãe.

Sua mãe. Cath tirou o celular do ouvido.

– Cather?

– Sim – Cath disse, baixinho.

– Estou no hospital com Wren.

Sua mãe. Cather.

Wren.

– Por quê? Ela tá bem?

– Ela bebeu demais. Alguém, sinceramente, eu não sei de nada, alguém a deixou aqui.

Pensei que você soubesse.

– Não – disse Cath –, não sei. Tô indo. Você tá no hospital?

– St. Elizabeth's. Já liguei pro seu pai, ele está voltando.

– Certo – disse Cath. – Tô indo.

– Tá bem – disse Laura. *Sua mãe.* – Que bom.

Cath assentiu, ainda segurando o celular longe do ouvido, depois abaixou-o e apertou a tecla *fim*.

Reagan voltou por causa dela. Cath tentara ligar para Levi primeiro – não por pensar que ele poderia ajudar, ele estava a quatro horas dali –, mas ela queria falar com alguém. (Com alguém de referência. Alguém de segurança.) Levi não atendeu, então ela mandou uma mensagem curta: wren no hospital, depois ligou para o pai. Ele também não atendeu.

Reagan sabia onde ficava o St. Elizabeth's e deixou Cath na porta da frente.

– Quer companhia?

– Não – disse Cath, esperando que Reagan enxergasse a verdade. Mas não. Ela saiu, e Cath ficou por um momento parada em frente à porta giratória, sentindo que não conseguiria entrar.

O hospital estava quase todo trancado, por ser à noite. O balcão da recepção estava vazio, e os elevadores principais, desligados. Cath conseguiu chegar à sala de emergência. Um funcionário dali dissera que Wren já estava no andar de cima, e mandou Cath para outro corredor vazio. Finalmente, ela saiu de um elevador no sexto andar, sem saber por quem procurar.

Quando tentava imaginar Laura, tudo que lhe vinha à mente era a aparência da mãe nas fotos de família. Cabelo castanho comprido, grandes olhos castanhos. Anéis de prata. Jeans gasto. Num vestido amarelo simples, no dia do casamento, já começando a esmorecer.

Essa mulher não estava ali.

A sala de espera estava vazia, exceto por uma mulher loira sentada no canto, os punhos cerrados sobre o colo. Ela olhou para Cath quando esta entrou na sala.

– Cather?

Levou alguns segundos para que as linhas e cores compusessem um rosto que Cath pensou que poderia reconhecer. Nesses segundos, parte de Cath correu até a estranha, envolveu suas

coxas com os braços e enfiou o rosto em sua barriga. Parte de Cath gritou. O mais alto que pôde. E parte dela ateou fogo ao planeta só para vê-lo arder.

A mulher levantou-se e foi até Cath.

Cath ficou parada.

Laura passou pela estação da enfermagem e disse algo baixinho.

– Você é a irmã? – a enfermeira perguntou, olhando para cima.

Cath fez que sim.

– Só precisamos fazer algumas perguntas.

Cath fez o melhor que pôde. Ela não sabia o que Wren andara bebendo. Não sabia onde ela estivera nem com quem. Todas as outras perguntas eram coisas que Cath achava que não deveria responder ante uma estranha – diante de Laura, que estava ali parada, observando o rosto de Cath como se tomasse notas. Cath olhou para ela, incapaz, defensiva, e Laura voltou para o canto. *Wren costumava beber sempre? Sim. Ela costumava beber até ficar embriagada? Sim. Tinha blecautes? Sim. Usava alguma outra droga? Não sei. Usava algum medicamento? Anticoncepcional. Vocês têm convênio? Sim.*

– Posso vê-la? – Cath perguntou.

– Ainda não – respondeu a enfermeira.

– Ela tá bem?

– Não sou a enfermeira dela. Mas o médico acabou de falar com a sua mãe.

Cath olhou para Laura, sua mãe, essa triste mulher de cabelos louros, olhos cansados e calças muito caras. Cath foi sentar-se do lado oposto ao dela, pisando firme. Aquilo não era um encontro; aquilo não era nada. Cath estava ali pela irmã.

– Ela tá bem?

A mãe ergueu o rosto.

– Acho que sim. Ainda não acordou. Alguém a deixou na sala de emergência algumas horas atrás, e foi embora. Acho que ela não estava respirando... direito. Não, não sei bem como funciona. Estão dando soro. É questão de tempo, agora. Esperar.

O cabelo de Laura fora cortado num pêndulo comprido que se pendurava feito duas asas afiadas sob o queixo. Usava camisa branca espessa e anéis demais nos dedos.

– Por que ligaram pra você? – Cath perguntou. Talvez fosse uma pergunta rude, mas ela não se importava.

– Ah – Laura disse. Ela fuçou dentro de uma bolsa Coach creme e tirou o celular de Wren, que estendeu para a menina.

Cath pegou-o.

– Eles olharam os contatos – disse Laura. – Disseram que sempre ligam primeiro pra mãe.

A mãe, pensou Cath.

Cath ligou para o pai. Caiu direto na caixa postal. Ela se levantou e cruzou algumas cadeiras, para um pouco de privacidade.

– Pai, é a Cath. Tô no hospital. Não vi a Wren ainda. Ligo quando souber mais.

– Falei com ele mais cedo – disse Laura. – Está em Tulsa.

– Eu sei – disse Cath, olhando para o celular. – Por que ele não me ligou?

– Eu... eu disse que ligaria. Ele tinha que ligar para a companhia aérea.

Cath sentou-se, não mais frente a Laura. Não tinha mais nada para lhe dizer, e nada que quisesse ouvir.

– Você... – Laura pigarreou. Começava cada frase como se não tivesse fôlego para concluí-la. – Vocês continuam tão parecidas.

Cath ergueu a cabeça para fitar a mulher.

Era como olhar para um estranho completo.

E depois foi como olhar para a pessoa que você esperava ver te acalentando quando tivesse um pesadelo.

Sempre que Levi perguntava algo sobre a mãe dela, Cath sempre dissera que não se lembrava de muita coisa. E sempre dissera a verdade.

Mas isso mudou. Sentar-se tão perto de Laura destrancou alguma porta secreta no cérebro de Cath. E ela podia ver a mãe, em foco perfeito, sentada do outro lado da mesa de jantar. Ria por causa de algo que Wren dissera – então Wren continuou dizendo, e a mãe continuou rindo. O riso saía-lhe pelo nariz. O cabelo era escuro, e ela prendia o cabelo com canetas e sabia desenhar qualquer coisa. Uma flor. Um cavalo-marinho. Um unicórnio. E quando ficava irritada, estalava para elas. Estalava os dedos. Estalo, estalo, estalo, enquanto falava ao telefone. Sobrancelhas sérias, dentes à mostra. *Psssiu*. Ela no quarto, com o pai, gritando. No zoológico, ajudando Wren a perseguir um pavão. Trabalhando a massa para fazer pães de mel. Ao telefone, estalando. No quarto, berrando. Na varanda, arrumando o cabelo de Cath atrás das orelhas, e de novo, e de novo, acariciando sua bochecha com um dedão comprido e fazendo promessas que não ia cumprir.

– Somos gêmeas – disse Cath. Porque foi a coisa mais estúpida que conseguiu pensar em dizer. Porque era isso que “vocês ainda são tão parecidas” merece quando vem da sua mãe.

Cath pegou o celular e escreveu uma mensagem para Levi.

– *no hospital agora, ainda não vi wren. intoxicação alcoólica. minha mãe tá aqui. te ligo amanhã*. E depois acrescentou: *estou feliz que você tá em algum lugar lendo isso, em algum momento vai ler isso, me faz sentir melhor*.

O indicador da bateria ficou vermelho.

Laura pegou seu celular também. (Por que Cath a chamava assim? Quando era criança, ela nem sabia o nome da mãe. O pai a chamava de querida – constrangido e tenso e cauteloso – *querida* – e a mãe o chamava de “Art”.) Laura escrevia uma mensagem para alguém, provavelmente o marido, e por algum motivo Cath ficou muito irritada. Por estar mandando uma mensagem naquele momento. Por pavonear sua nova vida.

Cath cruzou os braços e observou a estação da enfermagem. Quando sentiu lágrimas

emergindo, disse a si mesma que a maioria era por causa de Wren, e certamente era mesmo.

Esperaram.

E esperaram.

Mas não juntas.

Laura levantou-se para usar o banheiro uma vez. Andava como Wren, gingando os quadris, tirando o cabelo do rosto.

– Quer um café? – ela perguntou.

– Não, obrigada – disse Cath.

Enquanto Laura esteve longe, Cath tentou ligar para o pai mais uma vez. Se ele atendesse, ela sabia que choraria um pouco mais, talvez até o chamasse de “papai”. Ele não atendeu.

Laura trouxe uma garrafa de água e colocou na mesa perto de Cath. Ela não a abriu.

As enfermeiras as ignoravam. Laura folheou uma revista. Quando um médico entrou na sala de espera, as duas levantaram-se.

– Sra. Avery? – ele disse, olhando para a mãe de Cath.

– Como ela está? – Laura disse, o que Cath achou ser uma boa resposta.

– Acho que vai ficar bem – disse o médico. – A respiração está boa. O oxigênio está bom. Ela está absorvendo os fluidos... e acordou para falar comigo algumas vezes. Acho que vai ser só um susto... Às vezes, um susto pode ser muito valoroso.

– Posso vê-la? – Cath perguntou.

O médico analisou Cath. Quase deu para ouvi-lo pensando *gêmeas*.

– Pode. Acho que tudo bem. Estamos só fazendo mais um exame. Vou pedir à enfermeira que venha chamar você quando acabarmos.

Cath assentiu e cruzou os braços novamente.

– Obrigada – disse Laura.

Cath voltou para a cadeira, para esperar. Mas Laura ficou lá, perto da estação da enfermagem. Após um minuto, ela voltou para a cadeira, pegou a bolsa da Coach, enfiou um lenço usado num dos bolsos e alisou, com nervosismo, as tiras de couro.

– Bom – disse –, acho que vou pra casa.

– O quê? – Cath ergueu a cabeça.

– Melhor eu ir – disse Laura. – Seu pai logo vai chegar.

– Mas... não pode.

Laura ajeitou a alça da bolsa no ombro.

– Você ouviu – disse Cath. – Vamos poder vê-la em alguns minutos.

– Você vai lá – disse Laura. – Melhor você ir.

– Você devia vir também.

– É isso mesmo que você quer? – A voz de Laura era firme, e parte de Cath se retraiu.

– É o que Wren ia querer.

– Não tenho tanta certeza – disse Laura, parecendo cansada de novo, apertando a ponte do

nariz. – Olha... eu nem devia estar aqui. Foi um acaso terem me ligado. Você está aqui; agora, seu pai, a caminho...

– Não se deixa uma pessoa sozinha num hospital – disse Cath. A frase saiu em chamadas.

– Wren não está sozinha – Laura disse, severa. – Ela tem você.

Cath levantou-se e ficou ali parada. *Não a Wren*, pensou. *Não quis dizer a Wren*.

Laura ajeitou a alça da bolsa mais para o alto.

– Cather...

– Não pode ir embora assim...

– É a coisa certa a fazer – disse a mãe, abaixando a voz.

– Em qual universo alternativo? – Cath sentiu a raiva estourar pela garganta como uma rolha de garrafa. – Que tipo de mãe sai do hospital sem ver a filha? Que tipo de mãe *vai embora*? Wren tá inconsciente, e se você acha que isso não tem nada a ver com você, está apenas na superfície da história toda, e eu estou aqui, e você não me vê faz dez anos e agora vai embora? Agora?

– Não foque isso em mim – Laura sibilou. – Obviamente, você não me quer aqui.

– Estou focando em mim – disse Cath. – Não é minha função querer ou não querer você. Não é minha função merecer você.

– Cather – a boca e os punhos de Laura estavam tensos –, eu te procurei. Eu tentei.

– Você é *minha mãe* – Cath disse. Seus punhos estavam mais tensos ainda. – Tente mais.

– Agora não é hora nem lugar pra isso – Laura disse baixinho, porém firme, cutucando a bolsa. – Vou falar com Wren mais tarde. Adoraria falar com você também. Queria muito conversar com você, Cather, mas agora meu lugar não é aqui.

Cath balançou a cabeça.

– Agora é tudo que tem – atacou, querendo fazer mais sentido. Querendo mais palavras, ou melhores. – Agora é tudo que vai ter.

Laura ergueu o queixo e afastou o cabelo do rosto. Não escutava mais. Era a tranquila.

– Meu lugar não é aqui – ela repetiu. – E não vou me intrometer desse jeito.

E saiu andando. Ombros para trás, quadris gingando.

Ele teria que contar ao Mago o que vira.

– Finalmente vi o Humdrum, senhor. Sei contra o que estou lutando – eu mesmo.

– O que sobrou de você – dissera o monstro.

O que sobrou de mim?, pensou Simon. Um fantasma? Um buraco? Um eco? Um menininho irritado com mãos nervosas?

Capítulo 24, Simon Snow e o Sétimo Carvalho, copyright Gemma T. Leslie, 2010

Vinte e Nove

Passou mais uma hora até que a enfermeira voltou. Cath bebeu a água na garrafinha. Limpou o rosto na camisa. Reparou como aquela sala de espera era mais bonita que a do St. Richard's. Tentou mexer no celular, mas estava sem bateria.

Quando a enfermeira veio, Cath se levantou.

– Você veio ver Wren Avery?

Cath fez que sim.

– Pode vir agora. Quer esperar sua mãe?

Cath fez que não.

Wren estava num quarto, sozinha. Estava escuro, e os olhos dela estavam fechados. Cath não sabia se estava dormindo.

– Preciso ficar de olho em alguma coisa? – Cath perguntou à enfermeira.

– Não, agora ela só está descansando.

– Nosso pai logo vai chegar.

– Tá bem. Mandaremos que entre.

Cath sentou-se vagorosamente, sem barulho, na cadeira ao lado da cama. Wren estava pálida. Tinha uma mancha escura, talvez um hematoma, na bochecha. O cabelo estava mais comprido do que no Natal, pendendo sobre os olhos, fazendo cachos no pescoço. Cath afastou as madeixas.

– Tô acordada, tá? – Wren sussurrou.

– Ainda tá bêbada?

– Um pouco. Zonza.

Cath levou o cabelo da irmã para trás de novo, num gesto confortante. Para ela, pelo menos.

– O que aconteceu?

– Não lembro.

– Quem te trouxe aqui?

Wren deu de ombros. Havia uma sonda no braço dela e algo preso por fita ao dedo indicador. De perto, ela cheirava a vômito. E também cheirava a Wren – a Tide e Lola, do Marc Jacobs.

– Você tá legal?

– Zonza – disse. – Enjoada.

– O papai tá vindo.

Wren resmungou.

Cath cruzou os braços na beirada do colchão e deitou a cabeça, suspirando.

– Que bom que te trouxeram – disse –, seja lá quem foi que te trouxe. E... me desculpe.

Por não estar por perto, por você não me querer por perto, por eu não poder saber como te parar, de todo modo.

Quando se viu junto a Wren, que estava bem, Cath notou quão exausta estava. A garota meteu os óculos no bolso do casaco e deitou a cabeça para trás. Estava quase adormecendo – ou já dormira um pouco – quando ouviu Wren balbuciar. Cath ergueu a cabeça. Wren chorava. De olhos fechados, as lágrimas corriam e se perdiam nos cabelos. Cath quase sentia-as correr.

– O que foi?

Wren fez que não era nada. Cath limpou as lágrimas do rosto da irmã com seus dedos, e passou-os na camisa.

– Devo chamar a enfermeira?

Wren fez que não novamente e começou a se ajeitar na cama.

– Aqui – disse ela, abrindo espaço.

– Tem certeza? – Cath perguntou. – Não quero ser o motivo pelo qual você vai engasgar com o próprio vômito.

– Acabou o vômito – Wren sussurrou.

Cath tirou as botas e subiu pelo corrimão, deitando-se no espaço que Wren abrira para ela. Ela colocou o braço cuidadosamente sob a nuca da irmã.

– Pronto – disse.

Wren se encaracolou junto a Cath, pondo a cabeça em seu ombro. Cath tentou desenrolar os tubos em torno do braço da irmã, depois segurou sua mão. Estava grudenta.

Os ombros dela ainda tremiam.

– Tudo bem – disse. – Tudo bem.

Cath tentou não pegar no sono antes de Wren, mas estava escuro, e ela estava cansada, e tudo foi ficando nublado.

– Ai, Deus – ela ouviu o pai dizer. – Ah, Wren. Filha.

Cath abriu os olhos, e o pai estava debruçado sobre as duas, beijando suas testas. Cath sentou-se com cuidado.

Os olhos de Wren estavam grudentos e inchados, mas abertos.

O pai se afastou e pôs a mão na bochecha da filha.

– Minha nossa – disse, balançando a cabeça. – Filha.

Ele vestia calças cinza de alfaiataria e uma camisa azul-clara solta. A gravata, laranja com estrelinhas brancas, estava amassada, pendurada no bolso. Modelito de apresentação, pensou Cath.

Ela reparou nos olhos dele, por puro hábito. Estavam cansados e brilhantes, mas límpidos.

Cath sentiu-se dominada então, muito de repente, e embora aquele não fosse o seu show, ela inclinou à frente e o abraçou, pressionando o rosto contra sua camisa até poder ouvir seu

coração bater. O braço dele veio, cálido, em torno dela.

– Tudo bem – ele disse, com dificuldade. Cath sentiu Wren pegar sua mão. – Tudo bem – ele repetiu. – Tá tudo bem agora.

Wren não teve que ficar no hospital.

– Pode ir pra casa dormir; tome bastante líquido – disse o médico.

Casa de verdade. Omaha.

– Você vai voltar comigo – disse o pai, e Wren não discutiu.

– Vou também – disse Cath, e ele assentiu.

Uma enfermeira tirou o soro de Wren, e Cath a ajudou a ir ao banheiro, e deu tapinhas nas costas dela quando ela teve ânsia de vômito na pia. Depois, Cath ajudou-a a lavar o rosto e vestir as roupas – calça jeans e uma blusinha regata.

– Cadê seu casaco? – perguntou o pai. Wren apenas deu de ombros. Cath tirou o cardigã e deu para ela.

– Tá com cheiro de suor – disse Wren.

– Cheiro muito melhor do que tudo mais em você – Cath respondeu.

Tiveram que esperar a papelada de Wren. A enfermeira perguntou se ela gostaria de falar com um especialista em vício. Wren disse não. O pai apenas franziu o cenho.

– Já comeu alguma coisa? – Cath perguntou ao pai.

Ele bocejou.

– Vamos passar em algum *drive thru*.

– Eu dirijo – Cath disse.

O pai tentara arranjar um voo para Tulsa na noite anterior, mas não havia nenhum até a tarde seguinte, então ele acabou alugando um carro – *Kelly me deu o cartão Visa da empresa* – e dirigiu por sete horas.

A enfermeira voltou com os papéis de alta e disse a Wren que ela teria que sair do hospital numa cadeira de rodas.

– É a política.

Wren reclamou, mas o pai apenas se posicionou atrás da cadeira e disse:

– Quer discutir ou ir pra casa?

Quando a enfermeira os levou até a sala de espera, Cath sentiu um friozinho na barriga e notou que estava esperando ver Laura ainda sentada ali. *Até parece*, pensou ela.

As portas se abriram, e Wren fez um barulhinho de soluço. Por um segundo, Cath pensou que Laura talvez estivesse *mesmo* ali. Ou talvez Wren estivesse com ânsia de novo.

Havia um cara sentado na sala de espera com a cabeça metida nas mãos. Ele ouviu o soluço de Wren e levantou a cabeça, depois se levantou, e Wren saiu da cadeira e foi direto para ele. Ele a pegou nos braços e enfiou o rosto no cabelo vomitado da garota.

Era o cara grandão do Muggsy's. O cara que dava socos. Cath não lembrava o nome. Javier. Julio...

– Quem é esse? – o pai perguntou.
– Jandro – disse Cath.
– Ah – disse ele, vendo-os se abraçando. – Jandro.
– É... – Cath torcia para que não tivesse sido Jandro quem a trouxera na sala de emergência para depois abandoná-la lá. Esperava também que ele não tivesse nada a ver com o hematoma na bochecha da irmã.

– Ei – alguém disse, e Cath deu um passo para o lado, notando que estava bem no meio do corredor. – Ei – a pessoa repetiu.

Ela olhou para a pessoa – e viu o rosto sorridente de Levi.

– *Oi* – ela disse, e a palavra quase saiu como uma exclamação. – O que tá fazendo aqui?

– Recebi sua mensagem; mandei resposta.

– Meu celular morreu. – Cath fitava os olhos enrugados de Levi e seu sorriso aliviado, tentando assimilá-lo por inteiro.

Ele trazia dois copinhos de café, e tinha uma banana enfiada no bolso da camisa de flanela.

– Sr. Avery? – disse ele, estendendo um dos copinhos. – Esse era pro Jandro, mas parece que ele tá ocupado.

O pai aceitou o café.

– Obrigado, Levi.

– Levi – Cath repetiu, e sabia que estava prestes a chorar. – Você não precisava ter vindo.

Ele fez um gesto suave e roçou os dedos embaixo do queixo dela, aproximando-se.

– Ah, precisava sim.

Cath tentou não sorrir – mas acabou abrindo um sorriso tão grande que as orelhas quase saltaram da cabeça.

– Eles não me deixaram entrar – disse ele. – Nem o Jandro. Só família mesmo.

Cath assentiu.

– Sua irmã tá bem?

– Tá. Ressaca. Envergonhada... Vamos voltar pra Omaha agora, nós três.

– Você tá bem?

– Tô. Tô, sim. – Ela pegou na mão dele. – Obrigada.

– Você nem sabia que eu tava aqui.

– Sei agora, e vou aplicar esses sentimentos ao passado. Obrigada... Você perdeu a festa da sua irmã?

– Não, é amanhã, depois da igreja. Vou tirar uma soneca e voltar pra lá... a não ser que precise de alguma coisa.

– Não.

– Tá com fome?

Cath riu.

– Você vai me oferecer essa banana?

– Vou te oferecer *meia* banana – disse Levi, soltando a mão dela. Ele entregou o copinho a ela e tirou a banana do bolso, e a descascou. Cath olhou para Wren. Ela estava apresentando Jandro ao pai. Wren estava um bagaço, mas Jandro a fitava como se fosse a mulher mais linda do mundo. Levi entregou a banana a Cath, e ela pegou.

– Tim-tim – disse ele, tocando sua metade na dela.

Cath comeu a banana sem desgrudar os olhos dele.

– Eu te daria a Lua agora – disse.

Os olhos de Levi se acenderam, felizes, e ele ergueu uma sobrancelha.

– É, mas você a mataria por mim?

Foi Cath quem dirigiu no caminho para casa. Passaram pelo McDonald's primeiro, e o pai pediu dois sanduíches de peixe e disse que nenhuma delas estava em posição de ralar com ele.

Wren fez careta.

– Nem me importa se faz mal pro colesterol. É o cheiro que tá me dando nojo.

– Você é que não devia ter se embebedado até esse ponto – disse o pai. E foi então que Cath percebeu que ele não ia fingir que não havia nada errado. Que fosse apenas deixar Wren cuidar da própria vida.

Cath apertou seu lanche contra o volante e foi a única pessoa na rodovia a prestar atenção ao limite de velocidade.

Quando chegaram em casa, Wren foi direto para o chuveiro.

O pai ficou na sala de estar, parecendo perdido.

– Depois vai você – disse Cath. – Não estou com tanta pressa.

– A gente tem que conversar sobre isso – disse ele. – Hoje à noite. Quer dizer, não você. Você, não. Wren e eu temos que conversar. Eu devia ter conversado com ela no Natal, mas tinha tanta coisa acontecendo...

– Desculpe.

– Não, Cath.

– É culpa minha também. Eu escondi de você.

Ele tirou os óculos e coçou a testa.

– Não é assim. Eu vi o que ela andava fazendo... Pensei que ela, sei lá, fosse melhorar sozinha. Que ia tirar as minhocas da cabeça.

A gravata dele estava quase pulando para fora do bolso.

– Você devia ir pra cama – disse Cath. – Tome um banho, depois cama.

Wren saiu do banheiro vestindo o roupão do pai e sorriu debilmente para eles. Cath deu um tapinha no braço do pai, depois acompanhou Wren até o andar de cima. Quando chegou no quarto, a irmã estava em pé, em frente à cômoda, fuçando com impaciência numa gaveta quase vazia.

– Não tem nenhum pijama aqui.

– Calma, Junie B. Jones – disse Cath, indo para a sua cômoda. – Aqui. – Ela entregou a Wren uma camiseta e shorts que ela usava na aula de ginástica.

Wren vestiu as roupas e foi para a cama. Cath deitou-se por cima do edredom, ao lado da irmã.

– Que cheiro de vômito – disse Wren.

– Seu vômito. Como você tá?

– Cansada. – Wren fechou os olhos.

Cath afagou a testa de Wren.

– Aquele é seu namorado?

– É – Wren sussurrou. – Alejandro.

– Alejandro – disse Cath, pronunciando o J soprado e o R enrolado. – Vocês tão juntos desde o semestre passado?

– Sim.

– Você tinha saído com ele ontem?

Wren fez que não. Lágrimas começavam a se acumular entre os cílios dela.

– Com quem você saiu?

– Courtney.

– Como se machucou no rosto?

– Não lembro.

– Mas não foi Alejandro.

Wren escancarou os olhos.

– Gente, Cath. *Não*. – Ela fechou os olhos bem apertados e balançou a cabeça. – Com certeza, ele vai terminar comigo. Ele odeia quando eu fico bêbada. Diz que é inconveniente.

– Ele não parecia que ia querer terminar com você agora há pouco.

Wren respirou fundo e tremido.

– Não posso pensar nisso agora.

– Não. Durma.

Wren adormeceu. Cath desceu as escadas. O pai já estava dormindo. Sem tomar banho.

Cath sentia-se inexplicavelmente em paz. A última coisa que Levi lhe dissera, quando se despediram no saguão do hospital, foi:

– Recarregue o celular.

E foi o que ela fez. Depois, começou a lavar roupa.

– Não podemos ser amigos – disse Baz, passando a bola a Simon.

– Por que não? – Simon perguntou, chutando a bola para o alto e dando um toco com o joelho.

– Porque já somos inimigos.

– Não precisamos continuar assim. Não é uma regra.

– É uma regra – disse Baz. – Eu que criei. Não seja amigo do Snow. Ele já tem amigos demais. – Ele tirou Simon do caminho com um golpe de ombro e pegou a bola com o joelho.

– Você é muito irritante – disse Simon.
– Ótimo. Estou cumprindo o papel de seu nêmesis.
– Você não é meu nêmesis. O Humdrum que é.
– Hmmm – disse Baz, deixando a bola cair, para chutá-la de volta a Simon. – Veremos. A história ainda não acabou.

De *Baz, você gosta*, postado em setembro de 2008 por Magicath e Wrenegade, autoras do FanFixx.net

Trinta

– Não temos que conversar sobre isso – disse Wren.

– Você acabou de ser hospitalizada por intoxicação alcoólica – o pai retrucou. – Vamos conversar, sim.

Cath colocou uma porção de burritos envoltos em papel alumínio na mesa, entre os dois, depois sentou-se na ponta.

– Não tem nada pra falar – disse Wren. Ainda estava péssima. Havia círculos embaixo dos olhos, e a pele estava toda sebosa e amarelada. – Você vai só dizer que eu não devia beber tanto, e depois eu vou dizer que você tem razão...

– Não – o pai interrompeu. – Vou dizer que você não devia beber nem um pouco.

– Bom, isso não é muito praticável.

Ele bateu com o punho na mesa.

– Por que não?

Wren recostou-se na cadeira e levou um segundo para se recompor. Ele nunca gritara com nenhuma delas.

– Todo mundo bebe – ela disse calmamente. A única racional da casa.

– Sua irmã não bebe.

Wren revirou os olhos.

– Desculpa, mas não vou passar todos os anos da faculdade sentada toda séria no meu quarto, escrevendo sobre magos gays.

– Eu protesto – disse Cath, pegando um burrito.

– Mantido – disse o pai. – Sua irmã está com média boa, Wren. E tem um namorado muito educado. Ela está aproveitando muito bem os anos da faculdade.

Wren virou o rosto para a irmã.

– Você tá namorando?

– Você não viu o Levi? – O pai parecia surpreso... e triste. – Vocês não tem conversado?

– Você roubou o namorado da sua colega de quarto? – Os olhos de Wren estavam escancarados.

– É uma longa história – disse Cath.

Wren não tirava os olhos dela.

– Você o beijou?

– *Wren* – disse o pai. – Tô falando sério aqui.

– O que quer que eu diga? Eu bebi demais.

- Você tá fora de controle – disse ele.
- Tô bem. Só tenho dezoito anos.
- Exatamente – disse ele. – Vai voltar pra casa.

Cath quase cuspiu a comida.

- Não vou, não – disse Wren.
- Vai, sim.

– Você não pode me obrigar – disse ela, soando como se tivesse doze anos de idade.

– Posso, na verdade. – Ele tamborilava os dedos na mesa com tanta força que devia estar doendo. – Sou seu pai. Tenho autoridade. Eu devia ter feito isso há muito tempo, mas antes tarde do que nunca, acho... *sou seu pai*.

– Pai – Cath sussurrou.

– Não – disse ele, encarando Wren. – Não vou deixar que isso aconteça a você. Não vou receber aquela ligação de novo. Não vou passar todo fim de semana, de agora em diante, imaginando onde você está e com quem, e se você está sóbria o bastante pra saber se já deu de cara com a sarjeta.

Cath vira o pai bravo assim antes – vira-o discutir, vira-o acenar com os braços, xingar, soltando fumaça pelas orelhas –, mas nunca com elas. Nunca *contra* elas.

– Isso foi um aviso – disse ele, apontando o dedo para Wren, quase gritando. – Foi um indicativo de perigo. E você está tentando ignorar. Que porcaria de pai eu seria se te mandasse de volta para aquela faculdade, sabendo que você não aprendeu a lição?

– Tenho dezoito anos – Wren gritou. Cath achou que foi uma péssima estratégia.

– Não me importa! – Ele gritou de volta. – Continua sendo minha filha.

– A gente tá no meio do semestre. Vou bombar em todas as matérias.

– Você não estava se preocupando com a faculdade nem com seu futuro quando se envenenou com tequila.

Ela ergueu a cabeça.

– Como sabe que foi tequila?

– Caramba, Wren – ele suspirou amargamente. – Você tava com cheiro de margarita.

– Ainda tá – Cath murmurou.

Wren plantou os cotovelos na mesa e escondeu o rosto nas mãos.

– Todo mundo bebe – disse, teimosa.

O pai afastou a cadeira para trás.

– Se isso é tudo que você tem a dizer para se explicar, então tudo o que tenho a dizer é: *você vai voltar pra casa*.

Ele se levantou e foi para o quarto, e bateu a porta.

Wren deixou a cabeça e as mãos despencarem sobre a mesa.

Cath aproximou sua cadeira.

– Quer uma aspirina?

Wren ficou calada por alguns segundos.

– Por que você não tá com raiva de mim?

– Por que eu estaria com raiva de você? – Cath perguntou.

– Você tava com raiva desde novembro. Desde *julho*.

– Bom, agora passou. Tá com dor de cabeça?

– Só isso? – Wren virou o rosto para Cath, deitando a bochecha na mesa.

– Você me deu um baita susto ontem – disse Cath. – E resolvi que não quero nunca mais ficar tão distante de você. E se você morresse? E eu não tivesse falado com você por três meses?

– Não ia morrer. – Wren revirou os olhos de novo.

– O papai tem razão. Você tá bancando a idiota.

Wren olhou para baixo, esfregando o rosto no punho.

– Não vou parar de beber.

Por que não?, Cath quis perguntar. Em vez disso, falou:

– Então dá uma pausa. Até o fim do ano. Só pra mostrar pra ele que você pode.

– Não acredito que você tá namorando – Wren sussurrou –, e eu nem fiquei sabendo. – Os ombros dela começaram a tremer. Estava chorando de novo. Cath nunca vira Wren chorar tanto assim.

– Olha... – ela disse. – Tá tudo bem.

– Eu não ia morrer – disse Wren.

– Tá bom.

– É que... senti muito a sua falta...

– Ainda tá bêbada?

– Acho que não.

Cath inclinou-se, sobre a ponta da cadeira, e afagou o cabelo da irmã.

– Tudo bem. Senti sua falta também. Sem essa parte da bebedeira, mas de você.

– Eu fui muito tosca com você – Wren sussurrou para a mesa.

– Eu fui tosca também.

– É verdade, mas... nossa, você me perdoa?

– Não – disse Cath.

Wren ergueu a cabeça, toda patética.

– Não tenho que te perdoar – disse Cath. – Com você não é assim. Você tá sempre aqui dentro comigo. Sempre. Não importa o que aconteça.

Wren ergueu a cabeça e limpou os olhos com os nós dos dedos.

– Mesmo?

Cath fez que sim.

– Claro.

O pai saiu para correr.

Wren comeu um burrito e voltou para a cama.

Cath finalmente leu as mensagens de Levi.

– *pegando o retorno agora... devo chegar às 3*

– *cather... gosto muito de você. pareceu boa hora pra dizer isso. chego em meia hora.*

– *na sala de espera, não sou da família, não posso entrar, handros tá aqui também. aqui... tá? se precisar.*

– *voltei pra arnold. dia lindo. você sabia que arnold tem cânions e morros de areia? a diversidade biológica te levaria às lágrimas, cather avery. me chame de docinho. e isso significa que devia me ligar... não que deva me chamar de docinho, embora possa se quiser. me liga me liga me liga.*

Cath ligou. Levi estava jantando com a família.

– Você tá bem? – ele perguntou.

– Tô, só um pouco tensa. Meu pai tá muito bravo com a Wren, mas ele não sabe muito bem ficar bravo com nenhuma de nós... e Wren tá agindo como uma criança total. Acho que ela não sabe como se portar quando tá errada.

– Queria poder conversar mais – disse ele –, mas minha mãe reclama se eu fico no telefone quando estou com eles aqui. Te ligo amanhã, da estrada, tá bom?

– Só se for uma estrada reta e plana, e sem muito trânsito.

– Você volta amanhã? – ele perguntou.

– Não sei.

– Tô com saudade.

– Que bobagem. Te vi hoje de manhã.

– Não é o tempo – disse Levi, e ela podia escutar seu sorriso. – É a distância.

Alguns minutos depois, ele mandou assim:

– *IDEIA... se você estiver entediada e sentir minha falta, podia escrever uma fanfiction bem sacana sobre a gente. pode ler pra mim depois, ótima ideia, né?*

Cath sorriu feito uma boba para o celular.

Tentou imaginar como seria voltar para casa, deixando Levi para trás. Ela mal podia pensar em como seria o verão seguinte sem ele.

O pai não faria mesmo aquilo. Tirar Wren da faculdade. Seria muita loucura.

Mas o pai delas era maluco. E talvez tivesse razão. Wren estava fora de controle. E do pior tipo de fora de controle – do tipo que acha que está tudo muito bem, obrigada.

Cath gostava da ideia de ter Wren em casa. Wren e o pai, todos no mesmo lugar, onde Cath podia tomar conta. Se ao menos ela pudesse arrancar um pedacinho de si mesma para deixar ali.

A porta da frente se abriu e o pai entrou, vindo da corrida, ainda ofegante; largou as chaves e o celular na mesa.

– Oi – disse ele a Cath, tirando os óculos para afagar o rosto, depois pondo-os de volta.

– Oi. Coloquei seu burrito no forno.

Ele assentiu e passou por ela, indo para a cozinha. Cath o acompanhou.

– Você vai argumentar em prol dela? – ele perguntou.

– Não.

– Ela podia ter morrido, Cath.

– Eu sei. E... acho que tem sido assim há bastante tempo. Acho que ela teve sorte.

– Até onde a gente sabe.

– É que... tirá-la da faculdade?

– Você tem ideia melhor?

Cath balançou a cabeça.

– Talvez ela devia falar com um psicólogo, algo assim.

O pai fez uma careta, como se ela tivesse arremessado algo nele.

– Nossa, Cath, como você se sentiria se alguém te forçasse a ver um psicólogo?

Isso já acontecera, ela pensou.

– Eu odiaria – ela respondeu.

– Então... – Ele tirou o burrito do forno e o colocou num prato, depois se serviu um copo de leite. Parecia ainda cansado e totalmente entristecido.

– Amo você – ela disse.

Ele ergueu a cabeça, segurando a caixa de leite acima do copo. Parte dos vincos desapareceu de sua testa.

– Também te amo – disse ele, como se tivesse de responder.

– Pareceu uma boa hora pra dizer isso.

O pai assentiu, os olhos expressando um denso sentimento.

– Posso pegar seu notebook emprestado?

– Pode. Claro. Tá ali na...

– Eu sei. Obrigada. – Cath foi até a sala de estar e pegou o computador prateado do pai. Ela tinha verdadeira fissura por ele, mas o pai sempre dissera que ela não precisava de uma máquina de escrever de 1.800 dólares.

Quando Cath chegou ao andar de cima, Wren estava ao telefone, chorando. Ela saiu da cama e foi até o *closet*, sentou-se no chão e fechou a porta. O comportamento não era incomum, exceto pelo choro – sempre faziam isso quando queriam privacidade. Tinham um grande *closet*.

Cath abriu sua conta na FanFixx e foi passando pelos comentários. Havia muitos para responder um a um, então ela postou uma resposta geral: *Ei, pessoal, obrigada – ocupada demais para responder!*, depois abriu o rascunho de seu mais recente capítulo...

Parara numa cena em que Baz estava ajoelhado perante a sepultura da mãe. Ele tentava explicar-lhe por que estava se virando contra o pai, por que estava dando as costas à casa de Pitch para lutar ao lado de Simon.

– Não é só por ele – disse Baz, passando os dedos compridos por cima do nome da mãe. É por Watford. É pelo Mundo dos Magos.

Após certo tempo, Wren saiu do *closet* e se deitou na cama de Cath. Então Cath deu espaço e continuou digitando.

Um pouco depois, Wren entrou nas cobertas e pegou no sono.

E depois disso, um pouco depois, o pai apareceu na escada. Olhou para Cath e falou, sem emitir som:

– Boa noite.

Cath assentiu.

Escreveu mil palavras.

Depois mais quinhentas.

O quarto estava escuro, e Cath não sabia ao certo por quanto tempo Wren estivera acordada ou por quanto tempo estivera lendo por cima de seu cotovelo.

– O Mago vai mesmo trair Simon, ou é só distração? – Wren sussurrava, ainda que não houvesse ninguém dormindo.

– Acho que vai, sim – Cath respondeu.

– O capítulo em que ele fez Simon queimar os ovos de dragão me fez chorar por três dias.

Cath parou de digitar.

– Você leu?

– Claro que sim. Você tem visto a quantidade de acessos? São muitos. Ninguém larga *Vá em frente*.

– Pensei que você tivesse largado – disse Cath. – Há muito tempo.

– Bem, se enganou. – Wren apoiou a cabeça na mão. – Acrescente isso à pilha gigante de coisas sobre as quais você se enganou.

– Acho que o Mago vai matar Baz. – Cath ainda não dissera isso a ninguém, nem mesmo à sua leitora beta.

Wren se sentou, com uma expressão de horror.

– Cath – sussurrou –, não...

– O Alejandro terminou com você?

Wren fez que não.

– Ele só tava triste. *Cath*. Você não pode matar o Baz.

Cath não sabia o que dizer.

Wren pegou o notebook e puxou para seu colo.

– Minha nossa, pense nisso como uma intervenção...

Quando Cath acordou, na manhã seguinte, domingo, estava sozinha no quarto. Sentiu cheiro de café. E comida.

Desceu e encontrou o pai sentado na mesa com um caderno. Entregou-lhe o *notebook*.

– Ah. Legal. Wren disse que tínhamos que te esperar.

- Pra quê?
- Para o meu veredicto. Vou dar uma de Rei Salomão com vocês.
- Quem é o Rei Salomão?
- Foi sua mãe quem quis criar vocês sem religião.
- Ela também achou que seria legal você criar a gente sem uma mãe.
- É fato, minha filha. Wren? Vem. Sua irmã acordou.

Wren entrou na sala de jantar, trazendo uma panela e um descanso.

- Você tava dormindo – disse ela, colocando tudo na mesa –, então eu fiz o café da manhã.
- Ah, nossa – disse o pai. – Isso é Molhovioli?
- Não – disse Wren. – É o novo Molhovioli de queijo.
- Senta aí – disse ele. – Vamos conversar. – Vestia roupas de corrida de novo. Parecia tenso e nervoso.

Wren se sentou. Agia com naturalidade, mas estava nervosa também – Cath notava pelo jeito com que a irmã apertava os pulsos. Ela teve vontade de estender suas mãos e soltá-los.

– Certo – disse o pai, empurrando o Molhovioli para longe, para que não ficasse bem no meio deles, na mesa. – Aqui vão meus termos: você pode voltar pra faculdade. – Wren e Cath soltaram o ar ao mesmo tempo. – Mas não vai beber. Nada. Nem com moderação, nem com seu namorado, nem nas festas... nunca. Vai ver um psicólogo toda semana, começando já, e vai a reuniões dos AA.

- Pai – disse Wren. – Não sou alcoólatra.
- Ótimo. Não é contagioso. Você vai às reuniões.
- Eu vou com você – disse Cath.
- Ainda não acabei – disse o pai.
- Que mais você quer? – Wren atacou. – Exames de sangue?
- Você vai voltar pra casa todo fim de semana.
- *Pai.*
- Ou pode voltar pra casa de vez. A escolha é sua.
- Eu tenho uma vida – disse Wren. – Em Lincoln.
- Não venha me falar da sua vida, mocinha. Você mostrou desprezo total pela sua vida.

As mãos de Wren estavam fechadas em punhos duríssimos feito carvão. Cath deu-lhe um chutinho no tornozelo. Wren largou a cabeça.

- Tá – disse. – *Beleza.*
- Ótimo – disse o pai, respirando fundo e prendendo o ar por um segundo. – Te levo de carro mais tarde, se achar que está pronta. – Ele se levantou e fitou o Molhovioli. – Não vou comer isso.

Cath puxou a panela para perto e pegou uma colher.

- Eu vou. É legal porque a gente não precisa usar os dentes.

Wren observou Cath por alguns segundos, depois pegou a colher e provou uma colherada.

– Tem gosto de Molhovioli normal...

Cath pegou a colher de volta.

– Mas com mais queijo.

– São três comidas gostosas numa só – disse Wren.

– É tipo travesseiro sabor pizza.

– É tipo Cheetos molhado.

– É terrível. Não dá pra usar essa.

– Estou começando a sentir que não me quer por perto.

– Nunca quis você por perto – disse Simon, tentando passar pelo colega de quarto.

– Fato – Baz moveu-se e bloqueou a porta. – Isso era verdade. Até você resolver que me quer sempre por perto.

Que a vida é apenas uma concha vazia a não ser que você saiba que meu coração está batendo em algum lugar na vizinhança.

– Eu resolvi isso?

– Talvez eu tenha resolvido. Deixa pra lá. Mesma coisa.

Simon respirou fundo, obviamente irritado.

– Snow. Está irritado?

– Um pouco.

– Poderoso Alistair, pensei que nunca fosse ver isso.

De *Vá em frente, Simon*, postado em fevereiro de 2012 por Magicath, autora do FanFixx.net

Trinta e Um

Alejandro esperava por elas quando chegaram ao Schramm Hall. Ele cumprimentou Cath formalmente.

– Maneiras de menino de irmandade – disse Wren –, todos eles têm. Jandro morava numa irmandade do Campus Leste, dissera ela, chamada Casa da Fazenda. – É esse mesmo o nome.

A maioria dos caras fazia faculdade de Agronomia e tinham vindo de fora de Nebraska. Jandro era de Scottsbluff, praticamente no Wyoming.

– Nem sabia que tinha mexicanos lá – disse Wren –, mas ele diz que tem uma comunidade grande.

Jandro não disse muito além de:

– Que bom te conhecer finalmente, Cath. Wren fala de você o tempo todo. Quando você posta suas histórias do Simon Snow, não posso falar com ela até que ela termine de ler. – Ele se parecia com a maioria dos namorados de Wren: cabelo curto, bem baixinho, corpo de jogador de futebol americano, mas Cath não se lembrava de tê-la visto olhando para ninguém antes do jeito que olhava para ele. Como se tivesse sido convertida.

Eram quase dez da manhã quando Levi chegou de Arnold.

Cath já havia tomado banho e vestido pijama. Parecia que o fim de semana se passara dois anos antes, em vez de dois dias. *Dias de primeiranista*, ela ouviu Levi dizer.

Ele ligou para contar que havia chegado. Saber que estavam novamente na mesma cidade fez a saudade arder dentro dela. No estômago. Por que as pessoas falam tanto do coração? Quase tudo de Levi acontecia no estômago de Cath.

– Posso passar aí? – ele perguntou. Como se quisesse mesmo. – Dar boa noite?

– A Reagan tá aqui – Cath disse. – No banho. Acho que vai dormir.

– Você pode descer?

– Aonde podemos ir?

– Podíamos ficar na caminhonete...

– Tá congelando.

– É só ligar o aquecedor.

– O aquecedor não funciona.

Ele hesitou.

– Podemos ir pra minha casa.

– Seus colegas não estão lá? – Era como se ela tivesse uma lista de argumentos, e lançava-os um por um, sem nem mais saber direito por quê.

– Não tem problema – Levi insistiu. – Tenho um quarto só pra mim. Além disso, eles querem te conhecer.

– Acho que conheci boa parte na festa.

Levi resmungou.

– Quantas regras a Reagan nos impôs?

– Não sei. Cinco, talvez? Seis?

– Tá, aqui vai a sétima: não falar mais daquela maldita festa a não ser que seja absolutamente relevante.

Cath sorriu.

– Mas o que me sobra pra cutucar você?

– Tenho certeza de que você vai arranjar alguma coisa.

– Não vou, não – disse ela. – Você é incessantemente bom pra mim.

– Vem pra casa comigo, Cath. – Ela pôde escutá-lo sorrindo. – Tá cedo, e eu não quero dar *tchau*.

– Nunca quero dar *tchau*, mas a gente consegue.

– Espera, não quer?

– Não – ela sussurrou.

– Vem pra casa comigo – ele sussurrou de volta.

– Ao seu recanto da iniquidade?

– Isso, é assim que todo mundo chama o meu quarto.

– Ahh. Já disse. É muito de uma vez... sua casa. Seu quarto. Vamos entrar, e só vai ter uma cama. E vou vomitar de nervosismo.

– E desejo?

– Mais de nervosismo.

– Por que é tão complicado? Seu quarto também só tem uma cama.

– *Dois* camas, e *duas* escrivaninhas. E a ameaça constante da minha colega de quarto, que pode entrar a qualquer momento.

– Motivo pelo qual a gente deveria ir à minha casa. Ninguém vai entrar a qualquer momento.

– Por isso que fico nervosa.

Levi fez um “*hmmmm*”. Como se estivesse pensando.

– E se eu prometer que não vou te tocar?

Cath riu.

– Agora tenho zero incentivo pra ir.

– E se eu prometer que te deixo me tocar primeiro?

– Tá me zoando? Eu sou a pessoa menos confiável nesse relacionamento. Sou toda mãos.

– Não vi evidência disso, Cather.

– Na minha *cabeça*, sou toda mãos.

– Quero entrar na sua cabeça.

Cath cobriu o rosto com a mão, como se ele pudesse vê-la. Não costumavam flertar desse jeito. Tão francamente. Talvez o telefone tenha despertado isso nela. Talvez fosse o fim de semana. Tudo que ocorrera no fim de semana.

– Cath... – a voz dele estava tão suave. – O que exatamente você está esperando?

– Como assim?

– Você fez voto de abstinência?

Ela riu, mas conseguiu soar ofendida.

– *Não*.

A voz de Cath quase não saiu.

– Nossa, Levi. Não. Eu confio.

– Nem tô falando de sexo. Quer dizer... não só sexo. A gente pode tirar totalmente esse assunto de cima da mesa se te fizer sentir melhor.

– Totalmente?

– Até a próxima discussão. Se você soubesse que não estou forçando isso, que nem estava em mente, acha que conseguiria ficar mais tranquila... e me deixar te tocar?

– Que tipo de tocar?

– Quer que eu te mostre numa boneca?

Cath riu.

– Tocar – disse ele. – Quero te tocar. Abraçar. Sentar perto de você, mesmo havendo outras opções.

Ela respirou fundo. Sentiu que devia continuar falando. Pelo menos garantir reciprocidade à conversa.

– Também quero tocar você.

– É?

– É.

– Que tipo de tocar?

– Você já passou ao operador o número do seu cartão de crédito?

Levi riu.

– Vem pra casa comigo, Cath. Sinto sua falta. E não quero dar boa noite.

A porta se abriu, e Reagan voltou ao quarto vestindo uma camiseta e calças de ioga, com uma toalha enrolada na cabeça.

– Hm, tá bom – disse Cath. – Quando você vai chegar?

Ele estava sorrindo, obviamente.

– Já estou aqui embaixo.

Cath vestiu calças de lã e um vestido xadrez que pegara no quarto de Wren. E também luvas que a fizeram lembrar-se de manoplas, como se ela fosse um guerreiro com armadura *pink* de crochê. O fato de Levi provocá-la com relação a seu gosto por roupas tornou a situação ainda mais complicada.

– Vai sair? – Reagan perguntou.
– Levi acabou de voltar.
– Devo esperar por você? – ela investigou.
– Sim – disse Cath. – Deve. Vai te dar bastante tempo pra pensar em quão vergonhosamente está quebrando as regras.

Cath sentiu-se boba enquanto esperava pelo elevador. Meninas passavam em seus pijamas, e Cath toda vestida para sair.

Quando chegou ao saguão, Levi estava lá, encostado num pilar, conversando com alguém, uma garota que devia conhecer de algum lugar... Quando viu Cath, ampliou o sorriso e se empurrou da viga com o ombro, imediatamente despedindo-se da garota.

– Oi – disse, beijando Cath na testa. – Seu cabelo tá molhado.
– Costuma acontecer quando eu o lavo.

Ele puxou o capuz dela para cima. Ela pegou a mão dele antes que ele o fizesse, e foi recompensada com um sorriso especial, cheio de dentes.

Quando saíram do prédio, ela soube, em seu coração, em seu estômago, que não voltaria ainda naquela noite.

No começo, Cath pensou que havia outra festa rolando na casa dele. Havia música tocando, e pessoas em quase todos os quartos.

Mas eram somente os colegas de Levi – e os amigos e namoradas deles, às vezes namorados também.

Levi apresentou-a a todos. “Essa é a Cather.” “Essa é a minha namorada, Cather.” “Pessoas? Cather.” Ela sorria, meio tensa, e sabia que não ia se lembrar dos nomes de ninguém.

Depois Levi a levou por uma escadaria que não podia pertencer originalmente à casa – os degraus eram esquisitos e amontoados, dispostos em intervalos irregulares. Levi apontou o quarto de cada um. Apontou também os banheiros. Cath contou três andares, e Levi continuou subindo. Quando a escadaria ficou tão estreita que eles não puderam mais subir lado a lado, ele foi na frente.

A escadaria fez outra curva e acabou numa única porta. Levi parou ali e se virou, sem jeito, segurando-se nos corrimãos, dos dois lados do corredor.

– Cather – ele sorriu. – Consegui oficialmente te trazer pro quarto.
– Quem diria que seria no final de um labirinto?

Ele abriu a porta atrás de si, depois pegou-a pelas duas mãos e a puxou para dentro.

O quarto era pequeno, com lucarnas projetadas dos dois lados. Não havia iluminação no teto, então Levi acendeu um abajur ao lado da cama de casal. Era mesmo apenas um quarto e uma cama – e um sofá duplo brilhante azul-turquesa que devia ter pelo menos cinquenta anos de idade.

– Estamos no topo da casa, não?
– Aposentos dos servos – disse ele. – Eu fui o único a topar ter que subir tanta escada.

– Como trouxe esse sofá aqui pra cima?

– Convenci o Tommy a me ajudar. Foi terrível. Não sei como foi que alguém conseguiu subir esse colchão com todas as curvas. Ele tá aqui desde o início dos tempos.

Cath trocou a posição dos pés, um tanto nervosa, fazendo o piso ranger. A cama de Levi estava desarrumada, uma colcha com cara de velha jogada por cima, travesseiros bagunçados. Ele esticou a colcha e pegou um travesseiro do chão.

O quarto parecia mais perto do ar livre do que o restante da casa. Exposto. Cath podia ouvir o vento assoviando pelas frestas das janelas.

– Aposto que faz muito frio aqui em cima...

– E muito calor no verão. Tá com sede? Posso fazer chá. Devia ter perguntado quando estávamos lá embaixo.

– Tô bem – ela disse.

Onde Levi estava, seu cabelo roçava o teto.

– Você se importa se eu trocar de roupa? Ajudei a dar banho nos cavalos antes de sair. Fiquei meio enlameado.

Cath tentou sorrir.

– Claro, vai lá.

Havia gavetas embutidas numa das paredes. Levi ajoelhou diante de uma, depois disparou quarto afora – a porta era pelo menos um centímetro baixa demais para ele – e Cath sentou-se cautelosamente no sofá. O tecido estava frio. Ela passou a palma sobre ele, era uma espécie de algodão liso com rodamosinhos e flores em alto relevo.

O quarto era pior do que ela imaginara.

Escuro. Distante. Praticamente entre as árvores. Praticamente encantado.

Uma prova de Cálculo combinaria com o aposento, numa boa.

Ela tirou o casaco e colocou-o na cama, depois removeu as botas úmidas e puxou as pernas para cima do sofá. Se prendesse a respiração, podia ouvir Bon Iver cantando baixinho pelo menos dois andares abaixo.

Levi voltou antes que Cath estivesse pronta para ele. (O que estava prestes a acontecer.) Parecia ter lavado o rosto, e vestia jeans e uma camisa de flanela azul-bebê. A cor lhe caiu bem. Conferiu bronze ao rosto, um louro aos cabelos e rosado nos lábios. Ele se sentou no sofá, ao lado dela – ela sabia que ele o faria. Não havia espaço naquele quarto para privacidade.

Ele pegou a mão de Cath, solta sobre o sofá, e envolveu nas suas, olhando para ela, depois passou os dedos pelas costas, acima e abaixo, sobre os dedos.

Ela respirou fundo.

– Como você foi acabar morando aqui?

– Trabalhei com o Tommy na Starbucks. Um dos antigos moradores se formou e saiu, eu morava numa casa com três maloqueiros e não ligava pras escadas... O pai de Tommy

comprou essa casa como investimento. Ele mora aqui desde o segundo ano.

– O que ele faz agora?

– Estuda Direito.

Cath assentiu. Quanto mais Levi tocava sua mão, mais ela coçava. Ela esticou os dedos e respirou fundo.

– Tá gostoso? – ele perguntou, olhando para ela sem erguer a cabeça. Ela fez que sim de novo. Se ele continuasse a tocá-la, ela não seria capaz de fazer nem isso; teria que piscar: uma vez para sim, duas para não.

– Então o que aconteceu no fim de semana? – ele perguntou. – Como está todo mundo?

Cath balançou a cabeça.

– Louco. Bem. Acho que Wren e eu estamos numa boa. Acho que fizemos as pazes.

Ele abriu um meio sorriso.

– É mesmo?

– É.

– Que ótimo. – Dava para ver que ele achava isso mesmo.

– É – disse Cath. – É sim. Acho que...

Levi ergueu uma das pernas e raspou o joelho na coxa dela. Ela quase pulou para cima do braço do sofá.

Ele fez um barulho frustrado, meio riso, meio suspiro, e torceu o nariz.

– Você tá tão nervosa assim?

– Acho que sim – disse ela. – Desculpe.

– Sabe por quê? Quer dizer, o que te deixa nervosa? Eu falei sério quando falei da mesa, do que tá e não tá nela.

– Não tem nenhuma mesa aqui – disse Cath. – Só uma cama.

Ele levou a mão dela ao peito.

– É disso que você tem medo?

– Não sei do que tenho medo... – Mentira. Das grandes. Ela tinha medo de que ele comesse a tocá-la, e deles não pararem mais. Tinha medo de não estar pronta ainda para ser essa pessoa. A pessoa que não para. – Desculpe – disse. Levi olhou para as mãos; parecia tão desapontado e confuso; era um jeito muito ruim de tratá-lo. Desonesto. Distante. Depois dele ter se exposto mais de uma vez por ela.

– O fim de semana... – disse Cath, tentando se aproximar. Ajoelhou-se sobre a dobra do sofá, perto dele. – Obrigada.

Levi sorriu de novo e ergueu os olhos, só os olhos, para ela.

– Acho que não consigo explicar como foi importante pra mim – ela disse. – Você ter ido ao hospital. Saber que estava lá.

Ele apertou a mão dela. Cath continuou:

– Acho que não consigo explicar como você é importante pra mim. Levi.

Ele ergueu o rosto inteiro. Seus olhos estavam esperançosos. Cautelosos.

– Vem cá – disse ele, puxando a mão dela.

– Não tenho certeza se sei por quê.

Ele pareceu intrigado.

– Eu tenho uma ideia.

– Não posso ler fanfiction pra você – ela disse, provocando. – Tô sem o computador.

– Não tem no telefone?

Ela pendeu a cabeça.

– Essa era a ideia mesmo? *Fanfiction*?

– É – ele disse, afagando-lhe a palma da mão. – Te deixa mais tranquila.

– Pensei que você ficava me pedindo pra ler porque gostava da história...

– Eu gosto da história. E do jeito que isso te deixa tranquila. Você não terminou de ler aquela do coelho, você sabe. E não me leu nada de *Vá em frente*.

Cath olhou para o casaco. O celular estava ali no bolso.

– Sinto que estou falhando com você – ela disse. – Eu devia vir aqui pra fazer coisas com você, não ler uma história boba.

Levi mordeu o lábio e conteve uma risada.

– *Fazer coisas*. É assim que tão chamando por aí? Anda, Cath, quero saber o que acontece. Eles mataram o coelho, e Simon finalmente sacou que Baz é vampiro.

– Tem certeza que quer?

Levi sorriu, ainda demonstrando cautela, e fez que sim.

Cath saiu do sofá e achou o celular. Não estava acostumada a procurar suas próprias histórias no *Google*, mas quando digitou Magicath e “A quinta lebre”, a história logo apareceu.

Enquanto ela procurava o lugar para se sentar, Levi colocou gentilmente as mãos em torno da cintura dela e a puxou para si.

– Tudo bem? – ele perguntou.

Ela fez que sim.

– Já li essa parte? *Simon não sabia o que dizer. Como responder a... aquilo. Toda aquela informação sanguinolenta.*

– Já, acho que sim.

– Chegamos na parte em que o coelho pega fogo?

– O quê? Não.

– Certo – disse Cath. – Acho que achei. – Ela deitou no peito de Levi e sentiu o queixo dele em seus cabelos. *Que gostoso*, pensou consigo. *Já estive aqui antes*. Ela ajeitou os óculos e pigarreou.

Simon não sabia o que dizer. Como responder a... aquilo. Toda aquela informação sanguinolenta.

Ele pegou a espada e a limpou na capa.

– Você tá bem?

Baz lambeu os lábios – como se estivessem secos, Simon pensou – e fez que sim.

– Que bom – disse Simon. E percebeu que fora sincero.

Então, uma pluma de fogo surgiu por trás de Baz, lançando seu rosto nas sombras.

Ele deu um giro e se afastou do coelho. A pata do bicho estava pegando fogo, e as chamas já tomavam seu peito.

– Minha varinha... – disse Baz, olhando ao redor, para o chão. – Rápido, faça um feitiço extintor, Snow.

– Eu... não conheço nenhum.

Baz segurou a mão com que Simon empunhava a varinha e envolveu-lhe com seus dedos ensanguentados.

– Faça um pedido – ele gritou, fazendo um semicírculo com a varinha.

O fogo apagou, e o berçário caiu na escuridão.

Baz soltou a mão de Simon e começou a caçar sua varinha pelo chão. Simon deu um passo para perto do cadáver asqueroso.

– E agora? – perguntou.

Como em resposta, o coelho começou a brilhar, depois a sumir – e logo desapareceu, deixando nada além do cheiro de moeda e pelo queimado.

E outra coisa...

Baz conjurou uma de suas bolas de luz azul.

– Ah – disse ele, pegando sua varinha. – O maldito tava deitado em cima.

– Olha – disse Simon, apontando para outra sombra no chão. – Acho que é uma chave. – Ele se abaixou para pegá-la: uma chave *vintage* com dentes brancos de coelho entalhados na lâmina.

Baz chegou mais perto para ver. Pingava sangue; o cheiro era arrebatador.

– Acha que é isso que tínhamos que encontrar? – Simon perguntou.

– Bom – disse Baz, pensativo –, chaves parecem mais úteis do que coelhos assassinos gigantes... Quantos desses você precisa matar?

– Cinco. Mas não consigo sozinho. Esse teria me matado se...

– Temos que limpar essa bagunça – disse Baz, olhando para as manchas sobre o grosso carpete.

– Teremos que contar ao Mago quando ele voltar – disse Simon. – É perigo demais pra gente dar conta sozinho.

Baz ficou em silêncio.

– Anda – disse Simon –, podemos, pelo menos, nos limpar agora.

O banheiro dos meninos estava tão vazio quanto o restante da escola. Eles escolheram cabines bem distantes uma da outra...

– Que foi? – Levi perguntou.

Cath parara de ler.

– Me sinto estranha lendo essa baboseira gay em voz alta; seus colegas de quarto estão aqui. Algum deles é gay? Não sei se consigo ler isso com algum gay de verdade na casa.

Levi riu.

– Micah? Confie em mim, não tem problema. Ele assiste coisas hétero na minha frente o tempo todo. É obcecado por *Titanic*.

– É diferente.

– Cath, não tem problema. Ninguém tá te ouvindo... espera, essa aí é uma cena de chuveiro mesmo? Tipo, *cena de chuveiro*?

– Não – disse Cath. – Gente.

Levi passou os braços em torno da cintura dela, para abraçá-la direito. Depois, levou a boca aos cabelos dela.

– Leia pra mim, docinho.

Simon terminou primeiro e colocou calças limpas. Quando olhou para a cabine de Baz, a água ainda escorria, avermelhada, pelos tornozelos do menino.

“Vampiro”, pensou Simon, permitindo-se pensar na palavra pela primeira vez, observando a água correr.

Devia ter se enchido de ódio e repulsa – pensar em Baz geralmente suscitava tais sentimentos nele. Mas tudo o que Simon podia sentir naquele momento era alívio. Baz ajudara-o a encontrar o coelho, ajudara-o a lutar contra ele, salvara a vida de ambos.

Simon estava aliviado. E grato.

Meteu as roupas chamuscadas e manchadas no lixo, depois voltou para o quarto. Demorou muito, até que Baz apareceu. Quando chegou, sua aparência estava melhor do que Simon vira durante todo o ano. As bochechas e os lábios estavam rosados, e os olhos cinza haviam perdido a obscuridade.

– Tá com fome? – Simon perguntou.

Baz começou a rir.

O sol não havia rompido o horizonte ainda, e não havia ninguém nas cozinhas. Simon encontrou pão e queijo e maçãs, e jogou-as num prato. Seria esquisito sentar-se sozinho no refeitório vazio, então os meninos foram se sentar na laje da cozinha, encostados numa parede de armários.

– Vamos acabar logo com isso – disse Baz, mordendo uma maçã verde, obviamente tentando parecer casual. – Você vai contar ao Mago sobre mim?

– Ele já te acha um completo idiota.

– Sim – Baz disse baixinho –, mas isso é pior, e você sabe disso. Sabe o que ele vai ter que fazer.

Entregar Baz ao Conselho.

Resultaria em prisão, na certa, talvez até morte. Simon tentava fazer Baz ser expulso fazia seis anos, mas jamais quis vê-lo empalado.

Entretanto... Baz era um vampiro – um vampiro, poxa. Um monstro. E já era inimigo de Simon.

– *Um monstro* – Levi repetiu. Ele ergueu uma das mãos para soltar os cabelos de Cath. Os óculos estavam presos ali e caíram sobre o braço dela. Levi pegou-os e jogou-os na cama. – Seu cabelo ainda tá molhado – disse, sacudindo-o com uma das mãos.

Simon olhou para Baz e tentou novamente conjurar a quantidade apropriada de horror. Tudo o que conseguiu foi um receio tímido.

– Quando isso aconteceu? – ele perguntou.

– Já te contei – disse Baz. – Agente acabou de sair da cena do crime.

– Você foi mordido no berçário? Quando era um bebê? Por que ninguém notou?

– Minha mãe estava morta. Meu pai entrou e me levou embora. Acho que ele deve ter suspeitado... Nunca conversamos sobre isso.

– Ele não notou nada quando você começou a beber o sangue das pessoas?

– Eu não faço isso – Baz ralhou, imperioso. – E, além disso, a... sede não se manifesta de imediato. Ela vem durante a adolescência.

– Tipo acne?

– Fale por si mesmo, Snow.

– Quando ela veio pra você?

– No último verão – disse Baz, olhando para baixo.

– E você não...

– Não.

– Por que não?

Baz virou-se para ele.

– Tá me zoando? Vampiros mataram a minha mãe. E se eu for descoberto, perco tudo... Minha varinha. Minha família. Talvez até minha vida. Sou um mago. Não sou – ele gesticulou para sua garganta e rosto – isso.

Simon pensou que ele e Baz jamais estiveram assim tão próximos, nunca se permitiram sentar-se tão perto um do outro, em todos aqueles anos morando juntos. O ombro de Baz estava quase tocando o seu, e Simon podia ver cada elevação e sombra da pele admitidamente clara de Baz. As linhas dos lábios dele, cada chama azul de seus olhos cinza.

– Como você se mantém vivo? – Simon perguntou.

– Dou um jeito, obrigado.

– Não dos melhores – disse Simon. – Você tá um bagaço.

Baz deu um sorriso debochado.

– Novamente, obrigado, Snow. Você é um amor.

– Não tô falando de agora – disse Simon. – Agora você tá ótimo. – Baz ergueu uma sobrancelha e baixou a outra. – Mas ultimamente... – Simon insistiu – parece que tá minguando. Andou... bebendo... alguma coisa?

– Eu faço o que posso – disse Baz, largando o miolo da maçã no prato. – Não queira saber os detalhes.

– Quero, sim – Simon retrucou. – Olha, como seu colega de quarto, tenho grande interesse em você não ficar zanzando por aí com sede de sangue.

A mão de Levi ainda estava nos cabelos de Cath. Ela sentiu que ele a erguia, sentiu a boca dele na nuca dela. A outra palma a puxava bem para perto. Cath concentrou-se no celular. Fazia tanto tempo que escrevera a história, não se lembrava muito bem de como terminava.

– Eu nunca morderia você – disse Baz, focalizando os olhos de Simon.

– Que bom – disse o outro. – Fico feliz que ainda planeje me matar à moda antiga; mas tem que admitir que é difícil pra você.

– É claro que é difícil pra mim. – Ele jogou uma mão para o alto no que Simon reconheceu como um gesto muito estilo Baz. – Tenho a sede dos antepassados, e passo o dia todo cercado por sacolas de sangue inúteis.

– E a noite toda – Simon disse baixinho.

Baz balançou a cabeça e desviou o olhar novamente.

– Eu disse que jamais machucaria você – ele murmurou.

– Então, me deixa ajudar. – Simon aproximou-se apenas um centímetro, de modo que seus ombros se tocaram. Mesmo por cima de sua camiseta e da camisa de Baz, dava para sentir que o menino não estava mais congelando. Estava quente. Parecia saudável de novo.

– Por que quer ajudar? – Baz perguntou, virando-se para Simon, que estava perto o bastante para sentir o calor do hálito em seu queixo. – Guardaria um segredo de seu mentor para ajudar seu inimigo?

– Você não é meu inimigo – disse Simon. – É só... um péssimo colega de quarto.

Levi riu, e Cath sentiu o riso na nuca.

Baz riu, e Simon sentiu o riso nos cílios.

– Você me odeia – Baz argumentou. – Me odiou desde o dia em que me conheceu.

– Não odeio *isso* – disse Simon. – O que estamos fazendo... negando suas vontades mais fortes, só pra proteger outras pessoas. É mais heroico do que qualquer coisa que já fiz.

– Não são minhas vontades mais fortes – Baz disse, baixinho.

– Percebe que – Simon disse – a metade do tempo que estamos juntos, você fala consigo mesmo?
– Ah, Snow, achei que não tinha notado.
– Notei – disse Simon, sentindo seis anos de irritação e raiva, e doze horas de exaustão, atingindo o ápice entre suas orelhas. Ele balançou a cabeça, e deve ter se inclinado para a frente, porque acabou batendo o nariz e o queixo contra os de Baz...
– Me deixa ajudar – disse.
Baz mantinha sua cabeça imóvel. Então, concordou, encostando sua testa na de Simon.
– Notei – disse Simon, deixando a boca mover-se para a frente. Pensou em tudo que havia passado pela boca do outro garoto. Sangue, bile e maldições.
Mas a boca de Baz estava macia, e tinha gosto de maçã.
E Simon não se importou, naquele momento, de estar transformando tudo.

Cath fechou os olhos e sentiu o queixo de Levi tracejando sua nuca.
– Continue lendo – ele sussurrou.
– Não posso – ela disse. – Acabou.
– Acabou? – Ele afastou o rosto. – Mas o que acontece? Eles vão lutar com os outros coelhos? Vão ficar juntos? Simon termina com a Agatha?
– Você quem sabe. Aqui não diz.
– Mas você pode dizer. Foi você quem escreveu.
– Eu escrevi dois anos atrás – disse Cath. – Não sei no que estava pensando na época. Principalmente sobre esse último parágrafo. Que é muito fraco.
– Gostei de tudo – disse Levi. – Gostei de “sede dos antepassados”.
– É, essa fala foi boa...
– Leia outra coisa – ele sussurrou, beijando a pele embaixo da orelha dela.
Cath respirou fundo.
– O quê?
– Qualquer coisa. Mais fanfiction, o relatório da soja... Você é como um tigre que gosta de escutar Brahms: se estiver lendo, me deixa te tocar.

Ele tinha razão: contanto que ela estivesse lendo, era quase como se ele estivesse tocando outra pessoa. O que era meio maluquice, parando para pensar...

Cath deixou o celular cair no chão.
Virou-se lentamente para Levi, sentindo a cintura girar nos braços dele, olhando para o queixo dele, e balançou a cabeça.
– Não. *Não*. Não quero ser distraída. Quero te tocar também.
O peito de Levi se ergueu assim que ela colocou ambas as mãos sobre a camisa de flanela dele.

Ele escancarou os olhos.
– Tá bom...
Cath focou nas pontas de seus dedos. Sentindo a flanela, sentindo-a deslizar contra a camiseta que ele usava por baixo – sentindo Levi embaixo dela, o relevo de músculos e ossos.

Seu coração batendo na palma da mão dela, bem ali, como se seus dedos pudessem envolvê-lo...

– Gosto tanto de você – ele sussurrou.

Ela assentiu e abriu os dedos.

– Também gosto muito de você.

– Fala de novo.

Ela riu. Devia haver uma palavra para descrever uma risada que some tão rapidamente quanto apareceu. Uma risada que é mais uma sílaba de surpresa e reconhecimento do que qualquer outra coisa. Cath riu assim, depois pendeu a cabeça para frente, pressionando as mãos no peito dele.

– Gosto muito de você, Levi.

Ela sentiu as mãos dele em sua cintura e a boca em seu cabelo.

– Continue falando – ele disse.

Cath sorriu.

– Gosto de você – disse ela, tocando o queixo dele com o nariz.

– Teria feito a barba se soubesse que veria você hoje.

O queixo dele se movia quando ele falava.

– Eu gosto de você assim – disse ela, deixando a barba roçar seu nariz e sua bochecha. – Gosto de você.

Ele levou uma mão à nuca dela e a deixou ali.

– Cath...

Ela engoliu em seco e pôs os lábios no queixo dele.

– Levi.

Nesse momento, Cath notou quão perto estava do pescoço dele – e lembrou-se do que prometera a si mesma que faria ali. Fechou os olhos e beijou-o abaixo do queixo, atrás da mandíbula, onde ele era macio e quase gordinho, como um bebê. Ele arqueou o pescoço, e foi muito melhor do que ela imaginara.

– Gosto de você – disse ela. – Tanto. Gosto de você aqui.

Cath levou as mãos ao pescoço dele. Gente, como estava quente – a pele tão cálida e grossa, mais densa que a dela. Ela passou os dedos pelos cabelos dele, afagando sua nuca.

As mãos dele fizeram o mesmo caminho, puxando o rosto dela para ele.

– Cath, se eu te beijar agora, você vai escapar de mim?

– Não.

– Vai entrar em pânico?

Ela balançou a cabeça.

– Provavelmente não.

Ele mordeu o canto do lábio inferior, e sorriu. Um sorriso curto, que não alcançava as pontas da boca.

– Gosto de você – ela sussurrou.

Ele a puxou para si.

Pronto. Então era assim. Beijar Levi.

Muito melhor estando acordada, sem a boca estar molenga de tanto ler em voz alta a noite toda. Ela o beijou muito de volta.

Quando Baz e Simon se beijavam, Cath sempre fazia um estardalhaço do momento em que um deles abria a boca. Mas quando se beija alguém de verdade, é difícil manter a boca fechada. A boca dela abriu-se antes mesmo da de Levi. E continuou aberta.

A dele também, e ele ficava se afastando um pouco, como se fosse dizer algo, então seu queixo mergulhava de novo à frente, para encontrá-la.

Gente, o queixo dele. Dava vontade de se casar com o queixo dele. Queria ele só para si.

No momento seguinte em que Levi se afastou, Cath voltou a beijar-lhe o queixo, enfiando o rosto embaixo de sua mandíbula.

– Gosto tanto de você aqui.

– Eu gosto tanto de você – disse ele, a cabeça pendendo sobre o sofá. – Mais do que isso, entende?

– E aqui – disse ela, levando o nariz até a orelha dele. Os lóbulos das orelhas de Levi eram grudados à cabeça. O que a fez se lembrar do Quadro de Punnett. E Mendel. E a fez tentar puxar o lóbulo para fora com os dentes.

– Você é bom demais aqui – disse ela. Ele ergueu os ombros, como se sentisse cócegas.

– Vem cá, vem cá – disse ele, puxando-a pela cintura. Ela estava sentada ao lado dele, e ele parecia querer colocá-la no colo.

– Sou pesada – disse ela.

– Ótimo.

Cath sempre soube que faria um espetáculo de si mesma caso ficasse sozinha com Levi, e foi exatamente o que fez. Estava maltratando a orelha dele. Queria senti-la em cada parte de seu rosto.

Foi legal..., ela o imaginou contando para Reagan ou para um dos colegas de casa. Ela não parava de lambar minha orelha – deve ter fetiche. E nem queiram saber o que ela fez com o meu queixo.

Levi ainda a segurava pela cintura, muito apertado, como se estivesse preparando-se para erguê-la numa pose de patinação artística.

– Cath – ele disse, e engoliu. O pomo de Adão afundou, e ela tentou pegá-lo com a boca.

– Aqui também – disse ela. Sua voz soou pesarosa. Ele era adorável demais, bom demais, demais. – Tanto aqui. Muito... sua cabeça toda. Gosto da sua cabeça toda.

Levi riu, e ela tentou beijar tudo o que se moveu. Sua garganta, seus lábios, suas bochechas, o canto dos olhos.

Baz jamais beijaria Simon desse jeito tão caótico.

Simon jamais meteria o nariz contra a linha do couro cabeludo do jeito que Cath estava prestes a fazer.

Ela cedeu às mãos de Levi e subiu no colo dele, pondo cada joelho de um lado do quadril dele. Ele endireitou o pescoço para olhar para ela, e Cath segurou seu rosto pelas têmporas.

– Aqui, aqui, aqui – ela disse, beijando-lhe a testa, deixando-se tocar seu cabelo leve feito pluma. – Nossa, Levi... você me deixa louca aqui.

Ela alisou o cabelo dele com as mãos e o rosto, e beijou o topo da testa, como ele sempre fazia com ela (os únicos beijos que ela permitira por semanas).

O cabelo dele não cheirava a xampu – ou cravo recém-colhido. Cheirava a café, principalmente, e como o travesseiro de Cath depois do dia em que ele passou a noite lá. A boca dela focou o começo do couro cabeludo, onde os fios eram finos e leves; seu próprio cabelo não era macio assim em nenhum ponto.

– Gosto – disse ela, sentindo-se estranha e chorosa. – Gosto tanto de você, Levi.

E daí ela beijou as minhas entradas no cabelo e chorou, ela o imaginou dizendo. Em sua imaginação, Levi era Danny Zuko, de *Grease – Nos Tempos da Brilhantina*, e seus colegas de casa, os demais T-Birds. *Tell me more, tell me more...*

O rosto dele estava quente.

– Vem cá – ele disse, pegando-a no queixo com uma das mãos, levando sua boca à dela.

Certo.

Então era assim. Beijar Levi.

Assim e assim e assim.

– Você não é toda mãos... – ele sussurrou mais tarde. Estava metido no canto do sofá, e ela descansava em cima dele. Passara horas em cima dele. Encaracolada sobre ele feito uma vampira. Mesmo exausta, não conseguia parar de passar os lábios na flanela da camisa. – Você é toda boca.

– Desculpe – ela disse, mordendo os lábios.

– Não seja boba – ele disse, libertando os lábios dela com os dedos. – E não peça desculpas... nunca mais.

Ele a ergueu; o rosto dela ficou acima do dele. Ela levou os olhos para o queixo dele, como se por hábito.

– Olha pra mim – ele pediu.

Cath olhou. Para o rosto de Levi, em tom pastel. Tão adorável, tão bom.

– Gosto de você aqui – disse ele, apertando-a. – Aqui comigo.

Ela sorriu, e seus olhos começaram a descer.

– Cather...

E voltaram aos olhos dele.

– Sabe que estou ficando apaixonado por você, né?

– Você sabia o tempo todo?

– Não o tempo todo – disse Penélope. – Mas faz tempo. Pelo menos, desde o quinto ano, quando você insistiu que a gente devia seguir o Baz ao redor do castelo dia sim, dia não. Você me fazia ir a todos os jogos de futebol dele.

– Pra ter certeza de que ele não ia trapacear – disse Simon, por hábito.

– Certo – disse Penélope. – Eu vinha me perguntando se algum dia você ia sacar. Você sacou, certo?

Simon sentiu que sorria e corava, não pela primeira vez naquela semana. Não pela quinta.

– Sim...

De *Vá em frente, Simon*, postado em março de 2011 por Magicath, autora do FanFixx.net

Trinta e Dois

Wren voltara, e parecia que alguém tinha virado o mundo de Cath de cabeça para baixo. Como se ela tivesse passado o ano todo pendurada no chão, tentando não cair no teto.

Cath podia ligar para Wren sempre que quisesse. Sem pensar nem se preocupar. Encontravam-se para o almoço e para o jantar. Adequaram as agendas uma da outra, preenchendo espaços vazios.

– É como se você tivesse encontrado um membro perdido – disse Levi. – Tipo uma estrela do mar feliz. – Radiante como estava, até parecia que era ele quem havia recobrado a irmã. – Foi a pior escolha. Não falar com sua mãe. Não falar com a sua irmã. Foi tipo Esaú e Jacó.

– Ainda não falo com a minha mãe – disse Cath.

Porém, conversara com Wren sobre esse assunto. Bastante, na verdade.

Wren não ficou surpresa por Laura não ter ficado no hospital.

– Ela não aguenta coisas pesadas – disse Wren. – Nem acredito que ela veio.

– Ela deve ter pensado que você tava morrendo.

– Eu não tava morrendo.

– Como é que se evita as coisas pesadas? – disse Cath, indignada. – Ser mãe é *só* coisas pesadas.

– Ela não quer ser mãe – Wren disse. – Ela quer que eu a chame de “Laura”.

Cath resolveu chamar Laura de “mãe” em sua cabeça. Depois resolveu parar de chamá-la de qualquer coisa em sua cabeça...

Wren ainda falava com ela (Aquele Que Não Deve Ser Nomeada). Dizia que mais trocavam mensagens e que eram amigas no Facebook. Wren estava satisfeita com essa intensidade de envolvimento; parecia achar que era melhor do que nada e mais seguro do que tudo.

Cath não entendia. Seu cérebro simplesmente não funcionava assim. Nem o coração.

Mas ela se cansara de brigar com Wren por conta disso.

Agora que Cath e Wren eram Cath e Wren de novo, Levi pensou que deviam todos passar o tempo juntos. Os quatro.

– Sabia que o Jandro faz faculdade de Agronomia? – ele perguntou. – A gente até fez matérias juntos.

– A gente podia fazer vários encontros em casais – disse Cath –, e depois podemos nos casar no mesmo dia, numa cerimônia dupla, com vestidos combinando, e os quatro vão acender uma só vela ao mesmo tempo.

– Pfff – disse Levi –, eu vou escolher meu vestido.

Os quatro acabaram se vendo umas duas vezes, ao acaso. Quando Jandro vinha buscar Wren. Quando Levi vinha buscar Cath.

– Você não ia querer ficar perto de mim e Wren – Cath tentara alertar. – A gente só fica ouvindo rap e falando do Simon.

Faltavam apenas seis semanas para o lançamento de *A Oitava Dança*, e Wren estava mais estressada com isso do que a irmã.

– Não sei como você vai concluir tudo.

– Já tenho uma ideia – Cath sempre dizia.

– É, mas você tem aulas. Deixe eu ver essa ideia.

Geralmente, juntavam-se em frente ao notebook no quarto de Cath. Era mais perto do campus.

– Não esperem que eu saiba quem é quem – disse Reagan, quando a coisa virou rotina.

– Eu tenho cabelo curto – disse Wren –, e ela usa óculos.

– Para – Reagan reclamou –, não me faça olhar pra você. Tá parecendo *O iluminado* isso aqui.

Wren ergueu a cabeça e soltou:

– Não sei quando você tá falando sério.

– Não importa – disse Cath. – Ignore.

Reagan fez uma careta para a amiga:

– Você é o Zack ou o Cody?

Naquele dia, estavam no quarto de Wren, só para dar um tempo a Reagan. Sentadas na cama dela, o notebook descansava sobre os joelhos das duas irmãs. Courtney estava lá também, preparando-se para sair; ia estudar com os Sigma Xis à noite.

– Não pode matar o Baz – disse Wren, apertando a tecla de seta para baixo, dando uma olhada no rascunho de *Vá em frente*. Continuavam voltando nesse ponto; Wren estava firme.

– Nunca pensei que mataria Baz – disse Cath. – Jamais. Mas é a redenção última, entende? Se ele se sacrificar por Simon, depois de todos os anos de luta, depois desse precioso ano de amor... torna tudo aquilo por que eles passaram ainda mais bonito.

– Vou ter que te matar se você matar o Baz – disse Wren. – E vou ser a primeira de uma longa fila.

– Eu super acho que o Basil vai morrer no próximo filme – disse Courtney, vestindo a jaqueta. – Simon *tem* que matá-lo, ele é um vampiro.

– Ele tem que morrer primeiro no último *livro* – disse Cath. Ela ainda não sabia se Courtney era de fato burra ou se só não se preocupava em pensar antes de falar. Wren balançou a cabeça para Cath e revirou os olhos, tipo, *Não perca tempo com ela*.

– Não trabalhem demais, meninas – disse Courtney, acenando ao sair. Apenas Cath respondeu ao aceno.

Algo acontecera entre Wren e Courtney. Cath não sabia se tinha a ver com a sala de

emergência ou outra coisa. Ainda eram amigas, ainda almoçavam juntas. Mas até mesmo pequenas coisas pareciam irritar Wren: o fato de Courtney usar salto alto com *jeans*, ou o fato dela não saber que *pagado* estava tão certo quanto pago. Cath tentara perguntar se acontecera algo, mas Wren sempre mudava de assunto.

– Ela tá errada – Cath disse. – Não que GTL mataria Baz.

– Você também não pode.

– Mas isso fará dele o herói romântico definitivo. Pense em Tony de *Amor, sublime amor* ou Jack em *Titanic*... ou Jesus.

– Que bobagem.

Cath riu.

– Bobagem?

Wren cutucou-a.

– Sim. O ato definitivo de heroísmo não deveria ser a morte. Você sempre diz que quer dar a Baz as histórias que ele merece. Salvá-lo de Gemma...

– Só acho que ela não percebe o potencial dele enquanto personagem...

– Então você vai matá-lo? A melhor vingança não seria uma vida bem vivida? O jeito *punk rock* de terminar *Vá em frente* seria deixar Baz e Simon viverem felizes para sempre.

Cath riu.

– Tô falando sério – disse Wren. – Eles passaram por tanto juntos, não só na sua história, mas na série e em todas as centenas de *fanfics* que lemos sobre eles... Pense nos seus leitores. Pense em como vai ser bom deixar a gente com um pouco de esperança.

– Mas não quero que seja boboca.

– Felizes para sempre, ou mesmo juntos para sempre, não é boboca – Wren disse. – É a coisa mais nobre, tipo, mais corajosa, que duas pessoas podem almejar.

Cath estudou o rosto de Wren. Era como fitar um espelho ligeiramente empenado. *Através do espelho, obscuro*.

– Você tá apaixonada?

Wren corou e olhou para o notebook.

– Não tem nada a ver comigo. É com Baz e Simon.

– Agora tem sim – disse Cath. – Tá apaixonada?

Wren puxou o computador inteiro para seu colo e começou a rolar a tela para o começo do texto.

– Tô – disse, fria. – Não tem nada de errado nisso.

– Não disse que tinha. – Cath sorriu. – Você tá *apaixonada*.

– Ah, cala a boca você também, tá?

Cath começou a discutir.

– Desista – disse Wren, apontando o dedo para Cath, bem no rosto. – Já vi você olhando pro Levi. Que foi aquilo que você escreveu sobre o Simon uma vez, que os olhos dele seguiam o

Baz como se ele fosse a coisa mais brilhante na sala, como se colocasse todo o restante nas sombras? Você tá assim. Não consegue tirar os olhos dele.

– Eu... – Cath tinha certeza de que Levi era mesmo a coisa mais brilhante da sala, e de qualquer sala. Brilhante e cálido e crepitante... era uma fogueira humana. – Eu gosto muito dele.

– Já dormiu com ele?

– Não. – Cath sabia ao que Wren se referia, sabia que ela não queria ouvir falar da colcha da avó dele nem de como eles dormiram de conchinha, feito cadeiras acopláveis. – Você já? Com o Jandro?

Wren riu.

– Dã... Então... você vai dormir?

Cath esfregou o pulso direito. O que usava para escrever.

– Vou – disse. – Acho que sim.

Wren pegou-a pelo braço e o arremessou para longe.

– Ah. Meu. Deus. Você vai me contar quando acontecer?

– Dã... – Cath a empurrou de volta. – Enfim, não acho que tem que acontecer agora, tipo imediatamente, mas ele me faz querer. E me faz pensar... que vai ser legal. Que não tenho que me preocupar com estragar tudo.

Wren revirou os olhos.

– Você não vai estragar tudo.

– Bom, não vou mandar hiper bem também, né? Lembra-se de quanto tempo levei pra aprender a dirigir? E ainda não sei andar de skate pra trás...

– Pense em quantas lindas primeiras vezes você escreveu para Simon e Baz.

– Isso é totalmente diferente – Cath disse, discordando. – Eles nem mesmo têm as mesmas partes que nós.

Wren começou a rir, depois não pôde mais parar. Abraçou o notebook.

– Você fica mais confortável com as partes *deles* do que – ela não conseguia parar de rir – com a *sua* e... e você nem nunca viu as partes deles...

– Tento escrever por cima. – Cath ria também.

– Eu sei – disse Wren –, e você se sai muito bem.

Quando conseguiram parar de rir, Wren deu um soquinho no braço da irmã.

– Vai dar tudo certo. Nas primeiras vezes você já ganha pontos só por ter comparecido.

– Ótimo – Cath zombou. – Já me sinto bem melhor. – Ela balançou a cabeça. – Essa conversa toda é prematura.

Wren sorriu, mas parecia séria, como se quisesse algo.

– Ei, Cath...

– Que foi agora?

– Não mate o Baz. Posso até ser sua leitora Beta, se você quiser. Só... não o mate. Baz

merece um final feliz mais do que qualquer um.

- Shhhiu.
- É que...
- Quietos.
- Me preocupo...
- Não.
- Mas...
- Simon.
- Baz?
- Aqui.

De *Vá em frente, Simon*, postado em setembro de 2011 por Magicath, autora do FanFixx.net

Trinta e Três

– Já começou? – a professora Piper perguntou.

– Já – Cath mentiu.

Não pôde evitar. Não conseguira dizer não – a professora Piper poderia abortar toda a empreitada. Cath ainda não lhe mostrara progresso algum...

Porque não fizera progresso algum.

Havia tanta coisa acontecendo. Wren. Levi. Baz. Simon. O pai... Na verdade, Cath não andava mais tão preocupada com o pai como costumava ficar. A ida de Wren para casa todo fim de semana era uma coisa boa. Nos finais de semana em que Wren ficava em casa, ficava tão entediada que praticamente postava seu dia ao vivo para Cath, mandando textos e e-mails constantes.

– *papai tá me fazendo ver um documentário sobre lewis & clark. tá quase me FAZENDO beber.*

Wren nem sabia sobre o trabalho de Escrita de ficção que Cath tinha que fazer.

Ela considerara dizer à professora Piper – novamente – que não servia para esse tipo de literatura, que era praticamente *ficfóbica*. Mas ali na sala, olhando para o rosto esperançoso e confiante de Piper...

Ela não conseguia soltar. Preferia aturar essas checagens sofridas do que contar a verdade – que ela somente pensava no projeto quando estava sentada naquela sala.

– Que maravilha – disse a professora, inclinando-se para a frente, sobre a mesa, para dar um tapinha no braço de Cath, sorrindo do jeito que esta gostaria que ela fizesse. – Fico tão aliviada. Pensei que teria que te dar outro discurso sobre sangue, labuta, lágrimas e suor. E não sabia se tinha um dentro de mim.

Cath sorriu. E pensou na criatura repugnante que era.

– Então, me conta – disse a professora. – Posso ler o que você já escreveu?

Cath fez que não bem rápido, e continuou depois em ritmo mais normal.

– Não, quer dizer, ainda não. É que... ainda não.

– Tudo bem. – A professora pareceu desconfiar de algo. (Ou talvez Cath estava sendo paranoica.) – Pode me falar sobre o que está escrevendo?

– Claro – disse Cath. – Posso. Estou escrevendo sobre... – Ela imaginou uma grande roda girando. Tipo em *The Price is Right* ou *Roda da fortuna*. Em que ponto parasse, seria o tema, o tema que ela teria que desenvolver. – Estou escrevendo sobre...

A professora sorriu. Como se soubesse que Cath estava mentindo, mas mesmo assim queria

que a coisa desse certo.

– Minha mãe – disse Cath. E engoliu saliva.

– Sua mãe – a professora repetiu.

– É. Assim... tô começando por ela.

A expressão da professora era quase de diversão.

– Todos nós começamos.

– Um ninho – disse Cath –, é isso, um ninho.

Levi estava sentado, encostado na cabeceira da cama, com Cath no colo, os joelhos em volta do quadril dele. Andava passando bastante tempo no colo dele nos últimos tempos. Gostava de ficar por cima, sentindo que podia se movimentar se quisesse. (Ela quase nunca queria.) Também passava bastante tempo deliberadamente não pensando em nada mais que pudesse estar acontecendo no colo dele; era um local abstrato, até onde Cath sabia. Desconhecido. Não mapeado. Se ela pensava no colo de Levi em termos concretos, acabava levantando-se da cama e sentando-se no sofá.

– Ninho de quê? – ele perguntou.

– Ninho de águia.

– Ah – ele assentiu –, certo. – Passou uma das mãos pelo cabelo. Cath seguiu com sua própria mão, sentindo o cabelo dele passar feito seda por baixo dos dedos. Ele sorriu para ela como se ela fosse um cliente que acabara de pedir um *latte* de menta.

– Tá tudo bem? – ela perguntou.

Ele fez que sim e beijou-a no nariz.

– Claro. – Quando sorriu de novo, só sua boca se mexeu.

– Qual é o problema? – Cath começou a sair do colo dele, mas ele a segurou.

– *Nada*. Nada de mais. É que... – Ele fechou os olhos, como se tivesse dor de cabeça. – Recebi uma prova de volta hoje. Não foi bom, até pra mim.

– Ah. Você estudou?

– Obviamente, não o bastante.

Cath não sabia ao certo quanto Levi estudara. Ele nunca tocava num livro – mas andava para todo canto com fones de ouvido. Estava sempre escutando uma palestra quando ela entrava na caminhonete. Sempre tirava os fones quando ela entrava.

Cath pensou no modo como ele costumava estudar com Reagan, *flashcards* espalhadas ao redor da sala, fazendo pergunta atrás de pergunta...

– É por minha causa, né?

– Não. – Ele balançou a cabeça.

– Indiretamente – ela disse. – Você não está estudando com mais ninguém.

– Cather. Olha pra mim. Nunca fui tão feliz na vida.

– Você não parece feliz.

– Não tô falando de exatamente agora. – Ele sorriu, cansado, mas sincero. Cath quis beijar

sua boquinha rosa imóvel.

– Você precisa estudar – disse ela, dando-lhe um soquinho no peito.

– Tá bom.

– Com a Reagan. Com todas aquelas meninas que você explorava.

– Certo.

– Comigo, se quiser. Posso ajudar também.

Ele levou a mão até o rabo de cavalo dela e ficou cutucando a borrachinha de amarrar. Soltou os cabelos dela.

– Você tem bastante tarefa de casa – disse ele. – E milhares de fãs de Simon Snow dependendo de cada palavra sua.

Cath fitava as rachaduras no teto de gesso enquanto ele soltava o cabelo dela.

– Se significasse que ficar *aqui*, no *ninho*, com você – ela disse –, em vez de você estar em *outro* lugar com *outra* pessoa, eu faria o sacrifício com prazer.

Ele puxou os cabelos dela para a frente, e eles caíram acima dos ombros.

– Não consigo descobrir se você me ama – disse ele – ou ama esse quarto.

– Ambos – disse Cath, depois pensou na escolha de palavras e corou.

Ele sorriu, sabendo que a tinha pego.

– Tá bem – disse, brincando com o cabelo dela. – Vou estudar mais. – Ele ergueu as pernas e a fez dar um pulinho para a frente. – Tira esses óculos.

– Por quê? Pensei que você gostasse deles.

– Adoro seus óculos. Principalmente quando você os tira.

– Precisa estudar hoje à noite?

– Não. Acabei de bombar numa prova. Não tenho nada que estudar. – Ele deu outra sacudida com as pernas.

Ela revirou os olhos e tirou os óculos.

Levi sorriu.

– De que cor são seus olhos?

Ela os abriu o máximo que pôde.

– Posso ver – ele disse. – Mas não sei dizer de que cor são. O que diz na sua carteira de motorista?

– Azul.

– Não são azuis.

– São, sim. Por fora.

– E marrons no meio – disse ele. – E cinza na beirada e verde no meio.

Cath deu de ombros e olhou para o pescoço dele. Havia uma manchinha bem abaixo da orelha, e outra no finzinho da garganta. Ele estava mais pálido do que quando o conhecera; parecia tão bronzeado naquele dia, como um menininho que passara as férias todas de verão brincando.

– O que vai fazer nas férias? – ela perguntou.

– Trabalhar no rancho.

– Vou te ver?

– Sim.

– Quando?

– Vamos dar um jeito. – Ele a tocou na bochecha.

– Não assim...

Levi olhou ao redor do quarto e tomou o rosto dela nas mãos.

– Não assim – ele concordou.

Cath assentiu e se inclinou para beijar a manchinha embaixo da orelha dele.

– Tem certeza de que não precisa estudar?

– Você precisa?

– Não. Hoje é sexta.

Levi acabara de fazer a barba, então o maxilar e o pescoço estavam ainda melhores. Macios e mentolados. Ela passou a mão pela camisa de flanela dele até seus dedos encontrarem o primeiro botão – e decidirem desabotoá-lo.

Levi inspirou.

Ela encontrou o outro botão.

Quando terminou com o terceiro, ele se afastou dela e tirou a camisa pela cabeça. A camiseta foi logo em seguida. Cath olhou para o peito dele como se jamais tivesse visto algo parecido. Como se nunca tivesse ido a uma piscina.

– Você parece mais magro com as roupas – ela disse, surpresa, tracejando os ombros dele com os dedos.

Ele riu.

– Isso é um elogio?

– É... não sabia que você era tão forte.

Ele tentou beijá-la, mas ela se afastou – não estava pronta para parar de olhar. Levi não era notavelmente musculoso. Não como Jandro. Nem mesmo como Abel. Mas era firme e bem formado, músculos em volta dos ombros, dos braços, do peito.

Cath quis voltar no tempo e reescrever cada cena que escrevera sobre o peito de Simon ou Baz. Descrevera-os lisos e fortes e duros. Levi era todo movimento e respiração, curvas e vales cálidos. O peito dele tinha vida.

– Você é lindo – ela disse.

– Você que é.

– Não discuta. Você é lindo.

Tirar a camisa de Levi fora uma ideia tão inspiradora que Cath pensou em tirar a sua também. Levi pensava o mesmo. Brincava com a bainha, deslizando os dedos bem abaixo, enquanto se beijavam. Beijavam. Cath adorava essa palavra. Usava com moderação em sua

história, apenas porque era tão poderosa. Falar “beijo” dava a sensação do beijo. Meus parabéns ao nosso idioma por isso.

Levi beijava com o maxilar e o lábio inferior. Ela não beijara gente o bastante para saber se isso era diferente, mas parecia ser. Ele a beijava, e corria os dedos por baixo da bainha; e se ela erguesse os braços, ele ia acabar tirando a blusa dela. Podia contar com ele nesse ponto. Não conseguia se lembrar pelo que estava esperando, do que tinha medo...

Queria se casar primeiro? No momento, era difícil pensar em algo além com Levi... com quem ela estava longe de se casar. Essa ideia apenas a fazia desejá-lo ainda mais. Porque caso ela não acabasse se casando com ele, não teria acesso vitalício a seu peito e seus lábios e àquilo que devia estar acontecendo no colo dele, fosse o que fosse. E se eles se casassem com outras pessoas? Ela devia fazer sexo com ele antes, enquanto ainda podia.

Lógica tosca, gritava seu cérebro. *Tosca demais*.

Como é que alguém sabe se está prestes a se casar com alguém, ela pensou. *É uma questão de tempo? Ou distância?*

O celular de Cath vibrou.

Levi lambeu a boca dela como se tentasse capturar o último gosto de geleia lá do fundo.

O celular vibrou de novo.

Não devia ser importante. Wren. Reclamando do pai. Ou o pai reclamando de Wren. Ou um deles sendo levado ao hospital...

Cath se afastou, pegou nas mãos dele e tentou recuperar o fôlego.

– Deixa eu ver. Wren...

Ele assentiu e tirou as mãos da blusa dela. Cath resistiu à vontade de deslizar sobre as pernas dele como se fosse um cavalinho de brinquedo. (Seria bem gostoso, mas ela jamais recobriria sua dignidade.) Em vez disso, ela o escalou, meio zozna, e tentou alcançar o telefone.

Ele foi junto, tentando ler por cima do ombro dela.

Wren.

– *ei, você devia vir a omaha. jandro tá aqui, vamos dançar no guaca maya. yey! vem!*

– *não posso* – Cath respondeu. – *ficar com levi*.

Ela jogou o celular no chão, depois tentou voltar ao colo dele. Mas ele já estava encostado na cabeceira com os joelhos para o alto. Colo indisponível.

Ela tentou tirar os joelhos dele do caminho, mas ele não deixou. Olhava para ela como se ainda estivesse tentando descobrir de que cor eram seus olhos.

– Tá tudo bem? – ela perguntou, ajoelhada em frente a ele.

– Tá. Tudo bem com você também? – Ele acenou com a cabeça para o celular.

Cath fez que sim.

– Perfeitamente.

Levi assentiu.

Ela o imitou.

Então ela ergueu os braços acima da cabeça.

Agatha torcia os dedos na capa, deprimida. (Mas, mesmo assim, linda. Até mesmo o rosto cheio de lágrimas de Agatha era uma beleza.) Simon queria dizer-lhe que estava tudo bem, que esquecesse a cena toda com Baz na floresta... Agatha em pé, sob a luz da lua, segurando as mãos pálidas de Baz nas suas...

– Só me conta – disse Simon, a voz tremendo.

– Não sei o que dizer – ela choramingou. – Tem você. E você é bom. Você é certo. E tem ele... E ele é diferente.

– Ele é um monstro. – Simon fechou a cara.

Agatha apenas concordou.

– Talvez.

Capítulo 18, *Simon Snow e o Sétimo Carvalho*, copyright Gemma T. Leslie

Trinta e Quatro

Entraram no elevador, e Cath apertou o nono.

– Não acredito que passamos quinze minutos discutindo se Simon Snow deveria pegar a espada ou a varinha numa passagem boba de fanfiction.

E com “não acredito” Cath queria dizer “não posso acreditar como estou feliz”. Wren estava vindo para o quarto dela, e elas iam trabalhar em *Vá em frente* até que Levi saísse do trabalho. Era essa a rotina do momento. Cath gostava da rotina. Sentia-se inundada por serotonina.

Wren a empurrou.

– Não é boba. É importante.

– Só pra mim.

– E pra mim. E pra todo mundo que tá lendo. Além disso, só você devia ser suficiente. Vem trabalhando nisso faz quase *dois anos*. É o trabalho da sua vida.

– Gente, que patético.

– Quis dizer da sua vida até agora. E é extremamente impressionante. Seria mesmo que você não tivesse milhares de fãs. Jandro não acredita em quantos leitores você tem. Ele acha que você devia tentar ganhar um dinheiro... Ele não entende muito bem a coisa da fanfiction. Tentamos assistir ao *Herdeiro do Mago* e ele caiu no sono.

Cath exasperou-se, mais pela ênfase.

– Você não me disse que ele era um descrente.

– Eu queria que você o conhecesse primeiro. E o Levi?

As portas do elevador se abriram, e elas chegaram ao andar de Cath.

– Ele adora. Simon Snow. Fanfiction, tudo. Faz eu ler o que eu escrevo pra ele em voz alta.

– Ele não tem repulsa pelo gênero?

– Não, ele é zen. Por quê? O Jandro tem?

– Se tem.

– Ele tem repulsa pelos gays?

– Não... Bom, talvez. Mais pela ideia de meninas hétero que escrevem sobre meninos gays; acha depravado.

Esta fez Cath rir. Então Wren começou a rir também.

– Ele acha que *eu* sou a depravada – disse Cath.

– Cala a boca. – Wren deu outro empurrãozinho.

Cath parou – havia um menino do lado de fora do quarto.

O menino errado.

– Que foi? – Wren parou também. – Esqueceu alguma coisa?

– *Cath* – disse Nick, dando alguns passos à frente. – Oi. Tava te esperando.

– Oi – ela respondeu. – Oi, Nick.

– Oi – ele repetiu.

Cath continuava distante do quarto. Não queria chegar mais perto.

– O que tá fazendo aqui?

As sobrancelhas de Nick estavam abaixadas, e sua boca, aberta. Dava para ver a língua pousada entre os dentes.

– Só queria falar com você.

– Esse é o seu cara da biblioteca? – Wren perguntou, fitando o rapaz como se ele fosse uma foto no Facebook em vez de uma pessoa.

– Não – disse Cath, reagindo mais ao *seu* do que a qualquer outra palavra.

Nick olhou para Wren, depois decidiu ignorá-la.

– Olha, Cath...

– Não podia ter ligado? – ela perguntou.

– Não tinha o número do seu celular. Tentei ligar pro seu quarto... Encontrei no diretório dos alunos; deixei um monte de recados na caixa eletrônica.

– A gente tem caixa eletrônica?

A porta do quarto foi aberta abruptamente, e Reagan olhou para fora.

– Isso é seu? – ela perguntou a Cath, apontando para Nick.

– *Não* – Cath disse.

– Pensei que não fosse mesmo, pedi que esperasse aqui fora.

– Você tinha razão – Wren disse, não muito baixo. – Ele tem mesmo uma coisa meio Velho Continente...

Reagan e Wren não sabiam o que acontecera com Nick, como ele usara Cath. Tudo o que sabiam era que ela não queria mais falar sobre ele – e que se recusava a ir à Biblioteca do Amor. Ficara envergonhada demais para contar os detalhes a alguém.

Cath não se sentiu envergonhada ali, no corredor, encarando-o diretamente. Sentiu raiva. Sentiu-se roubada. Escrevera coisas legais com Nick, e agora jamais as teria de volta. Se tentasse usar qualquer uma daquelas frases, qualquer uma das piadas, as pessoas poderiam dizer que ela as roubara dele. Como se ela pudesse roubar algo dele algum dia – exceto pelo lenço estampado que ele estava usando; ela sempre adorara esse lenço. Mas Nick podia ficar com sua segunda pessoa do presente do indicativo. E todas as personagens meninas com dedos amarelados por nicotina. (Essas meninas contavam as piadas de Cath; era de enfurecer.)

– Olha, só preciso falar com você – disse ele. – Não vai demorar.

– Então fale – disse Wren.

– É – disse Reagan, encostada na porta. – Fale.

Nick parecia estar achando que Cath ia expulsá-lo, mas ela não estava a fim. Ela ponderou deixá-lo ali para lidar com Reagan e Wren, que eram difíceis e desagradáveis boa parte do tempo, mesmo quando gostam da pessoa.

– Pode falar – disse Cath. – Estou escutando.

– Tá bom... – Nick pigarreou. – Hm. Tá. Eu vim dizer, dizer a Cath – ele olhou para ela – que minha história foi selecionada para o *Prairie Schooner*. É o jornal literário da faculdade – ele explicou a Wren. – É uma honra incrível para um aluno.

– Parabéns – disse Cath, sentindo-se usada mais uma vez. Como se ele a roubasse de novo, dessa vez a mão armada.

Nick agradeceu.

– É. Bem... O conselheiro da faculdade, você sabe, a professora Piper, ela, hm... – Ele olhou ao redor do corredor, agitado, depois soltou ligeira bufada. – Ela sabe que você me ajudou com a história, e achou que seria legal se dividíssemos o crédito.

– A história dele... – Wren olhou para Cath.

– Legal? – Cath perguntou.

– É um jornal de prestígio – Nick disse. – E será um crédito completo de coautoria; podemos até colocar em ordem alfabética. Seu nome vai primeiro.

Cath sentiu uma mão nas costas.

– Oi – disse Levi, beijando-a na testa. – Saí mais cedo. Oi – disse ele, bem alto, para Nick, esticando o braço em torno de Cath para cumprimentar o outro. – Sou o Levi.

Nick cumprimentou-o, parecendo confuso e incomodado.

– Nick.

– Nick da biblioteca – disse Levi, ainda alegre, descansando o braço em torno dos ombros de Cath.

Nick olhou de volta para ela.

– Então, o que acha? Tudo bem? Pode dizer à Piper que tá tudo bem?

– Não sei – disse Cath. – É só que... – Só, só, só. – Depois de tudo, não sei se me sinto confortável...

Ele pressionou os olhos azuis-marinhos contra ela.

– Você precisa dizer sim, Cath. Essa é uma grande oportunidade pra mim. Sabe quanto eu quero isso.

– Então aceite – ela disse, baixinho. Estava tentando fingir que todas as pessoas da sua vida não estavam ali escutando. – Pode ficar, Nick. Não tem que dividir comigo.

Nick fingia a mesma coisa.

– Não posso – disse ele, dando mais um passo adiante. – Ela, a professora Piper, diz que sai com os dois nomes ou não sai. Cath. *Por favor*.

O corredor ficou muito silencioso.

Reagan olhava para Nick como se já estivesse amarrando-o aos trilhos do trem.

Wren olhava para ele como se fosse uma das meninas descoladas dos contos dele. Emanando desprezo.

Levi sorria. Como sorria para os caras bêbados naquela noite, no Muggsy's. Antes de ter convencido Jandro a dar uns socos.

Cath voltou a fingir que eles não estavam lá. Pensou na história de Nick – *a história deles?* –, sobre tudo que ela colocara ali e na chance de poder ganhar algo de volta.

E então pensou em aparecer ao lado dele entre as prateleiras, tentando fazê-lo soltar o caderno.

Levi apertou o ombro dela.

– Desculpa – disse Cath. – Mas não quero crédito nenhum. Você tinha razão o tempo todo. A história é sua.

– Não – ele disse, cerrando os dentes. – Não posso perder isso.

– Você vai ter outra oportunidade. É um ótimo escritor, Nick – disse ela, sinceramente. – Não precisa de mim.

– Não. Não posso perder isso. Já perdi o cargo de professor assistente por causa de você.

Cath deu um passo atrás. Para perto de Levi.

Reagan abriu mais a porta, e Wren passou por Nick, trazendo Cath para dentro do quarto.

– Foi um prazer conhecê-lo – disse Levi, e seria preciso conhecer o rapaz muito bem para saber que ele não foi sincero.

Nick manteve a pose, como se pensasse ainda que poderia convencer Cath a ajudá-lo.

Reagan bateu a porta na cara dele.

– Você tava mesmo saindo com esse cara? – ela perguntou, antes de ter totalmente fechado. – Era o seu namorado da biblioteca?

– Parceiro de escrita – disse Cath, evitando todos, colocando a bolsa na mesa.

– Que babaca – Reagan murmurou. – Tenho quase certeza de que a minha mãe tem um lenço desses.

– Ele roubou a sua história? – Wren perguntou. – A que vocês escreveram juntos?

– Não. Não exatamente. – Cath deu meia volta. – Não faz diferença – disse, o mais firme que pôde. – Beleza?

Ela olhou para os três rostos, já prontos para se sentirem ofendidos por ela, e percebeu que realmente *não* importava. Nick – o rapaz que não conseguia escrever sua história de *antiamor* sem a ajuda dela – era história passada.

Ela sorriu para Levi.

– Você tá bem? – ele perguntou, sorrindo de volta porque não aguentava. (Que fofo. Que fofo para o infinito e além!)

– Tô ótima – disse ela.

Wren ainda media a irmã.

– Ótima – disse, pensando em algo. – Tá. Ótima. – Depois virou-se para Levi e lhe deu um

soco no braço. – Beleza, Tenente Starbuck, já que está aqui, podia me levar pra Casa da Fazenda. E podia arranjar uns *mochas* de chocolate branco pra nós no caminho.

– Podemos ir agora – disse Levi, animado. – Estacionei aqui na frente.

Cath pegou a bolsa novamente.

– E eu quero que as duas fiquem sabendo – disse Levi, abrindo a porta (Cath deu uma espiada para ter certeza de que Nick se fora) – que eu sei que isso foi uma referência a *Battlestar Galactica*.

– Tá, tá, tá – disse Wren –, você é um *geek* de primeira.

Quando chegaram à casa de Jandro, Levi saiu de novo para ajudar Wren a sair. Somente às vezes ele fazia isso para Cath. Geralmente, ela já tinha saído antes dele conseguir chegar à porta. Quando Wren saiu, Cath escorregou, relutante, do banco do motorista, e colocou o cinto de segurança.

Levi deu a partida na caminhonete e pôs a marcha sem olhar para ela. Não a olhara direito desde que saíram do quarto.

– Tá tudo bem? – ela perguntou.

– Tá. Só tô com fome. Você tá com fome? – Ainda não a olhara.

– É por causa do Nick? – ela perguntou. Percebeu que torcia para que fosse por causa do Nick.

– Não – disse Levi. – Deveria ser? Parecia que você não queria falar sobre ele.

– Não quero.

– Tá. Tá com fome?

– Não. Tá com ciúme?

– Não. – Ele balançou a cabeça, parecia querer se livrar de algum pensamento, depois virou-se para ela e sorriu. – Quer que eu esteja? – Ele ergueu uma sobrancelha. – Posso fazer um escândalo se você gosta desse tipo de coisa.

– Acho que não – disse Cath. – Obrigada, mesmo assim.

– Ótimo. Tô com fome demais pra ficar com raiva. Se importa se pararmos em algum lugar?

– Não – ela disse. – Ou posso fazer alguma coisa pra você. Ovos.

Levi ficou radiante.

– Nossa, pode. Posso assistir?

Cath sorriu.

– Você é ridículo.

Levi queria uma omelete. Ele tirou ovos e queijo da geladeira, e Cath achou uma frigideira e manteiga. (A cozinha não mais lembrava Cath da menina loira. Ela não tinha poder de aderência.)

Cath acabara de quebrar três ovos quando Levi puxou-a pelo rabo de cavalo.

– Ei.

– Hm?

– Por que sua irmã não gosta de mim?

– Todo mundo gosta de você – disse Cath, batendo os ovos com um garfo.

– Então por que você só fica com ela quando eu não tô por perto?

Cath fitou-o. Estava encostado na pia.

– Queijo – ela disse, apontando para as mãos dele. – Ralador. – Como ele continuava olhando para ela, Cath disse: – Talvez eu goste de ter você só pra mim.

– Talvez... – disse ele, passando uma das mãos no cabelo. – Talvez eu te envergonhe.

Ela colocou os ovos na frigideira, e alcançou sozinha o ralador de queijo.

– Do que eu teria vergonha? De você ser um gato e ter uma personalidade irresistível?

– Alejandro é um baita acadêmico – disse Levi, baixinho, atrás dela. – E a família dele é dona de metade dos Morros de Areia.

– Espera... o quê? – Cath largou tudo e virou-se para ele. – Você acha mesmo que eu tenho vergonha de você?

Levi sorriu gentilmente e deu de ombros.

– Não tô com raiva, docinho.

– Não, você tá maluco. Eu nem sabia essas coisas sobre o Jandro, e, afinal, quem liga? – Cath levou as mãos ao peito dele e apertou os punhos na blusa preta que ele usava. – Gente. Levi. Olha pra você... você é... – Ela não tinha palavras para dizer o que ele era. Era uma figura rupestre. Era o *Balão vermelho*. Ela se ergueu nos calcanhares e puxou-o para frente até que seu rosto estava tão perto que ela só conseguia mirar um dos olhos dele por vez. – Você é *mágico*.

Os olhos dele sorriram tanto que quase se fecharam. Ela beijou-lhe o canto da boca, e ele virou o rosto para beijá-la nos lábios.

– Por que, então? – ele perguntou. – Ela não gosta de mim? Eu acabo com o seu estilo? Dá pra notar que você não me quer por perto quando ela tá junto.

Cath empurrou o peito dele, afastando-se, e voltou ao fogão, ralando o queijo rapidamente sobre os ovos.

– Não tem nada a ver com você.

Levi tentou entrar no campo de visão dela, inclinando-se sobre o balcão, ao lado do fogão.

– Como é que eu vou saber?

– É que... nada, é estranho – ela disse. – Seria diferente se você tivesse crescido com a gente, ou nos conhecido ao mesmo tempo...

– O que seria diferente?

Cath balançou a cabeça e raspou a omelete com uma escumadeira de madeira.

– Então eu saberia que você teve informação suficiente pra me escolher.

Levi inclinou-se sobre o fogão, tentando encontrar os olhos dela de novo.

– Volte – ela disse –, vai se queimar.

Ele voltou, mas só alguns centímetros.

- É claro que eu escolho você.
- Mas você não conhecia a Wren.
- Cath...

Ela queria que houvesse mais que fazer com omeletes além de ficar vigiando.

- Sei que você acha ela bonita...
- Sabe que é porque eu acho você bonita.
- Você disse que ela era gostosa.
- Quando?

– Quando a conheceu. – Levi pareceu confuso por um segundo, uma sobrancelha arqueada lindamente. – Você a chamou de Super-Homem.

– Cather – ele disse, recordando. – Eu tava tentando chamar a sua atenção. Tentando dizer que você era gostosa também, mas indiretamente.

- Bom, foi péssimo.
- Desculpe. – Ele a pegou pela cintura de novo. Ela continuava de olho nos ovos.
- Sei que você gosta de mim – ela disse.
- Sabe que eu amo você.

Cath continuava fitando a frigideira.

– Mas ela é muito parecida. Alguns dos nossos melhores amigos não sabem diferenciar. E então, quando conseguem, é porque Wren é a melhor. Porque ela fala mais ou sorri mais... ou é mais bonita mesmo.

- Consigo diferenciar vocês numa boa.
- Cabelo comprido. Óculos.
- Cath... para com isso, olha pra mim. – Ele a puxou pelos ganchos da calça, e ela virou a omelete antes de se deixar levar. – Consigo diferenciar.
- A voz é parecida. A fala é meio parecida. Fazemos os mesmos gestos.
- Verdade – disse ele, segurando o queixo dela –, mas isso acaba meio que tornando as diferenças ainda mais dramáticas.

– Como assim?

– Assim, às vezes sua irmã fala alguma coisa, e fico chocado de ouvir aquela fala com a sua voz.

Cath olhou-o bem nos olhos, pensativa. Eram grandes e honestos.

– Como o quê?

– Não consigo pensar em algo específico – disse ele. – É tipo... ela sorri mais do que você. Mas é mais dura, de algum modo. Mais fechada.

– Sou eu quem nunca sai do quarto.

– Não estou explicando direito... Gosto da Wren, do que conheço dela. Mas ela é mais... enérgica que você.

– Confiante.

– Em parte. Talvez. Tá mais para... Ela tira o que quer de uma situação.

– Não tem nada de errado nisso.

– Não, eu sei. Mas não é você. Você não força em momento algum. Você presta atenção.

Assimila tudo. Gosto disso em você... acho melhor.

Cath fechou os olhos e sentiu lágrimas na bochecha.

– Gosto dos óculos também – disse ele. – Gosto das suas camisetas do Simon Snow. Gosto do fato de você não sorrir pra todo mundo porque, quando sorri pra mim... *Cather*. – Ele a beijou na boca. – Olha pra mim.

Ela olhou.

– Escolho você no lugar de todo mundo.

Cath respirou, sofrida, e ergueu uma mão para tocar-lhe o queixo.

– Amo você – disse. – Levi.

Ele fez uma carinha antes de beijá-la.

Afastou-se alguns segundos depois...

– Fala de novo.

Ela teve que fazer outra omelete para ele.

– Sabe qual é a coisa mais decepcionante em ser um mago?

Penélope fez que não e revirou os olhos, uma combinação que aperfeiçoara terrivelmente ao longo dos anos.

– Não seja bobo, Simon. Não há nada decepcionante em ser mago.

– Tem sim – ele argumentou, em parte, apenas para provocá-la. – Eu sempre achei que teríamos aprendido a voar nessa época.

– Ah, tá – disse Penélope. – Qualquer um pode voar. Qualquer um com um amigo.

Ela ergueu o dedo com o anel para ele e sorriu:

– Alto, alto e avante!

Simon sentiu o piso desprender-se de seus pés e riu o tempo todo enquanto fazia uma pirueta em pleno ar. Quando parou em pé de novo, acenou sua varinha para ela.

Capítulo 11, *Simon Snow e as Cinco Lâminas*, copyright Gemma T. Leslie

Trinta e Cinco

– Olha pra eles – disse Reagan, balançando a cabeça, carinhosa. – Estão todos crescidos.

Cath tirou os olhos da barra de cereal e observou duas calouras de ressaca atrapalhadas com as colheres.

– Ainda me lembro da noite em que chegaram em casa com a primeira tatuagem do Meu Pequeno Pônei – disse Reagan.

– E da manhã em que notamos que as tatuagens tavam infectadas – Cath acrescentou, tomando suco de tomate. Isso era algo de que sentiria falta dos dormitórios. Quatro tipos diferentes de suco à vontade, inclusive de tomate; onde mais se conseguia suco de tomate? Reagan odiava vê-la tomando esse.

– Parece que você tá bebendo sangue – ela dizia –, se sangue tivesse consistência de molho.

Reagan continuava fitando as meninas de ressaca.

– Fico imaginando quantos rostos conhecidos vamos ver ano que vem. A cada ano vem uma nova leva, e a maioria não volta aos dormitórios para um segundo *tour*.

– Ano que vem – disse Cath –, não vou cometer o erro de me apegar tanto.

Reagan bufou.

– Precisamos entregar os formulários de moradia se quisermos ficar no mesmo quarto ano que vem.

Cath baixou o copo de suco.

– Espera... Tá dizendo que quer morar comigo de novo?

– Claro, gata, você nem fica em casa. É como se finalmente eu morasse sozinha.

Cath sorriu. Depois deu outro golão no suco de tomate.

– Bom... vou pensar no assunto. Você tem mais algum ex-namorado gostoso?

Wren tinha razão.

Ficara no pé de Cath para que ela postasse um capítulo de *Vá em frente, Simon* toda noite.

– Senão, você não vai sair na frente de *A Oitava Dança*.

Elas iam à festa de lançamento à meia-noite na Bookworm, em Omaha. Levi queria ir também.

– Vamos fazer cosplay? – ele perguntara, certa noite, no quarto dele.

– Não fazemos isso desde a escola. – Cath estava sentada no sofá com o notebook. Estava conseguindo escrever com ele junto; estava tão focada em *Vá em frente* que poderia escrever numa sala cheia de animais de circo.

– Droga – disse ele –, eu queria fazer cosplay.

– Queria ir de quem?
– O Mago. Ou talvez um dos vampiros... Conde Vidália. Ou Baz. Isso ia te deixar louca de desejo?
– Já estou louca de desejo.
– Disse ela, do outro lado do quarto.
– Desculpa – disse Cath, esfregando os olhos. Levi passara a noite toda cutucando-a. Provocando-a. Tentando fazê-la sair de sua mente para brincar. – Só preciso terminar este capítulo se quiser que Wren leia antes dela dormir.

Cath estava tão perto do final que cada capítulo parecia importante. Se escrevesse algo idiota agora, não seria capaz de consertar ou retomar depois. Não havia espaço para enrolação; cada capítulo significava a resolução de uma linha de enredo ou era uma grande cena de um personagem. Ela queria que todos tivessem o final que mereciam. Não somente Baz e Simon e Agatha e Penélope, mas todos os outros personagens também. Declan, o relutante caçador de vampiros, Eb, o pastor, Professora Benedita, Capitão Mac...

Cath tentava não prestar atenção à contagem de acessos – só aumentava a pressão –, mas sabia que estavam astronômicos. Dezenas de milhares. Estava recebendo tantos comentários que Wren estava lidando com eles, usando o perfil de Cath para agradecer às pessoas e responder a perguntas básicas.

Cath estava levando as matérias com certa displicência. Todos os outros trabalhos pareciam obstáculos que ela precisava transpor para chegar a Simon e Baz.

Uma coisa que resultava de todo esse escrever... seu cérebro não se desligava do Mundo dos Magos. Quando ela se sentava para escrever, não tinha que voltar lentamente à história, esperar se acostumar à temperatura. Ela já estava lá, o tempo todo. O dia todo. A vida real era algo que acontecia em sua visão periférica.

A tampa do notebook se fechou, mas Cath teve tempo de tirar os dedos. Ela nem percebera Levi se aproximando do sofá. Ele pegou o computador e pousou-o gentilmente no chão.

– Pausa para os comerciais.
– Livros não têm comerciais.
– Não sou muito de leitura – disse ele, puxando-a para o colo. – Intervenção, então?

Cath escalou-o com relutância, ainda pensando na última coisa que digitara, não muito certa de que queria deixá-la para trás.

– Livros também não têm intervenções.
– O que eles têm?
– Finais.

As mãos dele estavam nos quadris dela.

– Você vai chegar lá – ele disse, passando o nariz no colarinho da camiseta dela. O cabelo dele roçou-a no queixo, quebrando o feitiço em sua mente. Ou lançando um novo.

– Tá bom – ela suspirou, beijando a cabeça dele, embalada no colo. – Tá bom. Intervenção.

– Você precisa dar um capítulo só para a Penélope – disse Wren. Estavam voltando para os dormitórios, pisando em poças d’água. Wren estava de botas amarelas de borracha, e não parava de pular nas poças, molhando as pernas e tornozelos da irmã.

– Onde vou colocar? – Cath disse, ofegante. A neve estava derretendo, mas ainda dava para ver o vapor do hálito. – Eu devia ter escrito duas semanas atrás. Agora vai parecer forçado... É por isso que os autores de verdade esperam até ter o livro inteiro antes de mostrar às pessoas; eu mataria pra poder voltar ao começo e reescrever.

– Você é uma autora de verdade – disse Wren, jorrando água. – É como Dickens. Que também escrevia às prestações.

– Vou destruir essas botas.

– Invejosa. – Wren pisou em outra poça.

– Não estou com inveja. Elas são medonhas. Aposto que fazem os pés suarem.

– Quem liga? Ninguém repara.

– Vou reparar quando você voltar ao meu quarto e tirá-las. São nojentas.

– Ei – disse Wren –, queria falar com você sobre aquilo.

– O quê?

– Seu quarto. Quartos. Colegas de quarto... Tava pensando que no ano que vem a gente podia ficar no mesmo quarto. Podemos morar em Pound, se você quiser; eu não ligo.

Cath parou e se virou para a irmã. Wren continuou andando por um segundo antes de reparar e parou também.

– Quer ser minha colega de quarto? – Cath perguntou.

Wren ficou nervosa. Deu de ombros.

– Quero. Se você quiser. Se não estiver brava por causa de... de tudo.

– Não estou brava – disse Cath. Lembrou-se do dia no verão anterior em que Wren lhe dissera que não queria morar com ela. Cath jamais se sentira tão traída. Talvez só uma outra vez. – Não estou brava – disse de novo, dessa vez com convicção.

Wren abriu um sorriso.

– Que bom.

– Mas não posso – disse Cath.

Wren ficou pasma.

– Como assim?

– Bom, já disse à Reagan que vou morar com ela de novo.

– Mas a Reagan te odeia.

– O quê? Não odeia, não. Por que diz isso?

– Ela é tão ruim com você.

– É o jeito dela. Acho que sou a melhor amiga dela, na verdade.

– Ah – disse Wren. Pareceu diminuída. Cath não soube o que dizer...

– Você é minha melhor amiga – disse Cath, sem jeito. – Sabe. Embutida. Pra sempre.

Wren assentiu.

– Sim... Não, tudo bem. Eu devia ter pensado nisso, vocês morarem juntas de novo. – Ela começou a andar e Cath seguiu.

– E a Courtney?

– Ela vai se mudar pra casa das Delta Gamma.

– Ah. Esqueci que ela era dessas.

– Mas não foi por isso que eu pedi – disse Wren, como se fosse importante deixar isso claro.

– Você devia se mudar pro Pound. E morar no nosso andar... Sério.

Wren sorriu e aprumou os ombros, já recobrada.

– É – disse. – Boa. Por que não? É mais perto do campus.

Cath pisou na maior poça à frente, molhando Wren até as coxas. Esta pulou e gritou, e valeu muito a pena. Os pés de Cath já estavam úmidos.

– Pela graça de Morgana, Simon, vai com calma. – Penélope estendeu o braço na frente dele e olhou ao redor do pátio estranhamente iluminado. – Tem mais de um jeito de passar por um portão em chamas.

Capítulo 11, *Simon Snow e o Terceiro Portão*, copyright Gemma T. Leslie, 2004

Trinta e Seis

Cath estava escrevendo fazia horas, e quando ouviu alguém batendo à porta, sentiu-se como se estivesse em pé no fundo de um lago, olhando para o sol.

Era Levi.

– Oi – ela disse, colocando os óculos. – Por que não mandou mensagem? Eu teria descido.

– Eu mandei – disse ele, beijando-a na testa. Ela tirou o celular do bolso. Não vira duas mensagens e uma ligação. Estava no silencioso.

– Desculpe – disse, balançando a cabeça. – Deixa eu me arrumar.

Levi caiu na cama dela e ficou observando. Vê-lo ali, encostado na parede, trouxe tantas memórias e tanta ternura que ela subiu na cama e começou a beijar todo o rosto dele.

Ele sorriu e a envolveu com os braços.

– Tem muita coisa pra escrever?

– Tenho – disse ela, esfregando o queixo no dele. – Muita coisa antes de ir dormir.

– Já mostrou alguma coisa pra sua professora?

Cath acabara de começar a beijar-lhe o queixo e se afastou, vendo as marcas dos dentes.

– Como assim?

– Tem entregado pedaço por pedaço, ou está esperando a história toda terminar?

– Eu... andei trabalhando em *Vá em frente*.

– Não, eu sei – disse ele, sorrindo e alisando o cabelo dela. – Mas andei pensando no seu projeto de Escrita de ficção. Quero que leia pra mim quando terminar.

Cath sentou-se na cama. As mãos dele não deixaram a cabeça e o quadril dela.

– Eu... não tenho escrito esse.

– Não quer ler pra mim? É muito pessoal?

– Não. Não tenho escrito. É que... não vou fazer.

O sorriso de Levi desapareceu. Não compreendia.

– Não estou escrevendo – ela disse. – Foi um erro dizer que eu escreveria.

As mãos dele a apertaram mais forte.

– Não foi, não. Como assim? Não começou?

Cath se afastou, saiu da cama e voltou para a mesa, para arrumar o notebook.

– Estava errada quando disse à professora que conseguiria... Não consigo. Não tenho uma ideia, e é coisa demais. Nem sei se vou conseguir terminar *Vá em frente*.

– Claro que vai.

Ela olhou para ele com dureza.

– Só tenho nove dias.

Levi continuava confuso. E talvez um pouco chateado.

– Você tem doze dias até o fim do semestre. E cerca de catorze antes de eu voltar pra Arnold, mas, até onde eu sei, tem o resto da sua vida pra terminar *Vá em frente*.

Cath sentiu que sua cara se fechara.

– Você não entende – ela disse. – Nada.

– Então me explica.

– *Simon Snow e a Oitava Dança* sai em nove dias.

Levi deu de ombros.

– E daí?

– E daí que faz dois anos que venho trabalhando pra isso.

– Pra terminar *Vá em frente*?

– Sim. E tenho que terminar antes que a série termine.

– Por quê? Gemma Leslie te desafiou pra uma corrida?

Cath meteu o cabo de energia enrolado dentro da bolsa.

– Você não entende.

Levi suspirou e passou os dedos pelo cabelo.

– Tem razão. Não entendo.

As mãos de Cath tremiam quando ela as passou por dentro das mangas da jaqueta, uma blusa grossa de tricô perpassada por velo.

– Não entendo como você consegue jogar fora essa matéria duas vezes – disse Levi, franzindo, todo afobado. – Tenho que lutar por toda nota que ganho. Eu mataria pra ter uma segunda chance na maioria das matérias. E você só tá fugindo desse trabalho porque não tá com vontade de fazer, porque tem esse prazo arbitrário, e não enxerga nada além disso.

– Não quero mais falar sobre isso.

– Você não quer falar e ponto.

– Isso mesmo. Não tenho tempo agora pra discutir com você.

Foi a coisa errada a dizer. Levi a encarou, ofendido. Cath procurou algo para dizer, mas tudo que lhe vinha à mente não servia.

– Talvez seja melhor eu ficar aqui hoje à noite – disse.

Levi a fitou com um olhar mais frio do que ela o julgara capaz de fazer. Tinha dois vincos profundos entre as sobrancelhas.

– Beleza – disse ele, levantando-se. – Te vejo em nove dias.

Ele já havia saído antes que ela pudesse dizer qualquer coisa.

Cath não estava tentando brigar para passar nove dias longe; só queria um tempo naquela noite – não tinha tempo para se sentir culpada com relação à matéria de ficção. Até pensar naquela história idiota fazia Cath se sentir invadida e exposta.

Ela se deitou na cama e começou a chorar. O travesseiro não cheirava a Levi. Não cheirava

a nenhum deles.

Ele não entendia.

Quando o último livro de Simon Snow saísse, estaria tudo acabado. Tudo. Todos aqueles anos de imaginar e reimaginar. Gemma T. Leslie teria a última palavra, e seria o fim; tudo o que Cath criara durante os dois anos anteriores se transformaria num universo alternativo. Oficialmente não complacente...

Um pensamento a fez rir por entre as lágrimas, patética, contra o travesseiro.

Como se ganhar da GTL na corrida fizesse diferença.

Como se Cath pudesse de fato fazer Baz e Simon viverem felizes para sempre apenas escrevendo isso. *Desculpe, Gemma, aprecio o que você fez aqui, mas acho que todos podemos concordar que a história deveria mesmo acabar assim.*

Não era uma corrida. Gemma T. Leslie nem sabia da existência de Cath. Felizmente.

E, no entanto... quando Cath fechava os olhos, tudo o que via era Baz e Simon.

Tudo o que podia ouvir era os dois conversando em sua mente. Eram dela, como sempre haviam sido. Amavam-se porque ela acreditava nisso. Precisavam de que ela consertasse tudo para eles. Precisavam de que ela os levasse adiante.

Baz e Simon em sua mente. Levi em seu estômago.

Levi por aí, foi embora.

Em nove dias, tudo terminaria. Em doze dias, Cath não seria mais primeiranista. E em catorze...

Gente, ela era uma idiota.

Será que seria essa idiota para sempre? Por toda a sua vida miserável?

Cath chorou até não ver mais sentido no choro, depois caiu da cama e foi tomar água. Quando abriu a porta, Levi estava sentado no corredor, as pernas dobradas, com a cabeça tombada sobre os joelhos. Ele levantou a cabeça quando ela apareceu.

– Sou um idiota – disse ele.

Cath caiu entre os joelhos dele e o abraçou.

– Não acredito que eu disse isso – ele disse. – Não consigo nem ficar nove *horas* sem ver você.

– Não, você tá certo. Eu tenho dado uma de louca. Essa história toda é uma loucura. Nem é real.

– Não foi isso que eu quis dizer... é real, sim. Você tem que terminar.

– Sim – disse ela, beijando-o no queixo, tentando lembrar-se de onde pararam. – Mas não hoje. Você tem razão. Tenho tempo. Eles vão esperar por mim. – Ela enfiou as mãos dentro do casaco dele.

Ele a envolveu pelos ombros.

– Faça o que tiver que fazer. Só me deixa ficar aqui. Durante as próximas duas semanas, tá?

Ela fez que sim. Catorze dias. Com Levi. E então as cortinas encerrariam o ano.

– Talvez lutar contra ele não seja a resposta – disse Simon.

– O quê? – Baz estava encostado numa árvore, tentando recuperar o fôlego. Seu cabelo estava pendurado por entre gavinhas melequentas, e o rosto sujo com muco e sangue; Simon devia estar pior ainda.

– Você não vai desistir agora – disse Baz, estendendo as mãos para o peito de Simon, puxando-o para a frente, bravamente, pelas faixas abotoadas da capa. – Não vou deixar.

– Não vou desistir – disse Simon. – É que... Talvez lutar não seja a resposta. Não foi a resposta com você. Baz arqueou uma sobrancelha, elegante.

– Vai dar um beijo em Humdrum, então? Esse é seu plano? Porque ele tem só onze anos. E se parece com você. Isso é vaidade e depravação, Snow, até mesmo pra você.

Simon riu com dificuldade e ergueu a mão, pondo-a na nuca de Baz, segurando-o com firmeza.

– Não sei o que vou fazer. Mas chega de lutar, Baz. Se continuarmos assim, não vai haver mais nada pelo que lutar.

De *Vá em frente, Simon*, postado em abril de 2012 por Magicath, autora do FanFixx.net

Trinta e Sete

- Cather.
- Hmmmm.
- Oi. Acorda.
- Não.
- Sim.
- Por quê?
- Tenho que ir trabalhar. Se a gente não sair logo, vou me atrasar.

Cath abriu os olhos. Levi estava de banho tomado e metido nas roupas góticas da Starbucks. Cheirava a sabão.

- Posso ficar?
- Aqui?
- É.
- Vai ficar presa o dia todo.
- Eu gosto daqui. E, enfim, vou ficar escrevendo.

Ele sorriu.

– Tá bom, claro. Eu trago o jantar... Escreva bastante – disse ele, beijando-a na testa. – Manda um beijo pra Baz e Simon.

Ela pensou em voltar a dormir, mas não podia. Levantou-se e tomou banho (ficou com o cheirinho do Levi), feliz de não haver mais ninguém no corredor. Pelo menos um dos moradores estava em casa. Dava para ouvir música.

Ela apertou o botão de ligar e esperou que o computador acordasse. Depois abriu um documento no editor de texto e viu o cursor piscando – via também o próprio rosto na tela. Dez mil palavras, e nenhuma delas tinha de ser boa; somente uma pessoa as leria. Nem importava por onde Cath começaria, contanto que terminasse. Começou a digitar...

Sentei-me nos degraus.

Não...

Ela se sentou nos degraus.

Cada palavra pareceu pesada e dolorida, como se Cath as tirasse, uma por uma, do estômago.

Um avião passou voando lá no alto, e aquilo estava errado, todo errado, e sua irmã também sabia, porque

apertava a mão dela como se as duas fossem desaparecer se ela não o fizesse.

Não estava bom, mas era algo. Cath podia mudar depois. Essa era a beleza de amontoar palavras – ficavam mais leves quanto mais você as tinha. Seria legal voltar e cortar esse pedaço quando ela tivesse escrito algo melhor.

O avião voava tão lentamente, movendo-se com tanta preguiça pelo céu, que parecia estar apenas escolhendo a cobertura perfeita para pousar. Dava para ouvir o motor; parecia mais próximo do que as vozes que gritavam dentro da casa. Sua irmã ergueu a mão como se pudesse tocá-lo. Como se quisesse segurar-se nele.

A menina apertou bem a mão da irmã, tentando prendê-la aos degraus. Se você se for, pensou ela, eu vou com você.

Às vezes, escrever é como descer um morro, seus dedos tocam o teclado do mesmo modo que suas pernas pisam o chão quando não conseguem lutar contra a gravidade.

Cath sentiu e sentiu, deixando uma trilha de palavras bagunçadas e más comparações atrás de si. O queixo tremeu algumas vezes. Limpou os olhos na blusa algumas vezes também.

Quando fez uma pausa, notou-se faminta e com tanta vontade de fazer xixi que quase não teve tempo de alcançar o banheiro, no terceiro andar. Encontrou uma barrinha de proteína na bolsa de Levi, voltou para a cama dele, e continuou escrevendo até ouvi-lo subindo as escadas.

Fechou o notebook antes da porta se abrir – e a visão dele sorrindo gerou um ardor que ia de seus olhos até a garganta.

– Pare de pular – Wren ralhou. – Tá fazendo a gente parecer nerd.

– Exato – disse Reagan. – Só por isso a gente tá parecendo nerd. Os pulos.

Levi sorriu para Cath.

– Desculpe. A atmosfera tá me contagiando. – Ele estava usando a camiseta vermelha dela escrito *Vá em frente* por cima de uma camiseta preta de manga comprida, e, por alguma razão, ver Baz e Simon de frente um para o outro no peito dele era perturbadoramente sensual.

– Tudo bem – disse ela. A atmosfera a estava contagiando também. Passaram mais de duas horas esperando na fila. Na livraria, tocava a trilha sonora do filme de Simon Snow, e havia gente para todo canto. Cath reconhecera alguns deles de outras estreias noturnas; era como se todos fossem membros de um clube que se encontrava a cada dois anos.

23h58.

Os vendedores começaram a empilhar grandes caixas de livros – caixas especiais, azul-marinho com estrelas douradas. A gerente da loja vestia uma capa e um chapéu pontudo muito equivocados. (Ninguém em Watford usava chapéu pontudo.) Ela subiu numa cadeira e tocou uma das caixas registradoras com uma varinha mágica que se parecia com algo que a Sininho usaria. Cath revirou os olhos.

– Chega de teatrinho – disse Reagan. – Tenho prova final amanhã.

Levi voltou a dar pulinhos.

A gerente recebeu a primeira pessoa da fila com grande cerimônia, e todos na loja

começaram a aplaudir. A fila andou – e alguns minutos depois, Cath estava lá no caixa, e o atendente lhe entregava um livro que devia ter uma lombada de pelo menos três centímetros. A capa parecia de veludo.

Cath saiu do caixa, tentando abrir caminho, segurando o livro com as duas mãos. Havia uma ilustração de Simon na frente, segurando a Espada dos Magos sob um céu cheio de estrelas.

– Você tá bem? – ela ouviu alguém, talvez Levi, perguntar. – Ei... tá chorando?

Cath passou os dedos pela capa, pelas letras douradas em alto relevo.

Depois veio alguém correndo para ela, e empurrou o livro contra seu peito. Dois livros contra seu peito. Cath olhou para a frente e viu Wren, que a abraçou.

– As duas tão chorando – Cath ouviu Reagan dizer. – Não consigo nem olhar.

Cath liberou um dos braços e abraçou a irmã.

– Não acredito que acabou mesmo – sussurrou.

Wren a abraçou com força e balançou a cabeça. Estava chorando mesmo.

– Não seja tão melodramática, Cath – Wren riu, rouca. – Nunca acaba... É o Simon.

Simon aproximou-se de Humdrum. Nunca estivera tão perto. O calor e a atração eram quase demais para ele suportar; sentia-a como se a criatura fosse sugar seu coração, rompendo-lhe o peito, e os pensamentos de sua cabeça.

– Eu o criei com a minha fome – disse Simon. – Com minha necessidade de magia.

– Com sua capacidade – disse o outro.

Simon deu de ombros, um esforço hercúleo na presença e intensidade de Humdrum. Passara a vida toda, bem, os últimos dezoito anos dela, tentando tornar-se mais poderoso, tentando estar à altura de seu destino – tentando tornar-se o tipo de mago, talvez o único mago, que poderia derrotar Humdrum, o Traíçoeiro.

E tudo o que fizera foi alimentar a força de Humdrum.

Simon deu o último passo adiante.

– Não tenho mais fome.

Capítulo 27, *Simon Snow e a Oitava Dança*, copyright Gemma T. Leslie, 2012

Trinta e Oito

Era sua última noite de sexta-feira em Pound Hall.

Havia um garoto em seu quarto.

Na cama de Cath, tomando muito mais espaço do que lhe cabia, comendo o resto de sua manteiga de amendoim.

Ele tirou a colher da boca.

– Você entregou?

– Escorreguei por debaixo da porta. Mandeí por e-mail também, por via das dúvidas.

– Vai ler pra mim?

– *Pfff*. – Cath tirou *A Oitava Dança* da bolsa e jogou na cama. – Prioridades – disse. – Abra espaço.

Levi torceu o nariz e tentou tirar um naco de manteiga de amendoim do dente.

Cath empurrou-o pelo ombro – *Abra espaço* –, e ele sorriu, inclinando-se sobre o travesseiro dela, dando um tapinha no espaço entre as pernas. Ela escalou por entre os joelhos dele, e ele a envolveu nos braços, puxando-a para perto. Ela sentiu o queixo dele na nuca.

– Vai cuspir a manteiga de amendoim no meu cabelo?

– Por prevenção. Quando eu cuspir chiclete depois, não vai grudar.

Ela abriu o livro e tentou achar o ponto. Era imenso. Estavam lendo fazia dois dias, aproveitando as pausas entre estudos e provas, e ainda faltavam quatrocentas páginas. Tinham somente uma semana para ficar junto, e Cath queria ler até ficar sem fôlego.

– Não acredito que ainda não me contaram nada do enredo – disse ela.

– Eu planejava te contar outra coisa depois. Mas, se quiser, podemos fazer isso agora.

– Almocei hoje com a Wren, e ela quase me contou o final quatro vezes. Nem ousou entrar na internet, as pessoas ficam tagarelando no FanFixx...

– Fiz um cartaz pra colocar no avental que diz assim: *Não me contem o que acontece com Simon Snow*.

– Talvez eu devesse escrever isso na testa.

– Posso fazer isso por você.

– Lembra-se de onde paramos? Tirei o marcador.

– Página 319. Humdrum fez os lobos do mar se virarem contra a escola, e eles estavam rastejando por todo canto, arrastando as nadadeiras, molhando tudo e metendo os dentes na criançada, e depois Penélope Bunce, a heroína da nossa história, fez um feitiço que fez chover prata das nuvens...

- Acho que foi o Baz que fez isso.
- É, mas a Penélope tava junto. Participação instrumental.
- Página 319 – disse Cath. – Tá pronto?

Levi a puxou para perto, beijou-lhe a nuca algumas vezes, depois mordeu-a, colocou a namorada entre os joelhos e abraçou-a pela cintura.

– Pronto.

Cath imaginou-o fechando os olhos – e então preparou-se para ler.

A prata caiu feito mercúrio da pele de Simon, mas foi absorvida completamente no pelo do lobo-do-mar. Linhas cinza feito metal apareceram nos olhos amarelos da fera, e ela ficou mole, desabando no chão.

Simon recuperou o fôlego e olhou ao redor, para a grama. Todos os lobos-do-mar haviam caído, e Penélope conduzia as crianças mais novas para a relativa segurança da fortaleza.

Baz correu pelo gramado até Simon, batendo a prata de sua capa preta. Nem se preocupava em esconder as presas; Simon conseguia vê-las de longe.

Ele ajustou a pegada na Espada dos Magos e ergueu em aviso.

Baz parou na frente dele e suspirou.

– Dá um tempo, Snow.

Simon ergueu a espada ainda mais.

– Acha mesmo que quero lutar com você? – Baz perguntou. – Agora?

– Por que hoje seria diferente de todos os outros dias das nossas vidas?

– Porque hoje estamos em guerra. E estamos perdendo. Você tá perdendo... pela primeira vez. E é quase tão gostoso quanto eu pensei que seria.

Simon quis discutir – dizer que não estava perdendo, que não podia perder aquela luta –, mas não teve ânimo para tanto. Estava com medo, morrendo de medo, de que Baz tivesse razão.

– O que quer, Baz? – perguntou, fraco, baixando a espada ao lado de si.

– Quero te ajudar.

Simon riu e passou a manga da camisa no rosto. Ela deixou listras de prata e sangue.

– É mesmo? Vai me desculpar, espero, se eu não acreditar no que diz, dados os últimos oito anos em que você tentou me matar, etc.

– Não acha que eu já teria te matado se realmente quisesse? – Baz ergueu uma das sobrancelhas. – Não sou tão incompetente, viu? Eu só queria te chatear... e roubar sua namorada.

Simon apertou o cabo da espada com mais força. Baz deu um passo adiante.

– Snow, se você perder, todos nós perderemos. Eu gostaria que você sumisse do mundo, você e seu pai tirano. Mas não quero um mundo sem magia. Se Humdrum vencer...

Simon estudou o rosto sério e pálido de Baz, e seus olhos cinza incandescentes. Havia momentos em que Simon achava que conhecia aqueles olhos melhor do que os seus...

Levi riu.

– Shhh – disse Cath. – Não acredito que isso tá acontecendo...

... momentos em que achava que podia ler o rosto de seu inimigo melhor do que o de qualquer outro. Até mesmo de Agatha.

– Me deixa ajudar – disse Baz. Havia algo em sua voz que Simon não compreendia. Sinceridade, talvez. Vulnerabilidade.

Simon tomou uma decisão rapidamente. (Como nunca havia feito.) Acenou com a cabeça e guardou a Espada

dos Magos. Depois limpou as mãos nas calças e estendeu a mão.

Baz cravou os olhos nos de Simon mais feroz do que nunca, e Simon perguntou-se se haveria animosidade demais – história demais – entre eles para que pudessem ser amigos. Muita coisa para deixar de lado ou superar.

Todas as maldições.

Todos os feitiços.

Todas as vezes em que foram ao chão, bramindo punhos e varinhas, agarrando-se pelas gargantas...

E então Baz o cumprimentou.

Os dois magos, agora jovens adultos, deram as mãos e tiveram um momento de nada mais – afinal, o que mais haveria? – do que compreensão.

– E quanto à Agatha? – Simon perguntou quando o momento passou, quando suas mãos voltaram ao lado do corpo.

Baz sorriu e começou a subir o morro que levava ao castelo.

– Não seja bobo, Snow. Nunca vou desistir da Agatha.

Epílogo

O problema de brincar de esconde-esconde com a sua irmã é que, às vezes, ela fica entediada e para de procurar por você.

E você fica ali – embaixo do sofá, dentro do armário, escondida atrás de uma árvore – e não quer desistir, porque talvez ela só esteja ganhando tempo. Mas talvez tenha ido embora...

Talvez esteja lá embaixo vendo TV, comendo o resto das batatinhas.

Você espera. Espera até se esquecer do motivo da espera, até que se esqueça de que existe qualquer outra coisa para você além de silêncio e tranquilidade; uma formiga escala seu joelho, e você não se incomoda. E não importa mais se ela vai vir até você – esconder-se basta. (Você vence quando ninguém te encontra, até mesmo quando não há ninguém procurando.)

Quando sai de trás da árvore, é porque quer. É o primeiro respirar após um longo mergulho. Os galhos crepitam sob os seus pés, e o mundo está mais quente e iluminado. Preparem-se, aqui vou eu.

Aqui vou eu, preparem-se.

De *Deixadas*, por Cather Avery, vencedora do Prêmio da Graduação Prairie Schooner, outono de 2012

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.

